A MUTAÇÃO INTERIOR

KRISHNAMURTI

CULTRIX

J. KRISHNAMURTI

A MUTAÇÃO INTERIOR

Tradução
de
Hugo Veloso

EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO

SUMÁRIO

Destemor Mental (Varanasi — I) 7
O Poder da Dúvida (Varanasi — II) 19
Do Conflito (Varanasi — III) 31
Percebimento Criador (Varanasi — IV) 42
Compreender a Vida (Varanasi — V) 56
O Processo do Pensamento (Varanasi — VI) 71
Negar o Falso (Varanasi — VII) 84
Da Transformação Interior (Nova Deli — I) 97
Os Obstáculos Psicológicos (Nova Deli — II) 107
Os Fatores da Mutação (Nova Deli — III) 117
A Essência do Sofrimento (Nova Deli — IV) 126
Religião (Nova Deli — V) 136
Meditação (Nova Deli — VI) 147
Morrer Para o Passado (Nova Deli — VII) 157
Liberdade e Amor (Nova Deli — VIII) 167
O Ver Completo (Bombaim — I) 178
Não Confiar em Nada (Bombaim — II) 187
Da Mente Não Influenciada (Bombaim — III) 195
A Origem do Medo (Bombaim — IV) 206
Indolência e Autocompaixão (Bombaim — V) 217
Quando Surge o Amor (Bombaim — VI) 227
Libertação da Experiência (Bombaim — VII) 236
A Questão da Simplicidade (Bombaim — VIII) 246

DESTEMOR MENTAL

(VARANASI — I)

A MAIORIA de nós parece considerar a ação individual como coisa sem importância, quando há tanta necessidade de ação coletiva. Supomos que a ação individual está geralmente em oposição à ação coletiva. Consideramos a ação coletiva bem mais importante e de maior significação para a sociedade do que a ação individual. Para nós, a ação individual a nenhuma parte conduz, não sendo suficientemente expressiva ou bastante criadora para produzir uma positiva alteração da ordem vigente, uma revolução real na sociedade. Dessarte, cremos ser a ação coletiva muito mais relevante, mais urgente do que a individual. Do ponto de vista técnico, mecânico, principalmente, num mundo em que prevalece cada vez mais a mentalidade técnica, mecânica, a ação individual tem pouca razão de ser; e, assim, gradualmente, decresce o valor do indivíduo e o "coletivo" se torna sobremodo importante.

Pode-se observar esse fato hoje em dia, quando a mente humana está sendo controlada, "coletivizada" — se assim me posso expressar — e mais do que nunca forçada a ajustar-se. A mente já não é livre. Está sendo moldada pela política, pela educação, pela crença organizada, pelos dogmas religiosos. Em todas as partes do mundo a liberdade e o indivíduo se estão tornando cada vez menos significativos. Já deveis ter observado — não só em vossas vidas, mas também geralmente — que a liberdade feneceu, liberdade para pensar com independência, liberdade para descobrir, duvidar, investigar.

Os guias se estão tornando cada vez mais importantes, porque queremos ser ensinados, queremos ser dirigidos e, infelizmente, quando isso ocorre, é inevitável a corrupção, a deterioração da mente — não da mente técnica, da capacidade de construir pontes, reatores atô-

micos, etc.; porém deterioração da mente criadora. Estou empregando a palavra "criadora" num sentido completamente diferente do usual. Não digo "criadora", com a significação de escrever poemas, construir pontes, talhar no mármore ou numa pedra uma certa visão que se está captando — pois tudo isso são meras expressões do pensamento ou sentimento pessoal. Falamos de "mente criadora" num sentido todo diferente; referimo-nos à mente que é livre e, por isso, capaz de criar. A mente não sujeita aos dogmas, às crenças; a mente que não se refugiou dentro dos limites da experiência; a que rompeu todas as barreiras da tradição, da autoridade, da ambição, que já não está presa na rede da inveja — eis a mente criadora. Num mundo sobre o qual paira a ameaça de guerra, onde se observa geral deterioração — não tecnologicamente, mas a todos os outros respeitos — nesse mundo, parece-me, há necessidade dessa mente criadora.

É absolutamente necessário e urgente alterar de todo o curso do pensamento humano, da existência humana, que se está tornando cada vez mais mecanizada. E não vejo como operar essa completa revolução a não ser individualmente. O "coletivo" não pode ser revolucionário; o "coletivo" só é capaz de *seguir*, ajustar-se, imitar, submeter-se. Mas só o indivíduo — vós — pode romper as muralhas, destroçar todos esses condicionamentos, e se tornar, assim, criador. É a crise na consciência que exige essa mente nova. Mas, aparentemente, conforme se observa, ninguém pensa nisso; o que sempre se pensa é que, com mais melhoramentos — no campo técnico ou mecânico — se criará, como que miraculosamente, a mente criadora, a mente sem medo.

Assim, nestas palestras não nos iremos ocupar da melhoria dos processos técnicos, necessários no mundo da ação mecânica, coletiva, porém, tão só, de como fazer nascer aquela mente criadora, aquela mente nova. Porque, neste país, estamos assistindo a um declínio geral, à exceção, talvez, no setor industrial — possibilidades de ganhar mais dinheiro, construção de ferrovias, dragagem de rios e canais, usinas siderúrgicas, produção de mais mercadorias, tudo isso, naturalmente, necessário. Mas nada disso pode criar uma nova civilização. Trará progresso; mas o progresso, conforme se observa, não dá liberdade ao homem. Coisas e mercadorias são necessárias; mais casas, mais roupas, tudo isso é indispensável; mas há outra coisa que é igualmente necessária: o ato de "negar".

Dizer "Não" é muito mais importante do que dizer "Sim". Todos dizemos "Sim"; nunca dizemos "Não" e nos mantemos firmes no "Não". É muito difícil negar, e muito fácil submeter-se; e a maioria

de nós se submete, porque nada mais fácil do que resvalar para o conformismo, impelido pelo medo, pelo desejo de segurança e ser levado, assim, à gradual estagnação e desintegração. Mas o dizer "Não" exige a mais alta forma de pensar, porquanto dizer "Não" implica pensamento negativo — isto é, ver o que é falso. O próprio percebimento do falso, a clareza com que o percebemos, é ação criadora. O negar uma coisa, o pô-la em dúvida — por mais sagrada, por mais poderosa que seja essa coisa, ou por mais firmemente estabelecida — exige profunda penetração, exige a total demolição de nossas próprias idéias e tradições. E um indivíduo assim é absolutamente necessário no mundo moderno, onde a propaganda, onde a religião organizada, onde o embuste estão assumindo o controle de tudo. Não sei se vós também percebeis a importância disso — não verbalmente, não teoricamente, porém de fato.

Como sabeis, há uma maneira de olhar as coisas. Ou olhamos diretamente, "experimentando" a coisa que vemos, ou consideramo-la verbalmente, intelectualmente, tecendo teorias em torno do que *é* e procurando explicações para o que *é*. Mas o perceber diretamente (sem se procurarem explicações, sem se emitirem juízos — assuntos de que mais adiante tratarei), o perceber diretamente uma coisa como falsa requer atenção, requer toda a vossa capacidade. Mas, ao que parece, principalmente neste desafortunado país, onde a tradição, a autoridade, a chamada "sabedoria antiga", imperam e dominam, há completa falta daquela enérgica qualidade, necessária para se ver o que é falso e rejeitá-lo resolutamente. Mas o investigar o que é falso requer mente livre. Não podeis investigá-lo se estais ligado a uma dada forma de crença, uma dada forma de experiência, uma certa norma de ação. Se estais ligado a um certo padrão de governo, não podeis nem ousais controlar nada, para não perderdes vosso emprego, vossa posição, vossa influência, as coisas que tendes medo de perder. E, também, quando estais ligado a uma certa forma de religião, quando sois hinduísta, budista, etc., não ousais contestar, não ousais romper as muralhas, destruir tudo, a fim de *descobrir*. Mas, infelizmente, em geral estamos bem comprometidos, política, econômica, social ou religiosamente; e, por causa desse "compromisso", nunca pomos em dúvida o próprio *centro*, a própria coisa com que estamos comprometidos. Por conseguinte, estamos sempre a buscar a liberdade nas idéias, nos livros, em palavras e mais palavras.

Assim sendo, eu desejaria sugerir que, enquanto estiverdes a escutar, não vos limiteis a ouvir palavras, que são apenas um meio de comunicação, um símbolo que precisa ser interpretado por cada

um; mas também que, por meio das palavras, procureis descobrir o estado de vossa própria mente, descobrir as coisas com que estais "comprometido", descobrir, por vós mesmos, as coisas que vos atam de pés e mãos, de mente e de coração. Deveis descobrir realmente tudo isso e ver se há possibilidade de deitar abaixo as coisas a que estais ligados, a fim de descobrirdes o que é verdadeiro. Pois não vejo de que outra maneira realizar a regeneração do mundo. Haverá comoções sociais — comunistas ou de outra natureza — haverá mais prosperidade, mais alimentos, mais fábricas, mais fertilizantes, mais motores, etc., mas isso, por certo, não constitui a totalidade da vida, porém tão só uma parte dela. E, se veneramos o fragmento, se nele ficamos "vivendo", não resolveremos os problemas humanos. Continuarão existentes a morte, o sofrimento, a ansiedade, a culpa, as torturas de numerosas idéias, esperanças, desesperos — tudo isso continuará.

Assim, ao escutardes, desejo sugerir-vos que o façais com uma mente mais interessada em examinar a si própria — os seus próprios "processos" — do que em ouvir palavras, para concordar ou discordar — pois isso pouco importa. Porque só os fatos nos devem interessar: o fato de que os entes humanos se estão tornando cada vez mais mecanizados; o fato de que há cada vez menos liberdade; o fato de que, sempre que nos vemos em confusão, apelamos para a autoridade; e o fato de que há conflito, externamente, na forma de guerra, e internamente, na forma de sofrimento, desespero, medo. Tudo isso são fatos, e temos de dar-lhes atenção, não teórica, porém realmente. Dessarte, o que nos interessa é como operar uma transformação, uma revolução radical no indivíduo, no ouvinte, pois só ele é capaz de criar, e não o político, o líder, o homem importante; estes estão "comprometidos" e estabilizados numa rotina; e necessitam de fama, necessitam de poder, posição. Vós também, porventura, desejais essas mesmas coisas, mas ainda estais tateando o caminho para alcançá-las; por conseguinte, ainda vos resta alguma esperança, já que ainda não estais comprometidos, como os homens importantes da Terra. Ainda sois gente insignificante, ainda não sois líderes, não controlais formidáveis organizações; ainda sois simples homens comuns. Assim, achando-vos mais ou menos livres de compromissos, ainda há para vós um pouco de esperança.

Por conseguinte, talvez ainda seja possível, mesmo na undécima hora, operar a transformação em vós mesmos. Só uma coisa nos interessa aqui: como realizar essa extraordinária revolução em nós mesmos.

Em geral, só nos modificamos sob compulsão, atuados por alguma influência externa, pelo medo, pela ameaça de punição ou promessa de recompensa — só isso nos faz mudar. Nunca mudamos voluntariamente; só o fazemos quando há um *motivo*. Mas toda mudança impulsionada por *motivo* não é mudança nenhuma. E estar cônscio dos motivos, das influências, das compulsões que nos forçam a mudar — estar cônscio de tudo isso e rejeitá-lo é operar transformação. As circunstâncias nos fazem mudar; a família, a lei, nossas ambições, nossos temores produzem mudanças. Mas uma mudança dessas é apenas reação e, conseqüentemente, resistência psicológica à compulsão; e essa resistência cria a respectiva modificação, alteração e, deste modo, não é efetiva transformação. Se eu mudo, ou me ajusto à sociedade porque dela espero alguma coisa, isso é transformação? Ou a transformação só é possível quando percebo as coisas que me estão impelindo a mudar e percebo a sua falsidade? Porque todas as influências, boas ou más, condicionam a mente; e a mera aceitação desse condicionamento cria uma resistência interior a qualquer espécie de mudança, de transformação radical.

Sendo assim, considerando-se a situação mundial — não apenas a deste país, mas a do mundo inteiro — onde o progresso constitui uma negação da liberdade; onde a prosperidade está tornando a mente cada vez mais dependente das coisas para a própria segurança — havendo, por isso, cada vez menos liberdade; onde as organizações religiosas se estão arrogando cada vez mais a fórmula de crença que impelirá o homem a crer ou a não crer em Deus; considerando-se, ainda, que a mente se está tornando cada vez mais mecanizada e, também, que os cérebros eletrônicos e os modernos conhecimentos técnicos estão proporcionando ao homem mais lazeres, considerando-se tudo isso, cabe-nos descobrir o que é *liberdade*, o que é *realidade*.

Estas perguntas não podem ser respondidas pela mente mecanizada. Temos de fazê-las a nós mesmos — fundamental, profunda, interiormente — e também por nós achar as respostas, se existem; e isso, com efeito, significa contestar toda e qualquer autoridade. Esta, aparentemente, é uma das coisas mais difíceis. Jamais consideramos a sociedade como nossa inimiga. Consideramo-la como o meio em que temos de viver, a que devemos submeter-nos e ajustar-nos; não a consideramos nunca como o real inimigo do homem, o inimigo da liberdade, o inimigo da virtude. Refleti sobre isso, *olhai-o*. O ambiente, que é a sociedade, está destruindo a liberdade. Ele não precisa de homens livres: quer santos, reformadores, para modificarem, ampararem, manterem de pé as instituições sociais. Mas religião é coisa de

todo diferente. O homem religioso é o inimigo da sociedade. Não é religioso aquele que freqüenta a igreja ou o templo, que lê o *Gita*, que pratica *puja* diariamente; este não é religioso. Verdadeiramente religioso é quem se libertou de toda ambição, inveja, avidez, temor, a fim de investigar, de descobrir o que existe além das coisas que o homem criou e a que chama "religião". Mas tudo isso requer exame individual, investigação própria; sem essa base, não é possível ir muito longe.

Como vemos, faz-se mister uma revolução completa — não simples modificação, porém inteira transformação da mente. Como produzi-la? Eis o problema. Percebemos que ela é necessária. Todo homem que refletiu nisso, que observou as condições mundiais, que é sensível ao que se está passando dentro e fora de si próprio, há de exigir essa mutação. Mas, como operá-la?

Ora, antes de mais nada, existe algum "como" — sendo "como" o método, o sistema, a maneira, a prática? Se há uma maneira, se existe um método, se existe um sistema, e vós o praticais com o fim de promover a mutação, vossa mente se torna mera escrava desse sistema, é moldada por ele, pelo método, pela prática e, por conseguinte, nunca poderá ser livre. É o mesmo que uma pessoa se disciplinar para ser livre. Liberdade e disciplina nunca andam juntas — e isso não significa que devais tornar-vos indisciplinados. A busca da liberdade traz sua disciplina própria. Mas a mente que se disciplinou num sistema, numa fórmula, numa crença, em idéias, essa mente nunca poderá ser livre. Devemos, pois, ver, desde o começo, que o "como" — que supõe prática, disciplina, observância de uma fórmula — impede a realização da mudança. Essa é a primeira coisa que se deve perceber; porque a prática, o sistema, se torna a autoridade que nega a liberdade e, portanto, a transformação. Impende perceber realmente esse fato, perceber sua verdade. Dizendo "perceber" não quero significar "perceber intelectualmente, verbalmente" mas, sim, "estar emocionalmente em contato com o fato". Ficamos em contato emocional com o fato ao vermos uma serpente; não há, então, dúvida nenhuma: trata-se de um desafio direto e de uma direta reação. Do mesmo modo, devemos ver que todo sistema, ainda o melhor concebido, e por quem quer que seja, atua profundamente, destruindo a liberdade, pervertendo a criação — "pervertendo" *não, pondo fim à criação* — porque todo sistema supõe ganho, realização, chegada, recompensa, e, por conseguinte, é a verdadeira negação da liberdade. Eis a razão por que estais disposto a seguir uma certa pessoa: desejais um meio de conseguir um certo ganho, e esse meio é sempre alguma espécie de disciplina.

Mas é preciso perceber o fato de que a mente deve ser inteiramente livre (se isso é possível ou não, é outra questão), o fato de que a liberdade é necessária, porque, sem ela, vos tornais meros autômatos, semelhantes a qualquer máquina. Devemos perceber com toda a clareza que a liberdade é essencial. E só quando há liberdade pode-se descobrir se há, ou não há, Deus ou algo imenso, além das dimensões do homem. Começareis, então, a contestar todos os sistemas, todas as autoridades, todas as estruturas da sociedade. E a presente crise exige essa mente. Só ela, por certo, pode descobrir o verdadeiro. Apenas essa mente pode descobrir se algo existe ou não, que transcende o tempo, que transcende as coisas criadas com o pensar humano.

Tudo isso exige intensa energia, e a essência da energia está na negação do conflito. A mente envolvida em conflito não tem energia — quer se trate de conflito interior, quer de conflito exterior, com o mundo. Tudo isso exige ampla investigação e compreensão. Espero possamos fazê-lo nas seis reuniões vindouras — isto é, ficarmos cônscios do fato e observarmos o fato do princípio ao fim, para vermos se a mente — nossa mente, vossa mente — pode realmente ser livre.

PERGUNTA: Como pode uma pessoa saber se mudou?

KRISHNAMURTI: Esse cavalheiro pergunta: Como pode uma pessoa saber se mudou? Ainda que se trate de uma mudança salutar produzida pelos fatos externos — não é ela desejável? Como se sabe de qualquer coisa? "Como sabe um indivíduo que mudou?" é uma pergunta importante — assim o diz o referido cavalheiro. Vamos examiná-la. Como se sabe disso? Sabe-se, quer por experiência direta, quer por intermédio de outrem. Só há duas possibilidades de sabê-lo: ou alguém vo-lo diz, ou vós mesmo experimentais o fato.

Ora, pode a experiência servir-nos de critério, fazer-nos saber? Vossa experiência vos dirá o que é verdadeiro? Vossa experiência é a reação a um desafio, e essa experiência está condicionada ao vosso *fundo*. Por certo, "respondeis" a cada desafio em conformidade com vosso *fundo*; e o vosso *fundo* resulta de inumeráveis influências, de milênios de propaganda; essa propaganda pode ser boa ou pode ser má. Esse fundo provém de vosso condicionamento, esse fundo é vosso condicionamento; e, de acordo com esse condicionamento, "respondeis" a cada desafio, por mais insignificante que seja. É esse o critério do que é bom e do que é mau? Ou o que é bom, realmente salutar, se encontra *fora* do condicionamento? Entendeis? Este país começa agora a cultuar bandeiras, a adquirir consciência nacional; essa a nova espécie de condicionamento que se está verificando aqui.

O nacionalismo, evidentemente, é um veneno, porque irá separar o homem do homem. Em nome da bandeira iremos destruir vidas humanas, não só neste país, mas também noutros países. Pensamos que ele (o nacionalismo) será o "toque de reunir", o fator que unirá os homens; esta é a mais recente influência, a mais nova forma de pressão, a mais nova propaganda. Ora, se não a contestamos, se aceitamos passivamente a influência da imprensa ou dos líderes políticos, como iremos descobrir se ela é justa, se verdadeira ou falsa, nobre ou ignóbil? Não há influência que seja boa; e toda influência pode ser má. Por conseguinte, vossa mente precisa ser cortante como uma navalha, para *penetrar, descobrir,* e conservar-se sã num mundo onde se rende culto às coisas falsas.

Eis por que deveis investigar o vosso próprio condicionamento; e essa investigação é o começo do autoconhecimento.

PERGUNTA: Podemos conservar a mente livre quando estamos em contato com a natureza?

KRISHNAMURTI: Pergunta esse cavalheiro: É possível uma pessoa ser livre ao achar-se em contato com a natureza? Não compreendo bem esta pergunta. Talvez ele queira dizer que estamos sendo constantemente estimulados pelos fatos externos, por nossos sentidos e que cada estímulo deixa marca na mente, na forma de lembrança; e como pode uma pessoa ficar livre dessa lembrança? Isto é — deixai-me esclarecer a pergunta para mim mesmo — como pode um ente humano que a todas as horas está recebendo "desafios", na forma de estímulos, e reagindo a esses desafios, consciente ou inconscientemente, com seu próprio *fundo,* com sua memória — como pode a mente, em tais condições, ser livre? Tem ela possibilidade de ser livre?

Ora, posso formular a pergunta de outra maneira? Não vou fugir à pergunta, mas, sim, apenas formulá-la diferentemente. Toda experiência deixa marca na mente, na forma de lembrança; qualquer experiência, consciente ou inconsciente, deixa um "arranhão", que chamamos lembrança, memória; e, enquanto essa memória funciona, pode a mente ser livre?

Que necessidade há de memória? Preciso dela para saber onde moro; do contrário não poderia regressar a casa. É também necessário para a construção de uma casa, para se andar de bicicleta, acionar um motor. Dessarte, a memória é essencial em relação às coisas mecânicas; e é por isso que criamos hábitos; uma vez formado um

hábito, funciono sem pensar, maquinalmente. Assim sendo, nossa vida se torna gradualmente mecânica, mercê do hábito, da memória, das chamadas experiências, que deixam marcas. Distingamos, pois, entre a necessidade da memória mecânica e a daquela memória prejudicial à compreensão. Eu preciso saber escrever; essa memória é boa. O inglês que estou falando resulta da memória, e é indispensável para que eu possa comunicar-me convosco; o conhecimento técnico que adquiri, o saber fazer as coisas, é-me necessário para dirigir um escritório, trabalhar numa fábrica, etc. Mas, quando a sociedade, por meio da cultura, da tradição, impõe à mente uma certa crença e de acordo com ela eu fico funcionando mecanicamente, essa crença e minha conseqüente atuação mecânica não prejudicam a mente e, por conseguinte, não constituem uma negação da liberdade? Vós sois hinduístas. Há séculos que vos dizem isso; fostes educados desde pequenos para crerdes em certas coisas, e isso se vos tornou automático, mecânico; credes em Deus incondicionalmente; isso é mecânico. Não deveis negar tudo isso para poderdes *descobrir*? Se observardes bem, podereis negá-lo, apagar de todo essa lembrança de serdes hinduísta.

Há, pois, liberdade no ver as coisas que vos foram impostas ao pensamento — como conceito, como idéia, como crença, como dogma — no negá-las e no examinar todo o processo da negação, o porquê da negação. Daí resulta, então, liberdade, embora continueis a funcionar mecanicamente nos incidentes da vida cotidiana.

Dizem que o homem é mero resultado do ambiente — e com efeito o é. De nada serve alegardes que não o sois, dizerdes que sois *Paramatman*, pois isso é uma espécie de propaganda que aceitastes passivamente, coisa que vos foi inculcada. Portanto, sois efetivamente resultado do ambiente — do clima, da alimentação, dos jornais, das revistas, da mãe, da avó, da religião, da sociedade, dos valores sociais e morais. Vós sois isso, e nenhum bem vos faz o negardes, dizendo que sois Deus; isso, também, é pura propaganda. Precisamos admitir esse fato, percebê-lo, e libertar-nos dele. Podemos libertar-nos dele? Verbal ou teoricamente, não é possível. Mas, se o examinardes concretamente, passo por passo e negardes de todo que sois hinduísta, ou hindu, ou cristão, ou seja o que for (e isso significa investigar toda a questão do medo, que não vamos examinar agora, porquanto envolve muita coisa), podereis então descobrir se podemos ser livres ou não; mas é de todo inútil o mero especular sobre a liberdade.

PERGUNTA: O pensamento não funciona na forma de símbolos?

KRISHNAMURTI: Diz essa senhora que o pensamento funciona na forma de símbolos, que o pensamento é palavra; e é possível eliminar os símbolos e a palavra e, por conseguinte, tornar existente um pensamento novo? Símbolos e palavras vêm-nos sendo impostos há séculos e séculos. Ora, é possível estarmos cônscios dos símbolos e da respectiva fonte, e passarmos além deles?

Em primeiro lugar, temos de investigar não apenas a mente consciente, mas também a inconsciente. Do contrário, estaremos apenas lidando com palavras — quer dizer, com meros símbolos e não com a realidade. Só há consciência. Dividimos a consciência em "consciente" e "inconsciente" por conveniência, mas, realmente, não há tal divisão. Dividimo-la por comodidade; não há essa divisão de mente consciente e mente inconsciente. A mente consciente é a mente educada, que aprendeu uma nova língua, uma nova técnica, para trabalhar num escritório, acionar um motor; ela foi educada para viver neste mundo. O inconsciente, que compreende as camadas mais profundas dessa mesma mente, é o resultado de séculos de herança racial, de temores raciais, do resíduo da experiência humana — tanto coletiva como individual — das coisas ouvidas na infância, das histórias que a bisavó contava, das influências recolhidas da leitura dos jornais — coisas de que não estamos claramente conscientes. Assim, as influências, o passado, quer imediato, quer de há dez mil anos, tudo isso está enraizado no inconsciente. Não precisais de concordar comigo; trata-se de um fato psicológico e não de uma invenção minha, com a qual podeis concordar ou não concordar. Eis a realidade. Assim é, mas precisais examinar-vos, em vez de lerdes livros, para dizerdes que assim é. Se penetrardes em vós mesmos mui profundamente, não deixareis de encontrar-vos com esse fato. Se meramente ledes livros e chegais a uma conclusão, trata-se então de uma questão de concordar ou discordar — e isso nenhuma importância tem.

Todo o pensar é simbólico. Todo pensar resulta de vossa memória, é reação a vossa memória; essa memória é bem profunda, e ela "responde" por meio de palavras, de símbolos. E essa senhora pergunta: É possível ficar-se livre desses símbolos? É possível o cristão ficar livre do símbolo de Jesus e da Cruz? É possível o hinduísta ficar livre da idéia de Krishna, do *Gita,* etc.? A referida senhora pergunta também: Como apareceram esses símbolos? Como sabeis, é muito mais fácil nos deixarmos arrebatar pelo símbolo do que pela realidade. O símbolo é instrumento de propaganda, nas mãos do propagandista. O símbolo é a bandeira — e podeis apaixonar-vos terrivelmente por causa da bandeira. Pois bem, o símbolo da Cruz, o símbolo de Krishna, etc. — como surgem eles? Eles surgem, evidentemente,

a fim de obrigar o homem a comportar-se dentro de um certo padrão, a submeter-se, por medo, à autoridade — porque este mundo está a deteriorar-se, é um mundo em desordem, um mundo confuso; e a Cruz e Krishna são símbolos graças aos quais podemos fugir a ele. A autoridade diz: "Recorrei a *isto*, e sereis feliz; cultivai *aquilo* e vos tornareis nobre", e outras coisas que tais. Assim, por causa do medo, do desejo de estarmos em segurança, psicologicamente, interiormente, surgem os símbolos.

A mente que interiormente, profundamente, é sem temor, nenhum símbolo tem. Porque deveria ter qualquer símbolo que fosse? Quando a mente já não busca segurança de espécie alguma, que necessidade tem de símbolos para funcionar? Ela se acha em presença do fato, e não de uma idéia a respeito do fato, idéia que se torna um símbolo. Dessarte, psicologicamente, interiormente, para a maioria de nós, os símbolos assumem desmedida importância. E essa senhora pergunta: É possível estarmos cônscios, não só dos símbolos e de sua fonte, mas também do medo? Eu poderia responder "Sim", mas isso nenhum valor teria, porquanto seria apenas a minha palavra contra a palavra de outrem. Mas, se puderdes penetrar fundamente em vós mesma, se puderdes pensar e estar cônscia de todo o processo de pensamento — porque pensais, como pensais, e se há possibilidade de transcender a imagem — e investigardes bem isso, tratar-se-á, então, de uma experiência direta, vossa. E só a mente que conhece a fonte do símbolo e da palavra, só essa mente pode ser livre.

PERGUNTA: Pode a mente ser livre e ao mesmo tempo ter fé?

KRISHNAMURTI: Pergunta esse senhor: Pode a mente livre ter fé?

Claro que não. Fé em que? Porque deve ter fé num fato? Vejo um fato — vejo que sou ciumento; porque devo ter fé e dizer que um dia não serei mais ciumento? Estou em presença do fato, e o fato é que sou ciumento; e eu vou eliminá-lo. Descobrir como fazê-lo — isso é mais importante para mim do que ter fé em que não serei ciumento, fé na idéia.

Assim, a mente que está investigando o que é a liberdade trata de destruir tudo para *descobrir*. Essa mente, por conseguinte, é uma mente em extremo perigosa. Por conseguinte, a sociedade é sua inimiga.

PERGUNTA: Como fazer a mente parar de condicionar-se?

KRISHNAMURTI: Pergunta esse cavalheiro: Qual a ação concreta que deterá o condicionamento? Qual a ação positiva que fará a mente parar de condicionar-se?

Ela só pode ser detida ao estarmos cônscios do processo condicionante. Quando ledes o jornal — como o fazeis todos os dias — no qual só se fala em política, o que ledes, obviamente, se imprime na vossa mente. Mas, ler o jornal sem se deixar influenciar, ver o mundo tal como é e não sofrer sua influência, isso exige uma mente vigilante, penetrante, capaz de raciocinar de modo são, racional, lógico; numa palavra, uma mente bem sensível.

Agora, a questão é: como criar uma mente sensível? Senhores, não há nenhum "como", nenhum método; se algum método houvesse, o mesmo efeito se conseguiria tomando um sedativo, um comprimido para acalmar a vossa agitação, fazer-vos dormir. Quando estais cônscio de todos os problemas (e isso significa conhecê-los, observá-los, senti-los, não verbalmente, porém realmente — conhecê-los assim como conheceis vossa fome, vossos apetites sexuais), esse próprio conhecimento, esse próprio contato com o fato torna a mente sensível. O saberdes que não tendes coragem — *não* que deveis desenvolver a coragem — saberdes que não sois independente, que sois incapaz de sustentar o que pensais — conhecerdes o fato de que careceis de capacidade — tudo isso vos dará capacidade, e não há necessidade de a procurardes.

1.º de janeiro de 1962.

O PODER DA DÚVIDA

(VARANASI — II)

PENSO que todos percebemos a necessidade de uma certa mudança. Quanto mais inteligentes e penetrantes somos, tanto mais premente, tanto mais urgente se nos mostra a necessidade de mudança; mas, em geral, pensamos em mudança no nível superficial — mudança das circunstâncias, mudança de emprego, um pouco mais de dinheiro, etc.

Mas nós nos referimos à mudança total, completamente radical e revolucionária. Para promovermos esta mudança, precisamos fazer perguntas fundamentais. Importa verificar como se faz uma pergunta. Podemos fazer perguntas resultantes de reação. Desejo produzir uma certa mudança em mim próprio ou na sociedade, e essa mudança bem pode ser uma reação. A pergunta que faço a mim mesmo pode ser o resultado de uma reação ou independente de reação. Só há duas maneiras de fazer uma pergunta: uma que é reação, e a outra que não é reação. Se fazemos perguntas resultantes de reação, receberemos invariavelmente respostas superficiais. Fazer perguntas não procedentes de reação é dificílimo, porque para essas perguntas talvez não haja resposta alguma. Deve, pois, haver um inquirir que fica sem resposta; e isso, a meu ver, é bem mais significativo do que fazer uma pergunta que tem resposta.

Desejo discorrer nesta tarde sobre uma mudança de todo indispensável à mente que busca a revolução completa, total, a mente que exige liberdade completa, se tal coisa existe — liberdade completa. E, a meu ver, para investigarmos esta questão cumpre em primeiro lugar verificar o verdadeiro significado da autoridade, porquanto a mente de quase todos nós está sob o completo domínio da autoridade — a autoridade da tradição, a autoridade da família, a autoridade da

técnica, a autoridade do conhecimento, da religião e da moral social. Eis as várias formas de autoridade que nos moldam a mente. Até que ponto pode a mente ficar livre delas, e que significa ser livre? Desejo examinar esta matéria, porque acho que a autoridade — se não for perfeitamente compreendida — destrói todo o pensar, deforma o pensamento, e a mente que só funciona mecanicamente, dentro dos limites do conhecimento, é incapaz de transcender a si própria.

Por conseguinte, parece-me, cabe-nos investigar devidamente a questão da autoridade, interrogar-nos por que e em que nível obedecemos às leis físicas das experiências psicológicas que se tornam conhecimento e nos orientam. Porque deve haver obediência? Todos os governos, principalmente os governos tirânicos, não querem que os cidadãos em circunstância nenhuma critiquem os seus líderes. Pode-se ver bem claramente porque se exige essa obediência absoluta. Também se pode ver porque, psicologicamente, nós seguimos a autoridade — a autoridade do *guru,* a autoridade da tradição, a autoridade da experiência — a qual invariavelmente gera hábito, bom ou mau, resistência ao mau e sujeição ao bom. Um hábito se torna também autoridade, tal como a autoridade do conhecimento, do especialista, do policial, da mulher sobre o marido ou do marido sobre a mulher.

Até que ponto pode a mente ser livre dessa autoridade? É possível obedecer à lei, ao Governo, ao policial e, interiormente, ser de todo livre da autoridade, inclusive a autoridade da experiência, com seu saber e sua memória? Se me permitis dizê-lo, seria sobremodo lamentável se vos limitásseis a ouvir esta palestra verbalmente, intelectualmente, em vez de "experimentardes" deveras o que se está dizendo. Isto é, devemos perguntar-nos sob que autoridade, sob que compulsão, nossa mente funciona, e perceber que a experiência no-la está moldando. De tudo isso precisamos estar bem cônscios, pois, afinal de contas, estamos falando, não para fazer propaganda, nem para convencer-vos de alguma coisa ou forçar-vos a adotar determinada norma de ação. Só quando começamos a interrogar-nos, parcial ou completamente, pode haver ação verdadeira; só então poderá terminar toda a nossa angústia. Ouvir estas palavras apenas verbal ou intelectualmente parece-me um completo desperdício de tempo. Não se trata aqui de argumentar, de concordar ou discordar; trata-se, sim, de olhar todos os fatos externos e observar como, interiormente, a nossa mente está escravizada pela autoridade, e investigar se podemos ficar livres dela (pois, evidentemente, a liberdade supõe que se esteja livre da autoridade) e qual o estado da mente quando realmente livre da autoridade, e, também, se é possível um tal estado.

Para descobrir por si própria, deve a pessoa fazer perguntas fundamentais; e uma das perguntas fundamentais é esta: Por que obedecemos — por que fazemos isto ou aquilo? (Não vos estou aconselhando a obedecer ou desobedecer; mas, sem dúvida, cumpre fazer tal pergunta, para podermos descobrir.)

Isso poderá parecer um pouco infantil, sem madureza, mas se pudermos penetrar muito lentamente na matéria, passo por passo, talvez venhamos a compreender se é possível, ou não, ficarmos inteiramente livres do passado — que é autoridade. Eis uma questão fundamental, porquanto o passado está-nos sempre moldando a mente — a passada experiência, o conhecimento passado, os incidentes e acidentes passados, as pretéritas lisonjas, os insultos recebidos, o que disseram e o que será dito em conseqüência do que disseram. E apresenta-se, assim, a questão de se é realmente possível ficarmos livres dessa imensa teia do passado que está sempre traduzindo o presente e, por conseguinte, pervertendo o presente que forma o futuro.

Pois bem. Por que obedecemos? O escolar obedece porque o professor é um homem investido de autoridade, de poderes discricionários, e porque tem de passar em seus exames, etc. E há, ainda, a obediência à lei, também muito compreensível: obedecemos-lhe, geralmente, porque tememos ser punidos e por várias outras razões. É necessária, sem dúvida, uma inteligente obediência à lei. Mas, há necessidade de qualquer outra forma de obediência? Por que deve o passado — digo psicologicamente, interiormente — condicionar a mente e, por essa maneira, impor-lhe restrições, obrigá-la a ajustar-se ao seu padrão? Dizemos que, se nenhum passado temos, na forma de conhecimento, não há ação possível. Se não houvesse conhecimentos acumulados — ou seja a ciência — nada poderíamos fazer, não poderíamos ter nossa moderna existência. O conhecimento científico, portanto, é essencial, e um homem precisa obedecer para poder ser um físico. Mas esse homem, para ser um físico criador, não um simples inventor de novidades mecânicas, deve desembaraçar-se do conhecimento e achar-se num total estado de negação — se posso empregar esta palavra — para poder ser sensível, alertado, em alto grau, e, assim, capaz de perceber algo novo.

A mente é moldada pelo passado, pelo tempo, por cada incidente, cada movimento, cada precedente vibração — ou pensamento. Pode esse passado — que na realidade é memória — ser apagado? Porque, se o não apagarmos (*e é possível apagá-lo*), nunca veremos algo novo, nunca experimentaremos algo totalmente imprevisto, desconhecido. No entanto, o passado está-nos sempre guiando, moldando; cada

instinto, cada pensamento, cada sentimento é por ele guiado, ele que se constitui de memória; e a memória nos impele a obedecer, a seguir. Espero vos estejais observando em funcionamento, enquanto ouvis o que se está dizendo.

Onde a memória é necessária e essencial, e onde não é? Pois a memória é uma autoridade para a maioria de nós. Memória é toda a experiência acumulada, do passado, da raça, da pessoa; e a reação dessa memória é pensamento. Quando vos denominais hinduísta ou cristão, ou estais ligado a determinado movimento, tudo isso é reação da memória. Assim, só o homem que compreendeu realmente toda a anatomia, toda a estrutura da autoridade, da memória, pode experimentar algo totalmente novo. Por certo, se há ou não há Deus, isso só se pode descobrir quando a mente é de todo nova, quando ela já não está condicionada pela tradição de crença ou de descrença. Assim, pois, pode-se eliminar completamente a autoridade, a memória, que gera medo e da qual procede o impulso para obedecer? Como a maioria de nós está buscando a segurança, numa ou noutra forma, segurança física ou segurança psicológica — para termos segurança externamente, precisamos obedecer à estrutura da sociedade, e, para termos segurança interior, precisamos obedecer à experiência, ao conhecimento, à memória acumulada e armazenada. É possível apagar por inteiro a memória, exceto a memória mecânica da existência diária, que em nada influi, que não cria, não gera mais memória? Quanto mais velhos ficamos, mais confiamos na autoridade; e, dessa maneira, todo o nosso pensar se torna estreito, limitado.

Para podermos operar uma mutação completa, cumpre duvidar a fundo da autoridade. Para mim, esse duvidar é bem mais importante do que investigar como ficar livre da autoridade; porque, duvidando, desvendaremos a natureza da autoridade, sua significação, seu valor, sua nocividade, seu caráter venenoso. Pelo duvidar, descobre-se o que é verdadeiro. O problema está então resolvido e ninguém precisa perguntar a si mesmo: Como poderei ficar livre da autoridade? Mas é absolutamente necessário duvidar de tudo, de todas as formas de crença e todas as formas de tradição, demolir todo o edifício. Do contrário, permaneceremos medíocres. Neste país, pode ser uma verdadeira calamidade a existência de líderes; a autoridade política, a autoridade do *guru*, a autoridade dos livros sagrados destruiu realmente todo o pensar e, por conseqüência, não existe um verdadeiro investigar. Se todas as investigações se iniciam com a aceitação da autoridade do Gita, da Bíblia, ou do que quer que seja, como é possível prosseguir a investigação? É como o homem que crê em Deus ou numa

certa utopia querer investigar, indagar: seu investigar nenhuma validade tem.

A maioria de nós começa com a aceitação de uma certa autoridade. Poderá ser necessária à criança a aceitação de determinada autoridade; mas, quando a criança começa a crescer, começa a raciocinar, deve ser ensinada a pôr em dúvida os pais, a pôr em dúvida o mestre, a pôr em dúvida a sociedade; mas nunca lha ensinamos. Isso, naturalmente, não sucede porque, basicamente, existe o medo; e a mente temerosa só pode criar ilusões. E do medo nasce a autoridade. O homem sem medo não segue nenhuma autoridade, crença ou ideal; e só esse homem, é óbvio, pode descobrir se há, ou não, o Imensurável.

Entretanto, a autoridade é necessária na especialização. Para o homem que busca a liberdade (não a liberdade consistente em estar livre *de* alguma coisa, pois isso é uma reação e, por conseguinte, não é liberdade), para o homem que busca a liberdade, a fim de *descobrir*, a liberdade está justamente no começo, e não no fim. Para descobrirmos o verdadeiro, descobri-lo por nós mesmos, e não através do que nos dizem, ou nos transmitem livros sagrados (se eles existem), a mente deve ser livre. Do contrário, tornamo-nos apenas mecanizados, passando em nossos exames, obtendo emprego e seguindo o padrão da sociedade; e esse padrão é sempre corruptor, sempre destrutivo.

Com efeito, para o homem que busca o verdadeiro, a sociedade é um inimigo. Ele não pode reformá-la. É uma de nossas idéias favoritas, essa de que os bons reformarão a sociedade. *O bom* é o homem que abandona a sociedade. Com "abandonar" não estou significando "abandonar a casa, a roupa, o abrigo" mas, sim, abandonar as coisas que a sociedade representa, ou sejam, basicamente, autoridade, ambição, avidez, inveja, ânsia de aquisição — abandonar todas essas coisas que a sociedade tornou respeitáveis. Realmente, só com o profundo investigar é que começamos a destroçar o falso, a demolir o edifício erguido pelo pensamento para sua mesma proteção.

PERGUNTA: Para vivermos, não temos necessidade de segurança?

KRISHNAMURTI: Diz esse senhor que necessitamos de segurança, porque, do contrário, não podemos viver. Nós temos de ser alimentados, precisamos de abrigo e de roupas, e como é possível, ao mesmo tempo, a liberdade? Não sei por que razão ele fez essa pergunta, como se não possem possíveis as duas coisas juntas.

É possível estarmos fisicamente em segurança e não deixar essa segurança física interferir psicologicamente? Pode haver segurança

quando desejamos segurança psicológica? Consideremos um simples exemplo — eu não gosto de aduzir exemplos, mas vá lá —: há fome no mundo, morre-se de fome em toda a Ásia, como bem sabeis. Há meios científicos de dar alimento a todos os homens, dar-lhes roupa e também morada. Por que não se faz? Praticamente, isso é possível, não há dúvida nenhuma e, no entanto, não o estamos fazendo; por quê? Ora, por certo, a razão é psicológica, e não física; a razão é que nos separamos uns dos outros: somos hinduístas, muçulmanos, cristãos, temos governos separados, religiões separadas, dogmas, crenças, nacionalidades, bandeiras separadas, etc. etc. É isso que, fundamentalmente, nos está impedindo de alimentar o homem e dar-lhe abrigo e morada. Os comunistas alegam possuir um método; e o método se torna sobremodo importante e, por ele, todos estão dispostos a lutar. O método lhes importa mais que a solução do problema da fome. Todo organizador se identifica com a organização, porque isso é uma outra forma de auto-engrandecimento, de dar maior importância à própria pessoa; eis o que impede a solução do problema da fome.

Dessarte, o homem pode e deve estar fisicamente em segurança; mas por que deseja segurança psicológica? Compreendeis? Por que essa exigência de segurança psicológica? Existe segurança psicológica? Reclamamos segurança em nossas relações conjugais, nas relações com os nossos filhos; e, quando reclamamos essa segurança, que acontece? "O amor foge pela janela". Pode-se estar em segurança em qualquer espécie de relação? É possível ter segurança com algo estático, mas não com algo vivo; no entanto, desejamos, exigimos segurança em alguma coisa viva. Isso, naturalmente, não significa que devamos buscar a insegurança; buscar a insegurança só pode levar a doenças mentais, e os hospitais e asilos estão repletos de doentes mentais que, de tanto temerem a insegurança, vivem inventando todas as variedades de segurança...

Por que tanto interesse na segurança? Existe alguma coisa segura, pode-se estar em segurança em alguma coisa? Assim, por que não aceitar, porque não *ver* o fato de que não se pode achar segurança psicológica quando pertencemos à Índia, à Rússia, etc. — pois só assim se poderá criar um mundo no qual todos tenhamos segurança física? Compreendeis esta pergunta, senhores? Ninguém está disposto a abandonar — inteligentemente, sadiamente, sem ser persuadido ou impelido a fazê-lo — sua ligação com a nação, com seu especial padrão de ação, seu especial padrão de crença. Por que devemos ser hinduístas? Por que pertencer à Índia? Sei que estais dispostos a ouvir-me, mas isso vos é indiferente. Já vos estabilizastes em vossa forma de crença, em vossa segurança; nascestes hinduístas, e hinduístas morre-

reis. Não vos importa realmente o problema da fome. Por conseguinte, a pergunta desse cavalheiro é puramente teórica; a fome não é para ele uma realidade concreta. Se o fosse, se se tratasse de algo que tivesse de enfrentar e resolver, então ele cuidaria de investigar a estrutura da sociedade.

Por que fazemos uma pergunta? Para encontrarmos uma resposta? Eu posso dar-vos uma resposta — que é, afinal, apenas uma explicação. E uma explicação pode realmente resolver o problema? Aqui está um problema: o mundo dividiu-se em nações separadas, estados soberanos, e isso é que impede a solução do problema da fome, etc. Eis o fato. Entretanto, continuamos a ser hinduístas, muçulmanos, comunistas, socialistas, capitalistas; estamos ligados a uma porção de coisas. E, ao interrogarmos, buscamos respostas satisfatórias, conforme o nosso condicionamento. Entendeis? Por conseguinte, esse interrogar é realmente imaturo. Mas deveis fazer uma pergunta sem visar a uma resposta, porque, do contrário, a resposta será invariavelmente de acordo com vosso condicionamento; e, para quebrardes o condicionamento, deveis fazer perguntas sem objetivar respostas.

Se desejais ser engenheiro, tendes de ler livros de matemática. Não se pode destruir todos os conhecimento acumulados — matemática, biologia, etc. — eles são necessários. Mas, por que precisais do *Gita*? Por que não termos para com o *Gita* a mesma atitude que temos para com qualquer outro livro? Porque nele buscamos nossa segurança, pensamos que foi inspirado por Deus em pessoa...

PERGUNTA: A investigação continuada da memória não fortalece "o centro" — o "eu"?

KRISHNAMURTI: Há perigo em investigar mais profundamente a memória? Existe perigo de, exumando o passado, tornarmos mais forte "o centro", que é resultado do passado? Vejamos, primeiro, claramente, qual é a questão. Esse aprofundar de mim mesmo — sendo esse "mim mesmo" o centro de todas as experiências, de toda a nossa acumulação de conhecimentos, de desejos frustrados, etc. — esse aprofundar, esse investigar de mim mesmo não tornará mais forte o "eu", o "centro"?

Ora, isso depende de como se investiga. Se investigais e vossa investigação se baseia no condenar ou justificar, mero ajustamento a padrão, nesse caso a investigação fortalecerá o "centro". Mas, se nada condenamos, se nossa mente apenas observa "o que é", sem condenação, sem julgamento, não há então possibilidade de se fortalecer o "centro".

Que se entende por observar? Observamos alguma coisa com palavras? Vemos as coisas com palavras, com símbolos — isto é, com o pensamento? Vejo o rio, observo o rio através das associações relativas ao rio, ao seu nome, às seculares tradições que o rodeiam(*), ou observo o rio simplesmente, prescindindo de todas as tradições? Por conseqüência, ou observo com o pensamento, ou observo livre da palavra, que é pensamento. Observo, digamos, uma flor. Observo-a, sem associá-la a meus conhecimentos botânicos, relativos à espécie, etc.? Observo a flor botanicamente ou não-botanicamente? De igual modo, observais o ciúme com esta palavra já associada à condenação, à resistência, à justificação? Ou o observais simplesmente, livre da palavra? Porque, se observais com a palavra, dais mais força a ela (sendo a palavra o símbolo, o pensamento, e o pensamento reação à memória), por conseguinte, fortaleceis o "centro". Mas, se observardes livre da palavra — e isso exige muita investigação da palavra, de todo o "processo" de verbalização —, podereis então olhar, observar, ver, sem fortalecer, sem enriquecer o "centro".

PERGUNTA: O observador difere do "contestador"?

KRISHNAMURTI: Há diferença entre o observador e o "contestador"? Eu diria que não há. Foi por isso que mencionei, no começo, a importância de averiguardes por vós mesmo de que maneira contestais. Compreendeis? Vós deveis contestar esta sociedade caduca. Temos de demolir a sociedade, contestando-a. Por que contesto a sociedade? Por que não posso tornar-me um membro importante dela? Sinto-me frustrado, porque não posso tornar-me *alguém* nessa sociedade; assim, contesto-a, e isso é mera reação. Tal contestação deriva de minhas frustrações, temores, etc. Por conseguinte, devo contestar com o fim de descobrir a verdade acerca da sociedade, descobrir qual é a verdadeira virtude — e não a virtude social, que nenhuma virtude é. Preocupa-se a sociedade unicamente com a moral sexual, e nada mais. Para descobrirdes qual é a verdadeira virtude, deveis contestar a moralidade social e, por conseguinte, demolir a sociedade, toda a moralidade por ela estabelecida.

O "contestador" não é o observador? O observador observa e dessa observação resulta a contestação. Mas, se o observador é apenas uma entidade nascida de reação, nesse caso sua observação será também reação e, por conseguinte, de modo nenhum será observação.

PERGUNTA: A observação implica cessação da memória?

(*) Refere-se, talvez, ao rio Ganges — "o rio sagrado". (N. do T.)

Krishnamurti: Pergunta esse senhor: Observação é o cessar da memória? Não sei se já fizestes alguma experiência pessoal ao verdes algo, ao observardes algo. Ao olhardes para alguém, olhais com todas as impressões que recebestes dessa pessoa e, por conseguinte, não a estais olhando realmente. Em maioria, com exceção dos estudantes aqui presentes, sois homens casados; olhais alguma vez vossa esposa? Vós olhais o retrato, a imagem, as impressões que tendes tido dela, mas nunca olhais *para ela*; e, talvez, se a olhardes livre de todas as impressões, insultos, brigas, lembranças que tendes acumulado, pensareis que algo terrível estará sucedendo; por conseguinte, mantendes aquela cortina entre vós e ela. O olhar verdadeiramente uma coisa, livre da memória — que é pensamento, que é reação acumulada, etc. — o olhar o fato, livre da palavra, liberta energia, porque o próprio fato produz energia — e não eu que estou olhando. Olhar o fato — não as explicações, as teorias, não a desnecessidade ou a necessidade dele — olhar a integral estrutura da sociedade — isso provocaria uma tremenda revolução no pensar. Mas nós não desejamos essa revolução, porque causa muita perturbação; talvez me faça abandonar minha profissão, adotar outra maneira de viver. Assim sendo, trato de proteger-me com a palavra e de nunca olhar o fato de frente. E, para a maioria de nós, filosofia e religião, e essa coisa imensa que se chama a Vida, são meras palavras. O libertar a mente da palavra é, com efeito, uma coisa extraordinária.

Pergunta: É possível à mente humana compreender a Verdade?

Krishnamurti: A mente humana pode compreender a Verdade? Penso que não. Que é, no presente, a mente humana? Existe mente humana, ou se trata de mera reação instintiva do animal ainda existente em nós? Isto não é sarcasmo.

Antes de mais nada, para se compreender qualquer coisa na vida — não só a Verdade — para eu compreender minha mulher, meu semelhante, meu filho — é necessária uma certa quietude mental (*não* quietude disciplinada, porque então a mente não está quieta, porém morta), pois uma mente em conflito impede a observação de qualquer coisa, a observação de mim mesmo. Ora, eu me vejo em contínuo conflito, em perpétuo movimento — sempre e sempre a mover-me, a falar, a indagar, explicar; em tais condições, não há possibilidade de observação. É isso o que está fazendo a maioria de nós, quando nos vemos frente à frente com "o que é".

Vê-se, pois, que só é possível a observação quando não há conflito. Para não ter conflito, uma pessoa pode tomar um calmante, um

comprimido, a fim de se tornar tranqüila; mas isso não lhe dará percebimento; fá-la-á dormir. Eis, provavelmente, o que quase todos queremos. Conseqüentemente, para observar, necessita-se de uma certa placidez mental; e, se então percebeis ou não o que é verdadeiro, isso depende da qualidade de vossa mente.

A verdade não é uma coisa estática. A Verdade não é uma coisa fixa, sem força. É algo que deve ser vivo, extraordinariamente sensível, ativo, dinâmico, vital. E como pode uma mente corrompida, insignificante, agitada, continuamente acicatada pela ambição, compreendê-la? Apenas poderá dizer que a Verdade existe, ficar repetindo essa frase e com ela hipnotizar-se.

A questão, por conseguinte, não é se a mente humana pode perceber a Verdade, porém, sim, se é possível quebrar as fúteis muralhas que o homem ergueu em torno de si e a que chama "a mente". É este o problema real. Uma dessas muralhas — de que todos muito gostamos — é a autoridade.

PERGUNTA: O Amor e a Verdade não são uma só e a mesma coisa?

KRISHNAMURTI: O Amor e a Verdade são uma só e a mesma coisa? Como sabeis, devemos desconfiar de todas as semelhanças — mas existem semelhanças. Considere-se a palavra "amor".

O general que se prepara para matar, que está planejando matanças, fala de seu amor à Pátria, seu amor à esposa e filhos, e até de seu amor a Deus. Os políticos fazem o mesmo: falam de "voz interior", de Deus, de amor. Como se descobre o que é o amor, o que é a Verdade? Não se trata de saber se são semelhantes ou dessemelhantes, mas, sim, de saber o que é amar, o que isso significa. Já não nos sobra tempo para entrarmos a pleno nesta questão.

Para se descobrir o que é o amor, necessita-se de sensibilidade. Para a maioria de nós, amor é sexo, desejo. Por causa da tradição, por causa das sucessivas "ondas" de santos que têm percorrido este pobre e desafortunado país, o amor desapareceu. Pregam o amor divino, o amor humano; entretanto, são homens terrivelmente duros, totalmente insensíveis — eles, os santos que venerais. Nega-se a Beleza: Não olhes para uma árvore, não olhes para uma mulher; foge dela, trata-a como a um leproso, ou manda-lhe rapar a cabeça. De quantas tretas somos capazes, quando somos insensíveis!

Dessarte, precisamos ser sensíveis, pois então saberemos o que é o amor. Para ser deveras sensível, impende romper com o passado,

libertar-se de todos os heróis e santos. Digo-o seriamente. Se os seguis, estais imitando; e a mente imitadora não é sensível.

Pergunto-me a mim mesmo, esgotada esta hora de palestra e de respostas, que efeito terá ela produzido em vossa mente — não de maneira teórica ou ideológica, porém realmente. Tornastes-vos mais sensíveis?

Aquela jovem diz que está com a mente sobremodo perturbada. Muito folgo com isso. Deixai-vos ficar perturbada para o resto da vida. A perturbação é apenas o começo. Mas que efeito *real* tem isso — estar perturbado? Só os jovens são suscetíveis de perturbar-se. Os velhos não se perturbam, pois já se acham por demais "comprometidos"; têm seu *puja,* seus santos, seus deuses, seus "caminhos da salvação", seus métodos de salvar a sociedade, etc. Estão "comprometidos", tão cheios de deveres e obrigações que não há mais lugar para o amor.

Assim, ao dizermos que estamos perturbados, que significa isso? Perturbados até que profundidade? Quando um rio é perturbado pelos ventos, aparecem-lhe rugas na superfície; mas no fundo do rio não há perturbação, porém a tranqüilidade da morte. Provavelmente, o mesmo acontece conosco: nas camadas mais profundas não há perturbação nenhuma. Talvez os jovens possam ser perturbados — mas, depois, se casarão, farão exames, arranjarão emprego — e estarão estabilizados para o resto da vida. Não digo que não devais casar-vos e empregar-vos. Mas, quando o fazeis, vossa perturbação muda de objeto: vedes-vos perturbados por causa do emprego, desejais emprego melhor, ganhar mais dinheiro. Não estou tratando dessa espécie de perturbação, que é por demais elementar. Falo da mente que está de fato perturbada, perturbada e sem encontrar resposta. No momento em que achais uma resposta, pensais ter a solução do problema. A vida não é tão fácil assim.

Portanto, qual o efeito real desta hora de palestra? Uma ruga na superfície, ou profunda perturbação — coisa semelhante ao arrancar uma árvore pelas raízes. Já vistes uma árvore ser arrancada pelas raízes? Sabeis o que sucede? Tudo se desprende dela. A árvore morre para tudo a que estava ligada. Eu gostaria de saber até que profundeza uma palestra como esta pode lançar raízes. Não podeis responder; e eu não estou pedindo resposta.

O mundo necessita de entes humanos que não estejam mecanizados. O mundo necessita de homens que tenham verdadeiramente adquirido um novo intelecto, uma mente nova. Há milhares de entes

mecanizados, mas, por certo, torna-se necessária uma mente nova para resolver os inumeráveis problemas existentes no mundo, problemas que se multiplicam e crescem continuamente. Nessas condições, se assim me posso expressar, averiguai se a casa está sendo demolida, ou se apenas a estais reformando.

3 de janeiro de 1962.

DO CONFLITO

(VARANASI — III)

DESEJO falar nesta tarde acerca de algo relevante, ou seja, sobre o conflito, para averiguar se é possível vivermos neste mundo sem conflito. Mas, antes de entrar nesta matéria, permiti-me sugerir-vos que *olheis*, que *escuteis* de maneira objetiva, desapaixonada, sem vos preocupardes com a possibilidade ou impossibilidade dessa vivência — que olheis como se olha o funcionamento de um motor; que não digais que "pode ou que não pode ser"; que não vos ponhais na defensiva, não rejeiteis, não concordeis — que fiqueis apenas *olhando*, assim como se olha pela primeira vez uma máquina admirável. Para olhardes a máquina, precisais estar advertidos, bem atentos, sentir-vos interessados nela; depois podereis desmontá-la, ver se é fácil de manejar, se tem ou não algum valor prático.

Falarei a respeito do conflito e da possibilidade de viver sem conflito. Para a maioria de nós, a vida, desde o momento de nascermos até o momento de morrermos, é uma série de conflitos, de intermináveis batalhas, interna e externamente. Nossa mente e nosso coração são campos de batalha e estamos tentando constantemente melhorar-nos, alcançar um certo resultado, encontrar ocupação correta, efetuar diferentes reformas sociais, desejando ardentemente, em nosso íntimo, realizar uma transformação. Essa contínua batalha, violenta, oculta, trava-se dentro de cada um de nós. Dela podemos estar cônscios ou não. Ao ficarmos cônscios de qualquer conflito, isto é, quando nos pomos em direta relação com ele, logo tratamos de fugir-lhe ou de reprimi-lo, de encontrar um meio de vencê-lo. Tudo isso, por certo, implica luta constante, um entediante e infindável "processo". E se permanecemos inconscientes do conflito existente dentro de nós, ou nos tornamos totalmente mortos, insensíveis, ou manifestam-se doenças

psicossomáticas em variadas formas; e, em nossas relações, em nossas atividades, em tudo o que fazemos, denotamos sentir os efeitos dessa batalha incessante.

Tal é nossa vida — adquirir, perder, tentar ser alguma coisa e nunca o conseguir, esperar sempre um profundo e definitivo preenchimento e ver-se sempre frustrado; e, juntamente com isso, o sofrimento, o ciúme doloroso de outros que se estão preenchendo — e também conhecem a frustração. E vemo-nos, assim, sempre atormentados por causa dessa infindável batalha dentro de nós mesmos e com a sociedade. Isso é um fato.

Podemos negá-lo, ou estar cegos para ele, ou rejeitá-lo, ou dizer: "Que se pode fazer?" Podemos descobrir as diferentes causas do conflito, da batalha. Mas o descobrimento da causa libertará a mente da batalha, do conflito? Isto é, se descubro porque sou ciumento, ficarei livre do ciúme? Quando descubro o motivo do conflito e encontro a correta explicação disso, o conflito terminará? O mero descobrimento da causa — se observardes atentamente — não põe fim a nenhum conflito. Para um homem que sente fome, explicações nada valem. Palavras não lhe encherão o estômago. Mas, estranhavelmente, acontece que em geral as explicações nos *satisfazem* — explicações sobre por que lutamos, por que é inevitável lutar, e por que somos educados nessa base. Podemos, também, perceber as razões: auto-engrandecimento, autocompaixão, ambição, e várias causas ocultas que se tornam bastante óbvias quando as examinamos. Conhecemos essas razões. No entanto, nossa vida continua a ser uma batalha e aceitamos essa batalha como uma condição do próprio viver.

Pois bem, eu gostaria de contestar essa "condição". "Contestar", não como reação, pois a contestação não procede da reação ao conflito. Vejo que há consciência do conflito, vejo a maioria dos entes humanos às voltas com ele, e desejo descobrir por que isso acontece — *não*, satisfazer-me com explicações, ou simplesmente procurar a causa da luta; desejo indagar profundamente se é possível viver sem conflito. Eis a verdadeira investigação, porquanto é óbvio que a mente que se acha em incessante conflito depressa se gasta, se embota.

Pensamos que o conflito aguça a mente; ele não a torna mais sutil, porém mais solerte. A verdade é que a mente em conflito gasta-se de contínuo, assim como um instrumento submetido a uso e atrito constante deve gastar-se com rapidez.

Mas, há alguma maneira de viver sem conflito — de fato, e não teoricamente, não verbalmente, não conforme prescrito num certo

livro sagrado: *realmente*? Existe essa maneira? Provavelmente, em maioria nunca nos fizemos esta pergunta, porque aceitamos o conflito como inevitável, tal como a morte. Quando fazemos a nós mesmos esta pergunta, devemos averiguar em que nível o fazemos. Trata-se meramente de uma pergunta intelectual, feita por curiosidade, ou de uma pergunta que abre a porta que conduz a uma nova percepção, um novo perfume? Eu creio que, nesse indagar não-reativo, veremos — no próprio ato de indagar — nascer uma vida *sem* conflito. E isso significa não haver nenhum meio de passar a vida sem conflito, nenhum método, sistema ou prática. Se tendes algum método, sistema ou maneira, está detido o indagar; aceitastes um sistema que esperais vos levará ao objetivo visado. E, como o próprio praticar do sistema causa conflito, viveis continuamente em conflito e esperando, que por meio dele, alcançareis aquele estado isento de conflito — o que é uma absoluta impossibilidade. Não sei se me estou fazendo claro a esse respeito. Poderemos discutir sobre a matéria após terminar o que tenho de dizer nesta tarde.

Para mim, o próprio ato de perceber a inteira inanidade do conflito, sua total falsidade, esse próprio percebimento é o fim do conflito. Mas, para perceberdes a complexidade, a realidade do conflito, a sua anatomia, necessitais de uma mente penetrante, mente bem aguçada, sensível; do contrário, nada podeis ver — sobretudo em se tratando de questão tão complexa como esta. Se não estais vigilante, não podeis ver coisa alguma. Não podeis ver o rio, seus reflexos luminosos, os pescadores, a beleza daquela margem verdejante, e as árvores mais além, se não estais intensamente desperto; apenas olhais, e continuais vosso caminho.

Assim, para se poder ver uma coisa totalmente, necessita-se de *intensidade*. Essa intensidade não é mera concentração, porém ela vem quando há energia; e essa energia só pode vir quando não há conflito. Assim, o ato de perceber uma coisa totalmente, o ato de ver um fato por inteiro, liberta energia, e com essa energia podemos viver sem conflito.

Vejo claramente que o conflito, em qualquer forma que seja, interno e externo, em qualquer nível que seja, consciente ou inconsciente, é sempre destrutivo, torna a mente embotada, estúpida, lerda. A mente em conflito acha-se num estado "não-criador". Vejo esse fato em sua inteireza, não verbalmente, porém *realmente,* assim como vejo uma serpente, assim como vos estou vendo sentados aí. Observo que o conflito, em qualquer forma, é o fator deteriorante na vida — conflito existente no tentar "vir a ser alguma coisa", tentar alcançar

Deus, tentar tornar-me um dirigente superior, etc. Vejo tudo isso, o padrão completo. O fato é bem mais importante do que minha explicação do fato, do que o descobrimento da sua causa. Mais importa o fato do que a fuga ao fato — o correr para os deuses e templos, o tomar drogas ou executar várias formas de fútil meditação para embotar a mente. Assim, o fato e o *ver o fato* exigem atenção total, em que não há fuga. Não podeis fugir ao dardes atenção a uma coisa.

O conflito gera antagonismo. Eu posso dar-vos uma explicação disso — pois a maioria de nós deseja explicações, entreter-se com explicações. Mas as explicações nenhuma validade têm. O conflito torna a mente embotada, desgasta-a; e provoca várias formas de doenças psicossomáticas. Doenças psicossomáticas são as decorrentes de conflito interior, de angústia, de sofrimento, de dor interna, estado que provoca desordens fisiológicas, males orgânicos, etc. Exteriormente, há conflito entre pessoas, entre nações. Vejo-o em todas as relações de família, entre amigos, entre o homem importante e o homem sem importância, entre o rico e o pobre. Percebo também o que ele realmente causa. É isso um fato, e não teoria. Assim, estou totalmente cônscio do conflito, interior e exteriormente, consciente e inconscientemente, e em todas as relações; vejo os seus efeitos na mente, nas chamadas "emoções"; estando alertado e vigilante, vejo todo o "mapa", toda a anatomia do conflito. Não preciso do tempo, não preciso ler muitos livros para ver, como vejo, o que realmente está sucedendo.

Para verdes totalmente, é óbvio, necessitais de energia. Ora, a observação do fato liberta energia, e esse próprio ato de ver é a "maneira" de viver sem conflito. Não é nenhum milagre ou truque. Observo que toda espécie de conflito é morte. Por conseguinte, ver totalmente cada pensamento e cada sentimento gerador de conflito é, em verdade, pôr fim àquele pensamento, àquele sentimento, sem conflito, sem repressão, sem controle, sem disciplina. Sendo assim, digo positivamente que há uma "maneira" de viver neste mundo sem conflito. Isso não é privilégio dos que herdaram dinheiro, dos que vivem luxuosamente — insensatamente; não é esse o modo de viver sem conflito. Refiro-me a um modo de vida em que a pessoa está cônscia do conflito e percebe o seu integral significado, não teórica ou verbalmente, porém realmente, como *fato*. As guerras que se estão travando no mundo, as divisões das pessoas em classes e castas, em religiões, em nações, todas as absurdas divisões que o homem criou em torno de si — o próprio ato de perceber tudo isso abre a porta que conduz a uma vida sem conflito.

Mas, o importante não é encontrar um modo de vida isento de conflito, mas, sim, perceber de todo o significado do conflito. O *ver* não é intelectual, emocional, sentimental ou verbal. *Ver o fato totalmente* — eis o que é deveras relevante. No efetivo perceber que sou estúpido, e não no procurar explicações, justificativas, etc. (quando, por exemplo, digo que tenho medo e procuro tornar-me inteligente), nesse próprio percebimento está o alento do novo.

INTERPELANTE: A observação é muito cansativa, consome energia.

KRISHNAMURTI: Diz esse senhor que, para todos nós, a observação é cansativa, penosa, consumidora de energia.

Por que cansativa? Por que achamos cansativo olhar um fato, por que achamos que exige grande dispêndio de energia? Examinemos isso. Não aceiteis uma só palavra do que vou dizer, pois não sou autoridade nenhuma. Trata-se de uma coisa maravilhosa, se a examinarmos bem. Por que achais difícil a observação, penosa e cansativa?

Em primeiro lugar, parece-me, sempre resistimos ao que é novo; e, quando alguém vos diz que há um diferente modo de viver, em vez de escutardes, em vez de averiguardes isso, resistis de pronto. Esta resistência vos rouba energia. E, também, temeis as conseqüências da observação, que pode alterar o curso de nossa vida — pode ser que altere, e pode ser que não; mas pensais que altera. Há medo; há também a incerteza quanto ao que poderia acontecer. Fixastes vossa vida num certo curso, numa certa direção, numa certa rotina; e, se observásseis atentamente o fato, poderia acontecer que tivésseis de alterar todo o "processo". Por isso, resistis. Resistência, temor, e falta de inclinação para ver uma coisa nova, tudo isso evidentemente consome energia e, por conseguinte, vos impede de observar o fato.

Consideremos uma coisa muito simples. Somos violentos — todos o somos, de uma ou de outra maneira, num ou noutro grau. Sabemos o que significa a violência. Não me peçais que analise o significado dessa palavra. Ora, nós nunca observamos o fato de que somos violentos; mas dizemos: "Sou violento. Que devo fazer? Como livrar-me disso?" Um ideal dará resultado nesse sentido? Surtirá efeito seguir um *guru*, ler um livro? — estamos dispostos a fazer qualquer coisa que nos leve para longe do fato de sermos violentos. Escutai! Deveis estar perfeitamente cônscio de que sois violentos — e isso significa que já não estais condenando o fato, já não o estais justificando, nem procurando introduzir um novo fator, ou seja, o ideal, que se torna a contradição ao fato. Deveis estar totalmente cônscio do fato, e nada mais. Eis

uma coisa bem difícil e árdua: olhar para um fato singelamente, sem uma só palavra. Experimentai-o, uma vez.

PERGUNTA: Quando procuro observar um problema, distraio-me. Que devo fazer?

KRISHNAMURTI: Se entendo corretamente esse cavalheiro, ele diz que tem um problema e que, ao tentar observá-lo, outras idéias, outras crenças lhe assaltam a mente e a distraem; e pergunta o que deve fazer.

Que se entende por "um problema"? Entendemos — não é verdade? — algo que não está resolvido. Segui-me, por favor. A própria palavra "problema" — a palavra em si e não o fato — sugere conflito. Ao dizer que tenho um problema, deixei de olhar o *fato*, introduzindo a palavra, que está tornando o fato um problema. A palavra não é a coisa. Assim, quando tento compreender um problema, já comecei a condená-lo. Tornei-me, pois, escravo da palavra, e não do fato. Mas, se estou cônscio do fato, nada me distrai. Eis porque devemos compreender a profunda influência das palavras em nossa vida — palavras como "problema", "Deus", "comunista", "Gita". Que extraordinária importância essas palavras têm para nós! Como se tornaram importantes os símbolos — os símbolos, não os fatos!

Pois bem. Temos um problema — essa coisa a que chamamos "problema". Como considero esse fato? Digo: "Preciso encontrar uma resposta, preciso resolvê-lo; ele me atormenta, me perturba, e não gosto disso." Assim, meu interesse é resolvê-lo, e me abeiro do fato com o sentimento, a idéia de que ele tem de ser resolvido. Portanto, que estou fazendo? Estou-me chegando ao fato com uma opinião — isto é, quero que esse fato seja uma coisa diferente do que é. Já, se percebo a falsidade das palavras, se o vejo claramente, resta só o fato. E então o fato começa a traduzir a si próprio; nada preciso fazer com ele: *o próprio fato faz algo*. Não sei se já experimentastes isso.

Dissemos que, se estamos cônscios do fato, não há distração. Atenhamo-nos a isso, por enquanto. Existe realmente distração? Quando desejo concentrar-me numa certa coisa, então tudo é distração. Percebeis? Desejo concentrar-me num quadro, e alguém entra; digo ser isso uma distração. Duvido que haja realmente distração. Só há distração no conflito da concentração. A concentração, por conseguinte, é uma resistência, é erguer uma muralha contra toda forma de distração, toda forma de pensamento tendente a digressionar. Assim, o problema é a concentração e não a distração. Tenho, pois, de

investigar a concentração e não a distração. Investigando, descubro que concentração é resistência; ela restringe, compele, imita, força — e tudo isso causa conflito. Conseqüentemente, a concentração não é o meio correto de observar coisa alguma.

Dessarte, se a concentração não é o meio correto, qual é então o meio isento de contradição e, em conseqüência, de distração? Não sei se estais seguindo isto. Há atenção. O estado de atenção é sempre um *presente ativo* e, por conseguinte, não há distração — estar atento a quem entra, atento ao que se está dizendo, atento ao que se está passando, atento a alguém que se coça, atento a tudo. Quando se está assim atento, o percebimento é então uma maneira de observar sem concentração.

PERGUNTA: Atenção não supõe concentração?

KRISHNAMURTI: Esse senhor deseja saber se a atenção não supõe ou inclui concentração.

Estais-me consultando como se eu fosse uma autoridade de quem esperais aprender alguma coisa. Não quero ser colocado nessa posição. Eu digo: "Aprendei por vós mesmo, e não de mim. Não sou vosso *guru*. Não sou vosso instrutor ou guia." Não me ponhais nessa posição, que é extremamente vulgar e sem significação alguma. Ela não altera a vossa vida.

Se dizeis para vós mesmo, se vos interrogais e não a mim, e se declarais: "Não compreendo bem o que entendeis por atenção; eu vos tenho seguido e vejo que a vida exige concentração" — por que dizeis tal coisa? Quereis aludir ao fato de na atenção haver também concentração? Não façais de mim um oráculo, pois, dessa maneira, vos enfraqueceis em vossa investigação.

Deixai-me agora explicar o que entendo por atenção. "Estar atento" significa estar escutando, estar vendo, estar sentindo, estar pensando; as palavras têm suas limitações e, assim, o vosso pensar passou além da palavra; por conseguinte, não há pensamento, porém simples observação dotada de uma intensidade que tudo inclui e nada exclui. Toda espécie de concentração é processo de exclusão.

Começamos agora a compreender o que é "estar atento". Tenho de executar um certo trabalho: tenho de escrever, de fazer contas, etc. Posso executar esse trabalho num "estado de atenção", ou devo deixar de parte a atenção e apenas tornar-me concentrado? Eu digo: "Mantende-vos atento, e fareis o serviço corretamente, sem esforço. No momento em que introduzis a concentração, começa o esforço." Não sei se já alguma vez *aprendestes*. Não podeis *aprender*, se estais

concentrado. Concentração é resistência. É o que acontece quando o professor diz para o aluno: "Olha para o livro, não olhes pela janela!" O aluno não está aprendendo: está apenas "enchendo a cabeça", abarrotando a memória; assim, ele passa nos exames... E permanece estúpido o resto da vida. Mas *aprender* é um estado de percebimento: o aluno pode olhar pela janela, ver os pássaros, ver tudo em atividade, em movimento, e também "olhar para o livro" e aprender. Por conseguinte, só podeis aprender quando vossa mente está despreocupada, quando sois feliz, quando estais brincando.

PERGUNTA: Como pode estar cônscia uma mente que se acha em estado de conflito?

KRISHNAMURTI: Pergunta esse cavalheiro como pode estar cônscia uma mente que se acha em conflito? Vou formular a pergunta de maneira diferente: O conflito não indica a necessidade de percebimento?

Eis por que iniciei esta palestra falando sobre o conflito. Para compreenderdes o conflito, necessitais de percebimento pleno, quer dizer, percebimento consciente e percebimento inconsciente; percebimento com o corpo, com a mente, com o coração: percebimento total. Nesse estado de percebimento, há algum conflito? É só quando não estamos totalmente cônscios, atentos, que o conflito se manifesta. Citei o exemplo da violência. Quando estou totalmente cônscio da violência, não há conflito — como ficar livre dela, etc. — a mente deixa de ser violenta.

Mas, em geral, o difícil é estar totalmente cônscio. Em primeiro lugar, gostamos da violência; há um certo prazer na violência, no falar brutalmente a respeito de alguém, no fazer um gesto brutal, no ser um líder importante, uma notável personagem — produtos da violência, naturalmente; e gostais dessa posição. Como dizia, bem no fundo de nós mesmos gostamos da violência. Estais cônscio de que gostais dela, de que a desejais, a buscais, de que achais justo prosseguir com ela; mas não simuleis que desejais a não-violência, etc.

Assim, no percebimento — ao observardes totalmente um fato — não há conflito. O conflito está fora dessa estrutura.

PERGUNTA: Não temos interesse na Matemática. Como poderemos prestar-lhe atenção?

KRISHNAMURTI: Por que não sentis interesse na Matemática, na Geografia e em tantas outras coisas da vida? Por quê? E por que estais sendo ensinado erroneamente ou por que não gostais do mestre e dos

seus métodos de ensino? Há inúmeras razões para não gostarmos de uma dada coisa. Em vez de procurarmos saber por que não gostamos de Matemática, dizemos que *temos* de aprendê-la. Esta é uma pergunta que não deveria, no momento, ser apresentada por estudantes. Trataremos dela noutra reunião.

Uma coisa que deve interessar-nos é achar algo de que gostamos de fazer toda a vida — que *gostamos* de fazer, e não que tenhamos de fazer porque nos proporcionará alguma recompensa. Amar uma coisa que desejais fazer durante toda a vida — para isso não sois educados. Sois educados para fazer qualquer coisa, menos amar o que estais fazendo. Quando amamos o que fazemos, isso abarca tudo, inclusive a Matemática.

Ouvistes falar sobre o conflito e a maneira de viver sem conflito. Como considerais esse assunto? De que maneira estivestes ouvindo? Ides sair desta sala para vos transformardes num campo de batalha? O próprio ato de escutar — que é um verdadeiro milagre, quando se sabe escutar adequadamente — vos livrará do conflito? Eliminará definitivamente o conflito? Se não, que benefício há em tomar parte nestas reuniões? Não nos estamos ocupando com palavras ou teorias intelectuais; estamo-nos ocupando da vida, da totalidade da vida. Considerai, por exemplo, o conflito. Conflito é ambição — a ambição do santo, a ambição do político, a ambição do instrutor que "quer mais". Sabeis o que significa ambição: impulso, luta para ser, "vir a ser", e toda a respectiva carga de conflito. A ambição desapareceu? Por certo, não desapareceu. Assim sendo, se me permitis a pergunta, de que vos serve escutar? Só serve para dar-vos mais um problema: que se pode viver sem conflito, mas, como estais em conflito, precisais saber como alcançar aquele modo de viver em que não há conflito. Quer dizer, acrescenta-se outro problema aos inumeráveis problemas já existentes. Pensai nisso de maneira completa. Espero que não acheis que vos estou dificultando fazer perguntas.

Em primeiro lugar, não compreendemos, em seu todo, a estrutura do conflito. Na compreensão do conflito, e não na resistência a ele, no perceber suas profundezas, sua amplidão, suas alturas, suas variações — isso, esse próprio *ver*, dá percebimento. Senhor, há a maneira de olhar uma flor botanicamente e há a maneira de olhá-la não-botanicamente. Quando olhais a flor botanicamente, não a estais vendo totalmente. Vós a vedes botanicamente, notando-lhe a estrutura, a cor, o perfume, a espécie, o pólen; mas não vedes a totalidade da flor. Agora, para verdes a totalidade da flor, tendes de deixar de ser botânico; ainda que seja vossa especialidade, deixai-a de parte, e

olhai. É isso que achais difícil. Não podemos pôr de lado os conhecimentos que adquirimos, para *olhar* uma coisa; e é assim que sustentamos o conflito.

É possível olharmos sem a palavra, sem o símbolo? Experimentai fazê-lo, uma vez: olhar uma flor, olhar o vosso filho, vossa esposa, os políticos, os líderes, os *sanyasis*, os santos, etc.; *olhá-los,* independentemente de se gostais deles ou não, se pensais que estão certos ou errados em suas tendências políticas. Tudo isso é opinião pessoal vossa, a qual está baseada em vossa experiência passada, por sua vez condicionada pela cultura em que fostes educados e, por conseguinte, sem validade alguma. Mas, quando quereis *ver,* esse próprio impulso põe tudo isso para o lado. Por conseguinte, esse próprio impulso constitui o modo de vida em que não há conflito.

PERGUNTA: Em vez de um conflito precisamente definido, a pessoa tem um sentimento de inquietação. Que deve fazer?

KRISHNAMURTI: Por que fica inquieta uma pessoa? Estive observando alguns dos senhores sentados à minha frente, a balançarem as pernas, a puxarem os dedos, a fazerem constantemente alguma coisa. Isso faz parte da inquietação. Eles não estão cônscios desses atos. Por que não ficam sentados e quietos? Por quê? Talvez, em primeiro lugar, porque não estejão sentados comodamente; ou porque esses atos se lhes tornaram habituais e, por isso, os executam inconscientemente; ou, ainda, tudo isso pode ser indício de rusgas domésticas com a mulher ou com o marido — enfim por uma ou outra razão.

A inquietação, pois, é indício de uma certa causa profundamente arraigada e ainda não descoberta. Podemos enfrentar um conflito manifesto. Porque não enfrentamos a inquietação? Pode ser que, realmente, estejais *só*; nas profundezas de vosso ser estais cheios de angústia, não descobristes o "caminho da vida", estais frustrado, não amais — pode haver várias razões para a inquietação externa, expressão de nossa profunda intranqüilidade interior. O problema é, também, como investigar, como desenredar, como esclarecer a coisa que vos inquieta.

PERGUNTA: Qual a finalidade da vida?

KRISHNAMURTI: Esta é a frase favorita de todo aquele que empreende a chamada "busca": Qual é a finalidade da vida? Quem faz esta pergunta não está vivendo. Deseja uma finalidade para viver em conformidade com ela. A vida, por conseguinte, não lhe basta; não tem a beleza, a profundidade que lhe são próprias; por isso, procura atri-

buir-lhe um objetivo por ele inventado ou dado por outro. Um homem feliz precisa de "finalidade"? *Ele é feliz.* Estando intensamente ativo, vivo, precisa de alguma finalidade?

Assim, quando dizemos não ter encontrado um objetivo, isso pode tornar-se uma causa de inquietação. Mas, sem investigarmos o valor da busca de finalidade, queremos saber como nos livrarmos da inquietação. Por que se torna inquieta uma pessoa? Talvez porque lhe falte um alvo, uma finalidade, ou talvez porque se ache num estado de *solidão.* Não rejeiteis isto; examinai-o bem. Entendo por "solidão" um sentimento muito profundo de isolamento pessoal, de ausência de relações. Embora tenhais muitas relações — marido, mulher, filhos, etc. — não há contato profundo; esse, em geral, é o sentimento de isolamento pessoal gerado pela solidão. Ou pode ser, também, que não tenhais encontrado a vossa maneira própria de viver. Pode ser que a pessoa esteja mal casada. Pode haver muitas causas. Não mencionei-as todas: a lista poderia tornar-se longa demais. Em vez de tentardes descobrir como pôr fim à inquietação, como livrar-vos dela, digo-vos: "Não vos preocupeis por causa da inquietação, mas tratai de *descobrir,* de penetrar a fundo em vós mesmos."

A "tagarelice" é uma das manifestações favoritas da inquietação — o "falar da vida alheia". Por que fazemos isso? Não há necessidade de nenhuma explicação. Para pordes fim à tagarelice, cumpre investigar-vos profundamente — coisa que a maioria de nós não quer fazer.

Agora, respondestes à pergunta para vós mesmo? Estivestes escutando durante uma hora e dez minutos. Tratamos suficientemente e com mais ou menos profundeza a questão do conflito. Isso teve para vós alguma significação. Podeis agora "deixar cair" o conflito, completamente? Estais começando a perceber que o conflito pode terminar, e sois capaz de assim prosseguir por toda a vida? Ou ireis considerar isso como uma das coisas que tendes "ouvido dizer", e não lhe dareis mais atenção? Por favor, respondei a vós mesmo!

Ser realmente *sério* significa examinar uma coisa até o fim. Examinai até o fim o significado do conflito, considerando-o de diferentes maneiras, dia por dia, sem perdê-lo de vista, vigiando-o, sem rejeitá-lo nem aceitá-lo, mas observando-lhe o florescer — e começareis, então, a ser vossa própria luz. Não precisareis ler um único livro. Não necessitareis de seguir um só *guru.* Esse exame traz sua luz própria. Mas vós tendes de dar o primeiro passo, tendes de *começar*; — de maneira semelhante ao segurar-vos à cauda de um cometa, segurai-vos a isso e vos deixeis levar...

5 de janeiro de 1962.

PERCEBIMENTO CRIADOR

(VARANASI — IV)

EM NOSSA reunião de anteontem estivemos falando sobre o conflito e a terminação do conflito. Hoje, desejo considerar esse mesmo assunto de um ponto de vista diferente.

Nota-se, no mundo inteiro, geral deterioração, a não ser, talvez, mecanicamente — mas ela existe a todos os demais respeitos; falta o ímpeto criador. E tem possibilidade o indivíduo de romper essa barreira mecânica da existência e provocar a "perigosa explosão" — o desabrochar da mente criadora, a qual é necessariamente livre de conflito, uma vez que a criação não pode resultar de conflito? Quem quer que tenha inventado algo, escrito um poema, vislumbrado aquela "outra coisa", deve ter estado com a mente completamente quieta — mas não posta quieta à força de disciplina — com a mente livre de problemas, não atuada pela desesperança, pelo desespero — mente disciplinada em liberdade e não sob controle. Essa mente não provém do tempo, não é produzida pela junção de várias partes. Ela *existe* ou *não existe*. A idéia de mudança é toda conflito e causadora de conflito. Mudança — pelo menos para nós — significa conflito, porque prontamente nos recusamos a investigar, a descobrir os fatos, a verdade acerca da segurança.

Assim, para a maioria de nós, mudança é conflito. Impelidos pelas circunstâncias, pela propaganda, pela necessidade, mudamos; e dessa mudança forçada resulta, sem dúvida, uma certa modificação. Mas tal modificação, mesmo multiplicada, não faz surgir aquela mente com a qualidade de "coisa nova", coisa totalmente imprevista e não resultante de minuciosa ou prolongada deliberação. Como é possível fazê-la surgir? Qual a qualidade, qual o catalisador necessário para revolucionar completamente o nosso pensar, não a pouco e pouco,

porém imediatamente? Porque, é claro, por meio de um processo gradual, não há mutação; a própria palavra "mutação" sugere "algo imediato", efeito imediato. Como posso eu, que vivo neste mundo rodeado de tantos problemas, tantas influências, perceber a totalidade da vida? O enorme esforço causado pelo conflito, em qualquer nível que seja, não produz nenhuma mutação. Isso me parece óbvio. Pois deve estar bem claro, para qualquer homem que pensa, que nenhum processo gradual pode dar solução a seus problemas imediatos. E, vivendo rodeados de problemas imediatos e dissociados uns dos outros, como podemos ver algo totalmente? Considero este o ponto importante: perceber que essa nova qualidade de mente não pode ser criada por nenhuma instituição, nenhuma espécie de educação, nenhuma prática ou disciplina religiosa, nenhum esforço. É preciso perceber esse fato totalmente, porque, se pudermos percebê-lo totalmente, então, nesse percebimento, nesse próprio ato de percepção, ocorre a mudança. Nesta tarde, desejo estender-me um pouco a esse respeito.

Estamos acostumados a depender do tempo como fator de mudança. Temo-nos servido do tempo como meio de chegar a alguma parte no processo de mutação de nossa consciência. Dele nos temos utilizado como um degrau que é preciso galgar. E, considerando-se não apenas a situação mundial, mas também que o tempo, em qualquer nível, não pode criar a nova qualidade de mente — se se percebe isso, não apenas intelectual ou verbalmente, mas também estando-se em contato com o fato, emocional e sensitivamente — como acontece ao vermos uma serpente — então o tempo já nenhuma validez tem, a não ser como realidade cronológica. De outra maneira, o tempo não existe; qualquer outra forma de tempo é indolência, indolência psicológica, fuga psicológica, adiamento psicológico. Se se percebe realmente, e não verbalmente, que o tempo já nada significa, então, nesse percebimento ocorre a mutação.

Outra pessoa vê, ou vós vedes uma certa coisa muito claramente, totalmente; eu não a vejo. Percebeis todo o significado da dependência do homem das instituições, todo o significado — que inclui autoridade, guia, dependência, idéias convencionais — e eu não percebo. Precisarei de muitos anos para ver o que vedes. Porque acontece isso — vós verdes e eu não ver? Vedes uma coisa inteiramente, totalmente, com todo o vosso ser. Percebeis o mal da autoridade — se posso empregar a palavra "mal" — e sabeis rejeitá-la completamente, e eu não sei. Mais tarde, sabê-lo-ei, mas, mesmo então, só o saberei parcialmente! A autoridade me parecerá conveniente num certo sentido, porém necessária noutro sentido. Meu percebimento, minha rejeição da auto-

ridade é ainda parcial; não é total como a vossa. Por que acontece isso? — Vós vedes e eu não vejo. Por quê? Não precisais de passar pela experiência, não precisais acumular; vedes imediatamente, com vossa mente *nova,* e eu vejo com minha mente embotada. Por quê? Posso fazer essa pergunta, e pode não haver resposta para ela. Eu penso que há resposta, mas não há. Porém, é preciso fazer essa pergunta, que considero uma pergunta fundamental. Por que vós não sois artista, e eu sou artista, por que sois inteligente, e eu não o sou? — estas são perguntas superficiais, e não perguntas fundamentais. Mas aqueloutra é uma pergunta essencial.

Vós vedes, e eu não vejo — por que acontece isso? Penso que acontece porque estou envolvido no tempo. Vós não vedes as coisas no tempo, e eu as vejo no tempo. Vosso ver é uma ação de todo o vosso ser, que não está preso no tempo. Não pensais em alcançar uma coisa gradualmente — vós a vedes imediatamente; e esse próprio percebimento atua. Eu não vejo; desejo descobrir por que razão não vejo. Que é *isso* que me fará ver uma coisa totalmente e, portanto, compreendê-la de imediato? Vós vedes a total estrutura da vida — a beleza, a fealdade, o sofrimento, a alegria, a extraordinária sensibilidade — tudo; e eu não posso vê-la. Só posso ver uma parte dela, e não sua totalidade. Se a pergunta vos é clara e a fazeis a vós mesmo — não porque vo-la estou dirigindo — se vos estais fazendo essa interrogação, sem procurardes justificações ou explicações, e sem procurardes resposta (porque obviamente não a sabeis) — então, vós e eu, no tocante a este inquirir, estamos em comunhão. Não sei se me estou fazendo claro. O homem que vê uma coisa por inteiro, que vê a vida totalmente, deve necessariamente estar fora do tempo. Senhores, prestai atenção, porque isto tem relação com a nossa existência diária; não é algo espiritual ou filosófico, estranho ao cotidiano viver. Se compreendermos isso, compreenderemos então nossa rotina diária, nossos diários aborrecimentos, tristezas, dolorosas ansiedades, temores. Portanto, não o rejeiteis, dizendo: "Que relação tem isso com a nossa existência diária?". Tem-na. Pode-se ver — eu pelo menos o vejo com clareza — que é possível cortar imediatamente todos os vínculos do sofrimento. E é por essa razão que desejo examinar isso junto convosco.

O tempo é algo extraordinário, mas o tempo só tem realidade mecânica. Houve um ontem, há um hoje e haverá um amanhã; mas não há outra espécie de tempo. Precisa-se de tempo para se construir uma casa, educar os filhos; precisais de tempo para vos transportardes daqui a vossa casa. Mas não existe realmente outra espécie de tempo. É só o pensamento que inventa o tempo, o pensamento que diz: "Preci-

so tornar-me algo, grande, nobre; preciso "chegar". — O processo de pensamento é conflito; e desse conflito, dessa aridez, nasce o tempo psicológico, interior. Se não houvesse tempo psicológico, se nenhum amanhã houvesse, psicologicamente, seríeis imediatamente um ser todo diferente. Se alguém vos dissesse que iríeis morrer no instante imediato, sem vos dar tempo para pensar, veríeis a totalidade da vida imediatamente — porque é o pensamento que perturba a percepção. O pensamento é tempo, o pensamento é reação da memória, de milênios de herança humana, de milhares de lembranças, experiências. Mas cumpre sair dele porque, do contrário, nenhuma possibilidade teremos de ficar livres do sofrimento, livres do conflito. Não importa o que façais — quer tomeis um calmante, pratiqueis as mais engenhosas formas de meditação a fim de tranqüilizar a mente, embotar a mente; quer leiais todos os livros sagrados do mundo — se não compreendeis a semente do sofrimento, que é o tempo, o sofrimento não terá fim, pois não o percebeis de maneira total.

Tudo isso implica rejeição da experiência, rejeição do conhecimento. Não do conhecimento mecânico, do conhecimento científico, do conhecimento matemático — pois esses conhecimentos são essenciais, necessários, para podermos existir, subsistir fisicamente; e é necessário subsistirmos fisicamente, no mais alto nível. Mas é preciso percebermos o inteiro significado da experiência e nos livrarmos dela, porque a experiência não nos liberta do sofrimento; continua a haver aflição, continua a haver esforço, continua a desenrolar-se uma batalha. Podeis saber a maneira de evitar, de resistir; mas tudo isso implica mais conflito, aprofunda mais ainda a esterilidade do pensamento. Assim, só é possível a mutação quando a mente rejeitou o tempo, em relação a cada uma das coisas que pensamos dependerem do tempo: progresso, "chegada", preenchimento, "vir a ser", realização — tudo isso precisa ser eliminado.

Qual a coisa necessária para se realizar isso (a rejeição do tempo)? Não são palavras nem símbolos. Os símbolos nada significam. Só servem para fins de comunicação; em si mesmos são nulos. A coisa não é a palavra. Assim, que é que faz nascer a qualidade atemporal? Acho que só duas coisas: a afeição e a integridade.

Por "integridade" não entendo fidelidade a alguma coisa — pois isso é apenas submissão, mero ajustamento, imitação. Ter um ideal, e a ele se ajustar, ter uma crença e a ela se ajustar, ter uma experiência ou uma idéia e a ela ajustar-se, ser-lhe fiel — isso não é integridade. Com a palavra "integridade" refiro-me à mente que estuda o "ego", o "eu", e aprende todo o seu significado. Nesse aprender, há

uma integridade não nascida do conhecimento, porém do aprender. Aprender a respeito de mim mesmo — que é uma coisa interminável — não é o mesmo que adquirir conhecimentos acerca de minha pessoa; são duas coisas completamente diversas. Quanto mais aprendo sobre mim — o consciente, o inconsciente, todos os meus movimentos interiores — tanto mais se firma a integridade. Mas, se estou meramente adquirindo conhecimentos acerca de mim mesmo, acumulando "informações" a meu respeito e mantendo-me fiel a tudo que acumulei, nesse caso estou criando um conflito dualista, pois tenho de manter-me fiel ao que aprendi, ao que sei — e, assim, nutro indefinidamente o conflito. Todo conhecimento que acumulamos sobre a nossa pessoa aumenta o conflito interior, enquanto o aprendermos a respeito de nós mesmos não o faz. Há necessidade, pois, desse aprender, não apenas sobre mim próprio, mas também no referente a todas as coisas. E, para aprender, a mente deve estar sempre alertada, vigilante, atenta, provando, sentindo, sempre altamente sensível; e isso não é possível quando há conhecimento, quando estais apenas acumulando conhecimentos.

Há, portanto, uma espécie de integridade não nascida de conflito, não imitativa, não ajustável — uma integridade nascida espontaneamente, sem ser procurada — quando estamos aprendendo a respeito de nós mesmos. Essa integridade é necessária; e também o é a afeição. A "explosão" da afeição não é calculada, pensada. Sabeis o que entendo por afeição? Ela é, obviamente, a sensibilidade à beleza — quer do homem, quer da mulher, da criança, da árvore, da ave. E essa afeição é bem mais necessária, mais vital do que a própria integridade. Da afeição provém a beleza da integridade. Essa afeição não pode ser analisada ou gerada; ela não vos será propiciada por nenhum livro, nem por vossa mulher ou por vosso marido; também não o fará a sociedade. Penso que essa afeição vem ao rejeitarmos todas as coisas totalmente, desconhecendo o amanhã. Podeis negar o conhecimento do amanhã; mas isso não é rejeição. Quando rejeitais tudo, totalmente, inclusive e principalmente a vós mesmo, todas as tradições e valores, então, nesse extraordinário estado de desconhecimento do momento seguinte, nasce a afeição — e não o amargor, os sórdidos produtos do pensamento. Conseqüentemente, a afeição e a integridade são dois catalisadores. Se observardes, notareis que a afeição e a integridade não pertencem ao tempo. Não se pode ter *mais* integridade — isso é mera fraseologia política. Não se pode ser *mais* afetuoso — ou sois afetuoso ou não sois.

Assim, o percebimento total de algo significa sua rejeição. Experimentai isso, para verdes quanto é difícil o rejeitar. Porque só sabe-

mos dizer "sim"; nunca dizemos "não" a coisa alguma. Estamos sempre transigindo ou a esquivar-nos. Dizemos "não" ao que é desagradável; à dor dizemos "não". Mas dizer "não" ao prazer também — rejeitá-lo completamente e assim permanecer, acho que essa é a qualidade própria do "estado atemporal", e desse estado atemporal é que procede a afeição.

INTERPELANTE: Estais sempre falando a respeito do tempo, e nunca do espaço.

KRISHNAMURTI: Diz esse cavalheiro que sempre falo do tempo, e jamais do espaço.

O espaço é pensamento — *daqui* até *ali*, *daqui* à Lua. Para alcançardes a Lua, necessitais de um meio mecânico, um foguete; e precisais de tempo para transpor a distância de duzentas e cinqüenta mil milhas, ou quantas sejam. Ora, existe espaço entre *mim*, *isto*, e *aquilo* que desejo ser? Dissemos que há espaço, intervalo. "Desejo um dia ser um santo, ou um grande homem de negócios". Para chegar, do que sou, à santidade, há um espaço para percorrer — um "processo" gradual. Por meio do tempo vos tornareis santo? Todos os santos dizem que sim. Exercitam-se, renunciam, sacrificam-se, controlam-se, põem em movimento todo o mecanismo do pensamento, para "virem a ser" alguma coisa. Mas se vísseis diretamente, por vós mesmo, agora, que não há espaço, que não há tempo, exceto o tempo e o espaço que o pensamento cria, que aconteceria?

Observa-se, neste país, deterioração; ninguém poderá negá-lo. Observa-se terrível decadência intelectual, moral e física. A todos os respeitos, há deterioração. Talvez eu não devesse empregar a palavra "deterioração", porque o emprego dessa palavra supõe que se alcançou o pináculo e, depois, se começou a declinar. Provavelmente nunca foi alcançado o pináculo; continuou-se a percorrer o mesmo caminho de sempre e depois começou-se a declinar, a piorar; não houve ascensão até um certo ponto e, a seguir, declínio. Isso é um fato. Esse fato se observa na educação, na moralidade política, observa-se em todas as coisas — um decair, decair, decair. Não o notais? Temos mais indústrias, mais represas, mais ferrovias — mas tudo isso é mecânico, como sabeis. Há corrupção; o tempo a remediará, um novo governo a remediará? Um novo partido — comunista ou socialista — poderá alterá-la? Pode ser que sim e pode ser que não. Duvido que possam alterá-la.

O indivíduo precisa mudar — não o indivíduo que se acha na periferia, do lado de fora, mas o indivíduo que se acha bem no meio dos acontecimentos. O indivíduo precisa "explodir". E essa "explosão"

precisará de tempo e de espaço — tempo para ir *daqui* até *lá*? Compreendeis? Sabeis que a deterioração é um fato — *um fato,* e não uma asserção minha. Ela aí está, a entrar-nos pelos olhos; vós a conheceis em suas minúcias e em sua extensão: tudo está decaindo. E vós, que fazeis? Precisareis de tempo para alterá-la? No tempo de que precisais para alterá-la, ela se acentuará mais ainda. Portanto, é preciso detê-la. A ação tem de ser imediata, não pode ser deixada para amanhã, porque entre agora e amanhã tereis descido mais ainda. A ação tem de ser iniciada imediatamente e, por conseguinte, não há tempo; não podeis pensar em termos de passado, futuro ou presente. A deterioração tem de ser sustada completamente. E só podeis sustá-la se percebeis o declínio de maneira total — e não com pequenas mostras de bondade, de aperfeiçoamento, de melhoramento aqui e ali, etc.

Se, interiormente, totalmente, perceberdes essa total desintegração, não tereis necessidade de fazer coisa alguma em relação a ela. Esse próprio percebimento provocará tremenda comoção, uma "explosão". Eis porque precisais ver essa coisa "agora", e não quando estiverdes com oitenta anos ou no fundo de uma cova. Que vos fará vê-la, que vos estimulará, influenciará a vê-la, qual a promessa, qual a ameaça que vos fará vê-la totalmente? Não será Deus, por certo, nem instituições, nem livros, nem promessas, nem recompensas, nem nada. *Vós mesmo* tendes de vê-la completamente.

PERGUNTA: Mas como, senhor?

KRISHNAMURTI: Aí está uma senhora que pergunta "como?". Ora, "como" implica tempo, "como" implica espaço entre *aqui* e *lá,* e método para chegar *lá.* O ver aquela coisa totalmente exige uma mente nova, uma nova dimensão, uma nova qualidade de mente; e eu digo que podeis tê-la de pronto, se virdes a coisa totalmente. Não pergunteis: "Como vê-la?" Se estais pedindo método, sistema, estais na direção errada. Os sistemas foram inventados pelo homem para adiar o momento da "explosão".

PERGUNTA: Há diferença entre luta e conflito?

KRISHNAMURTI: É a mesma coisa.

PERGUNTA: Empregastes a palavra "afeição". Vós a diferençais do amor?

KRISHNAMURTI: Sim; já que compreendestes, não há necessidade de sutilizarmos a significação de palavras. Falemos mais seriamente.

PERGUNTA: A percepção ou é voluntária, ou precisamos aguardar que a fé no-la traga; que mais é ela?

KRISHNAMURTI: diz esse cavalheiro que ela ou é voluntária, não produzida por nenhuma influência, ou é necessário esperá-la. É isso que estais fazendo. Mas espera é deterioração.

PERGUNTA: Como perceber isso?

KRISHNAMURTI: Deixemos de parte este assunto, por enquanto; a ele voltarei. Quando digo: "Que devo fazer *enquanto* espero a "*explosão*" — o intervalo entre aquele momento e agora, a *espera* da "explosão", é deterioração. Não sei se compreendestes bem. Se não há nenhum caminho para percorrer, se percebeis imediatamente, voluntária e completamente, não precisais então do tempo, não achais? Tendes de *perceber,* e essa própria urgência é ação.

INTERPELANTE: Mas não se pode perceber com a desejada intensidade.

KRISHNAMURTI: Que fazer, então? Se negais o tempo, o "processo" criador de todos os santos, todos os deuses, todos os livros, toda a tradição, vós o eliminais. Eis o que é necessário.

Vosso problema só se apresenta quando não o eliminastes. Que vos dará a possibilidade de eliminá-lo, de morrer para todas as coisas do passado? Que vos dará essa possibilidade? Nada. Basta que o vejais, mas vós não o vedes. Por quê? Por que não vedes essa coisa?

INTERPELANTE: Isso parece um paradoxo. Se não a *vemos,* não podemos percebê-la totalmente; vemo-la verbalmente.

KRISHNAMURTI: Ver verbalmente, ver emocionalmente, ver parcialmente, não é *ver*. E então? Segui para diante, ide até o fim.

PERGUNTA: Chega-se ao fim e nada se encontra. Não sei o que faça.

KRISHNAMURTI: Então não façais nada. Estais rindo! Mas eu estou falando sério: não façais nada, a não ser as coisas mecânicas. Mas estais sempre fazendo outras coisas. Nada façais, psicologicamente, interiormente; nada façais a não ser o que tendes de fazer ordinariamente na existência diária. Já agistes assim alguma vez, sem irdes parar num hospital de alienados? Não é isso que tenho em mente; mas, de fato, não façais nada, interiormente.

INTERPELANTE: Peço licença para discordar de vossa tese. Espero me desculpeis. Pode ser que estejamos declinando, mas só aparentemente. Se considerardes o presente estado de coisas, tornar-se-á evidente que os desejos estão subindo à tona e, no decorrer do tempo, serão purificados.

KRISHNAMURTI: Diz esse cavalheiro que, pelo fato de termos agora liberdade política, todos os ocultos e reprimidos desejos e ânsias estão subindo à superfície e com o tempo desaparecerão; e, também, que a revelação de todas as coisas que vêm sendo reprimidas há séculos não é um processo de deterioração, porém de purificação. É exato isso? O trazer tudo isso à superfície é purificação? Por quanto tempo continuareis com esse "expurgo" interior? Se dizeis que isso leva tempo, então o próprio fato de precisardes de tempo é indicativo de que estais deteriorando.

Se me permitis explicar, não estou expondo nenhuma tese, não estou falando com o fim de conquistar o grau de doutor em filosofia ou com o fim de alcançar vossa aprovação. Estamo-nos ocupando com fatos, e não com idéias. Um homem que sofre não quer saber de teses; quer saber como pôr fim ao seu sofrimento. Há várias maneiras de fazê-lo cessar: tomando entorpecentes, freqüentando a igreja, tomando calmantes, preparados químicos, esquecendo, fugindo. Mas nada disso resolve o problema; encontrá-lo-eis de novo ao voltardes ao estado normal. É preciso estar-se cônscio de todo esse processo e prestar atenção aos meios de fuga: drogas, bebidas, mulheres, e tudo o mais que as pessoas costumam fazer para evitar a coisa real.

INTERPELANTE: Se permitis a interrupção, só há um caminho, e este é a submissão a Deus. Não é um "caminho" teórico, porém prático.

KRISHNAMURTI: Diz esse cavalheiro que só há um caminho: a submissão a Deus.

Como é que vos submeteis a Deus? Que significa isso?

INTERPELANTE: Não devemos preocupar-nos com os resultados de nossa ação. Devemos ter aquela atitude.

KRISHNAMURTI: Qual é o meu dever? É o indicado pela sociedade? Eu rejeito qualquer espécie de dever.

INTERPELANTE: Isso depende da pessoa.

KRISHNAMURTI: Vós e eu estamo-nos desencontrando. Pus em discussão a existência de Deus, a fim de descobrir se há Deus. Contestei

radical e completamente a idéia de dever, de responsabilidade, e indaguei *quem* é a entidade que deve submeter-se.

> INTERPELANTE: Quando vemos um prédio, logo pensamos, naturalmente, que alguém o edificou. Ao vermos uma coisa bela, apreciamos a inteligência de seu criador. Idêntica comparação podemos fazer com o nosso corpo. Se não existisse um Ser que o criou...

KRISHNAMURTI: Diz esse senhor que, se não existisse um ser, Deus, criador de nosso corpo físico, como explicar o fato de sua existência? Os comunistas não crêem em Deus, desprezam esta palavra. Foram educados para viver dessa maneira. Assim como vós fostes educados, lógica, sã e racionalmente, para crerdes em Deus, assim também foram eles educados lógica, sã e racionalmente, para não crerem em Deus. Qual a diferença entre eles e vós? Vós estais condicionados de uma maneira, eles o estão de outra forma. Estais condicionados por séculos de propaganda, eles por quarenta anos de propaganda; qual a diferença? A realidade da vida não depende da idéia de Deus, depende de nós mesmos. Primeiro, postulais a idéia da existência de Deus e a desenvolveis convenientemente — e isso significa que desistis de investigar, desistis de indagar. Não vedes que a educação, que tudo falhou neste mundo? Tivemos duas guerras desastrosas, e coisas monstruosas estão ocorrendo no mundo. Nenhum bem se faz dizendo-se que tudo está certo. Todos seremos atingidos quando entrar em ação a bomba atômica; portanto, precisamos fazer alguma coisa.

Eis porque é preciso contestar tudo, não deixar uma só pedra ou folha por virar; pôr em dúvida mesmo a vossa lógica, que tão ilógica se torna quando estais condicionados. Se permaneceis hinduístas e continuais a raciocinar nesse plano, vosso raciocínio, vossa lógica, vossa sanidade mental devem ser submetidos a exame. Não demonstrais perceber essa necessidade. Impende criar um novo mundo — não um mundo hinduísta, nem brâmane, nem de acordo com o padrão de quem quer que seja. Algo novo precisa ocorrer em cada um de nós, e o "novo" só pode verificar-se se há morte, destruição, alguma coisa que signifique rejeição total, mas não seja uma tese.

> INTERPELANTE: Não falo como hinduísta ou budista, ao dizer que há um poder sobrenatural que governa todas as coisas.

KRISHNAMURTI: Quando dizeis que há um poder sobrenatural que governa todas as coisas, que significa isso? Um poder que governa as tiranias, governa as guerras desastrosas, governa nosso sofrimento,

governa o infeliz aldeão que moureja um dia inteiro para ganhar uma ninharia, enquanto eu vivo em conforto, entretendo-me a respeito de Deus?

PERGUNTA: Negação difere de condenação?

KRISHNAMURTI: Esse senhor pergunta se a negação (sobre que estivemos falando no começo) é diferente da condenação.

A condenação, evidentemente, é pessoal, como o bom gosto; e a negação é como a beleza, que não pode ser contaminada pelo gosto pessoal. Percebeis o que se está passando no mundo? Estão rejeitando todos os líderes, impugnando todos os vossos deuses super-humanos, tudo. Vossa crença nada tem que ver com isso, e ela também está sendo impugnada. Se dizeis, como os católicos: "Não contesteis minha crença, porque se trata de um mistério; não indagueis" — aqui não é o lugar apropriado para dizerdes isso. Para mim, há uma Realidade, que não é aquilo que vos foi ensinado; existe algo bem mais significativo do que todas essas coisas, e precisamos descobri-lo. E não o descobriremos, se não negarmos tudo, completamente. Senhor, precisais morrer para todas as coisas, para nascerdes de novo; precisais morrer, para encontrardes uma coisa nova.

Vossa pergunta é: Qual a diferença entre negação e condenação? Vossa condenação se baseia em vosso condicionamento. Se não condenais uma coisa, se percebeis a verdade respectiva, estais livre de condicionamento. Fomos criados, desde pequenos, para condenar, justificar, aceitar, crer; isso acontece no mundo inteiro, no mundo comunista e no nosso. É fácil condenar; e pensamos que, ao condenarmos, compreendemos; mas isso é absurdo. Quando percebeis a falsidade do condenar, rejeitais a condenação, pois já não há avaliação; dizeis que ela é falsa, sem saberdes o que é verdadeiro. Ao perceberdes que a condenação é uma reação condicionada e, por conseguinte, a rejeitais, já não estais condenando, porém simplesmente *vendo* os fatos.

Não estou condenando aquela "Alma Universal" de que fala esse senhor. Esta é, de fato, uma de nossas crenças favoritas, inculcada através de séculos de luta humana. Há na França uma caverna onde, há cerca de dezessete mil anos, os homens de então pintaram figuras de touros lutando contra homens, de admirável colorido, vitalidade e riqueza de detalhes. Os touros representavam o Mal em luta contra o Bem. Nós estamos fazendo a mesma coisa. Mas eu digo que não devemos lutar. Este é o caminho mais irracional que se pode seguir: lutar, controlar, viver em conflito. Devemos ver as coisas feias como

vemos as coisas belas. Quando vedes o fato, esse mesmo fato "explodirá" e trará à existência algo novo.

Eis, a meu ver, os fatos: existe ameaça de guerra; os homens estão divididos pelas religiões, pelas dissensões políticas; processa-se uma separação por línguas e nacionalidades(*); e interiormente, psicologicamente, há também decadência, declínio.

PERGUNTA: Como podeis chamar isso "declínio"?

KRISHNAMURTI: Retiro a palavra "declínio". "Declínio" supõe que se alcançou uma certa altura e, depois, começou-se a descer. Estou apenas citando fatos. Não há paz no mundo — porquanto paz supõe fraternidade, etc.

PERGUNTA: Quer dizer, então, que tendes um ideal?

KRISHNAMURTI: Não tenho ideal nenhum. Se me permitis dizê-lo, parece-me que estais aqui pela primeira vez e, por isso, fazeis tal pergunta. Em primeiro lugar, a dificuldade é semântica, prende-se à significação das palavras: o emprego que eu faço de certas palavras e o emprego que fazeis dessas mesmas palavras. Nós temos de estar em comunhão, não só no nível verbal, mas também no nível semântico. Deveis ouvir um pouco mais profundamente.

PERGUNTA: Nós estamos desintegrados, não?

KRISHNAMURTI: Sim, cada coisa supõe um padrão, um julgamento, uma condenação. Quanto a mim, minha maneira de olhar não procede de nenhum ponto de vista ideológico, nenhum ponto de vista emocional. Vejo o fato muito simples de que me acho em sofrimento; eis o fato. Não digo: "Fui feliz outrora; como tornarei a sê-lo?" Mas o fato é que sou infeliz; se minha mulher me abandonou, isso me causa sofrer; se meu filho morreu, isso me faz penar. Falo do fato de estar em sofrimento, e de como resolver esse fato. Eis por que se torna difícil a comunicação entre pessoas. Principalmente em assuntos desta natureza, as palavras e os símbolos têm importante papel, e por isso é preciso transcender a palavra e o símbolo, e esse transcender nada tem de místico ou de extraordinário. Se desejo comunicar-vos algo, não só tenho de comunicá-lo verbalmente, mas também tenho de expressá-lo de tal maneira, que vós e eu nos encontremos num certo ponto fora do nível verbal. Para a maioria de nós, o nível verbal é o ponto de co-

(*) Refere-se à Índia. (N. do T.)

municação e de encontro; e o nível verbal implica o que *foi*, o que *é*, e o que *será*.

INTERPELANTE: A comparação, em si, não é um mal.

KRISHNAMURTI: Quando digo que *esperar* é deterioração, não estou comparando. Estou percebendo o fato de que, enquanto um homem está esperando, algo naturalmente lhe está sucedendo — chamai-o "deterioração" ou como preferirdes. Se a pessoa não se põe em ação diante do fato de ser necessário fazer alguma coisa, e fica *esperando* — enquanto estiver esperando, algo tem de acontecer-lhe. E esse estado é deterioração. Ele não foi causado pela comparação.

INTERPELANTE: Há uma certa "afecção" associada ao próprio mal.

KRISHNAMURTI: Toda "afecção" implica sofrimento?

INTERPELANTE: Quando há "afecção", um homem sofre. Vós sofreis?

KRISHNAMURTI: Acho que não.

PERGUNTA: Nem quando vedes alguém sofrer?

KRISHNAMURTI: Sei que tal afirmação parece terrivelmente brutal. Vejo meu filho sofrer. Que devo fazer, que posso fazer, realmente? Que devo fazer? Dar-lhe algum dinheiro. É tudo o que posso fazer.

INTERPELANTE: Não se pode evitar o sofrimento.

KRISHNAMURTI: Por quê? Por que minha mulher me abandonou, meu filho morreu, por que não consigo arranjar emprego — devo sofrer?

INTERPELANTE: Consideremos outra coisa mais profunda.

KRISHNAMURTI: Que há "mais profundo"?

INTERPELANTE: Digamos a morte de um filho.

KRISHNAMURTI: "O fato de amar causa dor", dizemos, e aceitamos tal asserção. Eu a contesto. Não será autocompaixão? Não será identificação com meu filho? Não será porque me vejo desamparado, sem nada poder fazer, frustrado, que, por conseguinte, indiretamente eu sofro? Sofro porque meu filho morreu e eu me vejo sozinho? Se não

compreendemos isso, como se pode dizer que o amor e o sofrimento "andam juntos"?

INTERPELANTE: Eu sinto que "andam juntos".

KRISHNAMURTI: Está certo.

PERGUNTA: Estais negando o sofrimento?

KRISHNAMURTI: Não estou negando o sofrimento.

INTERPELANTE: Conhecemos o amor, e também o sofrimento.

KRISHNAMURTI: Aquele senhor diz que o sofrimento e o amor "andam juntos". Eu digo que "andam juntos" enquanto não investigamos isso que chamamos sofrimento, enquanto o amor e o sofrimento não forem compreendidos totalmente. Mas não teimeis em dizer que eles "andam juntos", como há também quem diga que o amor e o ciúme "andam juntos".

INTERPELANTE: Não me refiro a meu filho; refiro-me ao sofrimento.

KRISHNAMURTI: Alguém diz que sofre por causa da pátria, onde coisas terríveis estão ocorrendo. Isso é sofrimento?

INTERPELANTE: O apego, e não o amor, é a causa do sofrimento.

KRISHNAMURTI: Conforme o estado das coisas, sofremos; dizemos que é porque amamos. Notai, por favor, que não vos estou contestando. Indagai vós mesmo: se o amor, se o que chamais sofrimento não constitui autocompaixão. Pode ser que haja sentimento de solidão, de frustração, sentimento de incapacidade para fazer qualquer coisa. Se pudésseis fazer alguma coisa, não sofreríeis, então. Pode haver dez explicações, e uma delas poderá explicar o vosso sofrimento. Depois de tudo explicado, onde ficais?

Diz aquele senhor que o apego gera sofrimento. Sim, todos sabemos disso. Todos somos apegados. Por que então não quebrais tudo isso, não vos livrais completamente de vosso apego?

7 de janeiro de 1962.

COMPREENDER A VIDA

(Varanasi — V)

Há dias estivemos falando sobre o conflito, e mostramos como o conflito leva a mente a embotar-se. Desejo apreciar este mesmo problema por um diferente ângulo, porque, assim me parece, a maioria de nós tem idéias que se tornam mais importantes e mais significativas do que a própria realidade.

Vivemos num mundo de idéias, totalmente divorciados dos fatos, tentando continuamente ligar o fato à idéia. E uma das causas de conflito é esta nossa tentativa de aproximar o fato da idéia. Por que se tornaram tão importantes as idéias, os conceitos, as fórmulas? Se observardes a vós mesmo, descobrireis que as idéias, o que "deveria ser", os conceitos intelectuais, as fórmulas intelectuais, são muito mais rigorosos, muito mais importantes do que o viver real — aquilo que está ocorrendo. Se vos observardes, descobrireis seguramente como as idéias usurparam de todo os domínios do pensamento. Nós não nos estamos ocupando com idéias, porquanto estas palestras nada têm que ver com idéias; o que nos interessa é a compreensão do fato que é a vida, com todos os seus sofrimentos, angústias, confusão, ambição, temores; suas profundezas; sua disciplina e também sua corrupção. Estamos procurando compreender a vida, não em termos de idéias, porém *realmente;* compreender a vida para ver se não poderemos livrar-nos das suas agitações, que tantas ansiedades nos causam, que nos fazem sentir "culpados", e ver também se não poderemos eliminar o medo. É isso que desejo examinar nesta tarde.

Por que é que as idéias se enraízam em nossa mente? Por que, em vez das idéias, não se tornam os fatos de suma importância? Por que é que as teorias se tornam mais significativas do que o fato? Será por que não somos capazes de compreender o fato, ou não nos

sentimos capazes de enfrentá-lo, ou temos medo de fazê-lo? Nessas condições, as idéias, as especulações, as teorias constituem uma via de fuga ao fato. Procurai, por favor, aplicar o que estou dizendo a vós mesmo; não vos limiteis a ouvi-lo. O que se está dizendo não encerra nenhum valor intrínseco; mas tem valor — pelo menos assim me parece — quando podemos aplicá-lo a nós e experimentá-lo pela direta observação de nós mesmos. Do contrário, estas palestras serão totalmente inanes, sem significação. Assim, por favor, prestai um pouco de atenção.

Dar-se-á que somos incapazes de enfrentar fatos e, por conseguinte, as idéias, em todos os níveis da existência, nos oferecem um meio de fuga? Os fatos não podem alterar-se; não importa o que façais, os fatos permanecem. Podeis fugir, fazer todas as coisas imagináveis; os fatos *lá estão* — o fato de ser irascível, o fato de alguém ser ambicioso, o fato de uma pessoa ser libidinosa, dúzias de fatos. Podeis reprimi-los, podeis "transmutá-los" — o que também é uma espécie de repressão — podeis controlá-los; mas eles só são reprimidos, controlados, disciplinados, por meio de idéias. É possível não vivermos com idéias, porém unicamente com fatos? As idéias não nos gastam a energia? As idéias não embotam a mente? Podeis ser muito sutil no especular, no citar; mas, evidentemente, é uma mente embotada aquela que cita, aquela que muito leu e cita o que leu.

É possível vivermos a todas as horas, todos os minutos, *com* fatos? Não sei se já alguma vez tentastes isso: viver com o fato — aquilo que realmente é — e não ter, assim, nenhuma contradição. Se viveis com o fato, eliminais de um golpe o conflito do oposto e, por conseguinte, libertais a energia necessária para enfrentar o fato. Para a maioria de nós, a contradição é um terreno extraordinário, no qual a mente ficou aprisionada. Desejo fazer uma coisa, e faço outra completamente diferente; mas, se enfrento o fato — o "desejar fazer a coisa" — não há contradição; e, por conseguinte, de um só golpe, elimino completamente a idéia do oposto, ficando então minha mente toda interessada em *o que é,* e na compreensão do que *é*.

Em geral, temos medo, numa ou noutra forma. Não nos interessa aquilo que tememos, não é disso que estamos tratando; o que nos interessa é o medo, *não* o medo da morte, o medo de minha mulher ou de meu marido, medo de perder o emprego, medo de mil e uma coisas. Estamos interessados no medo. Pode-se "viver com o fato", o medo, sem procurar fugir-lhe, sem criar o oposto e, dessa maneira, embotar a mente com o conflito? Temos capacidade para "viver com o medo" e essa capacidade vem com o tempo? A capacidade de enfrentar o medo depende de desenvolvimento, de tempo?

Eu tenho de enfrentar o fato, que é o temor. E quando enfrento o temor, elimino todo o conflito do oposto. O próprio ato de enfrentar o temor criará sua peculiar capacidade, sem que eu tenha necessidade de desenvolvê-la? Examinemos isso um pouquinho.

O medo é uma coisa extraordinária. Quase todos nós tememos uma ou outra coisa. O medo cria ilusões; faz-nos suspicazes, arrogantes; o medo leva-nos a buscar toda sorte de refúgios, todo gênero de estúpidas virtudes, moralidades. E eu desejo enfrentá-lo, e *não* fugir dele. Ora, que é esse "estar cônscio do fato"? O fato é o medo e estou cônscio dele; que significa esse percebimento? Toda escolha — não devo ter medo, isso não deveria ser, aquilo deveria ser, ou outra escolha qualquer — é negada no momento em que enfrento um fato. O percebimento é o estado em que enfrentamos o fato, estado em que não há escolha. Percebimento é aquele estado da mente que observa uma certa coisa sem condenação ou aceitação, que enfrenta simplesmente a coisa tal como é. Quando olhais uma flor não-botanicamente, vedes então a *totalidade* da flor; mas se vossa mente está toda ocupada de conhecimentos botânicos relativos à flor, não estais vendo a flor totalmente. Ainda que tenhais conhecimento da flor, se esse conhecimento vos ocupa todo o campo mental, nesse caso não estais olhando a flor totalmente.

Assim, olhar um fato é estar *cônscio*. Nesse percebimento não há escolha, não há condenação, gosto ou desgosto. Mas em geral somos incapazes disso, porque tradicionalmente, profissionalmente, de todas as maneiras, fomos educados para condenar, aprovar, justificar; eis, pois, o nosso *fundo* (*background*). Olhar para uma coisa sem esse *fundo* é enfrentar o fato. Mas, como não somos capazes de enfrentar o fato sem nosso *fundo*, é necessário estarmos cônscios desse *fundo*. Impende ficarmos cônscios de nosso condicionamento, o qual se nos revela quando observamos um fato; e como, então, o que nos interessa é observar o fato, e não o *fundo*, este último é eliminado. Quando estais interessado principalmente em compreender o fato e vedes que o *fundo* vos impede essa compreensão, então, esse vital interesse no fato elimina o *fundo*. Se estou todo interessado no medo, então não o condeno nem o justifico; há medo, e eu desejo examiná-lo; nenhum *fundo*, nenhuma combinação de idéias prejudicará esse exame, porque meu interesse é o de apenas compreender o medo.

Ora, que é o medo? Não nos interessam idéias e palavras; estamos tratando da vida, das coisas que se estão passando interna e externamente e que tornam necessária uma mente bem clara, penetrante, objetiva, para examiná-las. Não podemos ser sentimentais

nem emotivos a respeito dessas coisas. Para compreenderdes o medo, necessitais de clareza — não clareza a respeito de uma coisa que esperais obter, porém aquela clareza oriunda da compreensão de que o fato é infinitamente mais importante do que qualquer idéia. Assim, que é o medo, não o medo *de* alguma coisa? Existe isto — medo *per se,* por si só — ou está o medo sempre relacionado com alguma coisa? E existe o medo?

Consideremos, por exemplo, a morte. Vós podeis suprir vosso próprio exemplo. Há medo, se não há pensamento, isto é, se não há tempo? A maioria das pessoas temem a morte. Por mais que tenham conseguido racionalizá-la e quaisquer que sejam as suas crenças, nelas existe o medo à morte. Esse medo é causado pelo tempo — *pelo tempo, não* pela morte — sendo *tempo* o intervalo entre agora e o que vai suceder; eis o processo do pensamento, causador do medo ao desconhecido. E isso é medo ao desconhecido, ou medo de perder as coisas conhecidas? Tememos a morte. Não estamos discorrendo a respeito da morte, do que sucede após a morte; estamos falando sobre o temor, em relação com a morte. Pergunto: Esse temor é provocado por aquela coisa que desconheço? Obviamente, nada sei acerca da morte. Posso saber alguma coisa relativa a ela — mas não é este o ponto que me interessa agora. Posso investigar, descobrir toda a beleza, ou fealdade, ou o horror daquele extraordinário estado que deve ser a morte. Se houver tempo, poderemos apreciar isso mais adiante.

O medo que temos em relação à morte é causado pela morte, a qual significa "enfrentar o desconhecido"? Ou é causado pelas coisas que me serão tomadas? O medo é o de que estas coisas me sejam tomadas, de que o "eu" desapareça ou caia no esquecimento. Por essa razão, começo a proteger-me com todas as coisas que conheço, a "viver com elas" mais intensamente, a agarrar-me a elas muito mais fortemente, pois não desejo enfrentar o desconhecido. De que tenho medo? Não é de enfrentar o desconhecido, porém de enfrentar algo que me acontecerá quando eu for separado de todas as coisas que me são caras, que me são familiares; é disso que tenho medo, e não da morte. Que tenho eu, realmente, *não* teoricamente? Não sei se já vos fizestes uma pergunta fundamental a fim de descobrirdes o que sois. Não traduzais isso de acordo com o *Gita* ou um certo *guru* — o que seria absurdo.

Na realidade, que sois vós? Já o perguntastes e achastes resposta? Há alguma resposta? Se há resposta, não é nos termos do que já conheceis. Mas o que conheceis é passado, e o passado é tempo; e o tempo não é "vós". O "vós" está mudando. Não sei se estais seguindo bem isso. Se, para descobrirdes o que sois, perguntais "Que

sou eu?", provavelmente fazeis esta pergunta com a intenção de descobrir o "eu" que é estático. Por conseguinte, dizeis: "Sei que sou *isto*". Só podeis conhecer o que é estático; não podeis conhecer o que é vivo. Não sei se já pensastes nisso alguma vez. Podeis especular a respeito do que é vivo; podeis ter idéias sobre o que é vivo, e procurar juntar o que é vivo à idéia, ocasionando, assim, conflito. Mas, se dizeis "Desejo saber o que sou", fazeis esta pergunta a fim de descobrirdes por vós mesmo o "eu" estático, ou pode existir um "eu" que não seja estático? Não estou fazendo uma conferência filosófica. Quando faço aquela pergunta a fim de descobrir o que sou, esse "o que sou" está sempre no passado. O "eu" está sempre no passado. Só sou capaz de fazer a pergunta e de investigar algo que é estático. E através dessa coisa estática, morta — o passado — quero investigar o que sou; conseqüentemente, o medo nunca desaparece. Mas o medo desaparece no instante em que faço aquela pergunta e observo a mim mesmo continuamente, dirigindo minha atenção, não para o passado, porém para o que realmente está sucedendo — e isso *é o "eu" vivo*. Por conseguinte, a coisa viva nunca gera temor. Só produz medo a coisa passada ou a coisa que "deveria ser".

Consideremos o medo sob outro aspecto. Há a palavra, e há a coisa. A palavra "árvore" não é *a árvore*. Prossigamos de maneira bem simples. Tomemos apenas um símbolo: a palavra "árvore" não é a árvore real. Mas, para nós, a palavra é a árvore. Portanto, precisamos ver claramente que a palavra não é a coisa. Isso é importante quando se tem de examinar a questão do medo.

Ora, a palavra "medo" não é o estado real que se chama "medo". Este é uma emoção, um sentimento diferente, mas a palavra não o é. A coisa denominada "medo" não é a palavra e, entretanto, estamos enredados na palavra. Porque se tornou importante a palavra e não a coisa? Porque o símbolo, e não o fato, é uma idéia, e esta se torna mais relevante do que o fato, pois é fácil nos entretermos com idéias, mas não com fatos. Assim, somos escravos das palavras, tais como "Ser Supremo", "Deus". Se desejo descobrir se existe Deus, é claro que a palavra deve ser posta de lado, e com ela a autoridade de todos os santos e outros que tais. Tenho de destruir completamente a palavra; do contrário, nada poderei descobrir. O homem que diz que há Deus ou que não há Deus, o homem que está enredado em palavras, nunca descobrirá nada. Dessarte, para a compreensão do medo, devemos estar cônscios da palavra e de todo o seu conteúdo; quer dizer, a mente deve ficar livre das palavras. "Estar livre da palavra" é um estado extraordinário. Quando se está cônscio do símbolo — a palavra,

o nome — há o percebimento do fato numa dimensão diferente, se assim me posso expressar.

Pois bem, estou cônscio do fato, que é o medo, através da palavra, e seis por que se torna existente a palavra. Ela representa um meio de fuga, é tradição, é a base em que fui educado, para negar o medo e desenvolver a coragem — o oposto etc. — E, quando compreendo o inteiro alcance da palavra, há então um percebimento do fato de todo diferente. Nesse percebimento há medo?

Descobrir, isto é, conhecer a si mesmo, é o processo de libertar a mente de tudo, menos do fato; e isso faz parte da meditação. Se não compreendeis tudo o que o medo ou a ambição implica, e tentais meditar, tratando unicamente de repetir certas palavras fúteis, sem nenhuma significação, estais apenas criando uma ilusão; isso não é racional, são. Assim, o enfrentar o fato a todas as horas, sem nenhuma idéia, semelha o curso de um rio. No rio, a cidade despeja todas as coisas possíveis, substâncias químicas, as imundícies dos esgotos. Tudo vai para dentro do rio, na sua passagem. E, três milhas adiante, ele já se purificou; seu próprio movimento o purificou. Da mesma maneira, a mente se purifica, de contínuo, quando está enfrentando o fato, "vivendo com o fato" e nada mais. Portanto, não existe contradição, nem, por conseguinte, conflito de opostos. Se "vivo com a violência" e a compreendo inteiramente, que necessidade há de oposto? Assim como o rio está sempre a purificar-se, assim também eu o estou fazendo quando enfrento continuamente o fato. E, para se enfrentar o fato, necessita-se de extraordinária energia; gera-se essa energia quando não há conflito de opostos, quando nenhum esforço se faz para "vir a ser" algo.

Deste modo, a mente que está enfrentando um fato nenhuma disciplina tem, porque o próprio fato disciplina a mente — sem lhe impor tal disciplina. Não sei se percebeis isso, se percebeis a beleza desse "viver com os fatos", sem o qual não se pode ir longe; e nós precisamos ir bem longe — mais longe do que a Lua: penetrar o interior de nós mesmos. Não se pode ir muito longe, direto como uma flecha, se não há a base adequada. E a base adequada é o fato, *não* a idéia. A mente pode, então, voar sempre pelas alturas, livre da ilusão.

PERGUNTA: Quando olho um fato, meu condicionamento interfere. O condicionamento é também um fato. Que devo fazer?

KRISHNAMURTI: Vossa pergunta significa que, quando estais olhando para um fato, vosso *fundo* — vosso condicionamento, vosso hinduísmo, vosso cristianismo, vossa formação científica, vossa educação

— interfere; e, assim, o fato para vós é o próprio *fundo*, e não aquele fato que quereis compreender. Quereis compreender a ambição. Sois ambicioso e isso é um fato. Desejais olhar esse fato; mas o vosso fundo *inteiro* — vossa educação, vossa sociedade, vosso meio cultural — diz: Que aconteceria, se não fôsseis ambicioso? — Assim, a um lado, temos o fato de que sois ambicioso; e a outro lado, o fato representado por vossa tradição, vosso condicionamento. Ora, o conflito é entre esses dois fatos. O fato A é uma realidade e o fato B — vosso condicionamento — também é uma realidade. Mas, se desejais compreender A, precisais compreender B, naturalmente; e, assim, toda a vossa atenção se aplica a B e não a A.

Como compreender o *fundo*? Esta é realmente uma questão muito complexa, porquanto envolve não só a mente consciente, moderna, educada — aquela que se tornou mente de funcionário, mente de governador, de burocrata, de capitalista, etc. — mas também a mente que é inconsciente, a mente oculta, profunda. As duas juntas constituem a *mente condicionada*, que representa o passado. O que nos interessa é B e não A; e para compreendermos B, temos de examinar toda a questão da consciência. A consciência não é algo que se descobre nos livros, porque o que se acha nos livros são puras idéias. Alguém diz que "tal coisa" é "assim", alguém faz certas asserções. A idéia desse alguém pode representar uma experiência própria e real, mas, quando a põe por escrito, já é uma idéia; e, se seguis essa idéia ou obedeceis a essa idéia, impedis a vós mesmo de descobrir o vosso próprio estado de consciência. Assim, deveis descobrir o que sois, o que é vossa consciência, não de acordo com outrem, porém *realmente*. Eu vou fazê-lo, mas não para ficardes ouvindo minhas idéias; nós vamos examinar juntos, eu verbalmente, e vós *realmente*. Vou empregar palavras, mas a palavra não é a coisa. E "a coisa" é que deveis enfrentar o fato — o fato de vossa própria consciência, não da de Sankhara, de Buda, de mim, ou de outrem, que nenhum valor têm. Se está claro, comecemos nosso exame.

PERGUNTA: O que sou acha-se sempre no passado; por que não no presente?

KRISHNAMURTI: Vou responder com exatidão a vossa pergunta, contanto que tenhais a bondade de acompanhar o que digo. Estamos ocupados com nossos próprios problemas. Acompanhai o que digo, e vossa pergunta será respondida.

Estamos estudando a vida. Há a consciência, e que é isso? Prestai atenção à vossa própria mente em funcionamento — e não à minha.

Vemos claramente que há certos níveis de nossa consciência que constituem a mente moderna, educada, a mente que está envolvida no conhecimento, na especialização, na técnica, na compreensão de como viver neste mundo, exercer um emprego, fazer negócios, com todas as respectivas manobras, corrupção, velhacaria — esse é um nível. E tendes de fazer tudo isso, porque, do contrário, não podeis viver. Em seguida, abaixo daquele, encontra-se outro nível. Em primeiro lugar, não há separação entre o consciente e o inconsciente; nós os separamos só por conveniência. Na realidade, não existe essa divisão; há uma contínua reciprocidade entre o consciente e o inconsciente.

O inconsciente e o consciente estão recebendo inumeráveis experiências a todas as horas. Mas um segmento da mente que diz "preciso ser educado" educou a si próprio a fim de viver no mundo atual, no tempo atual. Há outras partes da mente, outras partes da consciência, que são o resultado de nossa raça — nossas tradições, as coisas que devem ser feitas e as coisas que não devem ser feitas, as idéias, as coisas que nos ensinaram; tudo isso é o passado, oculto no inconsciente. Estais escutando minhas palavras, mas, de fato, estais vendo o que se passa em vós mesmo. O inconsciente é o mecanismo do hábito; é lá que estão armazenadas todas as nossas experiências — experiências da raça, do homem; as experiências do hinduísta, do budista, do católico, ou de quem mais seja; as experiências que se foram acumulando e que se acham profundamente ocultas; os temores, que não posso agora examinar com minúcia, pois levaria muito tempo.

Existe essa consciência. E, quando há um passado, ele tem fronteiras, tem uma estrutura, e lá se encontra tudo o que acabamos de descrever. Todo esse *fundo* vos impede de olhar um fato. Cumpre-nos, portanto, examinar esse fundo e dissolvê-lo. Isso é possível? Certos psicólogos que se consideram ateístas dizem que ele não pode de modo nenhum ser dissolvido; e aqueles que pensam que Deus existe acham igualmente que ele não pode ser dissipado: o que se pode fazer é, tão só, adornar *o fundo,* proporcionar-lhe mais educação, a fim de modificá-lo, controlá-lo, moldá-lo. Como pode uma pessoa livrar-se do passado — que são todas as experiências de ontem a influenciá-lo hoje e, assim, obviamente, condicionando o amanhã? Tive ontem uma experiência, fui insultado ou elogiado, e essa experiência condiciona-me o pensar de agora; e quando amanhã eu me encontrar convosco, ela estará moldando o meu conceito sobre vós. Dessarte, como estamos vendo, o passado se serve do presente para se tornar *futuro.*

Ora, para compreender o fato, devo olhá-lo sem aquele *fundo,* é claro. Isso é possível? E o fato não permanece estático: ele se move, é vivo. Para o compreender, tenho de acompanhar-lhe o movimento; minha mente tem de ser tão rápida, tão ágil, tão sensível como o fato. E a mente não pode ser assim quando tem um *fundo,* quando está condicionada. Prestai atenção, por favor. O *fundo* deve ser amputado, imediatamente, para que possamos acompanhar o fato. Portanto, não há tempo para se investigar o fundo.

INTERPELANTE: Só há mais uma pequena dificuldade no meio disso — isto é, algo que se interpõe entre o *fundo* e o fato: uma tendência.

KRISHNAMURTI: Não há dúvida.

INTERPELANTE: Ela se apresenta nesse momento numa nova dimensão que tomou um pouco do colorido do fato, porquanto está em contato com o *fundo.*

KRISHNAMURTI: Consideremos essas idéias. Dizeis que o fundo, em relação com o fato, produz uma tendência. Fiquemos aí.

INTERPELANTE: O *fundo* é muito rico, muito variado, em virtude do contato do fato com ele.

KRISHNAMURTI: Não entendo bem. O que estais dizendo é isto não é? — que o fundo tem uma história imensa; o fundo é a história da humanidade, não só da humanidade da Índia, mas de toda a humanidade, de que a Índia é uma parte; o *fundo* indiano é "modificado", mas contém o *fundo* da humanidade. Dizeis que, se se apagar aquela longa história, nenhum fato mais resta. Há aquela história imensa, a qual dá colorido ao fato; sem ele, o fato é estéril. É isso que quereis dizer? Consideremo-lo.

Conforme entendo, uma parte da pergunta é esta: O *fundo* é nossa história; o fundo é toda a mitologia, todas as experiências da humanidade; esse fundo é muito rico e, pelo fato de ser bem rico, é desonesto, como todo homem rico é desonesto; e essa riqueza, ainda que só levemente pervertida, desfigura o fato.

Eu não nego que o fundo seja rico. Por certo, o fundo é muito rico; e, porque é rico, necessariamente desfigura. Temos dez mil anos de *Gita,* ou mais — não importam datas — e ele condicionou vossa mente, vosso pensar, vossa crença na disciplina. Alguém, talvez algum *guru,* vos disse que deveis disciplinar-vos; e milhões de indivíduos têm

disciplinado a si próprios, e isso deixou para trás uma imensa história. Mas outro indivíduo, como eu, chega e diz: "Vede, a disciplina não é necessária. 'Vivei com o fato', e o fato criará disciplina, não tereis necessidade de disciplinar-vos." O olhar o fato elimina a contradição, ou seja, o conflito e, por conseguinte, a dualidade. Assim sendo, diz ele: "Olhai o fato". Mas vós dizeis que isso é impossível. Sankhara, Buda, vosso *guru*, o *Gita*, todos dizem: disciplina, disciplina, disciplina.

Conseqüentemente, não olhais os fatos nem escutais o que outro diz. Mas é necessário observar o fundo, para ver se é verdadeiro ou falso. Se é falso, amputai-o com um bisturi, não fiqueis ligado a ele por nenhum vínculo, eliminai-o, para verdes o fato *como é*. Mas não podeis ver o fato *como é*, se continuais com vosso *fundo*, com vossa disciplina. Isso é perfeitamente claro.

Vossa mente é o resultado de mil anos, mais, de um milhão de anos. Não estou falando de reencarnação. Sendo a mente o resultado da vida humana sobre a Terra, tem ela um enorme passado de experiência, e não é possível eliminá-la; mas essa mente não deve interferir no descobrimento do verdadeiro, pois nenhuma relação tem com o que então se descobre. Há o conhecimento científico. Seria absurdo banir toda essa soma de conhecimentos; porém, o cientista que deseja descobrir algo novo não pode fazê-lo com sua carga de conhecimentos. Sabe que os conhecimentos continuam existentes, entretanto, deles está livre para investigar. Isso é tão simples. Não sei se estais percebendo.

Da mesma maneira, se desejais investigar o processo total do medo, tendes de eliminar tudo o que adquiristes, para poderdes então investigar, descobrir; pois vossas aquisições, evidentemente, não resolveram o problema do medo, e continuais a temer.

PERGUNTA: O fato é diferente da "interferência"? (i.e., da parte da mente que interfere?)

KRISHNAMURTI: Indaga essa senhora se o fato difere da "interferência". Ora, pensai, para vos esclarecerdes a esse respeito. Eu não sou o oráculo de Delfos.

O fato é diferente da "interferência"? Não está tudo na mesma esfera, no mesmo terreno? O fato não faz parte da mente? Eu sou ciumento — isso faz parte de minha mente. E outra parte da mente diz: "Não sejas ciumento, sê virtuoso (ou o que quer que seja). Ciúme é ódio; portanto, deves amar; por conseguinte, eliminai o ciúme". Compreendeis? Eu sou ciumento, e a parte que interfere diz

que não devo ser ciumento. Ora, ambas as partes estão no mesmo campo, não? O fato não está fora do campo mental. Está no campo da mente, assim como "a parte que interfere" está também no campo da mente. Mas conosco acontece que as "interferências" se tornaram extremamente fortes e importantes, e ofuscam o fato. Temos atribuído maior importância às "interferências" do que ao fato.

Ora, é possível não permitir "interferência" de espécie alguma? Eu digo ser possível, mas é necessário compreender primeiro, inteiramente, a questão da "interferência". Eis a questão. Temos *o fato, a interferência,* e *o esforço* para compreender a "interferência". Ora, o fato, a "interferência", e o impulso para compreender a "interferência" a fim de enfrentar o fato, só surgem quando desejo enfrentar o fato. Se permito que as "interferências" atuem continuamente — como realmente faço — não há então fato nenhum e estou "vivendo com as interferências".

Mas eu disse: Enfrentai o fato, não deixeis as "interferências" atuarem; mantende-vos cônscios delas! — Temos, assim, três problemas: o fato, a "interferência" e o "estar cônscio da interferência". Todos três se acham na mesma esfera. Não estão separados em compartimentos estanques; estão todos na mesma esfera e no mesmo terreno. Observai isso. Segui-o atentamente. Experimentai-o. Mantende-vos totalmente cônscios de tudo isso, cônscios do fato, cônscios da "interferência", e cônscios de que não há compreensão do fato, se há "interferência". Mantende-vos totalmente cônscios de tudo isso, cônscios de seu significado; podereis, assim, apreender o significado de todas as três coisas, porque nesse percebimento total nenhuma separação existe. Como já expliquei, havendo atenção, não há distração. Só na concentração existe distração, porquanto *concentração é exclusão.* Estar totalmente cônscio dessas três coisas é atentar nelas, sem linhas demarcadoras.

Assim, que acontece psicologicamente, que se passa, ao estardes cônscio das três coisas como um todo, ao haver percebimento da *totalidade*: o fato, a "interferência" e a compreensão da "interferência"?

Pergunta: O medo é coisa inata ou adquirida?

Krishnamurti: Quando se vos depara uma serpente, dais um salto. Esse é um medo natural, autoprotetório; sem ele, vos deixaríeis atropelar por um automóvel ou ônibus, matar por uma serpente. Mas todos os outros temores representam desejos psicológicos não naturais, desejos de segurança, etc. Se estais inteiramente cônscio do fato e das

"interferências", compreendendo-as todas e também o desejo de compreendê-las — se vos manterdes totalmente cônscio de tudo isso, dispensando-lhe inteira atenção, que acontece? Existe então o fato, perdura então o fato de terdes medo? Mas, seria absurdo se vos limitásseis a aceitar minha palavra.

Chegamos até aqui por meio de indagações. Se só eu estive indagando e vós ficastes apenas esperando o resultado, este nenhum valor terá. É a mesma coisa que alimentar um homem faminto com palavras; ele continua faminto. Mas, se seguistes minhas palavras *interiormente*, deveis forçosamente ter chegado a esta posição em que percebeis um fato, uma interferência, e o impulso para compreender a interferência, e o impulso para compreender a interferência, a fim de completar o fato. Quando estais totalmente cônscios de todas essas três coisas e de seu significado, e não tratais meramente de concentrar-vos no fato, ou na interferência, ou na compreensão da interferência, existe então o fato? Existe então ciúme, inveja? Eu digo que não. Obviamente, foram eliminadas todas as formas de ciúme e de inveja.

Ora, senhores, isso é que é a verdadeira meditação. Se o fato não deixar de existir — se o ciúme, a inveja, não deixarem de existir completamente — como será possível ir longe? Como será possível descobrir algo que se acha além do tempo? Isso vós mesmos tendes de averiguar, e não por meio de Sankara, Buda, ou outro qualquer, pois não tem sentido apoiar-nos em alguém. Se desejais saber se há ou não há "aquilo que está fora do tempo", tendes de fazê-lo por essa maneira. Deveis ficar totalmente livre do medo; e, para poderdes ficar completamente livre dele, cumpre-vos enfrentar o fato — o fato de que temeis, o fato, também, de que estais condicionado e que vosso condicionamento, por sua vez, "interfere" no fato, e, ainda, o impulso para ficar livre do *fundo*, a fim de compreender o fato. Estar totalmente cônscio de tudo isso é o começo da meditação — e *não* ficar sentado à margem do Ganges a repetir palavras ocas, e todos os demais absurdos que se praticam com o nome de "meditação". Tendes de lançar a base correta. Do contrário, vosso edifício vacilará, não terá significação nem permanecerá de pé.

O que nesta tarde fizemos foi uma investigação de nós mesmos, sem pressuposições de qualquer natureza; investigação em que não se diz que "tal coisa" é permanente ou impermanente, pois tudo isso precisa ser varrido da mente. Assim, começareis a compreender-vos.

O autoconhecimento, pois, é o começo da meditação. E podeis continuar penetrando infinitamente nessa coisa maravilhosa que se

chama "meditação", se tendes a base adequada; do contrário, vereis a vós mesmo como que perdido numa floresta, emaranhado em sensações, visões e toda espécie de coisas absurdas, sem nenhuma validade para o homem que investiga. Se chegardes até aí, percebereis que estais acompanhando o movimento do fato e, por conseguinte, fazendo-o terminar a cada instante. A mente se torna assim extraordinariamente flexível, extremamente sensível. Esta é a base indispensável da meditação.

Vereis, então, se tiverdes penetrado devidamente, que vossa mente ou cérebro se tornará sensível em alto grau e, por conseguinte, sereno. O cérebro sensível está tranqüilo, semelha um instrumento delicado — quieto, sensível. Necessitais de um cérebro completamente quieto, livre de controle, porque, no momento em que o controlais, está perdida a sensibilidade. Só quando o cérebro se acha em total placidez, livre de influências, de atritos, de disciplina, de controle (não se pode adquirir mediante esforço um cérebro tranqüilo; pensar em tal possibilidade é falta de madureza, extremamente vão e sem significado), só então se pode descobrir se há, ou não, um movimento além dele. Há um movimento "além dele", e esse movimento é criação, é Deus, ou como quiserdes chamá-lo. Esse movimento é que se faz necessário no mundo atual, porquanto estamos convertidos em máquinas — máquinas científicas ou tecnológicas ou especializadas. Pensais que um cérebro mecânico será capaz de descobrir alguma coisa?

INTERPELANTE: É-me difícil separar a palavra da coisa e considerá-las como diferentes uma da outra.

KRISHNAMURTI: No dizer deste cavalheiro, lhe é bem difícil distinguir entre a palavra e a coisa.

Por que difícil? A porta que vedes é a mesma coisa que a palavra "porta"? Esta palavra não difere da própria coisa? Diz o referido senhor que nunca pôde esquecer a palavra, que esta jamais está ausente, porém sempre presente. À maioria das pessoas acontece o mesmo. A palavra está presente, e a coisa ausente. Psicologicamente, a palavra se torna de suma importância, porque representa um meio de fuga ao fato.

Considere-se a palavra "inveja". A palavra não é a coisa; mas a palavra "inveja" muito nos importa. Psicologicamente, interiormente, não sabemos o que fazer com a inveja. Ela é respeitável. Toda a nossa estrutura social baseia-se na inveja, nossa educação, desde a meninice até qualquer idade que alcancemos, alicerça-se igualmente

na inveja, e a inveja é o símbolo da posição, da autoridade. Psicologicamente, queremos que assim seja; e o símbolo se tornou respeitável, consagrado. Ele significa bom êxito, posição, poder, etc.; assim, evitamos a *inveja*, e ficamos adorando o símbolo, a palavra.

INTERPELANTE: Em regra, não sabemos que somos invejosos. Só vimos a sabê-lo numa fase mais adiantada.

KRISHNAMURTI: Segundo esse cavalheiro, a inveja tem duas fases. Numa delas, a pessoa não está cônscia da inveja; acha-se como que esquecida de haver inveja; não sabe que é invejosa; se continuar a viver nesse estado, ele a levará infalivelmente à insanidade mental, à doença. Se a pessoa está *cônscia* da inveja, há então inveja? Se não está consciente de ser invejosa, a inveja é então sua força motora e a levará, por fim, à insanidade mental. Mas, quando uma pessoa se torna cônscia da inveja, todo o mecanismo do pensamento se põe em movimento, e o mecanismo do pensamento é verbal. O pensamento é a estrutura da palavra. Assim, para aquele que deseja olhar a coisa sem a palavra, pensamentos e palavras constituem apenas explicações. As explicações não podem satisfazer um homem que tem fome. O homem com fome diz: "Dai-me comida!"

Se o homem não está cônscio de sua inveja, ela gera doença. Ao percebê-la, começa a verbalizar, a construir uma estrutura de palavras, a qual se torna pensamento oposto ao fato. Só quando há perfeito percebimento de tudo, sem nenhum pensamento surgir na mente, a inveja deixa de existir.

PERGUNTA: Que pretendeis ao dizer que não há Deus?

KRISHNAMURTI: Eu nunca disse que não há Deus. Tenho dito muito claramente: Para descobrir se há ou não há Deus, é necessário abolir, apagar da mente todo e qualquer conceito relativo a Deus. Para descobrirdes se há ou não há Deus, precisais apagar da mente todas as "informações" que tendes a respeito de Deus. As pessoas que vos deram tais "informações" podem estar muito enganadas; tendes de descobrir tudo por vós mesmo. E para o descobrirdes por vós mesmo, deveis livrar-vos de todas as autoridades, compreender a estrutura total, a anatomia da autoridade — seja a autoridade do policial, do governo, do *guru*, seja a autoridade de vossos próprios desejos; cada uma delas tem seu papel especial.

Se não há compreensão de tudo isso, a mera busca daquilo que chamais Deus nada significa. Deus é algo extraordinário não imagi-

nável por nenhuma espécie de crença. Vós tendes de descobri-lo. Eu não afirmo que *há* nem que *não há*. Para descobrirdes, deveis primeiramente estar livre. Londres existe; isso é um fato, um fato físico. O mesmo se pode dizer de um fato físico observável por meio de um microscópio. Vós credes em Deus porque fostes criado nessa crença. O comunista não crê em Deus; diz que só existem fenômenos físicos, todos explicáveis.

10 de janeiro de 1962.

O PROCESSO DO PENSAMENTO

(VARANASI — VI)

COMO só teremos mais duas palestras — a de hoje e a do próximo domingo — e havendo tantos assuntos para considerar, seria interessante investigarmos o problema do ócio, do lazer. O ócio gera em quase todos nós descontentamento e, por isso, ocupamo-nos com tantas coisas, a fim de mantermos nossa mente em atividade. Experimentamos diferentes atividades, e aquelas que nos parecem prometer êxito, lucro, satisfações, nessas nos estabilizamos. Passamos o resto da vida trabalhando em prol da causa ou da coisa a que nos consagramos; e achamos, assim, uma maneira de ocupar nossos dias, nossos pensamentos e nossos sentimentos. Eu considero o ócio muito importante — aquele período em que nada temos para fazer, aquele momento em que não existe nenhum pensamento, nenhuma ocupação, em que a mente não está dormindo, mas, sim, muito desperta.

Em geral dispomos de poucas folgas, pois passamos nossos dias muito ocupados — ganhando e perdendo, exercendo nosso emprego, comparecendo a reuniões, ao clube, procurando distrações, diversões; ou damos para ler e, se somos desses homens de "inclinações religiosas", dedicamo-nos à leitura dos livros considerados sagrados. Dessarte, passamos os dias e a vida inteira entregues a nossas ocupações; não há uma parte da mente que esteja "de folga", quieta; não há uma parte de nosso ser livre para compreender totalmente os trabalhos, as atividades, as coisas que temos de fazer. Entretanto, dentro desse todo se encontra um certo repouso, uma certa tranqüilidade, uma qualidade que permanece íntegra, uma qualidade que se purifica continuamente — assim como um rio que, por sua própria atividade, seu próprio movimento, se conserva límpido, "intato", não corrompido.

Permiti-me salientar que esta não é uma palestra intelectual ou verbal, uma exposição de idéias. Aqui estamos reunidos, suponho,

com o fim de nos investigarmos *realmente*, de abrir "a porta de acesso a nós mesmos" e descobrir o que é verdadeiro e o que é falso. E, talvez, pelo simples escutar de minhas palavras, possais ver claramente, por vós mesmos, o verdadeiro processo da mente, as tendências de vosso próprio pensar e os "hábitos" de vossos sentimentos.

A maioria de nós se sente descontente. Para quase todos nós, o descontentamento é uma tortura. Tentamos *isto* e *aquilo* e estamos sempre desejosos de dedicar-nos a uma dada norma de ação. E nossa ação, de modo invariável — se somos intelectualmente sensíveis — se dirige ou para os trabalhos sociais, visando à melhoria da sociedade, ou para a chamada religião, à margem da vida.

Nesse processo, nesse "peregrinar" de nossa ação, encontramos alguma atividade que nos parece perfeitamente satisfatória e nela nos instalamos. Mas a vida não nos deixa em sossego. Sempre encontramos alguém que diz algo que destoa do padrão. E assim, de novo descontentes, nos pomos em movimento, à procura de alguma coisa; estamos sempre evitando o lazer, o momento de completa desocupação. Estando a mente deveras tranqüila, não torturada por problemas, não ocupada com eles a todas as horas, talvez então, dessa placidez, possa nascer uma certa e diferente qualidade.

Nesta tarde, desejo investigar aquela qualidade da mente que tem lazeres e não se acha comprometida com coisa nenhuma; da mente capaz de ver, de atuar e, ao mesmo tempo, permanecer pura, não contaminada. Desejo, pois, se mo permitis, investigar aquela qualidade — mas *não* a maneira de adquiri-la. Desde já nos deve ficar bem claro que uma mente daquela qualidade não é encontrável por nenhum método, nenhum sistema, nenhum trabalho, nenhum sacrifício, nenhuma virtude. Tal é a beleza daquela mente. Mas, para compreendê-la, para que ela possa surgir na existência, temos de investigar o processo do pensamento, investigar o que é o pensar — não por ser ele causador de sofrimento, por ser complexo, por criar problemas — que de fato cria.

Acho necessário compreender todo o mecanismo do pensamento, porque, se não o compreendermos, haverá inevitavelmente irracionalidade, pensar desequilibrado — e isso, naturalmente, não é uma maneira saudável de pensar. Precisamos de uma razão clara, de pensamento lógico, preciso. Necessitamos de profunda compreensão de como funciona o mecanismo do pensamento. Porque a mente, o cérebro que é incapaz de — verdadeiramente, desapaixonada e objetivamente — olhar, observar, sentir, perceber, com perfeito equilíbrio, de maneira sã, não pode evidentemente ir muito longe. Deste modo,

cumpre-nos descobrir o que é pensar e, ao mesmo tempo, descobrir a contradição existente entre o pensador e o pensamento. Enquanto existe essa contradição, é inevitável o esforço e, por conseguinte, o conflito.

Devemos, pois, compreender todo o processo do pensar. Como sabeis, nós temos uma longa história, um longo passado, um tesouro imenso, acumulado não só pela mente individual, mas também pela mente coletiva. Eu duvido que haja mente individual. Provavelmente ela não existe. Até que seja libertada, a mente é só coletiva. Mas a mente promana do tempo; o cérebro, com suas admiráveis aptidões, deriva do tempo, de muitos milhares de dias passados. Biologicamente, creio que a parte posterior do cérebro é o resultado de todos os instintos animais, ainda conservados, enquanto a parte anterior ainda está por desenvolver. Mas, para nós, o passado é o fundo *de onde* pensamos; o passado é a experiência, o conhecimento, inumeráveis incidentes e influências que se foram armazenando. A cultura, a civilização em que fomos educados — tudo isso é o passado. E, com base nesse passado, pensamos; ele constitui o nosso *fundo;* ele é que dá o "tom", a qualidade do pensamento. Toda pergunta e todo "desafio" são respondidos pelo passado.

O pensamento é realmente — se o examinamos, se o observamos — reação da memória; e, sem memória, não há pensamento, não há pensar. O que quer que nos seja perguntado, qualquer que seja o desafio que se nos apresente, e qualquer que seja a nossa reação a ele — tudo provém do "registro", é reação do passado, da memória, de todas as experiências acumuladas. Esse passado tem sempre um *centro,* de onde pensamos; e esse centro se torna da maior relevância em nossa vida; torna-se proveitoso, garante-nos segurança. Com base nele, pensamos, agimos. Tal centro é mais ou menos estático; embora seus "desafios" difiram na forma, embora lhe sejam acrescentadas e subtraídas coisas, ele subsiste sempre. Esse centro se tornou importante para cada um de nós. Pode ele ser a família; faculta-nos conforto, prazer, é o objeto em torno do qual tantas coisas temos reunido para nossa proteção. Há, pois, a existência desse centro, criado pelo pensamento — o mecanismo do passado. Enquanto não compreendemos o pensamento e o pensador, tem de haver dualidade, tem de haver conflito; e todo conflito consome energia, deteriora a qualidade da mente.

Assim, quem deseja realmente compreender esse processo de acumular energia deve, por certo, compreender de todo essa divisão entre o pensador e o pensamento, e o conflito existente entre os dois.

Nós temos um *centro;* e esse centro é criado pelo pensamento, constitui ele nosso *fundo.* Este fundo é bem amplo e "histórico", e contém também uma grande quantidade de mitologia e valores morais da sociedade. Por mais amplo que seja este fundo, nele há sempre um centro, o "eu", muito mais importante do que a história. Esse "eu", esse "ego" é criado pelo pensamento, porquanto, se não há pensar, não pode haver nenhum "eu". Não é uma entidade sobrenatural que suscita o "eu"; ele é gerado pelos incidentes de cada dia, por cada acidente, cada experiência, por inumeráveis asserções e negações e buscas.

É possível eliminar o conflito entre o censor e a coisa censurada? Eis uma pergunta realmente importante para fazerdes a vós mesmo, porque com ela se elimina todo o conflito, toda a contradição. A mente em contradição, em conflito, está-se desperdiçando, deteriorando; todo problema a que damos tempo deteriora a mente, pois qualquer problema tem de ser resolvido imediatamente, instantaneamente. E o problema a que nos referimos é importantíssimo, porquanto se trata do centro de onde emanam todos os problemas.

É possível não termos *centro* algum? Não traduzais isso em vossa linguagem própria, ou tirada do *Gita* ou de outro livro; esquecei tudo isso e considerai a questão. Não a interpreteis em vossa linguagem peculiar — porque, assim, perdeis a vitalidade da percepção.

É possível pensar, sentir, agir, fazer tudo o que fazemos, sem aquele *centro*? As coisas que fazemos, e a angústia, o caos, a confusão, o sofrimento, o extremo desespero em que nos debatemos, existirão se nenhum centro existir, se nenhuma entidade existir, assumindo obrigações e atuando sob o ditado de uma coisa que se tornou mero feixe de lembranças e que assumiu desmedida importância? Por certo, só há pensar, e não há nenhum *centro* que pensa. Mas o pensamento, por várias razões, criou o *centro.* Uma delas é que o pensamento é inseguro, incerto; e o pensamento pode ser modificado, não tem segurança, não tem pouso, está sujeito a alterar-se, dia por dia. O homem, porém, está sempre em busca de um abrigo seguro, onde não seja perturbado em circunstância alguma; e, assim, gradualmente, o centro se torna psicologicamente muito importante, pois nele encontramos segurança.

Existe de fato segurança em alguma coisa — na família, no emprego, no que pensamos, no que sentimos? Há segurança, há alguma espécie de permanência? Entretanto, o pensamento busca a permanência em todas as coisas, e a busca de permanência é que produz o *centro.* Ouvi isso, apenas, pois nada podeis fazer. Não pergunteis: "Como poderei livrar-me do centro?" — pois esta é uma

pergunta prematura e sem qualquer significação; mas, se observardes, se virdes simplesmente, se perceberdes os efeitos, então talvez se vos abra um *novo* caminho.

O pensamento, pois, é reação da memória, da experiência, do passado; constitui ele nossa mente, nossa consciência; e, nessa consciência, existe dor, alegria, sofrimento, lá estão as coisas que desejamos fazer, melhorar, modificar — tudo parte de lá. E, quando uma pessoa se sente insatisfeita com tudo, a menos que seja completamente infantil, acaba encontrando alguma satisfação estúpida, aí se instalando para o resto da vida; ou, por estar descontente, insatisfeita, deseja dedicar-se a um dado movimento. E, depois de iniciar as atividades nesse campo, verifica que não é bom o que está fazendo; e assim continua, passando de uma coisa para outra, sempre em perseguição de algo.

Para nós, a idéia e não a ação se tornou de suma importância, sendo a ação mero ajustamento à idéia. É possível agir sem idéia e, portanto, sem nenhum ajustamento, em tempo algum? Isso significa, com efeito, que devemos examinar a questão de porque a idéia tomou o lugar da ação. Muito se fala de ação, muito se pergunta: "Que é correto fazer?" O que é correto fazer não é uma idéia divorciada da ação, porque nesse caso a ação se torna ajustamento à idéia e, por conseguinte, a idéia continua sendo importante, e não a ação. Assim, como podereis atuar tão completamente, tão totalmente, que não haja ajustamento nenhum, que vivais plenamente a todas as horas? Não tem então a pessoa nenhuma necessidade de idéias, de conceitos, de fórmulas, de métodos. Não existe então o tempo, porém só ação. Só surge o tempo quando há ajustamento entre a ação e a idéia.

Isso poderá parecer extravagante e absurdo. Mas, se já examinastes bem a questão do pensamento, a questão da idéia (e visto que não podeis viver sem ação), deveis perguntar: "É possível viver sem a idéia, sem a palavra, porém somente com a ação?" Só depois de compreendido o mecanismo do pensamento, pode haver ação que não seja ajustamento. Sem dúvida, se pensardes nisso, vós mesmo, vereis que coisa extraordinária é.

Nós separamos a ação, o conhecimento e o amor, e os mantemos apartados; cada uma dessas coisas tem o seu impulso próprio, sua intensidade própria, sua própria força, e cada uma está em contradição com as outras. Assim é nossa existência diária, nossa vida. Perceber o significado dessas atividades separadas que, na realidade, pertencem à ordem das idéias e não dos fatos, e descobrir individualmente (quer dizer, não aprendê-lo de outrem nem de livro algum, mas descobrir por si mesmo o estado de ação sem idéia, o qual significa "fazer cada

coisa totalmente"), isso só é possível quando há amor, afeição. O pensamento cria todas as divisões existentes na vida — amor divino, amor humano, etc.

O completo lazer da mente, resultante da compreensão, da observação — essa qualidade não é quietude, percepção do silêncio? Para mim, todo esse processo de auto-investigação é meditação. Meditação não é repetir palavras e fórmulas, não é uma pessoa hipnotizar-se para entrar em estados fantásticos, de toda espécie. Quem toma ópio ou um sedativo qualquer pode ter visões maravilhosas, mas isso não é meditação.

A meditação é, em verdade, esse processo de auto-investigação. Se vós mesmo a aprofundardes bem, não deixareis de atingir aquele estado em que é possível pensar sem o *centro,* ver sem o *centro*; atuar *totalmente,* sem idéia nem ajustamento; amar sem o *centro* e, por conseguinte, sem pensamento e sentimento. E depois de passardes por esse estado, descobrireis por vós mesmo uma mente inteiramente livre, sem limites, sem fronteiras; uma mente desimpedida, sem temor, não oriunda de nenhuma disciplina. Alcançado esse ponto, começamos a perceber, melhor, a mente começa a observar diretamente o próprio mecanismo do pensamento, verificando-se, assim, uma alteração completa daquela qualidade que é tempo, que é ontem, hoje e amanhã, de modo que a ação já não se relaciona com ontem, hoje e o dia imediato. Essa ação nenhum *motivo* tem, pois todo motivo está enraizado no passado, e qualquer ação nascida de *motivo* é sempre ajustamento.

Meditação, pois, é o perceber total de cada movimento do pensamento, e jamais negação dele; quer dizer, é deixar cada pensamento "florescer" livremente: pois só em liberdade pode o pensamento "florescer" e terminar. Assim, com esse trabalho (se isso se pode chamar "trabalho") ou, melhor, com essa observação, a mente tudo compreendeu. Está então quieta, sabe o que realmente significa "estar quieta", estar verdadeiramente tranqüila. E, nessa tranqüilidade, existem várias outras formas de movimento que, para quem nunca refletiu a esse respeito, só verbalmente se podem descrever.

PERGUNTA: Após um dia de intenso trabalho, a mente se torna cansada. Que se deve fazer?

KRISHNAMURTI: A pergunta é esta: Após um dia de trabalho, cheio de ocupações, vê-se que o pouco tempo disponível é todo ocupado; a mente está cansada; que se deve fazer?

Vede, nossa estrutura social está totalmente errada; nossa educação é absurda; essa chamada educação nada mais é senão repetir, "memorizar", encher-se de conhecimentos. Como pode uma mente que lutou o dia todo, atuando como cientista, especialista, etc., que durante treze horas andou tão ocupada com isto ou com aquilo, como pode essa mente encontrar um lazer fecundo? Não pode. Como podeis vós, após quarenta ou cinqüenta anos que passastes como cientista, burocrata, médico ou o que quer que seja (não estou dizendo que essas profissões não sejam necessárias), passar os próximos dez anos com vossa mente não condicionada, não incapacitada? A questão, pois, é realmente esta: É possível uma pessoa exercer um emprego, ser engenheiro, especialista em fertilizantes, ser um bom educador e, ao mesmo tempo, em todo o decorrer do dia, em cada minuto, manter a mente sobremodo penetrante, sensível, viva? Eis o verdadeiro problema, e não como ter tranqüilidade no fim do dia. Vós vos dedicais à engenharia ou a outra especialidade; não podeis evitá-lo; a sociedade vo-lo exige, e vós tendes de trabalhar. É possível, em vosso trabalho, não vos deixardes colher na rodagem dessa coisa monstruosa que se chama sociedade? Eu não posso dar-vos a resposta. Digo ser isso possível, não teoricamente, porém realmente. Mas só é possível quando nenhum *centro* existe; foi por isso que vos falei a respeito do *centro*. Considerai um especialista em otorrinolaringologia que clinicou durante cinqüenta anos. Qual é o céu desse médico? Naturalmente, é ouvido, nariz e garganta. Mas é possível ser-se um médico de primeira ordem e, ao mesmo tempo, funcionar, observar, estar cônscio de tudo, de todo o processo do pensamento? Por certo, isso é possível, mas requer extraordinária energia. E essa energia é desperdiçada em conflitos, esforços; desperdiçais essa energia se sois vaidoso, ambicioso, invejoso.

Ao pensarmos em energia, esse termo nos sugere a idéia de "fazer alguma coisa", ou a chamada idéia religiosa de que se necessita de imensa energia para alcançar Deus e que, para consegui-la, o homem deve ser celibatário, deve fazer isto, aquilo e aquilo outro — sabeis com quantas coisas as pessoas religiosas enganam a si próprias, e acabam extenuadas, vazias, embotadas. Deus não quer gente embotada, insensível. Só podemos chegar a Deus cheios de vitalidade, cada parte de nós bem viva, vibrante; mas, vede, a dificuldade está em vivermos sem nos deixarmos cair numa rotina, em hábitos de pensamento, de idéias, de ação. Se aplicardes devidamente a vossa mente, vereis que se pode viver neste mundo feio — emprego a palavra "feio" com seu significado lexicográfico, sem lhe dar nenhum conteúdo emocional — vereis que se pode viver neste mundo, trabalhar, agir,

e ao mesmo tempo manter o cérebro alertado, semelhante ao rio que constantemente se purifica com seu próprio movimento.

PERGUNTA: A que espécie de conflito vos referis, e que degenera a mente?

KRISHNAMURTI: Esse senhor deseja saber que espécie de conflito degenera a mente.

Todo conflito (não uma série de conflitos, não um determinado conflito) não embota a mente? Todo e qualquer conflito, em qualquer profundidade que seja, não enfraquece a mente, não a deteriora, não a torna insensível? Se discuto com minha mulher o dia inteiro, isso não embota, não me enfraquece a mente?

PERGUNTA: O conflito não nos dá energia?

KRISHNAMURTI: Diz esse cavalheiro que do conflito recebemos energia.

Qualquer máquina que funciona sujeita a atrito depressa perde a velocidade, depressa se gasta, não é verdade? Mecanicamente, talvez não seja possível inventar uma máquina que funcione sem atrito. Tudo que é submetido a uso constante, contínuo atrito, por força se gasta. Vós dizeis que o uso produz energia; é exato isso? Pode-se receber energia do atrito? Vós sabeis resistir. E a resistência produz de fato uma certa energia, porém energia muito limitada, restrita, insignificante. É difícil perceber ou compreender que todo conflito (que representa desgaste) entre nações, entre pessoas, entre duas idéias, torna a mente embotada? Temos atualmente a teoria da tese e da antítese: a tese e seu oposto, a antítese, que causa atrito; e desse atrito resulta a síntese. Primeiro a idéia, depois a resistência a essa idéia, que produzirá novas idéias; sempre um certo "processo" e o seu oposto. Todos estamos cientes disso. Sinto cólera, e o oposto é "não ter cólera"; e a síntese desses dois estados será um estado "nem de cólera, nem de não cólera", porém de algo totalmente diferente. Cria-se alguma coisa, faz-se alguma coisa como resultado de atrito? Nós fazemos, em nossa existência de cada dia. Tudo o que fazemos decorre de resistência, de atrito. Mas eu digo que toda espécie de atrito, toda espécie de conflito embota a mente. Isso é para vós uma idéia nova e dizeis que não corresponde ao vosso modo de ver. Vossa primeira reação é resistir, pois estais habituados com o antigo sistema, ou o moderno sistema — tese, antítese e síntese — portanto, resistis. Que acontece como resultado dessa resistência?

INTERPELANTE: Movimento.

KRISHNAMURTI: Quando resistis, há movimento? Vós vos moveis atrás de vossa muralha, e eu atrás da minha, se a tenho. Estamos procurando compreender, descobrir como viver neste mundo sem conflito. Quando o político fala de paz, que quer ele dizer? E que queremos nós dizer ao falarmos de paz? Queremos dizer ser ela cessação do conflito, naturalmente.

PERGUNTA: A tranqüilidade da mente é a mesma coisa que inércia?

KRISHNAMURTI: A palavra inércia, conforme a compreendo, sugere — não como termo científico — a idéia de inatividade, indolência, a idéia de imobilidade, completa ausência de ação.

INTERPELANTE: Consoante a lei científica da inércia, uma coisa em repouso continua em repouso, e uma coisa em movimento (quando não está sujeita a alguma força externa) continua a mover-se em linha reta.

KRISHNAMURTI: Exatamente! Uma coisa que se move em linha reta quando não há obstáculo, quando não há conflito; que se purifica a si própria; que se mantém sempre em movimento retilíneo; e que, por conseguinte, compreende cada colisão, cada influência, cada experiência que transtorna esse movimento — aí está, justamente, a qualidade de mente a que me refiro.

PERGUNTA: É possível pôr em movimento o *centro* de nossa ação?

KRISHNAMURTI: Pergunta esse senhor: É possível, intensificando, expandindo o *centro*, ficar-se livre de conflito? O centro implica, precisamente, uma periferia, não é verdade? Essa periferia pode ser muito ampla ou muito limitada; mas todo centro implica fronteira, limite, por mais extensa que seja a periferia. Quando alguém é ambicioso, quando uma pessoa é invejosa, isso é o *centro* que está procurando expandir-se, não é verdade? E essa expansão gera conflito. Mas é possível viver sem conflito?

PERGUNTA: Quando me torno cônscio de um pensamento, esse pensamento termina. Todavia, há consciência do *centro*.

KRISHNAMURTI: Diz esse senhor: Quando nos tornamos cônscios de nosso próprio pensamento, nesse instante de percepção o pensamento

se detém; todavia, há consciência do *centro*. Apresenta-se um certo pensamento — de medo, de ambição, de inveja: ao percebermos, ao nos tornarmos cônscios desse pensamento, ele cessa momentaneamente; mais tarde, *volta*, tão só porque esse pensamento, nascido da ambição, não foi bem investigado, compreendido. E não podeis penetrá-lo totalmente porque o condenais ou o justificais, porque dizeis: "Não posso viver neste mundo sem ambição e, por conseguinte, tenho de ser ambicioso". Só se pode compreender completamente um pensamento se não há condenação ou justificação — e isso significa que se deve deixar o pensamento "florescer" livremente até terminar. Mas, se o pensamento não termina, isso acontece porque o condenastes ou porque o justificastes — e nisso toma parte o *centro*, o *fundo*. Diz aquele senhor que o pensamento só pode ser estimulado, justificado ou condenado, quando em movimento, quando vivo, quando em ação; mas que, se o observamos, ele cessa e, por essa razão, não pode ser examinado. Só se pode examinar o pensamento quando vivo, em movimento; mas se o condenamos, estimulamos, justificamos, fazemo-lo *parar*; por isso ele *volta*. Assim, cumpre-nos averiguar porque condenamos, temos de investigar o pensamento, todo o processo de resistência, etc.

Cita ainda aquele senhor que, quando observamos, há "observador" e "coisa observada", "aquele que vê" e "a coisa que se vê", e que isso significa dualidade e, portanto, conflito, etc. etc. É possível *ver* alguma coisa, sem que isso ocorra? É possível ver uma coisa sem a palavra, que é pensamento? É possível olharmos para qualquer coisa — a flor, meu vizinho, minha mulher, meu filho, meu patrão — sem pensamento, sem a palavra? Já experimentastes fazê-lo? Experimentai-o, uma vez, e descobrireis por vós mesmo ser possível olhar *sem* a palavra — o que naturalmente não significa que esquecestes o passado, que vossa memória se apagou de todo. É como olhar uma flor botanicamente e "não-botanicamente".

PERGUNTA: O conflito não nos ajuda a clarificar a mente?

KRISHNAMURTI: Esse senhor pergunta: Não estamos clarificando a nossa mente com tal e tal conflito?

Há conflito na investigação? Só há conflito na resistência, na aceitação, ou no ajustamento. Eu não sou nenhum propagandista. Digo-vos: "Observai vossa mente! Não tenteis alterar, acrescentar ou subtrair nada: observai, tão somente." Se aceitásseis o que estou dizendo, ou se a tal resistísseis por terdes vossas próprias idéias, isso seria um conflito. Mas eu vos digo: "Não aceiteis o que digo, não rejeiteis o que digo, mas *escutai-o*." Vós sois hinduísta, brâmane, cris-

tão, o que quer que seja, "especializado" numa certa coisa; e tendes vosso *fundo* próprio. Eu digo que o vosso *fundo* — não o meu *fundo*, não o que estou dizendo, mas o *vosso fundo* vos está impedindo de ver as coisas como são.

Consideremos um fato muito complexo. Há fome neste mundo; todos bem o sabemos. Há meios científicos de impedi-lo. A ciência tem possibilidade de evitar a fome, de dar comida a todos, vestir a todos, dar-lhes casa para morar, e tornar este mundo um lugar maravilhoso. Isso é possível; mas é impossibilitado pelos políticos, pelas divisões, pelas nacionalidades, pelos governos soberanos, por isso e por aquilo mais. Eis algumas das razões. Mas ninguém quer retirar suas fronteiras. Vós quereis permanecer hinduísta, e eu quero permanecer maometano; e, assim, estamos impedindo que todos os homens sejam alimentados. Ora, estais ouvindo isto e, como sois hinduístas, dizeis: "Como posso abandonar minha religião? Posso tolerar o muçulmano, mas não posso abandonar minha religião". E o muçulmano, por sua vez, diz: "Posso tolerar-vos, mas não posso abandonar minha religião". Mas não podemos, vós e eu, abandonar nossas nacionalidades, para que todos os homens sejam alimentados? Eu digo: "Olhai vosso próprio *fundo*. Não me abrais vossa mente. Olhai a vós mesmo, olhai a maneira como está funcionando a vossa mente; olhai vossa inveja, vossa ambição". *E eu vos estou apenas mostrando a maneira de olhar.*

Aquele senhor diz: "Quando vos escuto, recebo o que dizeis; e nesse receber há conflito. Ao vos ouvir, observo minha própria mente em relação com o que estais dizendo e aumento, assim, o conflito que irá produzir uma sensibilidade de grau mais elevado." Vou tentar responder da seguinte maneira: Evidentemente, estais escutando e, por conseguinte, recebendo; mas esse receber vos é algo estranho, ou será que, nas coisas que o orador está dizendo, estais observando realmente a vós mesmo, a vossa própria mente e descobrindo o que nela está sucedendo? Nesse receber, não aceiteis o que o orador diz, mas olhai vossa própria mente; nisso há conflito? Só há conflito quando o receber exige aceitação. Mas não é isso o que vos digo: o que digo é que olheis vossa própria mente, que observeis a vossa mente. Se o fazeis, onde o conflito?

O cavalheiro diz que nos achamos num "ponto verbal morto", mas assim não me parece. O que me parece é que não nos estamos entendendo bem. Vós dizeis: "Minha filosofia é condicionada, e vossa filosofia é condicionada; e quando as duas se encontram, dá-se atrito, inevitavelmente; e, graças a esse atrito, eu me livro de meu condicionamento, e ele vos ajuda a libertar-vos de vosso condicionamento;

essa libertação, portanto, é um processo de conflito". Em primeiro lugar, eu não tenho nenhuma filosofia, nenhum sistema, nenhum método; podeis descontar tudo isso, completamente. Digo-o a sério. Não me importa o nome que deis ao meu ensino, mas não o considereis como um sistema para se alcançar um certo alvo. O cavalheiro diz: "Eu vos ouço falar; vós tendes algo para dizer. E se tendes algo para dizer, eu o recebo e nesse próprio processo de recepção estou-me modificando; no processo de escutar-vos, as coisas a que antes eu me prendia se estão soltando; e esse processo de desprendimento é conflito; o desprendimento se verifica por causa do conflito entre os dois modos de ver."

Por que conflito? (Não importa o significado que deis à palavra). Por que deve haver conflito ao verdes algo diferente? Por que o meu *ver* — quando vejo algo novo — ocasiona resistência ou atrito entre "o que se vê" e "quem vê"? Qual a razão desse conflito? Vou dizer-vos porque ele surge. É porque, de certa maneira, "estou condicionado"; e quando algo novo se me oferece, eu o rejeito, a ele resisto"; ou procuro ver como ajustar ao meu condicionamento essa coisa nova, já que meu condicionamento me impede de vê-la totalmente; ou, quando escuto, não escuto com todo o meu ser, porém com meu ser condicionado e com ele quero assimilar o que se está dizendo. Como posso assimilá-lo, se sou incapaz de digeri-lo? Eu não posso digeri-lo; só posso digeri-lo quando não tenho condicionamento, quando estou apto a observá-lo totalmente. Eu digo que, no processo de observação, a digestão se torna indigestão se há condicionamento. Eu sou comunista, católico, etc. Vós me dizeis algo novo. Eu vos escuto e, então, ou resisto ou digo que isso é uma coisa nova que preciso assimilar. Absorvo-o completamente porque de todo o compreendi. Ou não posso absorvê-lo por causa de meu *fundo,* de meus hábitos, meus temores, que me impedem de assimilá-lo. O conflito se apresenta quando tento assimilar o novo e ao mesmo tempo não quero quebrar meu condicionamento. O orador vos diz: "Não vos preocupeis em aceitar o novo; isto não é nada novo. Mas quebrai o vosso condicionamento, e no quebrar de vosso condicionamento ver-vos-eis renovado."

"Todo conflito — seja conflito entre idéias e ideais, seja entre marido e mulher, seja entre a sociedade e o indivíduo — todo conflito, em qualquer nível, embota a mente, torna-a insensível. E eu digo: "Não aceiteis o que digo, não crieis conflito entre o que digo e vós mesmo; se o fizerdes, saireis perdendo, vos embotareis, criareis problemas. Observai-vos, estai cônscio de vós mesmo, não deixeis a palavra se tornar importante, etc." O orador não está introduzindo nenhuma

novidade, não está dizendo "É assim que se deve olhar"; pelo contrário, ele nega tudo e diz que no processo de negação não há resistência e, por isso, podeis *olhar*. Mas, se dizeis: "Não, não posso quebrar meu *fundo*, o saber que possuo, as coisas que experimentei" — nesse caso manifesta-se atrito. Vós estais condicionado e eu — suponhamos — estou condicionado. Eu procuro impor-me a vós, e vós resistis; isso, inevitavelmente, ocasiona conflito. Procuro persuadir-vos, dizendo: "Deveis quebrar vosso condicionamento e aceitar minhas idéias, adotar o meu modo de ver"; e isso gera conflito. Ou, digo-vos: "Nada tenho para dizer, não tenho idéias, idéias não me interessam, porque para mim uma idéia é coisa inexistente, uma contradição. Assim, observai a vós mesmo, observai vossa mente, observai vossa maneira de pensar, observai porque pensais como hinduísta, porque pensais como maometano, porque sentis dessa e daquela maneira" — tudo isso constitui uma forma negativa de convidar-vos a olhar, não uma forma positiva de mandar-vos olhar de determinado modo.

Assim, pela negação, vós vos "descondicionais", e não pela resistência nem, por conseguinte, pelo conflito. Aquele senhor diz, positivamente: "Se eu vos amo, não pode haver conflito". Mas ele acrescentou a palavra "se", que é uma maneira condicional de pensar; e pensamento condicional é idéia. Dizeis que, *se* amais, não há conflito. Então, senhor, *amai*! Mas é esse o vosso estado? É esse vosso estado real, e não um estado ideal? Um estado ideal é um estado condicional, o que, portanto, significa que *não* amais. Quando dizeis que, *se* realmente amais, não há conflito, estais dizendo isso com base no fato, ou o estais dizendo com base numa idéia? Não se trata de um simples raciocínio? O homem que sente fome diz: "Dai-me comida!". Ele não quer saber de idéias a respeito de comida, não tem nenhum conceito relativo ao alimento: o que quer é o material real, concreto, que lhe matará a fome. Esse homem é inteiramente diferente daquele que pensa ter fome e diz: "*Se* tenho fome, vou fazer *isto* e *aquilo* e *mais aquilo*".

12 de janeiro de 1962.

NEGAR O FALSO

(Varanasi — VII)

Esta é nossa última palestra. Desde o começo destas reuniões, temos considerado como tornar existente uma mente nova, uma mente religiosa — não no sentido ortodoxo — uma mente sem raízes em crenças, dogmas, sistemas. Essa mente não só é necessária em todos os tempos, mas também essencial no presente período de tamanha crise em todo o mundo. É possível, não teoricamente, porém realmente, criar uma mente nova ou transformar a mente atual, tão confusa, embotada e insensível, em algo totalmente diferente? Pela prática, pela disciplina, por meio de um certo exercício que force a mente a ajustar-se a um padrão, podemos consegui-lo? Ou tem a mente a capacidade de perceber direta e imediatamente o que é falso e, assim, pela negação, perceber o que é verdadeiro?

Importa esclarecer o que se entende por negação e o que é pensamento positivo. Em geral começamos a pensar partindo de uma base, uma conclusão, uma experiência. Adotamos uma posição, isto é, cremos numa certa coisa — crença essa baseada na experiência, no conhecimento, na tradição — e, nessa base, pensamos e agimos. Essa posição, em regra, é a da segurança psicológica. Ela consiste, o mais das vezes, numa idéia, que chamamos "crença", num ideal, num exemplo — que é ainda uma idéia, e idéia é sempre *palavra*. Buscamos refúgio nas palavras, e essa é a base em que nos firmamos; *dela* agimos, *dela* pensamos. Considero ilógica essa posição; no entanto, todos os nossos juízos, avaliações, considerações, investigações partem daí — de uma posição, de uma idéia, de uma conclusão que nos impede de investigar o que é verdadeiro e o que é falso, ou de ver diretamente, incontinenti, a realidade.

Ora, é-nos possível inquirir, eliminar a crença, eliminar nosso condicionamento hinduísta, cristão, etc., e *investigar*? É assim que age

o cientista; ele nunca parte de uma conclusão; possui conhecimentos, mas não permite que interfiram em sua investigação. Mas nossa existência não é assim tão precisamente delineada, porque temos medo, desejamos segurança, desejamos tantas coisas na vida, desejamos nome, posição, poder, liberdade e algo mais; e tudo isso constitui a base em que estamos firmados e de onde queremos investigar. Deixa de haver investigação desde que adotamos uma posição de onde passamos a observar. A investigação negativa, ao contrário (se posso empregar aqui o termo "investigação") significa estar livre de conclusões, de dogmas, de crenças, de condicionamento, para investigar. Tal investigação, pensareis, impede a ação. Perguntareis: "Como se pode viver, agir, e estar com a mente em constante investigar?"

Toda ação resulta de idéia, da experiência, de conhecimento; é desse ponto de partida que agimos; e pensamos não ser possível agir se permanecermos apenas num estado de constante investigação. A ação, quer insignificante, quer extremamente complexa, quer completamente desinteressada (não egoísta) etc., não deixa de existir quando prevista, controlada, moldada de antemão? Não deve a ação ser sempre livre e provir sempre de investigação? Assim, do pensar negativo (que não significa buscar resultados positivos, porém, sim, negar todas as posições positivas adotadas pela mente, e investigar partindo dessa negação) não resulta ação muito mais significativa, muito mais eficaz do que a ação procedente de conclusões? Vida é ação, não é? Nossa vinda aqui, o escutar esta palestra, o meu falar, o vosso escutar, tudo o que fazemos é ação; e baseamos essa ação numa conclusão. Nossas ações estão confinadas ou limitadas pela idéia que temos, e idéia é resultado de experiência. A idéia nasce do conhecimento; e, com esse *fundo* fixo, mais ou menos confinado, limitado, condicionado, queremos atuar sobre a vida; e a vida está sempre em movimento; sempre mudando; resulta daí, portanto, contradição, e da contradição sofrimento; e, por diferentes maneiras, tratamos de fugir ao sofrimento.

Vede, senhores — se me permitis expressar-me diferentemente — os mais de vós aqui presentes sois provavelmente hinduístas ou estais ligados a um dado movimento ou crença; e, com esse *fundo*, com essas idéias, com esse pensar condicionado, enfrentais a vida, enfrentais o mundo moderno, que se está transformando tão vertiginosamente; assim, entre o mundo que está mudando e a mente que se recusa a mudar, estabelece-se a contradição. Vós adotastes uma posição — como hinduísta, católico, etc. — e com essa tradição ides ao encontro da vida; e o resultado é contradição. É possível enfrentarmos a vida sem tomarmos posição de espécie alguma?

Extraordinárias transformações estão ocorrendo exteriormente; mas o exterior sempre influencia o interior e, por isso, dividimos o exterior e o interior como se fossem coisas separadas. Afinal de contas, a vida interior, o íntimo estado psicológico, tem o mesmo movimento da vida exterior, movimento semelhante ao vaivém da maré. E para compreender a maré que "entra" é preciso compreender a maré que "sai"; impende compreender o mundo; e se não se compreender o movimento exterior, o movimento interior nenhum valor tem. Assim, o importante não é dividir a vida em "mundo exterior" e "mundo interior", porém compreender a totalidade desse movimento. Não compreendereis a totalidade desse movimento se adotais uma posição, de qualquer espécie que seja.

A mente religiosa é aquela que não está ligada a nada; só ela pode descobrir o que é verdadeiro e o que é falso. Só ela pode descobrir se há, ou não, uma Realidade, Deus, uma coisa Atemporal — mas não a mente ligada a alguma coisa, a mente que crê ou não crê. Por certo, não tem mente religiosa o homem que vai à igreja, que pratica *puja* e toda espécie de artifícios. A mente religiosa vê a falsidade de tudo isso, *totalmente, completamente*; assim sendo, porque é livre e não está firmada numa posição, numa base, da qual parte para investigar, ela inicia sua investigação livremente. Essa mente, por conseguinte, é desapaixonada, sã, racional, capaz de raciocinar — e tal é, afinal de contas, a característica da mente científica. Mas a mente científica não é uma mente religiosa. A mente científica está interessada em examinar uma certa parte da existência, um segmento da vida; a mente científica, portanto, não pode compreender a totalidade que a mente religiosa compreende.

Para se ter essa mente religiosa, necessita-se de uma revolução, não econômica ou social, porém psicológica — uma revolução na psique, no próprio processo de nosso pensar. Ora, como fazer despontar essa mente? Vemos a necessidade dessa mente — da mente nova, sem fronteiras; da mente nova, não ligada a nenhum grupo, raça, família, cultura ou civilização; da mente nova que não resulta da moralidade social. A moralidade social não é moralidade nenhuma, pois só lhe interessa a moral sexual; cada um pode ser ambicioso, cruel, vão e invejoso, à vontade. E a moral social é a inimiga da mente religiosa.

Assim, como nascerá a mente religiosa, a mente nova? Como trataríeis de obtê-la? Esta não é uma pergunta retórica. A todos nós se apresenta este problema: como ter uma mente fresca, jovem, nova — pois a mente velha não resolveu coisa alguma e multiplicou os

seus problemas. Como trataríeis disso, que empreenderíeis para suscitar essa mente? Precisais de algum sistema, algum método? Vede, por favor, a importância desta pergunta que estou fazendo, vede o seu significado. Necessitamos de uma mente nova, que é de essencial importância; mas como alcançá-la? Por meio de algum método — que é sistema, prática, ação que se repete dia por dia? Um método pode produzir a mente nova? Averiguai, investigai isso junto comigo; não vos limiteis a ouvir-me e depois tornar a pensar que necessitais de uma prática, um método, para adquirirdes a mente nova.

Sem dúvida, todo método implica prática continuada, dirigida por um certo caminho, para a obtenção de determinado resultado — e isso, afinal, significa adquirir um hábito mecânico, e, por meio desse hábito mecânico, suscitar uma mente que não é mecânica. É isso, essencialmente, o que o método implica. Dizeis "Disciplina", mas toda disciplina se baseia num método ajustado a um certo padrão; e o padrão vos promete um resultado, predeterminado pela mente que já tem uma dada crença, que já adotou uma certa posição. Assim, pode um método, no sentido mais amplo ou mais restrito da palavra, produzir aquela mente nova? Se não pode, então o método, como hábito, deve desaparecer completamente, porque falso. Não importa se foi Sankara, Buda ou o santo mais moderno que vos preconizou o método, ele é completamente falso, porque todo método só serve para condicionar a mente de acordo com o resultado desejado. Mas, sabeis o que é a mente nova — a mente fresca, jovem, "inocente"? Como podeis sabê-lo? Não podeis sabê-lo; tendes de descobri-la. Por conseguinte, deveis abolir todo o processo mecânico da mente. *Escutai,* apenas; não importa se fazeis ou deixais de fazer alguma coisa: isso depende de vós. Segui as minhas palavras. A mente deve livrar-se de todo o processo mecânico do pensamento. Não é, pois, verdadeira a idéia de que um método, sistema, disciplina, hábito, produzirá essa mente. Portanto, tudo isso tem de ser abolido completamente, por serem coisas mecânicas. A mente mecânica é uma mente tradicional, não está apta a enfrentar a vida, que não é mecânica; o método, conseqüentemente, tem de ser posto de parte. Dessarte, que se deve fazer para alcançar a mente nova?

O conhecimento — que é experiência — vos dará a mente nova? Experiência é a reação a um desafio, e o desafio, por certo, é de acordo com vossa memória, de acordo com vosso condicionamento. O conhecimento, pois — que é experiência — vos ajudará a alcançar a mente nova? Não deve a mente nova achar-se num estado de "não experiência"? Se mo permitis, vou estender-me um pouco sobre este tópico; e, talvez, depois, possamos compreender melhor por meio de

perguntas. Há desafio e "resposta" (reação). Vivemos dessa maneira. A cada instante a vida nos desafia, e nós "respondemos". Respondemos segundo o nosso condicionamento hinduísta, muçulmano, etc. Se rejeitais o desafio externo — e mui poucos o fazem — criais vosso próprio desafio interno, psicológico — as incertezas interiores e vossas reações a elas. E tudo isso, tanto a reação externa como a interna, baseia-se na experiência. E essa experiência sempre se acumula como conhecimento, como tempo. Notai, por favor, não ser difícil o que estou dizendo. Basta vos observardes para verdes que estamos tratando apenas de fatos, e não de teorias. Sendo o tempo experiência, na forma de conhecimento, ele produzirá a mente nova? Claro que não, porque a própria expressão "mente nova" sugere algo novo, totalmente novo, que não pode ser produzido pela experiência. A experiência é sempre o passado — isto é, tempo. Percebe-se assim — se se acompanhou o que estive dizendo — que nem o hábito, nem a experiência como conhecimento, produzirão a mente nova, e tampouco a alcançaremos por meio do tempo.

Se negardes tudo isso — como não podeis deixar de fazer, se tiverdes penetrado em vós mesmos e vos examinado — vereis então que a total negação de tudo o que sabeis, de toda experiência, toda tradição, todo movimento nascido do tempo, é o começo da mente nova. Para negar totalmente, necessita-se de energia. Em geral recebemos energia da resistência — há necessidade de explicar isso? Recebemos energia da fuga; recebemos energia da inveja, da ambição, da avidez, da brutalidade, do desejo de amor. Mas essa energia cria a correspondente contradição, e esta dissipa a energia. A maioria de nós não tem energia para negar e permanecer nesse estado de negação, que constitui a mais elevada forma de pensar. Mas essa negação gera energia, porque nela não há contradição.

Assim, a mente religiosa, ou mente nova, é a mente revolucionária. Porque, então, a mente já não é ambiciosa, invejosa; percebeu o significado da inveja, da ambição, da autoridade e, por conseguinte, livrou-se delas — não no fim, porém no presente, imediatamente. E essa negação é própria da meditação. Meditação não é essa coisa simplória consistente em repetir palavras, sentado à frente de uma imagem, procurando ter visões e todas as correspondentes sensações; meditação é, sim, o percebimento constante que nos faz ver o falso e negá-lo totalmente. Essa negação provê energia — não a energia que nasce do conflito, não a energia recomendada pela chamada gente religiosa, que nos manda ser celibatários toda a vida, etc. etc.; tudo isso são formas de resistência e, por conseguinte, contradição.

Pode-se ver realmente a totalidade desse processo, compreendê-lo completamente, quando não nos colocamos num "ponto alto" para, daí, o examinarmos. Só a mente religiosa pode ir muito longe, só a mente religiosa pode descobrir o que transcende as medidas da mente.

PERGUNTA: A negação e a rejeição não constituem um método?

KRISHNAMURTI: Já negastes alguma vez uma coisa, e houve algum *motivo* para essa negação? Se houve *motivo*, houve negação? Se há um motivo, e a negação procede desse motivo, a negação é, então, um método. Mas nós nos referimos à negação que não tem *motivo* — renunciar a uma coisa, abandonar uma coisa, *sem motivo*. Não conheceis essa espécie de negação? Já fizestes alguma coisa — já agistes, abandonastes, rejeitastes, renunciastes, negastes, etc., sem *motivo* nenhum? Já fizestes isso? E quando o fazeis, isso gera algum método, constitui método?

Vede, senhor, a dificuldade é devida às palavras. As palavras são para nós extremamente importantes — vivemos de palavras, como, por exemplo, a palavra "ÍNDIA". Estamos aqui investigando a mente que não é escrava das palavras. Nós amamos impelidos por algum *motivo*? Há amor, quando há *motivo*? Será muito fácil dizerdes: "Naturalmente não há" — ou pelo menos provavelmente o seria. Como é possível amar sem *motivo* ("como" empregado como interrogativo e não como método)? Em primeiro lugar, deveis descobrir se tendes algum *motivo*, e em seguida compreender esse motivo, penetrá-lo; essa própria penetração constitui, justamente, a negação do *motivo*.

PERGUNTA: O desafio é, às vezes, de tal ordem que nos paralisa, e não há "resposta" (reação) adequada. É possível não nos sentirmos como que paralisados e reagirmos prontamente ao desafio?

KRISHNAMURTI: Esse senhor diz: Uma pessoa pode sentir-se aniquilada pela reação a um "desafio". Morreu meu filho, e a reação é imediata; e essa reação é de tal maneira lancinante, abaladora, que fico paralisado. Isso pode durar um ano, dois anos, ou um dia. A pergunta desse senhor, se a compreendo bem, é: É possível reagirmos imediatamente, sem sermos aniquilados pela reação? Morre meu filho, e isso é um choque terrível, um inesperado, desgraçado, não desejado incidente em minha vida; isso me deixa como que paralisado. E a questão é: É necessário ficar paralisado, deixar-me aniquilar pela reação? Naturalmente, não se pode firmar um princípio geral a esse

respeito. Tudo depende do grau de sensibilidade ou de embotamento da pessoa, do grau de afeição, e de muitas e complexas razões para esse tremendo sentimento de paralisação, aniquilamento; mas esses terríveis incidentes não são freqüentes em nossa vida. Há só uma ou duas espécies de "desafio" que nos abalam verdadeiramente; mas a todas as horas há desafios secundários, dos quais estamos ou não estamos cônscios — desafios secundários, e não aqueles de natureza incomum, mais importante. Em geral, não sabemos que eles estão ocorrendo; vivemos tão embotados, tão "imunizados", no mundo que nos mesmos criamos! E para a mente em tais condições, "desafio e reação" são coisas inexistentes. É assim que vive a maioria dos *sannyasis,* dos santos, dos monges: atrás de uma muralha de idéias. Renunciaram ao mundo para viverem num mundo deles próprios, num mundo de idéias; eles não querem ser perturbados; para eles não há "desafio", pois encontraram um refúgio, um abrigo perenemente satisfatório. Assim sendo, não há, para eles, "reação e desafio". Quase todos gostaríamos de estar numa situação dessas, onde nada nos atingisse. Comumente, desejamos estar onde nada nos atinja (tal é justamente nossa idéia de Deus, nossa idéia de paz de espírito, etc.). Mas a vida não nos deixa em sossego. Meu filho morre, minha mulher me abandona por outro homem, perco o emprego, perco meu dinheiro, há doença, há morte; tudo é desafio. E eu me acostumei a depender de uma conclusão, das coisas que aprendi, da tradição, etc. Por conseguinte, minha reação é fraca.

Se me permitis penetrar mais nesta questão, indago, ampliando vossa pergunta: É possível a mente estar tão atenta e tão sensível a todas as horas, que cada desafio seja "respondido" completa e imediatamente, e seja alcançado um estado sem "desafio e reação" e em que a mente já não se ache em "estado de experimentar?" Refleti sobre isso. Podeis rejeitá-lo, podeis dizer que é uma teoria muito interessante; mas, como quer que seja, considerai-o, *olhai-o.* Quando compreendeis uma coisa completamente, quando, por exemplo, compreendeis totalmente a autoridade, já não há, então, problema algum relativo à autoridade, e nenhuma "experiência" de autoridade pode atingir-vos. Pela mesma maneira, se considerais a totalidade da vida, com todas as suas complexidades, e ficais assim livre da inveja, da avidez, do ciúme, da ambição, da autoridade, há então necessidade de "experiência"? A meu ver, só nesse estado a mente pode compreender o que é verdadeiro, o que é falso, e se algo existe além do tempo. Só nesse estado pode ela estar livre do "conhecido" e, por conseguinte, não se achar num mundo de experiência, de "desafio e reação", e de conhecimento; só essa mente pode descobrir o atemporal.

PERGUNTA: A mente nova será da mesma natureza que a vida?

KRISHNAMURTI: Não entendo bem a significação desta pergunta. É uma pergunta teórica, não? Não estou fazendo pouco caso de vossa pergunta — se a mente nova será da mesma natureza que a vida. Não estamos aqui interessados em idéias, símbolos, comparações; ou temos a mente nova, ou não a temos. Se a temos, nada mais há que dizer; se não a temos, de que maneira podemos tê-la? É isso que interessa, e não o "como é ela?".

PERGUNTA: É possível não termos nenhuma experiência psicológica?

KRISHNAMURTI: Psicologicamente falando esse senhor pergunta: É possível não termos experiência psicológica? Mecanicamente, pode-se acrescentar, podemos aperfeiçoar um motor passando do modelo de pistão para o modelo de jato, ou aproveitar a força motriz do átomo; há sempre possibilidade de aperfeiçoamento mecânico. Perguntais se é realmente possível, psicologicamente, ficarmos livres da experiência. Fazendo esta pergunta, que resposta esperais de mim? "Sim" ou "Não"? Se respondo "Sim", que valor tem isso para vós? Se respondo "Não", direis que isso demonstra que não é possível (ficarmos livres da experiência). No final de tudo, onde ficais? Descobristes se, psicologicamente, é possível ou não uma pessoa ficar livre da experiência; descobristes isso por vós mesmo ou foi outro que vo-lo disse? Para descobrirdes a verdade atinente à vossa pergunta, deveis penetrar fundo em vós não achais? Deveis investigar, queimar tudo, para poderdes *descobrir.*

Sabeis que a morte é uma coisa extraordinária. Não se pode argumentar com a morte, não se pode transigir com a morte, não se pode adiar a morte. Ela é absoluta e positiva, a mais destrutiva das coisas. Para saberdes o que é a morte, deveis morrer para tudo. De modo semelhante, para descobrirdes se é possível viver, neste mundo, livre da autoridade, deveis penetrar profundamente em vós mesmo, não achais? E isso significa que impende negar totalmente a autoridade do *guru,* a autoridade da família, a autoridade do Estado; deveis averiguar onde é legítima e onde não é legítima a autoridade do Estado; quando deveis obedecer ao policial, e quando o policial não entra em linha de conta.

PERGUNTA: Falastes sobre negação e contradição. Contradição não é negação?

KRISHNAMURTI: Eis a pergunta: Falastes sobre negação e contradição; contradição não é negação? Simplificando-a: Negação não é contradição?

Que se entende por contradição? Quando diferentes desejos nos puxam em diferentes direções, quando desejo fazer uma coisa e faço outra coisa, quando desejo ser delicado, mas sou indelicado, há contradição. E essa contradição mina a energia. Negação é contradição? Respondo: Não! Negação não é contradição, porque negação não é reação. Tendo compreendido em todos os seus níveis o significado da autoridade, percebido por inteiro a autoridade, ou a inveja — nego-a. Isso não é contradição, não é reação.

Ao negardes uma certa coisa, ou o fazeis por força de um *motivo* — e então a negação se converte numa asserção — ou a negais por verdes que é falsa. Isto é muito complexo. Todos vós credes em Deus, porque assim vos ensinaram, porque fostes educados, condicionados para crer em Deus. Entretanto, para descobrirdes se há Deus, deveis negar o Deus em que credes; mas essa negação se torna uma reação, se provier de descontentamento para com o Deus de quem esperais alguma coisa. Porém, a negação não é reação quando a mente diz: "Enquanto eu tiver uma crença, de qualquer natureza que seja — crença em Deus ou crença na não existência de Deus — nada poderei descobrir; para descobrir se essa coisa existe, tenho de rejeitar toda crença." Ora, isso é muito claro.

PERGUNTA: Dizeis que a negação sem reação traz energia. Qual a fonte dessa energia?

KRISHNAMURTI: A negação que tem *motivo*, a negação que é produto de algo que se deseja no futuro — qualquer negação dessa natureza não traz a energia de que estivemos falando. Pelo contrário, a negação sem reação é que traz energia.

O interrogante deseja saber de que fonte emana aquela energia. Necessita-se de energia para negar. A maior parte de nossa energia deriva de nossas fugas, de repressão, de resistência; mas essa energia não é a mesma energia de que se necessita para negar. Foi isso que eu disse e sustento. Não posso revogá-lo. Vós podeis ver como adquiris energia, oriunda da resistência. Isso é muito simples. Não está claro?

Eu resisto, e nesse processo de resistência adquiro energia. Adquiro energia quando penso no nacionalismo, na bandeira hindu; sinto-me emocionalmente agitado e daí provém uma certa forma de energia. Quando odeio, isso produz uma forma de energia. Todas essas coisas

geram contradições e, por conseguinte, a energia por elas gerada é dissipada por essas contradições. Mas a energia de que falo, a energia que vem com a negação, é diferente. Pergunta o cavalheiro: "Qual é a fonte dessa energia?" Em primeiro lugar, qualquer espécie de motivo gera energia. Quero ter dinheiro, e isso produz energia; sinto um impulso sexual, um impulso biológico, e isso produz energia. Assim, todo motivo — ao que sabemos — produz certas formas de energia, que se tornam contraditórias; e se negais *com motivo,* aquela energia se dissipa. Mas, se negais porque compreendeis totalmente, essa energia é necessária para penetrardes mais fundo no processo da mente. De onde provém essa energia? De onde pensais que vem? Não espereis a resposta. É uma mera pergunta. Não há resposta. Se fazeis uma pergunta sem desejar resposta, vós a encontrareis. Mas, se fazeis a pergunta esperando achar a resposta, esta será então de acordo com vosso condicionamento. Já, se fazeis a pergunta *sem nenhum motivo,* esse próprio indagar é fonte de energia.

Desejo saber o que é esse "estado atemporal" de que tanto se fala. Qual a fonte dessa ânsia de saber? É porque quero fugir do mundo, das desinteligências com minha mulher, da morte, da doença? Nesse caso, o impulso produtivo de energia gera contradição e, com esta, dissipa-se a energia. Se faço a pergunta sem motivo algum, porque a faço *sem motivo*? Porque compreendi muito claramente, completamente, que uma pergunta feita *com motivo* é como o pensamento que está ancorado numa crença: não pode ir muito longe.

PERGUNTA: Qual a finalidade de tudo isso, senhor?

KRISHNAMURTI: Nada tenho para oferecer. Não vos tomo os vossos meios de fuga: Eu vo-los mostro, apenas. Podeis conservá-los, adorá-los, fazer o que quiserdes — isso é convosco. Procurei fazer-vos ver algo que é bem mais significativo.

PERGUNTA: Pode-se viver neste mundo sem nenhuma contradição, psicologicamente?

KRISHNAMURTI: Pode-se viver neste mundo num estado em que, psicologicamente, não haja contradição? Desejo experimentar esse estado. Ele deve existir. Como devo proceder? Achais muito difícil isso? Simplifiquemos.

Sabeis o que é a morte? Tendes presenciado a morte — a *continuidade* da morte, nos cortejos fúnebres, na diária cremação de cadáveres. — Eu desejo saber o que é morrer, enquanto estou vivo, e não quando ficar velho, achacado. Desejo saber o que é morrer

enquanto vivo e em plena posse de minhas faculdades, enquanto meu cérebro pode raciocinar, enquanto ele não enfermar. Desejo conhecer o estado, o sentimento de morrer, de estar morto. Desejo conhecê-lo, não porque ele me assuste, mas porque, como disse, um *motivo* não me pode levar muito longe — pois o motivo predetermina o percurso.

Por conseqüência, vejo que a mente desejosa de saber o que é a morte deve estar livre de medo. Cabe-me, pois, investigar o que é o temor. Pode-se viver neste mundo sem medo? Assim sendo, investigo, vejo, confiro, estou cônscio de cada movimento de pensamento. E é só então, quando não há medo e, por conseguinte, nenhum motivo — que posso descobrir o que é a morte. Isso significa que tenho de abandonar totalmente tudo o que conheço. Devo morrer para todas as coisas conhecidas — minha família, minha tradição, minha virtude, tudo. É possível morrer? Eu digo que sim, mas o dizê-lo não tem para vós nenhuma validade; só tem valia quando morreis para todas as coisas conhecidas. Ao morrerdes diariamente para "o conhecido", e jamais *acumulando,* descobrireis então o que é a morte. E o descobrimento do que é a morte vem com a compreensão da totalidade do medo e, por conseguinte, com a libertação do medo; e o estar livre do medo é a fonte da energia.

PERGUNTA: O amor é um sentimento?

KRISHNAMURTI: Pergunta esse cavalheiro: O Amor é um sentimento? Que é sentimento? O sentimento é como o pensamento. Sentimento é sensação. Vejo uma flor e "reajo" a essa flor: gosto ou não gosto dela. O "gosto" ou o "não gosto" é ditado por meu pensamento, e o pensamento é reação do *fundo* de memória. Assim, digo: "Gosto daquela flor" ou "Não gosto daquela flor"; "Gosto deste sentimento" ou "Não gosto daquele sentimento". Ora, o amor está em relação com o sentimento? Qual é vossa resposta? Vede o que minha pergunta significa. *Escutai-a!* O amor é um sentimento? Sentimento é sensação, evidentemente — sensação de gosto e desgosto, de bom e de mau, de sabor agradável, etc. Esse sentimento está relacionado com o amor? Eis a questão. E que significa para vós o amor?

Associais o amor à mulher ou ao homem, associais o amor ao sexo? Vós o fazeis, por certo, porque negaste a beleza; todos os vossos santos negaram a beleza. E a beleza está associada à mulher. Assim, dissestes: "Fora com o sentimento!" — e ficastes cultivando uma personalidade áspera, um "eu" rude, negador da beleza. Já observastes a rua em que morais, a maneira como viveis em vossas casas, vossa maneira de sentar, vossa maneira de falar? E, também, já observastes os santos que cultuais? Para eles, paixão significa "sexo", portanto

negam a paixão, negam a beleza — "negam-nas" neste sentido: afastam-nas para o lado. Assim, junto com a sensação, jogastes fora o amor, porque, dizeis: "A sensação fará de mim um prisioneiro, um escravo do desejo sexual; por conseguinte, tenho de extirpá-la". Dessa maneira, tornastes o sexo um problema imenso. O sexo é problema para todos vós; e todos os vossos deuses, aos quais desejais unir-vos, vos mandam ser sem sentimento, nunca olhar para uma mulher, nunca olhar para um homem, nunca olhar para uma árvore, para o rio, para as belezas da Terra. Bem, o amor é um sentimento? Depois de compreenderdes o sentimento, completa e não parcialmente, depois de o compreenderdes realmente, em sua totalidade, sabereis o que é o amor. Quando puderdes *ver* a beleza da árvore, quando puderdes ver a beleza de um sorriso, quando puderdes ver o Sol a deitar-se atrás dos muros da cidade — ver totalmente — sabereis então o que é o amor.

PERGUNTA: Falais sobre "estar livre da experiência". Ora, é justo ficarmos indiferentes àquele que sofre pela morte de alguém?

KRISHNAMURTI: Ora, senhores, que se entende por "ser indiferente"? Não sois indiferentes a tudo o que se está passando neste país, em franco declínio? Não sois, todos vós, indiferentes à sordidez, à esqualidez da vida que vos cerca? *Escutai,* por favor. Não sois indiferente ao amor, não sois indiferente ao vosso próximo, à aldeia que padece fome? Porque sois indiferentes, dizeis que precisais agir; porque sois insensíveis, obrigais-vos a fazer alguma coisa.

A indiferença e a insensibilidade são companheiras inseparáveis. Mas a mente sensível, que se não deixa embotar pelas "experiências", é capaz de simpatia, de amor, de afeição para com o próximo. E o importante é ser sensível, não estar embotado pela experiência, pela tradição, pela autoridade, pelos deuses que o homem inventou. Necessitais de uma mente sensível, para penetrardes as coisas.

PERGUNTA: Não elegestes uma autoridade para libertar-vos de todas as autoridades, inclusive de si própria? (i.e., dessa própria autoridade que elegestes).

KRISHNAMURTI: Esse senhor diz que eu tenho uma autoridade que me liberta de todas as autoridades, inclusive de si própria. Deveria eu aceitar uma tal autoridade? Se eu encontrasse uma autoridade que destruísse todas as anteriores autoridades, inclusive a si própria, deveria eu aceitar essa autoridade? Nenhuma autoridade pode, em tempo algum, libertar-vos de qualquer outra autoridade; e se o faz, essa auto-

ridade fica enraizada em vós; portanto, não destruístes a autoridade, só trocastes a antiga autoridade por uma autoridade nova. Se essa autoridade negou as demais autoridades e vos ajudou a libertar-vos de todas as autoridades, inclusive de si própria, onde a necessidade de aceitar qualquer autoridade que seja? Vejo que a autoridade é uma coisa perniciosa. Penetrei-a e examinei-a bem. — Não me pergunteis nada sobre a autoridade do policial, a autoridade do Governo, etc.; não desejo apreciar este ponto agora. A compreensão da autoridade é de absoluta necessidade para a mente livre; e só a mente livre pode *descobrir,* e não aquela que está entravada. Se compreenderdes o pleno significado da autoridade, não porque outra pessoa vos manda olhar ou vos diz que só podereis ser livre quando vos libertardes da autoridade — se compreenderdes, como resultado de vosso próprio exame, vosso próprio indagar, vossa própria investigação, em cada dia de vossa vida, vereis então que não há autoridade nenhuma. Não tendes necessidade de aceitar autoridade de espécie alguma, inclusive a minha própria. Mas isso requer extraordinária compreensão, percepção dos fatos.

A questão é se a mente religiosa é a mente individual ou a coletiva. Ou será outra coisa? Senhor, a vossa mente, aquela de que vos servis, é uma mente individual, quer dizer, independente? Vossa mente é independente? Ou ela é meramente "coletiva", ação do "coletivo", modificada no presente por várias experiências, incidentes e acidentes? Vossa mente é individual? Podeis exercer um cargo técnico, uma função mecânica; vossa mente é individual? Não pertenceis ao "coletivo"? Todos sois hinduístas, cristãos, católicos, budistas, comunistas, hindus ou russos — vós sois o "coletivo". O perceberdes que sois o "coletivo", o perceberdes este fato e libertardes a mente do "coletivo" — isso só é possível mediante auto-investigação, mediante autoconhecimento. E o libertar a mente de suas limitações, pelo autoconhecimento, suscita uma mente nova, que não é individual, nem coletiva, porém algo de todo novo.

Posso dizer-vos uma coisa, senhores? Em primeiro lugar, muito vos aprecio a amabilidade de terdes vindo ouvir minhas palestras. Mas elas serão totalmente inúteis, sem valor algum, puras cinzas, se vos estivestes nutrindo apenas de palavras, de idéias, de teorias, para serem acrescentadas às velhas teorias que já possuís. Porém, se estivestes escutando de maneira que o próprio escutar constituísse um ato de auto-invetigação, de autoconhecimento, neste caso, estas palestras terão real significação; então, elas vos levarão ao Infinito.

14 de janeiro de 1962.

DA TRANSFORMAÇÃO INTERIOR

(NOVA DELI — I)

SERIA interessante se pudéssemos, pelo menos verbalmente, estabelecer comunicação entre nós, já que para a maioria das pessoas a linguagem constitui o único meio de comunicação. Não há outra maneira de nos comunicarmos e, por conseguinte, a linguagem tem sempre importante papel na comunicação, na comunhão. Seria naturalmente muito bom se pudéssemos, dois ou três de nós, reunir-nos para examinar com calma e profundeza estas questões, mas infelizmente tal não é possível. Assim sendo, o que podemos fazer é estabelecer, exatamente no começo, a correta relação entre o orador e vós.

Não têm estas palestras nenhum objetivo propagandístico. Tampouco se destinam elas a dizer-vos o que deveis fazer ou de que maneira deveis pensar, ou a encaminhar-vos numa determinada norma de conduta ou ordem de idéias. As idéias são tão só pensamento verbalizado e, em si, elas pouco significam. Não podem produzir transformação radical, transformar de todo a mente. E aqueles que dependem das idéias para estimulá-los a transformar-se sairão deste acampamento de mãos vazias, porquanto aqui não nos ocupamos com idéias. Estamos tratando de coisa mais profunda, mais duradoura, e que significa uma revolução radical na *qualidade* da própria mente. E essa revolução não pode ser produzida com palavras, nem com idéias. As palavras têm um significado. Palavras não são coisas; e as idéias — se as observamos bem — se ajustam a um padrão de pensamento. E idéias e palavras não têm nenhum papel significativo e profundo em nossas vidas — pelo menos não o têm na vida dos homens profundamente refletidos e sérios. Assim, desde o começo, devemos compreender-nos mutuamente.

Não tem por fim esta reunião converter-vos a qualquer idéia ou modo de pensar individual. Pelo contrário, iremos examinar questões

às quais tereis de aplicar o vosso ser inteiro; e não devereis — numa base meramente intelectual — aceitar ou rejeitar certas palavras. Cumpre, também, ter sempre presente que não estamos falando como autoridade. Não há autoridade em questões espirituais; não há seguir, não há guia, não há *guru*. Cada um tem de descobrir por si mesmo a luz. E o que durante estas palestras iremos tentar é, não só esclarecer para nós mesmos os empecilhos que nos são impostos pela sociedade, mas também descobrir o cativeiro em que a mente está sendo mantida.

Nessas condições, iremos investigar, principalmente, de que maneira fazer nascer uma mente nova e de todo diferente, uma diferente maneira de pensar, uma atitude diversa, uma nova ordem de valores. E para tal necessita-se de um pensar claro e preciso; necessita-se também de capacidade para enfrentar a vida inteiramente *só*. E isso, por certo, não se consegue com a "mente coletiva", pois esta nunca será capaz de revolução. Só a mente *individual*, a mente não enredada na sociedade, na tradição social, nas práticas da sociedade — é capaz de revolução. Necessita-se de individualidade para haver uma revolução radical, e não de simples ajustamento a padrão estabelecido pela sociedade. A mente individual tem a possibilidade de fazer o necessário para operar uma transformação duradoura, revolucionária, no mundo.

Cumpre-nos, pois, diferençar entre "ação coletiva" e "ação individual". Nós não somos verdadeiros indivíduos; somos o resultado do "coletivo". Vós sois o resultado de vossa sociedade, da religião, da educação, do clima, da alimentação, dos trajos, da tradição, do meio em que fostes educado — sois isso, exatamente. E pensardes que sois um "indivíduo" constitui verdadeiro absurdo, como vereis, se investigardes profundamente a questão. Podeis ter um nome, um corpo diferente, uma conta no banco, certas qualidades superficiais; mas, essencialmente, a totalidade de vossa mente está bem condicionada pela sociedade em que foi educada. E a capacidade de perceber essa condição e de romper a crosta secular do passado — essa é a qualidade, a intensidade, a compreensão que faz nascer a individualidade. Porque só a entidade individual, e não a coletiva, é capaz de descobrir o que é real. Só a mente individual, e não a coletiva, pode verificar se há, ou se não há aquilo que se chama "Deus". A mente coletiva só sabe repetir a palavra; mas a palavra "deus" não é Deus. A mente "coletiva" pode ler o *Gita*, citar os *Upanishads* e todas as autoridades religiosas; mas essa mente nunca descobrirá o verdadeiro. Só a mente que rompeu com a tradição, que destroçou os valores

impostos pela sociedade, que se libertou do passado — só ela é capaz de *descobrir*.

E o que nos interessa é *descobrimento*, e não asserções, acordos ou desacordos. Nós mesmos é que temos de descobrir. Mas é quase impossível descobrir o verdadeiro, descobrir se existe o atemporal, além dos limites da mente — se pertenceis a alguma religião, se sois hinduísta, *parsi*(*), *sikh*(**), cristão, se pertenceis a qualquer religião organizada; porque crença e dogma são, essencialmente, obstáculos ao descobrimento. Só a mente que percebe todas as falsidades e influências condicionadoras dessa propaganda rotulada de "religião" — só essa mente pode libertar-se, descobrir.

Mas isso requer muita penetração, muita investigação, vigilância, percebimento das coisas como são, e não mera aceitação ou rejeição puramente intelectual. Porque o aceitar ou rejeitar é simples questão de intercâmbio verbal. Mas, se realmente empreendemos o trabalho de *descobrir* — e nós *precisamos* descobrir — temos de pôr em dúvida todas as instituições. Pois todos devemos tornar-nos cônscios da situação mundial, da geral deterioração. As religiões falharam completamente. A educação não trouxe a paz ao mundo, embora se pensasse, outrora, que, dando-se instrução ao homem, ele se tornaria tão civilizado que deixaria de haver guerras, já não haveria nacionalidades. Mas tudo isso se foi "por água abaixo", porquanto, com os atuais meios de intercomunicação, está-se verificando extraordinária mutação. A rapidez com que se está processando essa mutação é bem mais significativa do que a própria mutação. E não há paz neste mundo, e nenhum político, de qualquer espécie que seja, jamais conseguirá trazer a paz ao mundo. Isso porque os políticos — tal como a generalidade das pessoas, que também são parcialmente políticas — estão interessados principalmente nos problemas imediatos: o imediato bem-estar, a ação imediata, sem se preocupar com a perspectiva. Observando vossa própria vida, podereis ver que não sentis interesse na totalidade da vida, só vos interessando o "imediato" — vosso emprego, vossa posição, vossa família, etc. — tudo isso dentro dos limites do "imediato". O político é obviamente um homem interessado nas coisas imediatas. E os chamados líderes sociais e religiosos estão igualmente interessados no "imediato".

Mas é necessário promover uma revolução radical. Pode uma pessoa não estar cônscia da atual deterioração mental. Entretanto, se

(*) *parsi*: hindu sectário do Zoroastrianismo.
(**) *sikh*: adepto do *sikhismo*, seita hinduísta.

observardes, vereis que há cada vez menos liberdade no mundo. As democracias falam de liberdade; mas todos têm de submeter-se às regras do partido, ou à tradição. E a observância da tradição é, evidentemente, uma coisa fatal, porque impossibilita o homem de ver claramente, de discernir profundamente. E, em vista não só do estado em que se acha o mundo, mas também da angústia e da confusão nele reinantes, os que pensam com certa clareza tratam de negar a importância dos líderes e da autoridade; e o resultado é mais confusão, mais conflito e, por conseguinte, mais deterioração.

Estou certo de que tendes feito a vós mesmos esta pergunta: Que se deve fazer num mundo que se acha em rápido declínio; que se pode fazer a respeito da guerra, da ameaça da *bomba*(*), da tirania e do cerceamento da liberdade; e que pode fazer um indivíduo em face do problema da fome em todo o Oriente, da pobreza, da degradação, da geral desumanidade? Que podemos, vós e eu, fazer? Ou a ação cabe ao Governo e em nada concerne ao indivíduo? E, também, deveis ter perguntado a vós mesmos: Vendo-se o mundo como é, existe alguma realidade, uma coisa que se possa "experimentar", descobrir? Estas perguntas só podem ser feitas quando a pessoa está muito profundamente insatisfeita, em profundo descontentamento. Mas a maioria de nós, quando nos vemos descontentes, encontramos fáceis possibilidades de nos contentarmos, fáceis maneiras de nos satisfazermos. E não sei se tendes notado que, quanto maior a confusão, quanto maior a incerteza, tanto maior se torna a busca de autoridade, tanto maior o desejo de apoiar-nos nas coisas do passado. E, observando tudo isso, observando os fatos que estão realmente sucedendo — *os fatos*, e não as opiniões relativas aos fatos, não o vosso concordar ou vossa tradução dos fatos em conformidade com vosso *fundo* — torna-se evidente a necessidade de terdes uma mente nova, para enfrentar esses fatos, para compreendê-los e instituir uma diferente maneira de viver.

Sem dúvida, o problema é que há um imenso acúmulo de conhecimentos provenientes dos séculos passados, o peso do passado diante do futuro, que é desconhecido, uma parede lisa, que desconheceis completamente, mas o traduzis nos termos do pretérito e, por conseguinte, pensais conhecê-lo. Mas, realmente, não o conheceis. E esse me parece ser o problema central para o homem que realmente sentiu e, profundamente, fez a si próprio perguntas irrespondíveis —

(*) Refere-se à bomba de hidrogênio. (N. do T.)

pois a maioria das pessoas faz perguntas com o fim de encontrar as respostas.

Permiti-me dizer, aqui, que há uma maneira de *escutar,* e uma maneira de apenas ouvir palavras. A capacidade de escutar é uma arte, porque, quando escutamos, escutamos sem traduzir, sem interpretar. Escutamos, então, não com o fim de concordar ou discordar, pois isso é falta de madureza; mas para realmente descobrir. Portanto, deveis escutar. Mas não podeis escutar, se ficais traduzindo o que ouvis em termos do que já conheceis, daquilo com que estais familiarizado. Talvez desconheçais o que se está dizendo; por conseguinte, deveis escutá-lo sem o interpretardes consoante o vosso *fundo,* pois, se assim estais fazendo, cessastes de escutar. Tenho dúvidas sobre se já alguma vez *escutamos* alguma coisa! Em geral, não desejamos escutar, porque isso é muito perigoso: temos medo de despedaçar as coisas que nos são caras, as coisas com que estamos habituados. Assim, limitamo-nos a ouvir palavras, para, intelectualmente, concordar ou discordar. E dizemos, então: "Como juntar a ação àquilo que pensamos? Intelectualmente concordamos com o que estais dizendo, mas como pô-lo em prática?" Tal coisa não existe: compreensão intelectual; o que estais dizendo significa apenas que ouvis as palavras e que elas têm certos significados idênticos aos que conheceis; e essa identidade de significados é o que chamais compreensão, concordância intelectual. Não há concordância intelectual, tal coisa não existe. Ou compreendeis ou não compreendeis.

E para compreender profundamente, realmente, com todo o vosso ser, tendes de escutar. Já escutastes vossa esposa, vosso marido, vosso filho, ou mesmo vosso patrão? Nós não ousamos escutar. E quando tentardes fazê-lo (talvez o deixeis para outra ocasião ou talvez o façais aqui), vereis que no próprio ato de escutar se verifica uma profunda transformação. O próprio ato de *escutar,* e não o de concordar com uma idéia, produz essa transformação. Se assim escutais, se escutais com todo o vosso ser — com todos os vossos sentidos, vossa mente, vosso coração — se *escutais* totalmente o que vos dizem, o que *sentis,* ficais aptos a discernir o que é verdadeiro e o que é falso. E, escutando, descobrireis por vós mesmo o verdadeiro, pois o ato de escutar é o ato de descobrimento do fato. Entretanto, estamos sempre evitando o fato, qualquer que ele seja, porque temos opiniões a seu respeito. Nunca o olhamos, porque desejamos fazer alguma coisa a respeito dele, procuramos organizar-nos de maneira que possamos atuar sobre o fato.

Consideremos uma coisa muito simples que está ocorrendo neste desafortunado país: a doença do nacionalismo. Os políticos estão-lhe

avivando a chama. E, se observardes, vereis que o fato é que as nacionalidades estão sempre em guerra entre si, e que elas são responsáveis pelas guerras. A veneração da bandeira é um símbolo. E o símbolo, segundo se supõe, cria a unidade. Mas ele, com efeito, não dá de modo nenhum unidade ao mundo. Bem ao contrário, as bandeiras estão separando os homens, tal como o têm feito as religiões. Isso é um fato. Quer o admitais, quer não, é um fato. Esse fato está ocorrendo em nosso país; êsse veneno, que nunca existiu aqui, está-nos sendo inoculado na mente, a fim de se criar a unidade. Mas a unidade não pode ser criada com uma bandeira. Não se pode criar a unidade mediante um símbolo. Um símbolo é mera palavra, não é a coisa real. E para enfrentardes esse fato, para descobrirdes o que é verdadeiro, necessitais de toda a vossa capacidade, toda a vossa inteligência. E isso significa que deveis dissociar-vos completamente do "coletivo". Mas tal é dificílimo, porque correis o risco de perder o emprego, de vos indispordes com vossa família; poderá haver um sem-número de obstáculos inconscientes a vos impedirem de olhar o fato.

Consideremos outro fato muito simples. Vós vos denominais hinduístas, *sikhs*, muçulmanos, e sabe Deus o que mais. Por meio de secular propaganda fizeram-vos pensar que sois *isto* e *aquilo*. Mas isso não vos faz ser uma pessoa religiosa, não vos dá a qualidade da verdadeira mente religiosa. Obedeceis ao padrão da religião organizada — dessa suposta religião, que tem doutrinas, crenças e dogmas religiosos. E, agora, para enfrentardes esse fato, deveis *escutar*, para conhecer a qualidade da verdadeira mente religiosa. E, quando assim escutais, isso significa que estais começando a dissociar-vos da propaganda a que chamam religião.

Nessas condições, senhores, para poderdes efetuar a transformação interior de vós mesmos e, portanto, do mundo, não deverá essa transformação proceder de nenhuma compulsão, nem de concordâncias, nem de palavras e argumentos intelectuais, porém do descobrimento do verdadeiro, realizado por vós mesmos (pois ninguém vo-lo pode mostrar) mediante o percebimento próprio. Podeis dizer que estais de acordo, por enquanto, intelectualmente, talvez. Mas, depois de vos irdes daqui, continuareis a ser hinduísta, continuareis a ser cristão, *sikh*, muçulmano, ou quaisquer que sejam vossos títulos e rótulos. Mas, se realmente vos escutardes, escutardes o "processo" de vosso próprio pensar, observardes os fatos, vereis então que já não fazeis parte do "coletivo", nem da tradição, já em processo de dissolução. E essa libertação não resulta de esforço consciente, pois esforço consciente é mera reação, e toda reação provoca novas reações.

Estais, pois, escutando o que aqui se está dizendo — quer dizer, estais realmente escutando a vós mesmo, e não ao orador. O orador só vos está dando indicações por meio de palavras. Mas, se seguis apenas as palavras e seus significados, elas não vos levarão longe. Mas, escutando, vereis de frente o fato da deterioração que, mais rápida, talvez, do que nunca, está ocorrendo no mundo; vereis que o mundo está caindo nas mãos dos políticos, dos tiranos, dos reacionários. Com a palavra "reacionários" refiro-me aos que se intitulam revolucionários mas são verdadeiramente tirânicos por causa da reação, porquanto baseiam na reação todas as suas atividades e pensamentos. O comunismo, por exemplo, é uma reação ao capitalismo. E reação significa apenas reavivar, de forma modificada, o passado.

Assim sendo, observando-se tudo isso — que a religião perdeu todo o seu significado, que a educação está formando técnicos e não entes humanos, que a existência moderna é extremamente superficial — que cumpre fazer? Como encontrar uma saída desse matagal, desse caos? Tudo depende da maneira como fazeis essa pergunta. Podeis fazê-la em conseqüência de reação e encontrar, assim, uma resposta que será também reação; ou podeis fazê-la sem esperar resposta alguma. Ao fazerdes uma pergunta sem esperar resposta, pois não há resposta, sois reenviado a vós mesmo e, por conseguinte, tendes de indagar dentro em vós mesmo e não fora de vós.

Em geral, fazemos perguntas porque desejamos respostas. Tenho um problema que desejo resolver; portanto, faço uma pergunta. Não desejo descobrir a verdade contida no próprio problema, não desejo penetrá-lo profunda e inflexivelmente; o que eu quero, a todo transe, é encontrar a solução, porque o problema me perturba. Desejo uma resposta satisfatória, confortante, conveniente — e essa resposta, naturalmente, será uma reação. Dessarte, toda indagação produtiva de reação só pode produzir mais reações e, conseqüentemente, mais problemas. Podeis aplicar isso a vós próprios, se vos apraz, por vós mesmos podeis ver a seqüência lógica de tal indagar. Ou podeis perguntar, sem estar buscando, sem estar desejando nenhuma resposta; e, então, quando o fazeis, sois reenviado a vós mesmo e, por conseguinte, tendes de indagar, interiormente, como vossa mente pensa, o que pensais e porque o pensais — pois *o que pensais* e *porque pensais, o que sentis* e *porque sentis,* isso é que cria o problema. Se, sem compreender-vos, vos limitais a fazer uma pergunta que vos proporcione resposta satisfatória, estais evitando o fato — *o que é* — e esse fato é que vós sois o criador do problema, e não a sociedade, não a religião, em seu estado atual.

Assim, muito importa a maneira como fazeis a pergunta — e vós tendes de fazê-la. Se a formulais com o desejo de encontrar uma saída das aflições e da confusão reinantes no mundo, encontrareis facilmente algum *guru,* algum profeta, algum guia ou líder que momentaneamente poderá aplacar vosso descontentamento, vossa aflição. Mas, no fim de tudo, onde ficais? Continuais no mesmo lugar onde estáveis, por não terdes compreendido que sois o criador dos problemas. Mas, se perguntais e não tentais obter resposta, vossa pergunta tem então o fim de descobrir; mas só podeis descobrir examinando vosso próprio pensar, a qualidade do vosso sentir, a natureza de vossas emoções.

O que, pois, vamos fazer nestas palestras não é dar soluções a problemas, já que isso é sem valor, trivial; o que vamos fazer é aprender como *olhar* os problemas, como investigar cada problema que a vida apresenta, de modo que, pelo correto investigar, possamos descobrir. Com as palavras "correto investigar" quero dizer: jamais procurar a solução em ninguém, em nenhum livro, nenhuma autoridade, porém, sim, investigar com o fim de compreender todo o conteúdo do problema. E para esse investigar necessita-se de uma mente bem clara, penetrante, lógica, sã, capaz de enfrentar fatos. Deveis ver que vossa mente está completamente presa ao passado, à tradição, à memória, à experiência de milhares de dias idos, e que com ela é que olhais a vida — a vida, que é perene movimento e variação, que nunca pára. Assim, a mente promana do tempo, sendo "tempo" o passado que molda cada pensamento e sentimento. Com essa mente, que é o passado, o resultado de séculos de tempo, estamos tentando compreender a extraordinária mutação que está ocorrendo no mundo, estamos procurando compreender o sofrimento. Com essa mente, buscamos compreender o futuro, o desconhecido.

Assim, impende compreender por nós mesmos, e para isso precisamos investigar o estado de nossa própria mente — não tentando "resolver" o estado da mente, porém, sim, compreendê-lo. É necessário compreendê-lo. Com a palavra "compreender" quero dizer: olhar as coisas sem condenação, olhá-las sem avaliação — o que é dificílimo para a maioria das pessoas, senão todas; *olhar, ver, escutar,* sem introduzir opiniões, juízos, condenações e justificações: olhar apenas. Não sei se já alguma vez fizestes isto — olhar *sem pensamento,* olhar uma flor sem lhe aplicar todos os vossos conhecimentos de botânica — olhá-la, simplesmente. Se o experimentardes, vereis quanto isso é difícil, pois a mente é escrava das palavras. A palavra é mais significativa para a maioria de nós do que o fato. E, enquanto a mente

for escrava de palavras, de conclusões, de idéias, será totalmente incapaz de *olhar* e *compreender*.

Compreender um fato não é ter opinião a respeito dele, mas, sim, ter a capacidade de *olhá-lo* — olhá-lo *sem julgamento, sem a palavra*. Não sei se já alguma vez olhastes para uma ave ou uma árvore, ou para a esqualidez, a imundície das ruas. Estou empregando as palavras "esqualidez" e "imundície" no sentido lexicográfico, sem lhes emprestar nenhum conteúdo emocional. Porque, vede bem, se estais apto a olhar, deixa de haver medo. Não há temor ao serdes capaz de olhar, capaz de olhar a vós mesmo. E precisais olhar dessa maneira, pois só assim podereis conhecer-vos. Se não vos conheceis, nenhuma razão tendes para pensar, nenhuma base tendes para o pensamento, pois sois um mero autômato, que pensa o que se lhe manda pensar. Mas, se fordes capaz de observar-vos, de observar vossos modos de ser, vosso pensar, vossas atividades, observar como olhais as pessoas, o que vedes, o que fazeis, como falais — tudo isso — descobrireis então que essa observação, esse ver, esse total percebimento é energia, é a chama que consome o passado.

E vereis então, por vós mesmo, que a mente penetrou fundo em si própria. A mente tem de penetrar em si mesma profundamente, porque o fomento da educação, do progresso, da industrialização, nos está tornando cada vez mais superficiais. E a vida não é só indústria, não é só exercer um emprego, ganhar dinheiro e gerar filhos. A vida é coisa bem mais grandiosa do que tudo isso, incluindo também tudo isso. Mas o menor não pode conter o maior; o maior é que contém o menor. Entretanto, aparentemente, contentamo-nos com o menor e, por conseguinte, estamos interessados no "imediato". E a vida se está tornando sobremodo superficial. Pensais que ir semanal ou diariamente a uma cerimônia hinduísta, a isto ou àquilo, vos torna muito "direto", pensais ser muito atilado porque lestes uns tantos livros; mas tudo isso é muito superficial. O profundo não se encontra em nenhum livro, ainda que seja o *Gita* ou os *Upanishads*. Não se encontra em nenhum *guru*, nenhum templo ou igreja. Cumpre ser encontrado dentro de vós mesmos. Tendes de penetrar muito, penetrar profundamente em vós mesmo, passo por passo, observando cada movimento de vosso ser, cada ação, cada sentimento. E vereis então que não há limite, que nunca se alcança o fundo daquilo que vedes.

Por certo, só a mente que de todo se dissociou da sociedade, da tradição, que se tornou capaz de estar completamente *só*, só ela pode descobrir se existe o inefável, o incognoscível. E existe. Digo que existe; mas isso nenhum valor tem para vós, absolutamente, porque vós é

que tendes de descobri-lo. O laboratório sois vós mesmo; cabe-vos demolir, destruir tudo, para poderdes *descobrir.* Essa é a única revolução interessante, de profunda significação; não o é a revolução econômica, a revolução social, a revolução industrial a que estamos assistindo neste país.

Só há uma revolução: a revolução da mente, a revolução da consciência; e essa revolução não se realiza com discussões, com palavras, com inferências e conclusões. Essa revolução *chega,* profunda, duradoura, precisa, ao penetrardes em vós mesmo, sem aceitar coisa alguma e, por conseguinte, contestando tudo. E, com esse próprio contestar, que não é busca de nenhuma resposta, descobrireis que uma extraordinária revolução ocorrerá sem esforço algum. E só então a mente pode descobrir por si mesma se há, ou não, o atemporal.

21 de janeiro de 1962.

OS OBSTÁCULOS PSICOLÓGICOS

(NOVA DELI — II)

DIZÍAMOS, em nossa última reunião, no domingo, quanto é importante que se realize uma revolução total — não simples reforma, reorganização da sociedade, porém a completa e interior revolução mental. Dissemos que se faz necessária uma nova mente, não só para enfrentar a presente crise, que continuamente se expande e piora, mas essa mente nova é também necessária para descobrirmos por nós mesmos o que é verdadeiro e se há um estado de criação fora do tempo. Demanda isso uma mente nova, uma mente não escravizada pela obediência à autoridade e que encerre em si, totalmente, aquele estado de humildade no qual, tão só, é possível *aprender*.

E, como disse antes, pode a pessoa libertar-se da sociedade? Pois é só pelo libertar-se da sociedade que surge o indivíduo, a individualidade. E tem esse indivíduo alguma possibilidade de tornar existente uma mente nova? Dissemos que a sociedade é o passado e que cada um de nós é o resultado do passado. Cada um de nós resulta de seu ambiente, da sociedade em que vive, do meio cultural em que se criou, da propaganda religiosa inculcada através de séculos. Cada um é resultado de tudo isso, ou seja, do passado. É possível o indivíduo libertar-se totalmente desse passado, que não é apenas o dia de ontem, porém muitos milhares de dias pretéritos; o passado, que é a bomba atômica e é também a tradição do hinduísta, do cristão, do budista ou de todas as outras religiões, do revolucionário social que é o comunista?

O passado não é apenas tradição, mas também o resultado dessa tradição que, em conjunção com o presente, cria o futuro. Visto que para a maioria de nós a tradição é importantíssima, devemos compreendê-la. Há a tradição do tecelão, a tradição do cientista, a tradi-

ção do erudito, a tradição da chamada "pessoa religiosa", a tradição do técnica. Onde traçar a linha de demarcação entre todas essas variedades de tradição, e quando é que o conhecimento técnico é essencial para se viver neste mundo, e quando é totalmente prejudicial à mente criadora?

Penso que cada um de nós deveria compreender esse problema da tradição, porquanto a tradição é afinal de contas "hábito amadurecido pelo tempo". E esse hábito dá forma ao nosso pensamento, molda a nossa existência, força-nos a exercer um emprego, a manter uma família, o que acarreta responsabilidades, deveres e moralidade, que também inclui a obediência. Todas essas coisas são, por certo, tradição, compõem a tradição, constituem a tradição.

Pode a tradição concorrer para suscitar a mente criadora, isto é, a mente nova? Ou o hábito impede a total apreensão daquilo que se acha além do tempo? Não há hábito bom e hábito mau — todo hábito é a mesma coisa. Mas, sem dúvida, é de extraordinária importância libertar a mente do hábito, porquanto um hábito nada mais é que uma técnica, uma maneira fácil de viver, em que não se necessita pensar profundamente. É por essa razão que a maioria de nós cultiva hábitos, os quais se tornam quase automáticos, de forma que não temos necessidade de exercer em demasia nossa vitalidade ou nosso pensar. Assim, cultivamos os hábitos, os quais, gradualmente, com o tempo, se tornam tradição.

Ora, tudo isso vem a ser o passado, o passado que inclui as idéias, os deuses, as diversas influências conscientes e inconscientes, as várias compulsões e ânsias, as numerosas acumulações a que estamos apegados. Tudo isso — não apenas as memórias acumuladas do indivíduo, da pessoa, mas também os conhecimentos acumulados pela humanidade, através dos séculos — constitui o passado. A acumulação, no consciente, é a atual educação técnica, as influências ambientes e sociais do presente. Há, também, no inconsciente, o resíduo de milênios de esforços humanos — conhecimentos, esperanças, frustrações, exigências imprevistas. Eis o passado. O passado sois vós, e nada mais há senão o passado. E considero muito importante compreender isso.

Por "compreender" não se entenda "compreender intelectualmente, verbalmente". Se meramente assentis no que se está dizendo, meramente concordais ou discordais e, verbalmente, intelectualmente, acrescentais outras particularidades ao que se disse, nesse caso não estais compreendendo, pois qualquer um pode concordar com qualquer

coisa ou ser persuadido a não concordar. Mas, sem dúvida, a compreensão difere por inteiro. Ela surge quando dais toda a vossa atenção não só às palavras e sua significação, mas também à vossa reação às palavras e àquela reação que é a "resposta" de vossa memória, ou seja, do passado; todo esse processo gera a compreensão.

E estas palestras não são unicamente verbais, não se destinam a ser apenas uma série de idéias para com elas vos entreterdes. Elas se dirigem aos que sentem sério interesse, ardor, que estão dispostos ou desejam ir até o fim com a intenção de *descobrir* — até ao *fim*, mas não o estéril fim intelectual das palavras e teorias: até o último limite de uma idéia, de um pensamento, tal como "o passado"; com a intenção de investigar profundamente, prosseguir lógica, sã, racionalmente, *até o fim*. Quem assim procede é verdadeiramente sério, não se deixará entravar por nenhuma fórmula.

E este é o nosso propósito, nesta tarde, isto é, não apenas investigar verbalmente, mas também estar emocionalmente em contato com a palavra. Há diferença entre essas duas coisas. A mera verbalização não está em conexão com nossas emoções, nossos sentimentos; há separação entre a idéia e o sentimento que dá origem à ação. Quando separamos a idéia, isolamo-la do sentimento; e há, então, a contradição entre o sentimento e a idéia. E a maioria de nós consome o seu tempo procurando uma maneira de unir o intervalo entre a idéia e a ação. Idéia é simplesmente palavra, idéia é simplesmente uma série de pensamentos verbalizados. As idéias nenhum valor têm. Como deveis ter observado, todos os políticos, no mundo inteiro, falam de paz. São pregações falsas. Eles falam de paz, enquanto preparam a guerra. Falam de não ambicionarem poder, posição, prestígio e, no entanto, estão sequiosos, ardendo em desejos disso. Trata-se, pois, de idéia. Mas nós não estamos interessados em idéias; estamos interessados no fato de que a ação só é possível quando há contato emocional com o fato.

Eu estou certo de que o passado pode ser completamente dissolvido. O futuro, o desconhecido, acha-se além da muralha do passado. Mas, para ir além, para romper a muralha, o indivíduo precisa examinar a fundo a questão do passado. Não é possível penetrar verbalmente o inteiro processo da consciência. Não é possível investigar com o pensamento. O pensamento é incapaz de investigação, porque o pensamento nasce de reação. O pensamento é reação da memória, e a memória promana da experiência; a experiência é o condicionamento em que fomos criados. O pensamento, pois, não constitui o meio de investigar, o instrumento de indagação, inquirição.

Assim, ao percebermos muito claramente, penetrantemente, que o pensamento não é o instrumento de investigação, de que maneira poderemos, então, investigar, compreender? Enquanto falo, tende a bondade de *escutar*, para verdes qual é o estado de vossa própria mente. Não vos limiteis a ouvir palavras, porém servi-vos delas para abrir a porta de vossa própria mente. Porque, nesta tarde, o que deveras estamos fazendo representa o "processo" de abrir a porta de acesso a vós mesmo, a vosso interior. Estamos fazendo uma interna peregrinação, fazendo juntos uma viagem de exploração de todo o processo da mente. Se estais apenas ouvindo palavras, isso nenhum valor terá. Mas, se me estais acompanhando — não apenas me ouvindo, porém viajando junto comigo — descobrireis então por vós mesmo a verdade ou a falsidade do que se está dizendo.

E se o intelecto não é o instrumento de investigação, não é o meio de abrir a porta, qual é então esse meio? Não estou empregando a palavra "meio" no sentido de método, sistema, prática, disciplina — pois tudo isso são infantilidades, não importa quem diga o contrário. A mente que segue um sistema é uma mente estreita, limitada. E a mente disciplinada, moldada, controlada, deixa de pensar. Mas eu estou empregando a palavra "meio" noutro sentido, e indagando se isso a que acabo de referir-me não constitui o meio, que é então que o constitui? Se o pensamento não é o meio de descobrir como dissolver o passado, porque o próprio pensamento é o passado, resultado do passado — e, por conseguinte, incapaz de dissolver o passado — qual é então *o meio*? Como pode o passado ser dissolvido? Espero esteja perfeitamente claro o que estou dizendo.

A mão que dá não pode ao mesmo tempo tomar. O pensamento deseja dissolver o passado e, no entanto, o pensamento origina-se do passado. Nenhuma ação, nenhuma "projeção", nenhum desejo, nenhuma volição procedente do passado pode dissolvê-lo, pois tudo isso são ainda coisas do passado. Tudo o que fizerdes, cada ação, cada sacrifício, cada movimento da mente é coisa do passado; e o pensamento, o que quer que faça, não pode dissolvê-lo. Se isso está bem claro, não apenas de acordo com vosso modo de pensar — pois não se trata apenas de concordardes comigo, o que nenhuma importância tem — então o relevante é descobrir se se pode dissolver o passado. O passado pode dar a técnica da existência diária, constitui ele o mecanismo da existência cotidiana; oferece-nos meios, facilidades, mas não pode levar-nos muito longe. E nós temos de empreender uma viagem para além do passado, do tempo; e isso é necessário porque a única revolução importante é a revolução religiosa. E só essa revolução pode

extrair a ordem desta desordem. Explicarei isso mais adiante. Não é uma contradição.

O pensamento, pois, em nenhuma circunstância nos oferece o meio de sairmos do passado. O passado é necessário, pois, do contrário, não poderíamos saber onde moramos, não saberíamos nosso próprio nome, não poderíamos dirigir-nos ao escritório, não reconheceríamos nossa mulher, nosso marido, nossos amigos, nossos filhos, não saberíamos sequer falar. O passado é memória, e a memória é essencial. Não podemos jogá-la fora. Mas o cultivo da memória, que é o conhecimento, que é a expansão do pensamento, não pode de modo nenhum quebrar a muralha do passado. E a mente, por conseguinte, nunca é nova, fresca, jovem, inocente. E é só essa mente nova, fresca, inocente que conhece a humildade — e não aquela que está levando a carga do passado.

Assim, como romper o passado? Há um ato que se realiza com o *ver*. Prestai, por favor, um pouco de atenção ao que se está dizendo. Justamente por ser tão simples, achareis difícil compreendê-lo; nossa mente é por demais complicada, imatura, cheia de informações sem nenhum valor, tão temerosa e insegura. Vendo-se insegura, a mente busca a segurança e, dessa maneira, aumenta a insegurança; e essa mente é incapaz de ver qualquer coisa simples e, por conseguinte, de agir com simplicidade.

Vou estender-me um pouco sobre o ato de ver, que, tal como o ouvir, é um ato extraordinário. Ouvir sem julgamento, sem pensamento, sem a palavra, sem interpretação, sem condenar nem aceitar; apenas ouvir, que representa um estado da mente sobremodo atenta; ouvir uma pessoa, não importa quem, vosso filho, vosso marido, vosso patrão, o condutor do ônibus; ouvir completamente — isso requer muita atenção, *não* concentração, porém atenção, simplesmente. E o ver e o escutar implicam essa atenção. Há o passado, ninguém o pode negar. Ele aí está, sólido, embrutecendo, e mutilando, e destruindo a mente nova, que deve conservar-se bem *viva*. Isso é um fato, não apenas um fato exterior, mas também um fato psicológico. É preciso ver o fato sem condenação, sem julgamento, vê-lo meramente, ver o que é o passado.

Deixai-me agora considerar de outra forma a questão do ver. Para a maioria de nós a autoridade é importantíssima — a autoridade dos livros, dos chamados "livros sagrados"; a autoridade do policial, da lei; a autoridade do patrão, da tradição; a autoridade sob o aspecto de domínio do marido sobre a mulher ou da mulher sobre o marido e dos pais sobre os filhos; a autoridade que obriga a obedecer; a

autoridade que tanta desordem criou neste mundo. Porque, pela obediência, não se cria ordem, porém só desordem — como o fazem todas as tiranias. Isso também é um fato, tanto externo como interno — o fato de obedecerdes. E vosso constante desejo é de encontrar uma autoridade que vos dê segurança e conforto, uma autoridade duradoura, que vos propicie aquela grande, imensa satisfação que chamais "paz".

Prestai atenção a tudo isso, aplicando-o a vossa pessoa. Não estais escutando palavras, estais escutando a vós mesmo. Não estais escutando idéias, estais a observar-vos num espelho. Podeis voltar as costas ao espelho, não olhá-lo; mas ele lá está, se quiserdes servir-vos dele. Enquanto aqui estais, olhai-vos no espelho que sois vós mesmo. Não há então nenhuma autoridade — a autoridade que vos obriga a fazer coisas, a autoridade da conduta correta, a autoridade que diz que *deveis* e que *não deveis*, a autoridade que destrói toda ação criadora — como se vê no caso do soldado. Ao soldado não é permitido pensar. Só se lhe permite obedecer. Quanto mais completamente obedece à autoridade, sem hesitação, tanto mais completo é o soldado. Porque para ele não há responsabilidades: seus superiores assumem a responsabilidade; eis porque a guerra é tão "popular". É isto o que a maioria de nós deseja: a autoridade do *guru* que nos diz o que devemos fazer; e não precisamos pensar, não precisamos sentir, porém, somente, *seguir*.

E a obediência se torna, assim, quase uma segunda natureza. E uma nação educada na obediência deixa de ser uma nação. É o que está acontecendo em nosso pobre país. Ninguém contesta nada, nada se faz para quebrar a autoridade. Não me refiro à autoridade do governo, nem à autoridade da Lei; se quebrardes esta, se sonegardes impostos, ireis parar na prisão. Isso é bem claro e não é esta espécie de autoridade que digo que se precisa quebrar; isso seria muito estúpido e infantil. Ao dizer que se precisa quebrar a autoridade, refiro-me à quebra da autoridade psicológica, a autoridade que cada um formou dentro de si próprio, e que significa obedecer: obedecer ao *guru*, obedecer à tradição, obedecer ao preceito, dobrar o joelho à chamada religião, que outra coisa não é senão propaganda. Apreciaremos, mais tarde, essa questão religiosa. A autoridade, pois, mutila, a autoridade causa deterioração; a pessoa nunca é livre, e há sempre medo.

E como pode a mente submetida a autoridades de toda espécie, da pequena autoridade à suma autoridade do *guru*, de Sankara e de todos os santos — como pode essa mente descobrir, por si própria, o que é verdadeiro? Ela deve, por certo, descobrir por si o que é verda-

deiro. Ela não precisa que mil *gurus* lhe digam o que é verdadeiro, pois todos eles podem estar enganados, e provavelmente estão. Mas vós mesmo tendes de descobrir; e para poderdes descobrir, deveis destruir toda e qualquer autoridade que criastes dentro de vós. Essa própria rejeição produzirá algo que podereis chamar desordem, porém essa desordem é, na realidade, o medo que surge quando se começa a contestar a autoridade interior, a demolir a casa edificada através de séculos, principalmente neste nosso país, ora em estado de deterioração. Percebeis o fato, que é a autoridade, e a seguis, dizendo: Que aconteceria se não houvesse nenhuma autoridade interior? Provavelmente, se não houvesse autoridade interior, vos veríeis perturbado por uns poucos dias, mas não tardaríeis a achar outra autoridade para substituir a velha. E, no ínterim, há desordem, e essa desordem vos assusta.

Certo, senhores, tendes de demolir tudo, para serdes capazes de criar, cumpre impugnar tudo. E, nesse próprio impugnar, torna-se existente a individualidade; do contrário, continuamos a ser "a massa". E, certamente, isso é que é necessário hoje em dia: duvidar de tudo, duvidar, mas sem desejar encontrar a solução. Se duvidamos com um *motivo*, isso já não é duvidar; o que se quer é meramente um resultado. Mas, se se duvida sem *motivo nenhum* — o que é uma coisa verdadeiramente extraordinária — a mente está então capacitada para ver o que é verdadeiro.

É, portanto, muito importante que se torne existente uma mente nova, uma mente fresca. E a mente não pode tornar-se assim, se está sob a carga da autoridade. Autoridade não é apenas a do *guru*, a do livro, a da mulher e do marido, etc., a da vontade de dominar, mas há também uma autoridade de significação mais profunda, que é a da experiência. Porque quase todos nós vivemos segundo a experiência, esta se torna nossa autoridade. Há a experiência do cientista que, durante séculos, acumulou conhecimentos — e isso é autoridade; e há também a experiência que cada um de nós acumulou e que se torna nossa autoridade — e isso, mais uma vez, é o passado: a autoridade de que a mente consciente está cônscia e também a autoridade constituída pela experiência acumulada no inconsciente. Experiência é reação a desafio. Pergunto-vos uma coisa. O próprio perguntar é um "desafio" a que "respondeis", e esse "responder" é "experimentar". E esse experimentar decorre de vossas experiências anteriores, convertidas em autoridade.

Vede, por favor, o quanto isto é simples. Poderá parecer-vos muito complicado, mas não é. Toda experiência pertence ao passado.

E nenhuma "resposta" ou reação da experiência, pertencente ao passado, pode quebrar-lhe a muralha. Assim, a autoridade, de qualquer espécie que seja, interna ou externa, não libertará a mente do passado. E nunca sereis senhor do futuro, a não ser nas coisas mecânicas, porquanto o futuro é o "desconhecido". Mas, nós olhamos o futuro, o amanhã, com os olhos do passado e, por conseguinte, pensamos poder controlá-lo. E, de fato, mecanicamente, nós o controlamos: amanhã irei ao escritório, amanhã colherei certos resultados de minhas atividades, etc. etc. Mecanicamente, *ireis* fazer coisas de todo gênero; por isso pensais que sois o senhor do futuro, mas não o sois. Psicologicamente, não sois senhor do futuro, que é o amanhã. Pois, como podeis ser senhor de algo que desconheceis? Como podeis ser o senhor de uma mente nova, fresca, inocente? Assim, ao *verdes* — e emprego o verbo "ver" no sentido já antes explicado — ao verdes que certas formas externas de autoridade são necessárias, tal a autoridade do engenheiro, do médico, do governo, da Lei, do policial, mas que qualquer outra forma de autoridade é destrutiva e impede a mente de ser livre, então vossa mente poderá ser livre. E só a mente livre pode passar *além*.

Como vimos, somos o resultado do passado. Nós somos o passado. E nenhuma "projeção" do passado é o futuro, a não ser mecanicamente, a não ser no tempo. Todas as "projeções" para o futuro, tais como "Serei *isto* psicologicamente", "Alcançarei o alvo", ou "Descobrirei a Verdade" — todas elas procedem do passado e, conseqüentemente, causam conflito.

Agora, se sois capazes de ver isso na totalidade — isto é, ver totalmente, conforme expliquei: com vossa mente, vosso coração, vossos sentidos, vossos olhos, vosso nariz, vossos ouvidos, e também mental e emocionalmente; se sois capazes de ver qualquer coisa sem contradição, sem esforço — decobrireis então que o passado pode ser demolido, não a pouco e pouco, porém total e imediatamente, porque o *ver* não permite intervalo. Não há intervalo entre *ver* e *atuar*. Espero esteja claro o que estou dizendo.

Como vedes, senhores, muito importa afastar a contradição, livrarmo-nos da contradição, porque a contradição produz conflito. Refiro-me à contradição interior, psicológica, às falas insinceras do político — e a maioria de nós se deixa influenciar por tais pregações. E se, ao quererdes penetrar realmente até ao fim de cada pensamento, introduzis a contradição, ela vos impede de ir mais longe, pois nela ficais envolvido. O que estamos, pois, encarecendo é o *ver totalmente*, sem contradição.

Senhor, o *verdes* que estais encolerizado — que significa esse ver? O fato é que estais encolerizado. E quando *vedes* esse fato, sem contestá-lo, sem justificá-lo nem dizer: "Isto é correto" ou "Isto é incorreto" — quando estais simplesmente cônscio, sem nenhuma escolha, do fato de que estais encolerizado, então esse próprio fato produzirá uma ação não contraditória. Então, não procurais aparentar o contrário, não procurais persuadir-vos do contrário, nem disciplinar-vos para não sentirdes cólera, porquanto no próprio ato de ver não há contradição. E é muito importante compreender esse ato de ver, porque em torno desse ponto girará tudo o que vou dizer, já que é este o único fator libertador: o ato de *ver*, o ato de *escutar*. Não tereis então necessidade de fazer coisa alguma.

Mas, para poderdes ver tão completamente deveis estar atento, e a atenção exclui a contradição. Não podeis prestar atenção quando estais condenando. Não podeis dar toda a vossa atenção se lutais para não serdes ciumento. Só quando estais perfeitamente cônscio de que sois ciumento ou invejoso, só então essa fato produz sua peculiar energia. E necessita-se de uma energia tremenda para essa atenção. E o ato de ver é atenção. Não estou falando de nenhuma coisa mística, de nenhum processo especial, de nenhuma maneira especial de pensar — tudo isso é só absurdo. Estamo-nos movendo de fato para fato.

E o ato de ver, sem condenação, julgamento, avaliação, sem a palavra, que é pensamento; o ato de olhar, observando cada movimento, cada sentimento, prestando atenção total a tudo o que vedes e sentis — esse ato de ver produz uma mente nova, uma mente fresca. Essa mente nova não é criada pelo pensamento, pela moderna educação, pelo freqüentar o templo, ler incessantemente o *Gita* ou o *Corão* ou a *Bíblia*. Ela só pode nascer do *ver*; e, para poderdes *ver*, tendes de contestar com todas as forças. E o próprio ato de ver é bem destrutivo, porquanto destrói a sociedade em que fostes criado. Já não vos interessa nenhuma reforma da sociedade. Não podeis reformar a sociedade, porquanto a sociedade é resultado do passado. E se a quiserdes reformar, estais ainda dentro do passado. Mas o homem que quebrou completamente o passado — e isso *é possível* — esse homem, uma vez que está *só*, pode influir na sociedade; mas isso é secundário.

Por conseguinte, o importante e essencial é ver-se a necessidade de uma mente nova. E a mente nova não pode ser criada pelos artifícios da mente, ou seja o pensamento. A mente nova só pode nascer quando se contesta a sociedade em que se foi criado. Mas não podeis contestá-la se tendes um *motivo*. Assim, o *ver* a autoridade, o

ver a obediência liberta a mente da obediência. Afinal de contas, o que nos impede de ver é a condenação, a justificação — e isso é o passado. Assim, quando olhais, quando vedes, quando escutais, sem condenação, estais livre do passado. Vós podeis *olhar*, e para fazê-lo necessitais da atenção; e a atenção é a essência da energia. E essa energia só pode tornar-se existente quando estais constantemente olhando, vigiando, observando, vendo, contestando.

Assim, em virtude desse extraordinário escutar e ver a mente desfez suas amarras, sua ligação com o passado. A mente está ancorada no passado, a mente é o passado; mas quando a mente dá toda a atenção ao ver, está quebrado o passado. E só essa mente fresca, jovem, inocente, pode ultrapassar as limitações que a mente a si própria impôs. Só então é possível uma pessoa descobrir por si própria, como indivíduo que já não faz parte da sociedade, se há ou se não há o Imensurável.

24 de janeiro de 1962.

OS FATORES DA MUTAÇÃO

(Nova Deli — III)

Se me permitis, continuarei com o assunto de que estávamos tratando em nossa reunião de sexta-feira passada. Dizíamos então que era sumamente importante adotarmos uma nova maneira de pensar e, também, que era de toda a necessidade uma nova maneira de viver, neste mundo que se tornou tão superficial, com crescentes problemas e a constante perspectiva de tremendos perigos. Não denotamos perceber — principalmente neste país — quão grave é o problema. Aqui, achamo-nos em relativa segurança; talvez estejamos muito corrompidos, mas temos segurança. Temos nossos problemas: o nacionalismo se intensifica, enquanto noutros países está sendo repudiado; temos ainda líderes, quando noutros países os estão rejeitando; temos também a autoridade da posição, enquanto noutros países a autoridade está sendo posta em dúvida. Aqui muito se fala de religião, mas, na realidade, não somos religiosos, absolutamente; vivemos, como qualquer outro, superficialmente, interessados apenas em ganhar dinheiro, ter êxito, progredir, divertir-nos, como todos os demais habitantes deste mundo, embora falemos em alto som a respeito de Deus, etc.

Nessas condições, parece-me de essencial necessidade o advento de uma nova mentalidade. Não deixareis de reconhecer quanto é urgente essa necessidade, se observardes as condições mundiais, a geral superficialidade, os êxitos mecânicos, o progresso técnico, as tremendas influências postas em ação. Se observamos ainda mais atentamente essas condições, penetrando-as com certa profundeza, não podemos deixar de ver que é indispensável uma nova mentalidade. E essa nova qualidade não pode ser criada por nenhuma espécie de progresso técnico. Cumpre perceber isso bem claramente. E, se me permitis,

desejo estender-me mais um pouco sobre o que estava dizendo na última sexta-feira.

Como sabeis, vós sois o resultado do passado, de muitos dias que ficaram para trás. Sois o resultado de vosso ambiente, da sociedade em que fostes educados, da propaganda chamada religião que há séculos vem sendo instilada em vós. Podeis falar muito eloqüentemente sobre as idéias religiosas e a influência ocidental na mente oriental, na vossa mente; mas tudo isso continua a ser muito perfunctório. Percebendo bem isso, qualquer pessoa verdadeiramente séria não pode deixar de perguntar a si própria: Para onde nos está levando tudo isso, qual a finalidade disso? Ao fazerdes com toda a seriedade esta pergunta, podereis retornar ao vosso condicionamento e responder que tudo "dará certo", que se trata apenas de uma temporária mutação pela qual o homem está passando, e que no fim desta confusão tudo sairá certo, porque há Deus, porque há Justiça, Beleza, Amor. Mas tudo isso são só palavras sem muita significação. O homem faminto não se satisfaz com palavras: ele quer comida. Se fizerdes seriamente aquela pergunta a vós mesmo, vereis que, como já salientamos, sois o resultado do passado — o autêntico resultado — e que não há nada novo.

Toda tentativa para alcançar o novo é realmente uma reação do "velho", projeção de uma certa parte do velho, sendo "o velho" a religião em que fostes criado, o meio cultural, a influência da família, da tradição, etc. Assim, não há nada novo. E, entretanto, as circunstâncias da vida — a crise atual, a presente confusão, miséria, sofrimento, fome — exigem o aparecimento de uma nova mentalidade; não de uma nova ordem de idéias, pois não se necessita de novas idéias ou ideais, porém, antes, de "um novo acesso à vida", de todo diferente. E esse "novo acesso" não é de modo nenhum questão de tempo. Isto é, precisamos de mutação, de imediata transformação, de uma nova qualidade mental, para produzir uma ação de qualidade diferente, novos valores.

E como irá efetuar-se essa mutação? Era sobre isso que estávamos tentando falar na última sexta-feira, e desejo prosseguir com este tópico. Estivemos dizendo que é importante compreender um fato: o fato de que estamos imitando, de que estamos em busca de êxito, de que somos ambiciosos — que releva vermos esse fato. Porque o próprio ato de *ver* o fato produz a mutação. O próprio ato de ver uma certa coisa como um fato, sem emitir opinião, nem julgamento, sem condenação, produz o necessário ímpeto, a energia que operará a mutação. Talvez a maioria de vós não compreenda o significado

desse ver, desse escutar. E desejo apreciar esse ponto, porquanto, para mim, o ato de ver, o ato de escutar constitui o único meio, o único instrumento que operará uma revolução, a transformação da mente.

Em maioria desejamos o bom êxito. Vou falar a esse respeito, a fim de ajudar-vos a ver o fato — não para o rejeitardes, não para o aceitardes: ajudar-vos a vê-lo, simplesmente. Em regra se adora o sucesso, o sucesso neste mundo; ou, também, desejamos ser bem sucedidos psicologicamente. E para se ser bem sucedido tem de haver imitação, cópia, continuidade do que foi. E, se observardes a vós mesmo, vereis ser isto o que desejais: sucesso; não só neste mundo, mas também interiormente aspirais a um resultado. E esse desejo de resultado implica, por certo, a observância de certo padrão, não é verdade? E quando tendes de observar um padrão, não há possibilidade de transformação fundamental. Todo afastamento do padrão gera medo. E, a fim de evitar o medo, seguis as linhas traçadas pela autoridade, e obedeceis a essa autoridade — que poderá ser o *Gita*, ou o líder político, ou o *guru*, ou quem quer que seja — a fim de terdes êxito, para estardes livres de perturbações, evitardes todo e qualquer conflito, sempre tendo em mente um resultado satisfatório, que represente um "sucesso".

Agora, se me permitis digressionar um pouco — se isso de fato constitui digressão — deixai-me repetir que não nos interessamos por palavras ou frases, que não estamos cunhando novas idéias. Nosso real interesse é produzir a mutação da mente. E para poderdes realizar, em vós mesmos, essa revolucionária transformação interior, precisais *escutar* — *não* aceitar, *não* negar, *não* comparar; escutar, simplesmente — e isso é bem difícil, visto que a maioria de nós, ao escutarmos uma coisa, tratamos de justificá-la, ou de compará-la com o que conhecemos, ou de submetê-la a uma certa autoridade com o que conhecemos, ou de submetê-la a uma certa autoridade que para nós estabelecemos. Quando assim fazeis, não estais realmente escutando, pois vos desviastes, vos afastastes do caminho. Assim, sugiro-vos escutar-me sem comparar, escutar simplesmente, sem julgamento, pois não sabeis o que vou dizer. E para poderdes compreender o que o orador vai dizer, tendes de escutar; mas não é possível escutardes o que se diz, se o estais sempre interpretando.

Assim, o ato de escutar é o ato de perceber a atividade de vossa própria mente. No ato de escutar estais aprendendo a respeito de vós mesmo, conhecendo o que vos impede de ver, o que vos impede de escutar. Mas, ao verificardes que não estais escutando, pensais que deveis obrigar-vos a escutar. E a compulsão para escutar é também

uma distração. Eis por que é tão difícil escutar não apenas o que o orador está dizendo, mas tudo o mais, na vida: escutar vossa esposa, vosso marido, o discurso do político, escutar o que se está dizendo no rádio — se costumais ouvir rádio — escutar o que ledes nos jornais — ver tudo claramente, sem preconceito algum, sem julgamento.

E espero que assim fareis enquanto eu estiver falando, porquanto esse escutar é um ato de humildade. Só a mente verdadeiramente humilde pode aprender. A mente não pode cultivar a humildade porque, então, isso é vaidade vestida de humildade. Mas há humildade quando estais escutando sem comparar, sem julgar, sem dizer: ele tem razão, ele não tem razão, isto é exato, isto é verdadeiro, ou isto é falso. Não estamos tentando fazer propaganda, não estamos tentando forçar-vos a pensar de certa maneira; o que estamos tentando é *ver* fatos. E, para se ver um fato, requer-se imensa energia, imensa atenção. E não se pode prestar nenhuma atenção se a mente está avaliando o que se está dizendo. Vede, por favor, a importância disso; vede-o, não só agora, mas vede, através da vida, a importância de tudo o que ouvis. Compreendereis, então, que, desse *ver,* desse *escutar,* nasce a energia necessária para se ver um fato que se modifica constantemente.

Assim, nunca é demais repetir isto: a importância de ver, a relevância de escutar. Quando há atenção, floresce a bondade; não havendo atenção, aparece o mal, em todas as suas formas. A atenção, pois, é a única virtude. E não podeis prestar atenção se a todas as horas estais em conflito com vós mesmo. E desejo nesta tarde falar sobre esse conflito.

Por que razão todos nós admitimos o conflito como parte da existência? Por que aceitamos o conflito como coisa essencial à vida? Se observardes vossa própria vida, vereis que estais em conflito, não só com vosso próximo e o mundo, mas também psicologicamente; interiormente vos achais num conflito muito maior. Não sabeis o que fazer. Ou, se sabeis o que deveis fazer, vós o fazeis; e o resultado é um problema, é sofrimento, atrito, luta. Tudo isso, como sabemos, é conflito; e estamos sempre procurando evitar esse conflito, fugir dele. Isso é um fato. Não estou tentando dizer-vos como ser livre de conflito — mostrar-vos o caminho, a via de fuga. A fuga, a coisa para a qual fugimos, se torna muito mais importante do que o próprio conflito. Essa coisa — bebida, vossa igreja, vossos deuses, sexo, poder, ambição — se torna importante; tudo isso representa uma fuga do fato de que estais em conflito. Eis a realidade. Por favor, vede esse fato; *vede-o* no sentido que dou à palavra "ver"; não negueis, não

digais: "Que devo fazer com esse fato?", "Como poderei fugir dele?"; vede o fato de que estais em conflito e de que há esse impulso a fugir do conflito. E que, depois de fugirdes, a coisa para a qual fugistes se torna de suma importância. Vossa religião, vosso nacionalismo, vosso *guru*, os ideais, os santos — tudo isso são fugas do fato central de que vos achais em conflito, de que vos achais em sofrimento.

Ora, como surge o conflito — não apenas os pequenos conflitos da vida diária, mas também os profundos conflitos interiores, os conflitos inconscientes e conscientes, que ficaram sem solução? Como surge esse conflito? Notai mais uma vez que não deveis aceitar nem rejeitar isso, mas, sim, verificar se o orador está dizendo a verdade, verificar — *não* concordar — se estais em conflito. Se estais realmente cônscio de vossas próprias condições, deveis ficar cônscio de estardes em conflito. Estais em conflito; por quê? Há conflito, porque há contradição. Quereis fazer uma certa coisa e ao mesmo tempo desejais fazer o oposto dela; isso é uma contradição, como o é o amor e o ódio, o ser ambicioso e ao mesmo tempo fingir-se não ambicioso, o desejar ser rico e simultaneamente fazer o mesmo jogo do político simulando pobreza. Há o fato, "o que sois", e a idéia de "o que deveríeis ser"; o fato do que realmente *é* e a idéia do que *deveria ser* — uma contradição. Sois educado na idéia do que "deveríeis ser", e de que não deveis enfrentar o fato. Sois educados para serdes não violentos e nunca enfrentardes o fato de que sois violentos. É o que se vem ensinando neste país há anos e anos: que deveis ser não violentos que deveis ser idealistas. E os ideais se tornam mais importantes do que "o que é". Assim, entre *o que é* e o que *deveria ser* abre-se um vão, e o esforço para lançar uma ponte sobre esse vão gera conflito. Observai a vós mesmo. Estou apenas pondo em palavras aquilo que constitui o fato real.

É assim que surge a contradição; da contradição surge o conflito e, depois, vem o esforço. Gostamos de fazer esforços. Para nós o esforço é muito importante. Tudo o que fazemos é resultado de esforço. Isso é um fato. É o que estamos acostumados a fazer. Por que devemos forcejar?

Não é possível viver-se neste mundo sem esforço algum? Só podeis responder a esta pergunta se compreenderdes todo o processo do conflito, tanto exterior como interiormente — conflito entre nações e entre as pessoas, exteriormente; e o conflito, a profunda ansiedade interior. E, quando há conflito, há esse esforço para dominá-lo. Por conseguinte, o conflito surge por causa da contradição. E havendo contradição, com os sofrimentos, as agitações e ansiedades que a acom-

panham, há o impulso para se fazer esforço a fim de dominar esse conflito; e neste círculo ficamos presos. E todo o nosso interesse se concentra em fugirmos desse fato, resultando, daí, conseqüentemente, mais conflito — mais esforço em nossas práticas religiosas, com o fim de disciplinar, de moldar, compelir, renunciar, obedecer. Dessa maneira, nossa mente nunca se acha quieta, nunca é capaz de olhar qualquer coisa, de escutar qualquer coisa plenamente, completamente. Ela está sempre agitada.

E como pode a mente agitada compreender o que quer que seja? A vida é uma coisa imensa que precisa ser compreendida. A vida não é simplesmente exercer emprego, gerar filhos, não é meramente sexo, meramente prosperidade; a vida não é uma série de êxitos, não é o preenchimento de ambições; ela é muito mais do que tudo isso. A vida é também investigação, para descobrir se há ou se não há Deus, algo que se encontra além das palavras; para descobrir se o amor existe; descobrir como enfrentar e compreender o desespero, o sentimento de culpa, o imenso sofrimento, a ansiedade jacente no coração do homem. Tudo isso é a vida. E, para compreendê-la, necessita-se de uma mente serena, não uma mente talada pelo conflito, pela agitação.

E que acontece quando nos vemos frente a frente com tudo isso? Volvemos ao passado, ou recorremos a um certo livro, uma certa autoridade; e pensamos ter compreendido toda essa enorme complexidade seguindo uma certa fórmula absurda, ou o *Gita,* ou um *guru,* este ou aquele livro. Mas, para compreenderdes essa imensidade é necessário uma revolução em vossa mente — não revolução econômica e social, porém, sim, mutação da qualidade da mente. Essa mutação não pode ser efetuada por volição, porque, quanto mais recorrerdes ao passado, tanto mais condicionamento haverá e, por conseguinte, nenhuma possibilidade de mutação. Vede pois o fato — que é tudo isso — vede quanto nos tornamos mecanizados.

A virtude perdeu seu significado, pois qualquer um pode tornar-se virtuoso com ingerir certas substâncias químicas. Não sei se tendes visto tudo o que se está passando no mundo. A pessoa pode tomar uma pílula e tornar-se tranqüila. A tranqüilidade, portanto, perdeu sua significação. Podeis tomar um comprimido, um preparado químico, para vos tornardes menos irritadiço, menos ciumento, menos rancoroso, etc. Se sois sexualmente apaixonado, podeis tomar uma pílula e acalmar o amor. Perderam, pois, as virtudes o seu significado. E os computadores, os cérebros mecânicos, essas extraordinárias máquinas eletrônicas estão-se encarregando de pensar por nós; e, de fato, se desempenham de suas tarefas bem melhor do que o homem. E a

"automatização" — máquinas que farão funcionar outras máquinas — está também prestes a surgir. Estamo-nos tornando — não só aqui na Índia, mas também no resto do mundo — muito superficiais, porque nos estamos mecanizando. Considerando-se tudo isso, que são fatos e não invenções minhas, os deuses já nada significam, as religiões perderam toda a sua importância; e estamos na expectativa de iminentes perigos. O futuro é desconhecido; o que tendes é unicamente o passado, e nada mais — o passado, constituído pelo que conheceis, pelo que aprendestes, o passado relativo à bomba atômica, à vossa tradição, etc. etc. Eis o que tendes. Vossa mente é só isso, e nada mais.

Ora, como operar, dessa base, aquela extraordinária mutação, aquela revolução radical? Este é que é o verdadeiro problema. Espero tenhais compreendido a pergunta; não se trata de "o que se deve fazer". Devemos primeiramente compreender a pergunta e seu verdadeiro significado. Vede, senhores, vós ledes o *Gita,* sois cristãos, budistas, maometanos ou o que mais seja. O que faz a diferença não é o que o *Gita* diz, mas o que realmente sois; não são vossos turbantes e casacos, vossa erudição e saber, mas o que sois. Se isso vos é retirado, resta-vos apenas o passado, algo que já existiu, algo que conhecestes, enfim, o mecanismo do passado. E tudo o que fizerdes com base no passado condicionará o futuro e, por conseguinte, será ainda o passado.

Vede, por favor, a importância do que se está dizendo. Se fizerdes qualquer esforço para operar a mutação — e essa mutação é absolutamente necessária no mundo atual — esse impulso provirá do passado e, por conseguinte, condicionará a mutação, que, portanto, já não será mutação, e, sim, meramente, um prolongamento do passado. O que verdadeiramente nos interessa é a mutação, uma mente nova, capaz de perceber a totalidade da existência, e não simplesmente uma parte dela. Houve tempo em que vos diziam, neste país, que não devíeis ser provincialistas, separando-vos do resto da nação; e é estranho constatar que agora vos estais tornando nacionalistas, mas continuais divididos. O que vos deve interessar é o todo da vida; não a Índia, os hindus ou os budistas, mas o homem, o futuro do homem, a mente do homem, de que também fazeis parte. Assim, ao perceberdes esse fato, esse percebimento deve obrigar-vos a indagar *fundamentalmente.* Mas, se procurardes resposta para aquela pergunta, a resposta procederá do passado; assim, deveis fazer a pergunta sem procurar resposta. E isso é dificílimo: limitar-se a fazer a pergunta, e investigar.

Nosso problema, portanto, é este: Há necessidade de uma radical revolução interior, na mente, na consciência. Ao verificar-se essa revo-

lução, ela atuará na esfera social e econômica, e de forma singular. Ora, como promover essa revolução? Estou empregando a palavra "como", não para sugerir um método, um sistema — pois, se tendes algum método ou sistema, isso faz parte ainda do passado; estou empregando-a apenas como meio de investigação e não como meio de oferecer um sistema. Como promover essa revolução?

Em primeiro lugar, para se viver plenamente, para se ver claramente qualquer coisa, é preciso que não haja conflito de espécie alguma; por conseguinte, deve haver compreensão de todo o problema da contradição — e isso significa investigar, observar as operações da própria mente e ver que qualquer forma de ambição, de ordem externa ou interna, produz contradição. Sempre que há preenchimento pessoal, sempre que há impulso para o preenchimento — impulso para ser *isto* ou não ser *aquilo* — nesse próprio desejo de preenchimento há contradição, ou seja, frustração. Deste modo, a ambição, o sucesso, o preenchimento implicam frustração, e da frustração resulta conflito. Tudo isso são fatos psicológicos, e não invenções minhas. Se vos observardes, verificareis serem esses os fatos que estão ocorrendo.

Assim, a mente que está procurando compreender o que a mutação implica já deixou de ser ambiciosa. Perguntareis, então: Como pode essa mente viver neste mundo — este mundo feito de conflito, de ambição, de crueldade, em que cada um só cuida de si — como pode a mente não ambiciosa viver neste mundo? Não pode. Por conseguinte, quando tiverdes compreendido e abandonado completamente a ambição, vereis que podereis viver sem os preceitos da velha sociedade, pois tereis criado um novo mundo. Compreendeis, senhores, o que estamos dizendo? Um novo mundo precisa vir à existência. E não podereis criar um novo mundo, se apenas dizeis: "Tenho de ajustar-me, para viver neste mundo". Vós tendes de destruir esta sociedade, para criardes um mundo novo. Não estou falando da destruição de construções, porém da destruição dos valores sociais. E isso não desejais fazer, porque temeis; por conseguinte, novamente vos vedes envolvido em conflito.

Tendes, pois, de ver com clareza que, havendo ambição de qualquer espécie, há também conflito, sofrimento. Mas, como sabeis, somos criados na ambição, na competição. Todo escolar é ensinado a competir. Ensina-se-lhe a adorar o êxito. E como rejeitareis todo esse padrão, o padrão em que fostes educado? Vós o rejeitareis quando perceberdes a importância de rejeitá-lo, quando estiverdes enfrentando uma crise. E a crise atual reclama uma mente nova.

É o que ela reclama, e não uma maneira de reformar o velho padrão. Assim, uma vez cônscio da crise, uma vez cônscio de tudo o que a ambição implica, após terdes penetrado a fundo em vós mesmo para descobrirdes a fonte da ambição — porque sois ambicioso, porque há competição, luta, ânsia de posição, de prestígio pessoal — depois de terdes compreendido toda a anatomia da ambição, ou ficareis com a ambição e suas crueldades, ou saireis dela. E o homem que "saiu" dela cria uma mente nova, um pensar de nova qualidade.

Assim, o que deveras nos interessa é perceber a importância dessa profunda revolução interior e descobrir se ela é possível, ou não, a cada um de nós. A época a exige, as circunstâncias também, vossa própria vida a impõe; e o extraordinário nisso é que *não há tempo*. Não podeis dizer: "com o tempo eu mudarei, acumularei a energia necessária para efetuar a mutação". O tempo não vos dá energia. O tempo vos rouba energia; envelheceis, definhais. O que vos dá energia para investigar profundamente é o enfrentar o fato, simplesmente enfrentar o fato, qualquer que seja ele. E vereis que, do enfrentar o fato, nasce a energia. Ela não nasce da negação do fato; esta nunca dá energia. E vós necessitais de tremenda energia, porque não só é necessário enfrentar e compreender as trivialidades da vida, mas é necessário também ultrapassá-las. Há ainda outra coisa mais significativa e que requer toda a vossa atenção: Precisais descobrir por vós mesmo, não por meio de palavras, porém realmente, se alguma coisa existe além dos limites da mente, algo chamado o Imensurável, que transcende a morte, as palavras, o pensamento. Se não descobrimos isso, a vida se torna bem superficial, mecânica; e ela é então toda de sofrimentos e agitações. E para o descobrirdes, necessitais de imensa energia.

Mas essa energia só pode vir quando compreendida a "qualidade de ver", a "qualidade de escutar", quando a pessoa é capaz de olhar os fatos, olhar o próprio ciúme, a própria ambição, olhar as próprias paixões e todos os absurdos de que se cercou e a que chama "religião". E quando temos a capacidade de enfrentar esses fatos e de não reagir, desse enfrentar resulta energia. E é essa qualidade de energia que opera a mutação. E só então a mente se torna algo extraordinário; já não é produto do ambiente, já não é produto da experiência. Fica então apta a renovar-se constantemente; passa a ter aquela qualidade denominada juventude, inocência. E ela necessita dessa qualidade que é a inocência, a perfeita humildade, a fim de descobrir o que se acha além das palavras, além do pensamento, além do tempo.

28 de janeiro de 1962.

A ESSÊNCIA DO SOFRIMENTO

(NOVA DELI IV)

DESEJO falar nesta tarde sobre a disciplina, o conhecimento e o sofrimento. Mas, antes de entrar nestes assuntos, considero importante esclarecer que não nos estamos ocupando com idéias, teorias ou abstrações, pois nada disso tem valor algum. Quando estamos interessados na vida real, nos fatos reais de cada dia, as meras teorias, abstrações e idéias pouco ou nenhuma importância têm. E cumpre esclarecer bem que vamos falar de tais particularidades sem traduzi-las em idéias, sem formulá-las em vagas abstrações, porquanto o que nos interessa é o problema da vida, no seu todo — a vida que vivemos todos os dias, a vida em que há tanta dor e agitação, tanta agonia, desespero, frustração.

Não estamos interessados em palavras. O homem que verdadeiramente compreende, verdadeiramente *sério*, e que está *aprendendo*, tem de ultrapassar as palavras. As palavras em geral são empecilhos, porquanto tomamos os símbolos por realidades, tomamos a palavra pela coisa. Mas a coisa não é a palavra. A palavra "árvore" não é a árvore real. Entretanto, a palavra "árvore" se torna sumamente importante quando estamos lidando com palavras, com idéias. Mas se estamos lidando com os fatos, então a árvore, separada da palavra, tem imensa significação. De modo idêntico, não estamos aqui interessados em palavras, nem em idéias, nem em abstrações. Interessamo-nos tão só pela existência real de cada dia, com seus sofrimentos, seus pequenos êxitos e alegrias, suas constantes ânsias e labores. Tratamos, pois, da vida, e não de palavras.

A disciplina é imposta à maioria de nós pelas circunstâncias — exercer emprego, fazer exames, viver de uma certa maneira, seguir certas idéias, observar determinada disciplina. E quase todos nós, não

apenas as chamadas "pessoas religiosas", praticamos essa constante disciplina. O homem que trabalha num escritório tem de levantar-se a uma certa hora e lá chegar pontualmente; e o rapaz que deseja passar num exame tem de estudar, ajustar-se à força a um padrão — como o faz a maioria de nós — e esse padrão é imposto pela sociedade ou pela própria pessoa.

E, se observardes atentamente, vereis que essa imposição de um padrão implica toda espécie de repressão consciente e inconsciente — não só repressão, mas também resistência. Quando reprimis, cultivais a resistência. Se sentis cólera, vos disciplinais para não terdes cólera. Se sois lascivo, vos disciplinais, vos controlais para não serdes lascivo; e isso é resistir. Ou se a resistência não é possível, procura-se um substituto, cultiva-se outra forma de resistência: resistir à cólera com uma idéia. Observando-vos com atenção, vereis ser isso o que fazeis o dia inteiro. Desejais fazer uma certa coisa, espontânea e naturalmente, porém a sociedade — com suas normas e sua "ordem estabelecida", seu culto da respeitabilidade — está sempre a controlar-vos, a moldar-vos. E a disciplina se torna assim, gradualmente, uma forma de repressão, resistência, ou um substituto — uma fuga ao fato.

Notai, por favor, que não estais aqui apenas para ouvir o orador, mas também para vos observardes. Porque é mais interessante, mais vital, mais significativo observardes a vós mesmos por meio das palavras do orador, a fim de vos conhecerdes. E o conhecimento de si próprio — daquilo que realmente está sucedendo — importa mais do que meramente seguir um discurso verbal. Assim, se vos observardes, não apenas no nível consciente, mas também no profundo nível inconsciente — o que talvez seja mais significativo do que limitar-se a seguir conscientemente uma idéia — vereis que a disciplina é uma forma de resistência, de repressão. E, no momento em que reprimis, estais resistindo àquilo que ocorre psicologicamente, interiormente. Exteriormente pode-se ver a repressão tal como é. Mas quando, interiormente, forçais, compelis, controlais, moldais, reprimis aquilo que está realmente acontecendo, isso se chama disciplina.

Se penetrardes suficientemente em vós mesmo, vereis existir uma contradição entre o fato — *o que é* — e a idéia daquilo que *deveria ser*. O fato é que estais encolerizado, e o "não fato" é a idéia de que não deveríeis estar encolerizado; e, assim, o ajustamento ao padrão — que não é o fato — se chama disciplina. O ajustamento a uma idéia é disciplina; isto é, se sois violento, tendes uma idéia, um ideal, uma crença na "não violência" e vos ajustais a isso. Esse

ajustamento, esse constante processo de tentar unir o vão existente entre o fato — *o que é* — e o ideal — *o que deveria ser* — se chama disciplina. Nesse processo de autodisciplinamento em conformidade com uma idéia, um padrão, uma crença, criam-se invariavelmente contradições psicológicas e, em conseqüência, há uma continuidade de mais conflito, e não de menos conflito. A mente em conflito é uma mente embotada; ela depressa se gasta, tal como a máquina que, sujeita a constante atrito, perde sua eficiência.

A disciplina, pois, se bem observardes, é não só o processo de criar contradição interior, mas também de dissipar aquela energia necessária ao *aprender*. Afinal de contas, mais releva o aprender do que a disciplina; se aprendeis sobre certa coisa, esse próprio ato de aprender é uma disciplina não imposta. Aprender não é acrescentar continuamente alguma coisa; nisso não há aprender, porém, meramente, acumulação. Acrescentar ao que já se sabe — o que é conhecimento — não é aprender. O aprender é um processo constante e vivo: observar, estar cônscio das coisas como estão realmente sucedendo. E, com isso, a mente se torna alertada, vigilante, *aprende*. Se meramente acumulais e traduzis conhecimentos, se interpretais ou traduzis ou comparais aquilo que já sabeis com o que realmente ocorre, nesse caso estais meramente acumulando o que extraís do fato — *o que é* — acrescentando-o àquilo que já sabeis. E tal processo não é aprender.

Para aprender, necessita-se de humildade; para aprender, a mente deve achar-se num estado de "não saber". "Não saber" é a essência da humildade. A mente que acumulou conhecimentos, que sabe, não é humilde. Só a mente que possui a essência da humildade pode aprender, e essa humildade, por conseguinte, jamais acumula. Se vos observardes alguma vez, vereis que, no momento em que vos servis do aprender como meio de acumulação, desse ato de acumular, resulta, invariavelmente, contradição psicológica, porque esse aprender é um processo estático, esse conhecimento é estático; e, desse ponto estático, tentais compreender, controlar ou moldar uma coisa viva, e, por conseqüência, há contradição, conflito. O aprender nunca é conflito. Se vossa mente se acha alertada, penetrante, vigilante, *aprendendo*, esse aprender produz sua disciplina própria e extraordinariamente sutil, e não controlada; a mente, por conseguinte, está sempre jovem, inocente, fresca.

Há, pois, disciplina ao controlarmos o fato por aquilo que já conhecemos. Escutai, por favor, o que o orador deseja dizer-vos. Com "escutar" quero dizer "não escutar com o que já sabeis". Se escutais

de um centro de conhecimento, de vosso livro, de vosso saber, de vossa experiência, do *Gita*, etc., de um centro que já conheceis — se estais escutando *daí*, não estais realmente escutando. Tudo isso constitui a cortina através da qual estais escutando as palavras do orador. Mas, se realmente escutais, nenhuma cortina tendes, não estais partindo de algo que já conheceis. Vossa mente, por conseguinte, se tornou sobremodo desperta; ela, portanto, se acha num estado de humildade — e isso não significa disciplina, porém, sim, aprender, procurar compreender, ver o que é verdadeiro — um estado não relacionado com *o que foi*.

A disciplina, como sabeis, é atualmente praticada pelas pessoas chamadas "religiosas" — que realmente não são religiosas — que se empenham em ajustar-se ao modelo estabelecido de uma vida religiosa. É também praticada pelos que trabalham em escritórios, pelos lavradores, que todas as manhãs têm de sair para o trabalho — coisa que lhes deve parecer extremamente entediante. E essa prática da disciplina resulta de um desejo de sucesso, de atingir um alvo; por conseguinte, produz conflito; e o estado de conflito conduz à repressão, à resistência. Tudo isso se chama disciplina, tanto em relação à vida religiosa, como em relação à vida ambiciosa de êxito.

A mente disciplinada, pois, como atualmente compreendida, é incapaz de aprender, incapaz de compreender; não é suficientemente sutil, livre, *nova*. Mas, se começardes a compreender a totalidade desse processo, vereis então que o conhecimento tem significado todo diferente, uma posição completamente diferente. O conhecimento é necessário. Um bom "burocrata", um bom cientista, um bom mecânico, um bom professor deve possuir conhecimentos. E quando ele aprende, isso consiste apenas em acrescentar ao que já sabe; é um novo descobrimento científico; ele acrescenta mais alguma coisa ao que já sabia, aumenta seu conhecimento. Mas a mente que está acumulando conhecimentos, e com seus conhecimentos experimentando e juntando mais conhecimentos, para acrescentá-los a si própria — essa mente não é criadora.

Consideremos mais um pouco esta questão. O mundo está-se desenvolvendo continuamente; superficialmente, adquire mais informações, mais conhecimentos; e o saber se expande cada vez mais. A mente da maioria das pessoas está sendo "treinada" científica ou mecanicamente, ou para funcionar numa fábrica. Tal conhecimento é obviamente necessário; do contrário, as atividades mundanas não podem ser conduzidas adequada e eficientemente (o que, aliás, não está acontecendo — mas, como quer que seja, isso não importa).

Eficiência implica conhecimento, e toda pessoa eficiente se empenha em acumular conhecimentos, a fim de se tornar mais eficiente. Eis o que em geral nos interessa: tornar-nos mais e mais eficientes — e isso, automaticamente, torna o homem cada vez mais cruel.

Observai bem vossa mente. Vós não estais escutando *a mim*. Não é isso que importa. O relevante é vossa própria vida; observai-a. Mas, quando o conhecimento se torna de suprema importância, cessa o aprender. Só a mente capaz de aprender chegará a sentir o que é ser criador, porque ela, num certo sentido, tem humildade. Assim, a mente que não está adquirindo conhecimento e, por conseguinte, não se está disciplinando em conformidade com o desejo de adquirir, só essa mente pode aprender. Mas a maioria de nós está praticando disciplina: o político ambicioso se disciplina à sua tortuosa maneira; o homem que deseja enriquecer se disciplina em sua desonestidade. Não é, porém, dessas disciplinas que estamos falando. Referimo-nos a uma disciplina bem mais radical, que é a própria essência do aprender sem acumular — coisa que requer mente muito alertada e penetrante, sobremodo vigilante.

Quanto mais uma pessoa acumula, tanto mais embotada se torna. Nunca notastes isso? Um homem, assim que consegue um emprego seguro, assim que constitui família — pondo-se em segurança, tornando-se respeitável perante os outros homens, perante a lei, os filhos, a família, tudo enfim — logo se torna embotado. Vós sorris; mas o fato real é que ele perdeu inteiramente sua acuidade, perdeu de todo sua capacidade de observar, olhar, ver, aprender, porque se firmou na respeitabilidade. A mente que se torna respeitável por ação da sociedade, de uma disciplina prescrita de acordo com o modelo estabelecido pela sociedade — essa mente, é claro, nunca descobrirá o verdadeiro, nunca descobrirá se há ou não há Deus.

O inquirir, o aprender a respeito do sofrimento é algo extraordinário. Nós temos de aprender sobre o sofrimento, porquanto em regra sofremos — sofremos por falta de um bom emprego, sofremos com a morte de alguém, por motivo de doença, por autocompaixão. Não estamos falando sobre a causa do sofrimento, porém, sim, procurando compreender-lhe o problema total. Mas, para se compreender esse problema, não deve haver fuga ao sofrimento. Para compreenderdes uma coisa, tendes de examiná-la, alcançar sua beleza, seu significado, suas profundezas e alturas, sua violência — conhecer tudo. Porém, não podeis conhecê-la, se estais sempre procurando evitá-la. Não podeis conhecer, não podeis compreender as profundezas do sofrimento, se meramente tentais encobri-lo com numerosas

crenças, procurando fugir, utilizando abstrações e idéias como cortinas entre vós mesmo e o fato. E a maioria de nós é atingida pelo sofrimento, numa ou noutra forma — morte, frustração, as injustiças do mundo, o marido que abandona a mulher ou a mulher que abandona o marido, reconhecimento da própria incapacidade, o viver na obscuridade, na ansiedade, no temor, na solidão, o viver com uma mente vulgar que se compara continuamente com outra coisa. Tudo isso representa os sintomas, as causas, mas o fato é que existe o sofrimento.

Mas, como se pode chegar a compreender o sofrimento? Pois, se não compreendemos o sofrimento, não podemos ficar livres dele. Podemos negá-lo, racionalizá-lo, tirar uma conclusão a respeito dele e "empurrá-lo" para longe de nós; podemos freqüentar o templo, ou abrir um livro, ou ligar o rádio, ou recorrer à bebida: não importa o que façamos, ele nos acompanha sempre como uma sombra. Podemos ler todos os livros sagrados, estudar incansavelmente os *Upanishads,* a Bíblia, o Corão, o que quer que seja; o sofrimento lá estará sempre, como uma ferida infeccionada. Mas, como ireis compreendê-lo?

Ora, por que fazer do sofrimento um problema? Por que deve ser um problema para o homem, algo que precisa resolver, compreender? Para a maioria de nós, o sofrimento é um problema; não sabeis como fazê-lo cessar, como vos livrardes dele, como afastá-lo. A mente embotada jamais poderá resolvê-lo, porquanto se acha num estado de deterioração. Todas as pessoas são por ele afligidas, e, por essa razão, fazem dele um problema? Por quê? Por "problema" entendo algo que não está resolvido, algo que tem continuidade em nossa memória.

Em primeiro lugar, o sofrimento é indício de uma mente embotada. Prestai atenção a isto, por favor; escutai, apenas. O sofrimento é um indício de que a mente se pôs a dormir, é um sinal de autocompaixão, isto é, de que ela tem compaixão de si própria. Ele mostra a força de vossa memória, que é o passado. Quereis as coisas *como eram,* ou as quereis como *deveriam ser*; ou desejais uma continuidade, um preenchimento de vossas ambições, que vos fazem sentir frustrado; ou tivestes de chorar a morte de alguém. Não estamos falando sobre a morte; sobre ela falaremos noutra ocasião. Aludimos ao sofrimento, pois precisamos saber que ele se acha bem no fundo de nossa mente, de nosso coração, reprimido e sem nos ser revelado. Podemos, ocasionalmente, tornar-nos cônscios dele. Mas o que queremos é esquecê-lo, fugir-lhe o mais rápido possível, livrar-nos dele.

Nem o sacerdote nem o químico pode, em tempo algum, resolvê-lo. O sofrimento requer compreensão. Precisa ser exposto à luz. E

isso não podeis fazer se o evitais continuamente, ou se de alguma forma o explicais — é tão fácil dar explicações! — e a explicação se torna uma cortina, atrás da qual vos escondeis, vos abrigais. Observai tudo isso em vós mesmo. Nós nos estamos pondo a descoberto. Assim, na essência, o penar é autocompaixão, lembrança do que *foi* e do que *deveria ser,* e a esperança de alcançardes o que *deveria ser.* A essência do sofrimento é esse conhecimento, esse "ter pena de si próprio", esse contínuo comparar de si próprio com o que *foi* ou *deveria ser,* o comparar de si próprio com outros — sempre os outros que são mais poderosos, mais ricos, mais felizes, mais *isto* e mais *aquilo.* E a comparação é psicológica, baseada na autocompaixão. Tendes, pois, de *olhar* o fato do sofrimento, e *não* tentar interpretar o sofrimento, não tentar explicá-lo, para afastá-lo de vós (isso não podeis fazer, pois ele continua presente), não buscar refúgio num templo, num livro, na família, em quadros, em bebidas ou o que quer que seja; vós tendes de *vê-lo, senti-lo.*

É muito difícil ver o fato do sofrimento, porque a palavra "sofrimento" interfere no fato. Se desejais saber, aprender e compreender se há essa coisa extraordinária que se chama Deus, deveis ultrapassar a palavra "Deus". Indubitavelmente, a palavra não é a realidade. Conseqüentemente, se um homem deseja descobrir, ele tem de ir até o fim, abandonar a palavra, abandonar tudo o que "sabe" a respeito de Deus — todas as doutrinas, todas as crenças, todos os dogmas — tem de abandonar totalmente tudo isso, a fim de descobrir. De modo idêntico, a palavra "sofrimento" tem, em si, um peso extraordinário, uma incomum significação. Nós a fizemos respeitável, fizemo-la grandiosa. O "Homem de Dores"(*) — que coisa extraordinária isso se tornou para os cristãos! Eles rendem culto à Dor. Entretanto, o sofrimento, sendo de natureza emocional, não deve ser desprezado; é preciso compreendê-lo e eliminá-lo completamente.

Mas, é possível eliminar por inteiro o sofrimento, de modo que a mente deixe de ser por ele oprimida? Do contrário, a vida se tornará muito vazia e superficial. Já não notastes vossa mente em sofrimento? Já não notastes a mente das pessoas que sofrem? Como é vazia essa mente, como é superficial, sem profundeza! Ela poderá ser capaz de discorrer com muita proficiência; mas o sofrimento, a pouco e pouco, torna a mente pequena, embotada.

É possível ficar-se livre do sofrimento? Não podeis descobrir se isso é possível ou não, porém, somente, que se pode *aprender* a respeito

(*) "Man of Sorrows: Jesus Christ" (Dic. Webster). (Cf. Bíblia Sagrada: Isaías, 53-3.)

dele. Segui, por favor, o que estou dizendo — mas não como discípulos a escutar um *guru* — segui-o, em vós mesmos, passo a passo, centímetro por centímetro. Se observardes os fatos, vereis que estamos sendo adestrados — pela educação, pelas influências religiosas e ambientes — para nunca olharmos uma coisa diretamente. Estamos sempre procurando evasivas, sempre evitando o fato. É por isso que sofremos? Podem-se dar mil explicações do porquê do sofrimento neste mundo — em virtude de nossa ignorância. Por "ignorância" não entendo "falta de conhecimentos", porém a *ignorância deliberada* do que se está passando psicologicamente, interiormente; eis a verdadeira ignorância, isto é, o desconhecimento do processo total dos fatos que estão ocorrendo na consciência, dentro de vós mesmos. Assim, podemos ter mil explicações, mas, no final de tudo, continuaremos em sofrimento.

Pois bem; como ficar livre do sofrimento? Ou esta pergunta é incorreta? Se digo "Como livrar-me dele?", o "como" se torna um problema. E a mente que tem um problema sofre, porquanto se acha num estado de contradição, um estado em que procura ajustar-se para evitar o sofrimento. Por favor, segui isto. No momento em que dizeis "como", criastes um problema. E a mente cheia de problemas aflige-se; a mente que não tem problemas não conhece o penar. Essa mente sem problemas existe, e ela é capaz de enfrentar problemas. Mas, se começais perguntando: "Como posso ficar livre do sofrimento?", estais criando um problema, que vos impedirá de *compreender*. Isto não é lógica. Não vos deixeis prender intelectualmente pela seqüência lógica destas palavras.

O fazer uma pergunta errônea: "*Como* ser livre?" provoca invariavelmente uma resposta errônea. Mas o olhar o fato de que a mente se acha em sofrimento, olhá-lo sem interpretação, sem opinião, sem nenhuma conclusão, observá-lo simplesmente — esse *olhar,* essa observação exige atenção. No momento em que estais atento, em que dais vossa inteira atenção, já não há problema. Só a mente que não dá total atenção cria o problema. Quando prestais atenção com vosso corpo, vossa mente, vosso coração, com todos os vossos sentidos, totalmente — aí, não há problema nenhum.

Mas nunca damos inteira atenção a coisa alguma, porque fomos educados para pensar sempre com um *motivo*. Prestais atenção porque desejais ser um homem importante, ou porque desejais ter mais dinheiro ou um emprego melhor. Desejais ser uma personagem mais importante, maior poeta, pessoa de renome; daí a atenção. Mas isso não é atenção. Havendo um motivo que vos impele a dar atenção,

o motivo é então mais importante do que a atenção; por isso há contradição; por isso há conflito; e por isso nunca dareis atenção completa a coisa nenhuma. E quando se dá atenção completa a alguma coisa, não há problema e a mente, por conseguinte, pode investigar o fato do sofrimento.

Vereis — se prestardes tal atenção — que dessa atenção nasce energia. Só na atenção há virtude, só na atenção há bondade; não há outra virtude ou outra bondade. A atenção incompleta que se dá quando uma pessoa procura cultivar a virtude, é vício, não é virtude. Mas a mente que dá atenção completa — e por essa atenção entendo: aquela que não só observa, vê, escuta, mas que também sente, com todos os seus órgãos altamente despertos, não embotados — tem sensibilidade; a atenção implica sensibilidade. Não podeis estar atento, se sois insensível — insensível à sordidez; insensível às crianças, a vossos trajos, à alimentação que tomais, à maneira como sentais, como andais, como falais; insensível às aves, às árvores, a todas as coisas que vos cercam.

Se sois insensível, não tendes nenhuma possibilidade de prestar inteira atenção. Escutai apenas isso, sem dizerdes: "Como posso tornar-me sensível?" Esta é uma pergunta incorreta. Vós tendes de saber, de estar cônscio, de reconhecer que sois insensível, e não procurar para isso uma explicação. O fato é que sois insensível; se assim não fosse, este pobre e infeliz país não se encontraria nesta sua terrível situação atual: um país dominado pelos políticos. E essa insensibilidade só pode existir quando não estais cônscios. É preciso o reconhecimento do fato, o percebimento do fato — *não* a aceitação — porque no momento em que aceitais uma coisa surge o processo dual, surge a contradição e, por conseguinte, o conflito.

Assim, analogamente, ao observardes, ao verdes que o sofrimento existe, ao perceberdes o fato de que nesse sofrimento está implicada a autocompaixão, a solidão da autocompaixão, a aflição da autocompaixão, o isolamento da autocompaixão, e o peso da memória que faz erguer-se o sofrimento — quando observais tudo isso, quando vedes tudo isso, descobrireis então que estareis completa e totalmente livre do sofrimento. O sofrimento, por certo, é um problema; e se o problema lança raízes na mente, tanto maior é o sofrimento. Mas, se, quando a coisa se vos apresenta, vós a enfrentais logo, se a vedes, imediata e completamente, com todo o vosso ser, então a mente se torna toda diferente.

A mente aflita não tem amor. Poderá ter compaixão, mostrar-se bondosa e terna para com outros; mas, ela não tem amor porque só

está interessada em si própria e porque tem o problema do penar. Só quando a mente não sofre pode haver amor. Estando dominada pelo sofrimento, não importa o que ela faça, não há amor — não o amor de Deus e o amor das idéias; nada disso é amor, é só ideação, sem nenhum significado. O amor não é abstração. Ele é vitalidade extraordinária, espantosa energia, de excepcional profundeza, a qual vem ao compreendermos o sofrer.

Não se pode compreender o sofrimento e essa coisa vasta, imensa, que se chama a vida, se não há humildade. E o conhecimento impede a humildade. A mente que está aprendendo, observando, vendo, sem acumular, essa mente se acha num estado de humildade — não a humildade dos santos, não a humildade dos políticos, não a humildade do homem de muito saber que procura mostrar-se humilde, mas, sim, aquela humildade que jamais galgou os degraus do sucesso, aquela humildade que nunca adquiriu, aquela humildade que não se fortaleceu com o conhecimento.

Só quando se está livre do conhecido, pode apresentar-se o desconhecido.

31 de janeiro de 1962.

RELIGIÃO

(Nova Deli — V)

Estivemos falando sobre a necessidade de termos uma mente nova, uma mente capaz de enfrentar todos os problemas da vida, em todos os níveis e também nas profundezas de nossa consciência. Estivemos falando sobre a necessidade de uma revolução, não econômica ou social, porém revolução religiosa. Nesta tarde desejo falar a respeito da mente religiosa. Mas, antes de começar, cumpre assinalar — pois considero isso importante — a necessidade da negação do pensamento. Nós nunca negamos, só sabemos dizer "sim". Aceitamos as coisas segundo as nossas tendências e idiossincrasias. Quando negamos, essa negação é uma reação e, por conseguinte, não é negação nenhuma.

Desejo fazer algumas considerações sobre a negação, pois importa compreender isso para nos habilitarmos a investigar e compreender, por nós mesmos, o que é a mente religiosa. Nós nunca negamos. Se vos tendes observado com atenção e seriedade, tereis visto que sempre encontramos um caminho fácil, sempre aceitamos a solução mais fácil. Aceitamos a tradição e várias influências culturais, econômicas e sociais. Nunca reagimos a elas; ou, se o fazemos, reagimos pela força e nunca com boa-vontade e compreensão. Por conseguinte, nossa negação é sempre eivada de medo. Ela sempre se produz mediante uma dada forma de aceitação, a qual nos oferece uma esperança. Nunca é uma negação em que *não se sabe o que acontecerá;* é uma negação com aceitação de um futuro bem regulado e ordenado.

Escutai o que estou dizendo, porquanto, quando falarmos a respeito da mente religiosa, iremos negar toda a estrutura da religião, tal como a conhecemos, negá-la totalmente porque é de todo falsa, porque nenhuma significação tem. E, para compreenderdes o que

iremos dizer mais adiante, deveis, se me permitis salientá-lo, compreender profundamente esse ato de negação.

Podeis ser forçado a negar; certas circunstâncias podem obrigar-vos ou compelir-vos a dizer "não". Circunstâncias tais como falta de dinheiro, uma tribulação qualquer, podem forçar-vos a dizer "não". Mas o dizer "não", com clareza, sem *motivo* algum, sem nenhum desejo de recompensa ou medo de punição; dizer "não" deliberadamente, a algo a que destes vossa atenção completamente, incondicionalmente; dizer "não", depois de terdes pensado no problema do princípio ao fim, seriamente — isso é questão muito diferente. Dizer "não" seriamente significa examinar um problema até o fim, não romanticamente, não emocionalmente, não de acordo com vossa particular idiossincrasia de vaidade, de prazer ou desejo, examiná-lo até o fim, pondo de parte vossas fantasias pessoais, vossos mitos, gostos e desgostos. "Ir até o fim" de um pensamento, de uma idéia, de um sentimento é *ser sério*.

Desejo nesta tarde examinar a questão da religião, porque, a meu ver, se pudermos sair deste pavilhão com uma mente clara, forte, religiosa, estaremos aptos a resolver os nossos problemas. Religião é algo que inclui tudo, nada exclui. A mente religiosa não tem nacionalidade, nem provincialismo. Não pertence a nenhum grupo organizado. Não é o resultado de dez mil ou dois mil anos de propaganda. Nenhum dogma tem, nenhuma crença. É uma mente que se move de fato para fato; mente que compreende o pensamento em sua totalidade — não apenas o pensamento óbvio, superficial, o pensamento "educado", mas também o pensamento "não educado", o pensamento e os motivos inconscientes e profundos. Quando a mente investiga a totalidade de alguma coisa, quando, por meio dessa investigação, reconhecer o que é falso, e o nega porque é falso, então essa total negação produz uma mente de nova qualidade, uma mente religiosa, revolucionária. Mas a religião, para a maioria de nós, é não só a mera palavra, o símbolo, senão também o resultado de nosso condicionamento. Vós sois hinduísta porque desde pequenino vos dizem que sois hinduísta e vos inculcam todas as superstições, crenças, dogmas e tradições de hinduísmo; e todos vós aceitastes o que vos foi ensinado. O mesmo se pode dizer do muçulmano, do cristão, etc. Assim como o comunista aceita, desde pequeno, a não existência de Deus, assim também vós aceitais a existência de Deus. Não há muita diferença entre vós e aquele que nega Deus; pois o que ambos pensais dimana de uma mente condicionada. Notai, por favor, que não vos estou atacando; portanto, não há necessidade de vos defenderdes, de resistirdes. Nós estamos tratando de fatos; e seria completa

falta de sensatez resistir a um fato, isso nenhuma significação teria. O mundo se encontra num caos de tal ordem que, mesmo que deliberadamente empreendêsseis torná-lo ainda mais caótico, não o conseguiríeis — nem com a ajuda dos políticos... E é necessária uma mente bem penetrante, clara, decidida, sadia, para resolver essas condições caóticas. Creio que uma mente dessas só virá à existência mediante o percebimento religioso.

Tende a bondade de acompanhar as operações de vossa própria mente — não a palavra, não o orador, com ele concordando ou dele discordando. Se observardes o vosso próprio condicionamento — não porque eu vos mando fazê-lo, mas porque ele é um fato — se olhardes esse fato, esse condicionamento, podeis então tratar de dissolvê-lo. Mas, em primeiro lugar, deveis estar cônscio do fato de que vossa mente está condicionada. Quando ela diz que é hinduísta, está condicionada, moldada pelo passado, por uma secular cultura; ela resulta de um processo histórico-mitológico. As religiões que professais originam-se das experiências de outras pessoas. Vossa religião não constitui experiência pessoal, direta; ela é o que aprendestes em algum livro, com algum instrutor, ou algum filósofo; não é coisa que vós mesmo experimentais. Só quando vossa mente está toda descondicionada, podeis experimentar ou descobrir se há algo real ou não.

Mas se, antes de descondicionar a vossa mente, vos dizeis religioso, vos dizeis hinduísta, muçulmano, budista ou cristão — isso nada significa, absolutamente. É puro "romantismo", explorado pelo sacerdote, por um grupo organizado, político ou religioso, que têm nisso seu próprio interesse. Tudo isso são fatos, quer gosteis, quer não gosteis. Apenas estou descrevendo tais fatos. Essas divisões em grupos religiosos que crêem nisto e naquilo, que aceitam este dogma e negam aquele, andando de prisão em prisão, de templo em templo, praticando intermináveis ritos — nada disso constitui a mente religiosa; trata-se, tão só, de uma mente tradicional, dominada pelo medo. E, por certo, a mente com temor nunca descobrirá se há ou se não há algo além da palavra, além dos limites mentais.

Escutai não só o que o orador está dizendo, mas também as operações de vossa própria mente. Ao empregar a palavra "escutai", não vos estou dando uma ordem. Emprego-a com um significado especial. Escutar é uma arte, porque nós nunca escutamos. Escutamos indiferentemente, com nossos pensamentos noutra parte. Escutamos com condenação ou comparação. Escutamos com certos gostos e aversões. Escutamos para concordar ou discordar. Escutamos, comparando o que ouvimos com o que já sabemos. Por isso, há sempre distração; jamais existe o ato de escutar. E valeria bem a pena escutardes sem

nenhuma dessas distrações do pensamento, de modo que esse próprio ato de escutar constitua uma quebra daquela condição.

Quando me utilizo da palavra "religião", acodem-vos à mente imagens de toda espécie, todas as espécies de símbolos. O cristão tem seus próprios símbolos, dogmas e crença. O hinduísta, o muçulmano, todos aqueles que se dizem religiosos têm sua maneira peculiar de raciocinar, conforme sua idiossincrasia, sua tradição; por essa razão, nunca podem raciocinar claramente sobre esta questão. Eles são, em primeiro lugar, hinduístas ou muçulmanos; e depois é que começam a investigar. Assim, para se descobrir se há ou se não há alguma coisa transcendente ao pensamento, algo não mensurável pela mente, esta deve, primeiro, estar livre. Outra peculiaridade das pessoas religiosas é o serem totalmente ilógicas. Psicologicamente, carecem de sanidade. Aceitam sem investigar; e sua investigação é motivada pelo medo, pelo desejo de segurança, que lhes impede o pensar; tornam-se "românticas", porque tal lhes apraz. Entregam-se a devoções, pois isso lhes dá um sentimento de alegria, de felicidade. Mas essa não é a mente religiosa; é uma mente cheia de fantasias, uma mente sem realidade.

Se observardes vossa própria mente, vereis como está ela abarrotada e sobrecarregada de crença; e considerais necessária a crença. Utilizais a crença como uma hipótese — e isso é puro contra-senso. Quando um homem investiga, não começa com uma hipótese; sua mente é livre. Não se sente atraído por nenhum dogma, não está dominado por nenhum temor. Primeiro nega tudo isso e, depois, começa a investigar. Mas vós nunca negais, por várias razões. Nunca negais, porque isso seria "desrespeitável" numa sociedade respeitável — embora, na verdade, essa sociedade esteja apodrecida. Não negais, por medo de perder vosso emprego ou posição. Não negais, por causa de vossa família; tendes de casar vossa filha, vosso filho, tendes de fazer isto ou aquilo. Por conseguinte, consciente ou inconscientemente, estais sob a sujeição do medo, do dogma, da tradição em que fostes educado. Isso também é um fato; não é fantasia minha. É um fato psicológico de todos os dias.

Assim, a mente que está sob a sujeição de uma crença, um dogma, por mais antigo ou por mais moderno que seja, — tal o comunismo — essa mente é incapaz de produzir um mundo de ordem, um mundo sadio. Ela é incapaz de estar livre do sofrimento, do conflito. Por certo, só a mente livre de conflito, livre de problemas, livre de sofrimento, está apta a investigar e descobrir. E vós tendes de descobrir, porquanto esta é a única saída de toda a aflição e confusão que criamos neste mundo; a saída não se encontra ingressando-se

em grupos incontáveis, ou retornando-se à antiga tradição, já morta, ou seguindo-se um novo guia ou líder. Não sei se não tendes observado que, quando seguis alguém, destruístes vosso próprio pensar, perdestes vossa própria independência, perdestes vossa liberdade, não só política, mas também — e muito mais — psicologicamente, não só exteriormente, mas também, e principalmente, interiormente.

Assim, sempre que há o seguir, sempre que há o guia, em matéria realmente espiritual, tem de haver necessariamente confusão, porque existe, aí, uma contradição psicológica entre nossos profundos impulsos e compulsões e as exigências do líder e bem assim nossas próprias exigências, relativas ao que pensamos que devemos fazer; e essa contradição leva a conflito; e onde há conflito há esforço; e, havendo esforço, há deformação. A mente religiosa não tem conflito. Ela não segue ninguém.

A mente religiosa não segue nenhuma autoridade. Autoridade implica imitação, autoridade implica ajustamento. E há ajustamento porque desejais êxito, desejais realizar algo; e, por conseguinte, há medo. Se não dissolverdes o medo completamente, como podereis realizar a investigação, como podereis empreender o descobrimento? Essas não são perguntas retóricas. Se tenho medo, vejo-me obrigado a buscar conforto, abrigo, segurança, no que quer que seja, porque o temor *ordena;* mas a sanidade e a clareza não ordenam. O temor ordena o ajustamento, ordena-me imitar, ordena-me seguir alguém, na esperança de encontrar conforto. A mente religiosa não obedece a autoridade de espécie alguma; e isso nos é muito difícil de aceitar, porque fomos educados sob a autoridade. O *Gita,* os *Upanishads,* a Bíblia, o Corão e todos os demais livros chamados "sagrados" tomaram o lugar de nosso próprio pensar, de nosso próprio sofrer; dão-nos conforto na ilusão; não são, afinal, *reais.* Vós fazeis deles realidades, porque neles, nas palavras mortas de outros, encontrais conforto, na autoridade de outrem encontrais luz. Podeis ver quanto isso é realmente absurdo, se o examinardes; e, no entanto, sois tidos por pessoas educadas, sãs, racionais!

No tocante a questões religiosas, somos completamente irracionais, insanos; e tudo isso constitui as muralhas de nosso condicionamento. Aí tendes mais um fato, um inegável fato psicológico. Vós freqüentais o templo, vós ledes o *Gita* e murmurais um amontoado de palavras que perderam toda a sua significação. Isso não constitui, de modo nenhum, uma mente religiosa. Esse ler, esse repetir torna a mente embotada, insensível. Há contradição entre o viver diário e aquilo que pensamos ser real. Não há o viver de uma vida religiosa. Divor-

ciastes a vida da religião, divorciastes a ética da religião. E vivendo nessa dualidade, nessa contradição, nessa divisão, a mente está criando o mundo atual; traz cada vez mais caos ao mundo. Estamos vendo tudo isso. Sempre que há confusão, sempre que há aflição, as pessoas se voltam para a autoridade, para a tirania — não só politicamente, mas também religiosamente. *Gurus,* idéias, crenças, dogmas multiplicam-se e florescem, porque nunca nos penetramos a fundo para descobrirmos o que é verdadeiro.

O começo da mente religiosa é o autoconhecimento — não o conhecimento do Ser Supremo; isso é puro contra-senso. Como pode uma mente medíocre, estreita, nacionalista, gerada pelo medo, pela compulsão, pela imitação, pela autoridade — como pode essa mente descobrir o que é o Ser Supremo? A busca do Ser Supremo é uma fuga; é puro e autêntico "romantismo". O fato é: vós tendes, primeiramente, de compreender a vós mesmo. Como pode um pensamento resultante do medo investigar? Como pode um pensamento oriundo da contradição, do sofrimento, da dor, da ambição, da inveja, pesquisar o "impesquisável"? Não pode, obviamente; mas é isso o que sempre estamos fazendo.

Assim, o começardes a compreender-vos tais como sois é o começo da sabedoria. E, também, o começo da meditação é perceber, sem deformação, o fato representado pelo que *sois* e não pelo que pensais que *deveríeis ser.* Quando pensais — como geralmente fazeis — que sois o Supremo Ser, que em vós existe uma entidade espiritual, essa idéia é inteiramente o resultado de vosso condicionamento passado. Deveis estar cônscio do fato, e não aceitar a idéia de que sois o Supremo Ser. Essa idéia nenhuma significação tem. O verdadeiramente significativo é o fato representado por aquilo que sois cada dia, e não aquilo que *deveríeis ser.* Outrossim, a idéia, a ideação, o ideal é um "artigo" de mitologia; nada significa. O fato é que tem significação. O fato de que sois invejoso tem importância, e não a idéia de que deveríeis achar-vos num estado de "não inveja".

Outra peculiaridade da mente religiosa é o estar livre de idéias, livre de ideais. Todos vós sois idealistas — isto é, sempre vos preocupais com o que deveríeis ser e não com o que sois. Mas a mente religiosa só está interessada *no fato,* e se move com o fato. O cientista se interessa pelo fato. Ele investiga a matéria, investiga a vida, sob a forma de matéria, em seu laboratório. Investiga-a sob o seu microscópio. Ele não tem medo; move-se de fato para fato e desenvolve o seu saber; e esse saber ajuda-o a levar mais longe suas investigações, sempre num determinado plano, limitado e restrito, que é a ciência.

Mas nós estamos interessados na totalidade da vida, e não na ciência apenas; não estamos interessados apenas em edificações, mas também no ódio, na ambição, nas disputas, naquilo que somos — enfim, na totalidade da vida. A ciência não abarca a totalidade da vida, mas a mente religiosa abarca-a.

Quando os economistas ou os sociólogos procuram resolver os problemas humanos, estão atuando apenas parcialmente e, por conseguinte, criando mais caos, mais aflição. Mas a mente religiosa não está interessada na parcela. Ela se interessa pelo inteiro desenvolvimento do homem; está interessada na entidade total do homem — isto é, o movimento exterior da vida é o mesmo movimento interior. O movimento exterior é como a maré vasante; e o movimento interior é como a maré enchente; mas é a mesma maré que vai e vem. — Se os dois movimentos — o interior e o exterior — estão divorciados, estão separados, tendes então conflito, tendes aflição.

As pessoas chamadas "religiosas" dividiram a vida em "exterior" e "interior". Não a olham como um processo unitário. Evitam o "exterior" recolhendo-se a um mosteiro ou vestindo o manto do *sannyasi*. Negam o mundo exterior; mas não negam o mundo da tradição, o do conhecimento, o de seu condicionamento. Separam os dois mundos e, por isso, há contradição. Mas a mente religiosa não os separa. Para a mente religiosa o movimento exterior da vida e o movimento interior da vida formam um movimento unitário, como o movimento da maré que vai e volta.

Tende a bondade de escutar tudo isso, sem aceitar nem negar. Eu não vos estou atacando; portanto, não tendem necessidade de procurar refúgio ou de resistir. Tampouco estou fazendo propaganda. Estou apenas apontando algo. Podeis aceitá-lo, se quiserdes. Podeis vê-lo, ou rejeitá-lo; mas antes, ainda que intelectual ou verbalmente, *olhai-o*. Podeis não desejar percorrer todo o caminho até o fim. Mas, ao menos, podeis olhá-lo verbalmente, intelectualmente, investigá-lo; e, com essa compreensão intelectual, que absolutamente não é a compreensão completa, talvez possais ver a sua inteira significação.

O conhecimento de vós mesmo é o início da meditação. O conhecerdes a vós mesmo, psicologicamente, tal como sois, é o começo da mente religiosa. Mas não podeis conhecer-vos se negais o que vedes, se procurais interpretar o que vedes. Segui isto, por favor. Se negais psicologicamente o que vedes em vós mesmo, ou se desejais transformá-lo noutra coisa, neste caso não estais compreendendo o fato de o que é. Se sois vaidoso e procurais modificar essa qualidade com o cultivo da humildade, há então contradição. Se sois vaidoso e procurais

cultivar o ideal da humildade, há contradição entre as duas coisas; e essa contradição embota a mente, produz conflito. Tendes de *olhar* o fato de que sois vaidoso; tendes de vê-lo em sua inteireza, sem introduzirdes um ideal contraditório. Mas, para verdes que sois vaidoso, não podeis dizer "Não devo ser vaidoso". Isso é bastante simples e óbvio, porque, para poderdes *ver* uma coisa, deveis aplicar-lhe vossa total atenção. Ao dizerdes que não deveis ser vaidoso, vossa mente se afastou do fato, e esse afastamento do fato cria um problema; não é o fato que o cria. O fato jamais cria problema. Só o evitar o fato, o fugir ao fato, o tentar modificá-lo, o tentar ajustá-lo ao ideal, isso é que cria o problema; o fato nunca o cria.

Assim, quando vos observardes com toda a clareza, quando estiverdes cônscio, sem escolha, de cada pensamento, de cada sentimento, descobrireis então algo, ou seja: que há um pensador e há o pensamento; que há um experimentador, um observador, e há a experiência, a coisa observada. Isso é um fato, não? Há um censor, uma entidade que julga, que avalia, que pensa, que observa; e há a coisa observada.

Por favor, investigai vossa própria mente; não estais aqui para ouvir minhas palavras. As palavras nada significam. Enquanto falo, observai vossa própria mente a funcionar. Assim, ir-vos-eis daqui com a mente clara, penetrante e sã.

Há, pois, pensador e pensamento. Há divisão entre pensador e pensamento, sendo que o pensador procura dominar o pensamento, alterar o pensamento, modificar o pensamento, controlá-lo, forçá-lo, procura imitar, etc. A divisão entre pensador e pensamento cria conflito, porque o pensador é sempre o censor, a entidade que julga, que avalia. Essa entidade é uma entidade condicionada, porquanto se tornou existente como uma reação ao pensamento, o qual, por sua vez, é meramente reação do condicionamento, da memória. Estais compreendendo, senhores? Isso é uma coisa muito simples e que vós mesmos podeis descobrir.

O pensamento é a reação da memória. Pergunto-vos uma coisa, e vós respondeis de acordo com vossa memória. O intervalo entre a pergunta e a resposta é tempo; e durante esse tempo refletis e, depois, dais a resposta. Se estais familiarizado com a resposta, esta é imediata; e se a pergunta é muito complicada, precisais de mais tempo, de uma demora, de uma distância maior entre a resposta e a pergunta. Durante essa demora, vossa memória está reagindo e, depois, respondeis. O pensamento, pois, é a "resposta" da memória, da associação com o passado. Há, pois, pensamento e há pensador; o pensador é condicionado, e seu pensamento também se torna condicionado. Quando há

separação entre o pensador e o pensamento, há contradição; e, enquanto houver essa separação entre o pensador e o pensamento, haverá infindável conflito. Pode-se afastar essa contradição, esse conflito, significando isso que não há pensador como entidade central atuante, porém apenas pensamento? Esta é uma questão muito complexa. Deveis descobrir por vós mesmo tudo o que este problema implica.

Pode-se ver que, quando há separação entre o pensador e o pensamento, tem de haver contradição. E contradição implica conflito; e o conflito embota a mente, torna-a estúpida, insensível. O conflito, de qualquer espécie que seja — conflito entre vossa esposa e vós, entre vós e a sociedade, entre vós e vosso patrão, entre vós e outro qualquer — embota a mente. Se se deseja compreender o conflito central, é necessário investigar está questão (e não simplesmente aceitá-la) — se há, primeiro, o pensador e, depois, o pensamento. Se dizeis que assim é, estais de volta à vossa tradição, ao vosso condicionamento. Tendes de investigar, pelo vosso pensamento, como vossa memória reage. Enquanto essa memória — que é condicionada por cada movimento de pensamento, cada influência — reage, tem de haver conflito e aflição.

Se examinardes isso bem profundamente, descobrireis por vós mesmo que a ação baseada numa idéia, que é pensamento, gera discórdia, porque quereis moldar a ação de acordo com a idéia. Descobrireis, pois, depois de vos terdes penetrado a fundo, que ação não é idéia. Há ação sem *motivo*. E só a mente religiosa, que olhou para si própria, que profundamente se investigou, só essa mente pode atuar sem idéia, sem *motivo*, porquanto ela não tem nenhum centro, nenhuma entidade que, como pensador, dirige a ação. Essa ação não é caótica.

Assim, o autoconhecimento, o aprenderdes acerca de vós mesmo todos os dias, produz — psicologicamente, interiormente — uma mente nova — porque negastes a mente velha. Com o autoconhecimento, negastes por inteiro o vosso condicionamento. O condicionamento mental só pode ser de todo negado quando a mente está cônscia de suas próprias operações — como funciona, como pensa, o que diz, quais são os seus *motivos*.

Há, aqui, outro fator para considerar. Pensamos que o libertar a mente do condicionamento é um processo gradual, que requer tempo. Por favor, segui o que estou dizendo. Pensamos que serão precisos muitos dias ou muitos anos para descondicionar nossa mente condicionada, significando isso que teremos de fazê-lo gradualmente,

dia por dia. Que implica isso? Implica, por certo, aquisição de conhecimento a fim de dissipar o condicionamento — em vez de aprender, adquirir. A mente que está adquirindo jamais aprende. Mas a mente que se serve do conhecimento a fim de "chegar", de ter êxito, de alcançar um sentimento de libertação — essa mente necessita do tempo. Essa mente diz: "Preciso de tempo para libertar-me de meu condicionamento" — entendendo-se com isso que ela vai adquirir conhecimentos e, à medida que se ampliarem os seus conhecimentos, ela se tornará cada vez mais livre. Isso é de todo em todo falso.

Através do tempo, pela multiplicação de muitos "amanhãs", não há libertação. Só há libertação na negação da coisa que se vê diretamente. A pessoa reage prontamente ao ver uma serpente venenosa; não há pensamento, porém ação imediata. Essa ação é resultado do medo e do conhecimento que adquiriu a respeito da serpente. Essa aquisição exige tempo. Há, pois, um modo de perceber mediante o conhecimento, que requer tempo. Há também uma qualidade de percebimento que não requer tempo. Eu estou falando sobre a mente que vê "fora do tempo", que vê sem pensamento, pois a mente resulta de muitos dias passados, a mente origina-se do tempo. Isso também é um fato. Não estamos tratando de uma suposição, de uma teoria. Vossa mente deriva de numerosos dias passados, vossa mente é o resultado do passado. E, se não estamos totalmente livres do passado, não é possível termos uma mente nova, uma mente religiosa. Ora, o ver esse passado totalmente, completamente, o vê-lo imediatamente, significa quebrar de pronto o passado.

Mas, não podeis quebrar incontinenti o passado se vossa mente está sob o controle do conhecimento, que diz: "Acumularei conhecimentos gradualmente e, no fim, quebrarei o condicionamento". A mente deve *ver* o condicionamento imediatamente. Por exemplo, se vedes quanto é absurdo o nacionalismo, se "vedes" o veneno do nacionalismo; se vedes isso e o compreendeis completamente — e isso é possível, se prestais toda a vossa atenção — então, no mesmo instante em que o compreendeis, estais livre do nacionalismo; o nacionalismo nunca mais vos interessará. Mas, nós não percebemos a natureza venenosa do nacionalismo porque ele é geralmente sancionado, porque vos sentis reunidos em torno de uma bandeira — coisa muito absurda. Tendes um sentimento de unidade, um sentimento de coesão em torno de nada, pois a bandeira é meramente uma idéia, um símbolo, sem nenhuma realidade, que os políticos e outros gostam de explorar. Mas, se virdes esse fato — e podeis vê-lo dando-lhe toda a vossa atenção, sem procurar justificá-lo, dizendo que podeis perder vosso emprego, etc. — quando dais inteira atenção ao fato do nacionalismo, ele se irá

para sempre. Atenção é a total negação do passado, total negação da separação entre o pensador e o pensamento.

A mente religiosa, pois, é aquela que não tem crença, que não tem dogma, que não tem medo, que absolutamente não segue autoridade de espécie alguma. Ela é a luz de si própria. Essa mente, porque é livre, pode ir muito longe. Mas essa liberdade tem de começar bem de perto, isto é, ela se encontra em vós mesmo, no compreender-vos; podereis, assim, ir muito longe. Descobrireis então, por vós próprios, aquela extraordinária serenidade mental — que não é uma idéia, porém um fato autêntico. A mente de todo tranqüila, sem distração alguma, — a mente plácida e não a mente romântica — mas a mente que não foi gerada pelo conflito, ou pela contradição, ou pela aflição — só ela pode estar completamente quieta e, por conseguinte, totalmente viva, sensível; só essa mente pode receber o Imensurável.

4 de fevereiro de 1962.

MEDITAÇÃO

(Nova Deli — VI)

Se me permitis, desejo considerar nesta tarde a questão da meditação, pois, no meu sentir, se não compreendermos o inteiro significado da meditação, não poderá surgir aquela mente religiosa acerca da qual vos tenho falado. Como já acentuamos, a mente religiosa contém o espírito científico, mas a mente científica não contém o espírito religioso. A mente científica é parcial, interessada que está nas coisas superficiais; mas a mente religiosa interessa-se pela totalidade da vida. Se não se compreende e conhece o profundo significado da meditação, não há possibilidade nenhuma de se ter aquela qualidade de mente capaz de elevar-se acima e além do tempo. Mas, antes de entrar nesta matéria, considero importante compreender a natureza da mediocridade.

A mediocridade é própria da mente vulgar, da mente estreita, limitada. Em regra, a mente vulgar está interessada nas coisas imediatas; e as coisas imediatas podem ser projetadas para o futuro, mas continuam a ser "as coisas imediatas". Os políticos, ainda que se interessem pelo futuro, estão realmente interessados no "imediato", em relação com o futuro. A maioria de nós também está interessada nas coisas imediatas — a "perspectiva curta" em vez da "perspectiva longa" — nossa vida está circunscrita aos interesses imediatos. Isto não significa que o imediato não seja importante; mas se ele se torna de suma importância e nos esquecemos totalmente da "perspectiva longa", então a imediata preocupação pelo pão de cada dia — a maneira de viver, o marido, a mulher, os pensamentos banais — esta "perspectiva curta", limitada, estreita, conduz à aflição, conduz ao sofrimento e à luta. E a mente vulgar, medíocre, sempre se devota a um certo movimento, uma certa crença, um certo dogma. É da natureza da mente medíocre o pertencer a alguma coisa. É da natu-

reza da mediocridade, hoje tão generalizada no mundo, o interessar-se exageradamente pela sociedade.

E, se me permitis assinalar — como venho assinalando em todas estas palestras — nós não estamos tratando de idéias, não estamos "verbalizando", não nos estamos entretendo com teorias. Estamos, sim, tratando de fatos reais, e a compreensão dos fatos é nosso único problema. Como disse há dias, toda fuga aos fatos cria problemas. Ao falarmos da mente medíocre, da mente superficial, não a estamos considerando como uma idéia — como coisa que devemos desfazer, que devemos substituir por uma mente bem inteligente, muito ativa, ampla e profunda. Estamos, apenas, mostrando que a mente medíocre é o solo em que medra o sofrimento. E, como a maioria de nós se encontra em sofrimento, desta ou daquela natureza, se não tratarmos de deitar abaixo os muros da mediocridade, o sofrimento invariavelmente continuará existente.

Como já tivemos ocasião de apontar, o escutar é uma arte — escutar, não apenas o que se diz, mas também todas as coisas da vida — as aves, a algazarra das crianças, os sons de uma flauta ao amanhecer; escutar, sem interpretação, sem comparação, sem condenação; escutar, simplesmente. Nesse escutar podereis descobrir por vós mesmos, se escutardes atentamente, como vossa mente funciona; embora eu o esteja descrevendo, estais observando o verdadeiro estado de vossa mente, de vosso pensamento e sentimento.

Não nos estamos entretendo com idéias, combinações de idéias, ideais. O homem interessado nos fatos não tem ideais; e nós estamos interessados nos fatos. O fato é que há mediocridade, vulgaridade — e isto não significa que outro qualquer seja medíocre, mas, sim, que cada um de nós é medíocre. Assim, devemos estar cônscios desse fato, devemos aplicá-lo a nós mesmos. A mais elevada forma da crítica é a autocrítica; mas não gostamos de criticar-nos: tratamos meramente de evitar o que vemos. Ao falarmos de mediocridade, vulgaridade, superficialidade, ficai cônscios disso em vós mesmos. O percebê-lo apenas verbalmente nenhum valor tem. Essa percepção nenhuma modificação opera na mente medíocre.

A mente medíocre se dedica a uma dada ação — ação social, ação econômica, ação política, ou à aquisição de conhecimentos. A mente vulgar está sempre assumindo compromissos; ela sempre pertence a alguma coisa — e o desejo de pertencer é um fenômeno psicológico da mente intelectual. Hoje, ela pertence ao partido comunista e amanhã o rejeita; está entregue a uma certa atividade dogmático-religiosa, que mais tarde rejeita. Deveis observar, se ten-

des notado esse fato, que os chamados "intelectuais" aderem, coletiva ou individualmente, a uma dada teoria, uma dada utopia, um certo movimento religioso. O desejo de pertencer é desejo de permanência.

Segui o que estou dizendo, por favor, pois estamos investigando o processo da meditação, e isto faz parte da meditação. Todos vós pertenceis a alguma coisa. Não sois uma entidade individual, integrada. Sois agrupados pela sociedade, pelas influências ambientes, que vos impelem a *pertencer*. Sempre que uma pessoa se interessa em operar uma modificação no mundo, pertence a alguma coisa. Todos nós pertencemos a crenças de várias formas, dogmas e atividades várias, porque, no pertencer, nós não somente nos expandimos, mas também, identificando-nos com a coisa a que nos devotamos, temos o sentimento de atuar — intelectual, física, emocionalmente — como uma entidade total num mundo em desintegração. Se não se compreende o impulso e nos devotamos a determinada norma de ação — qualquer que seja ela, um certo pensamento, uma certa idéia, um certo aspecto do saber técnico — ou pertencemos a alguma coisa, isso por certo é um indício de mediocridade.

A mente medíocre quer então investigar a imensidade da vida. Tendo-se ligado a alguma coisa, quer então, em virtude dessa ligação, compreender o sentido de todas as coisas. Ora bem, cumpre-nos investigar o que é a meditação — algo verdadeiramente maravilhoso, que nada tem que ver com romantismos, com combinações de idéias, especulações, visões, ou sensações de toda ordem — pois tudo isso é completamente infantil. Assim, esse impulso a pertencer, a ligar-se a um método, um sistema, tem de ser compreendido.

A maioria de nós — se me permitis dizê-lo sem nenhum desrespeito — é medíocre; mesmo os mais talentosos são medíocres, porque seu talento é parcial, limitado, estreito. Nenhum dom vos eleva acima da mediocridade. Pode um pintor pintar os mais belos quadros, mas é ainda uma pessoa medíocre se tem ânsia de fama, de reconhecimento pela sociedade. Ele quer tornar-se rico, conhecido, famoso — e tudo isso é indicativo de uma mente pequenina, superficial, vulgar, embora dotada de talento. Em geral, infelizmente, não temos grandes talentos nem grande capacidade de pensamento. Talvez seja melhor assim, porquanto, quando desejamos ardentemente investigar, descobrir algo, o homem que se ligou a alguma coisa se recusa a investigar o que quer que seja a não ser pelas diretrizes que ele próprio escolheu.

Nessas condições, para descobrir o que é a mente meditativa não deve haver ligação nenhuma — e isso é dificílimo, visto que a pessoa

pode estar inteiramente devotada à oração, à repetição de palavras, à meditação sobre uma dada coisa, ou devotada a um símbolo. A maior parte de nós estamos devotados a símbolos — e não à realidade, porque a realidade é perigosa demais, sobremodo destrutiva. A mente vulgar não pode conter a realidade; por conseqüência, procura símbolos, devotou-se aos símbolos — o símbolo da igreja, do cristianismo; o símbolo do hinduísmo; o símbolo do islamismo, etc. A mente medíocre se ligou ao símbolo, à palavra, à sombra, ao irreal; não ao fato, mas à imagem esculpida pela mente ou pela mão, no templo, ou na mesquita, ou na igreja. Observai isso, vede-o vós mesmo. Uma vez ligado a alguma coisa, tratais de meditar e precisais, então, de métodos, de sistemas, para alcançardes o que pensais ser o permanente, o que pensais ser Deus, o que pensais ser a mais maravilhosa das visões. *O que pensais* é condicionado por vosso passado, pela sociedade em que viveis. Naturalmente, se sois cristão, tendes visões extraordinárias do Cristo, e "projetais" essas visões. Se sois hinduísta, tendes vossas próprias imagens, vossas próprias visões. Toda visão, toda imagem, uma vez projetada, proporciona uma certa sensação; a isso chamais meditação. Mas, se o examinardes, vereis quanto é infantil, porque é vosso próprio desejo que está a buscar preenchimento numa irrealidade sem nenhuma base, a não ser vosso próprio pensamento; este se acha condicionado pelo passado, pela sociedade em que viveis, pela experiência que acumulastes em virtude dessa condição.

A meditação, pois, não é uma busca de visões, imersão na oração. A oração implica súplica, rogo. Quando pedis algo? Quando buscais? Quando achais? Fazeis tudo isso quando vos vedes perturbado, sofrendo, aflito, quando estais em conflito. E isso significa que desejais conforto — não o conforto do lar, porém conforto psicológico. Por isso, orais; e, infelizmente, vossa oração é ouvida, porque achais o desejado conforto. Esse conforto é provocado, formado, numa idéia que tendes projetado, numa idéia ou numa crença ou num dogma em que buscais abrigo, assim como quem busca abrigo numa tempestade — um abrigo feito de palavras, de idéias. Com o perseverar nessa prática, o devotar-se inteiramente a ela, a pessoa espera encontrar abrigo; mas esse abrigo consiste apenas em palavras, não é a realidade, algo substancial. E isso satisfaz à maioria de nós.

Meditação, pois, não é oração, não é o desejo de achar a Verdade. A mente vulgar que busca Deus encontrará o Deus de sua própria vulgaridade. Compreendeis, senhores? Se tenho uma mente comum, limitada, estreita, superficial, cheia de ambição e avidez, de inveja e ciúme de outrem — e começo a pensar em Deus, meu Deus é igualmente vulgar, estúpido; e essa estupidez me satisfaz.

Pois bem, estamos investigando o processo da meditação. Para investigar, deveis em primeiro lugar negar, deveis proceder negativamente — isto é, deveis estar cônscio de algo que nenhuma realidade tem, a não ser a realidade projetada de vosso próprio desejo, vossa própria fantasia; deveis repudiar o falso. Assim, pelo pensar negativo vamos descobrir alguma coisa positiva. Mas o pensar negativo é essencial, pois é a mais elevada forma de pensar — e não o pensar positivo. Pensar positivo é processo de imitação, movimento de conhecido para conhecido. Jamais descobriremos o desconhecido se nos movemos meramente do conhecido para o conhecido, que é o chamado processo positivo. Dessa maneira, jamais descobrireis por vós mesmo o que é a meditação real. As coisas que nos têm sido oferecidas como meditação são por demais elementares, completamente desprovidas de base psicológica. Assim, se tendes suficiente interesse, se desejais realmente examinar até o fim a questão da meditação — e não apenas vos entreterdes com ela — deveis meditar quando vos dirigis ao escritório, quando constituís família, quando gerais filhos. A meditação é necessária, porque destrói os muros da mediocridade, os muros da respeitabilidade e da imitação. Necessária é uma mente de todo livre exatamente no começo, e não no fim.

Estamos, pois, pensando negativamente para descobrir o que é a meditação. Meditação não é contemplação: contemplar é pensar numa idéia, concentrar-se numa certa coisa, geralmente um símbolo ou uma frase lida nos chamados "livros sagrados" — que em nada são sagrados, porém simples livros como outros quaisquer. Selecionais uma frase e nela começais a refletir; e chamais isso "contemplação". Não cuidais de investigar a entidade que contempla. Essa entidade é condicionada; essa entidade é medíocre, estreita, ciumenta. E essa é a entidade que investiga, que se concentra na contemplação de uma certa coisa!

A meditação, pois, não é oração. Meditação não é contemplação. Meditação não é observância de um dado método ou sistema. O método ou sistema condiciona a mente. E, aquilo que o método ou o sistema oferece, obtereis; mas o que obtiverdes será uma coisa morta. É como ter uma mente embotada e estúpida que se disciplinou por um sistema e se recusa a pensar mais; essa mente perdeu toda a flexibilidade, toda a sensibilidade; já não é nova. Assim, a meditação não é um sistema para ser praticado. Não é, por igual, um processo de disciplinar a mente. Segui intelectualmente tudo isso que estou dizendo, se não puderdes fazê-lo realmente. Se na realidade o seguirdes, podereis ir muito longe. Nesta tarde, pretendo ir muito longe

com aqueles que sejam capazes de acompanhar-me, sem bagagens, livres.

Conseqüentemente, a meditação não é nenhuma dessas coisas, nem tampouco é disciplina. Que significa disciplina? Disciplina significa obediência, imitação, ajustamento a um padrão, uma idéia, um ideal; por conseguinte, exprime "controle" que, por sua vez, implica repressão — mas isso não quer dizer que uma pessoa pode fazer o que entender. Estamos examinando todo o mecanismo da disciplina. Sempre que há repressão, há contradição; e sempre que há contradição, há conflito e esforço. A mente que forceja para alcançar algo — com exceção de coisas mecânicas — alcançar aquilo a que chama Deus, alcançar um alvo, um fim — é uma mente morta. Para a meditação necessita-se de uma mente sobremaneira flexível, altamente sensível. E ninguém pode ser sensível se está "comprometido", se está preso a um sistema inventado pelo homem sob a compulsão do medo.

Nada disso, pois, é meditação. Mas é preciso preparar a base para a meditação. Não sendo ela nenhuma daquelas coisas, é de todo fútil pensar sequer nos óbvios artifícios psicológicos com que nos temos enganado através de séculos. É preciso lançar a base correta. A base correta da meditação é: não ser ambicioso, não ter inveja, não aceitar autoridade de espécie alguma. O lançamento da base é da mais alta importância, porquanto sem ela não podemos edificar. Não se pode construir uma casa sem alicerces; ela desaba. Ser sem ambição, sem autoridade, sem inveja, sem medo, sem ciúme, tem de ser uma coisa que deve ser vista imediatamente, e não cultivada como ideal; e aí é que está a dificuldade.

A importância de lançar a base da meditação tem de ser de pronto percebida. Se dizeis: "Eu *lançarei* a base", estais introduzindo o fator tempo. Servindo-vos apenas de um tijolo — a inveja — para lançardes a base, podeis dizer: "Não serei invejoso", por terdes percebido intelectualmente que não é vantajoso sê-lo, que a inveja implica tensão, luta, penas. Mas a mera aceitação intelectual não vos livra da inveja; tampouco vos libertará o dizerdes: "Usarei de um ideal, a fim de livrar-me da inveja; isto é, não serei invejoso" — porque esse "serei" supõe o tempo. Ao afirmardes "Não serei invejoso", estais introduzindo o fator tempo; isto é, pensais que necessitareis de tempo para vos livrardes da inveja e dizeis que daqui a alguns anos ou em certa data futura estareis livre da inveja. E quando se introduz o tempo, a inveja perdura, sem solução de continuidade; vós não ficais livre dela; sois ainda invejoso quando dizeis:

"Não deve haver inveja". Por favor, compreendei isto: a inveja tem de ser cortada imediatamente, e só poderá ser cortada imediatamente quando *virdes* a coisa, quando *virdes* a inveja.

Como já tive ocasião de dizer, nós não "vemos", nem tampouco escutamos. Nunca vemos, porque temos opiniões a respeito daquilo que vemos. Quando sois invejoso e vos pondes a refletir sobre a inveja, vós a justificais, porque toda a estrutura social baseia-se na inveja e vós sois educado para serdes invejoso; e dizeis: "Como poderei viver neste mundo sem inveja?" Assim, considerais o fato, que é a inveja, com uma opinião preconcebida a respeito dele. A palavra "inveja" já é condenatória e, por isso, considerais a inveja com condenação. Por conseguinte, para verdes a inveja, tendes de estar livre da palavra.

O que estou dizendo não é complicado; é bem simples. Em verdade, é extraordinariamente simples, se escutais, se tentais, mesmo intelectualmente, escutar. A palavra não é a coisa. A palavra é o símbolo. Nós somos criados com símbolos e não com realidades, com aquilo que constitui o fato. A inveja não é coisa que se possa adiar. Ou sois invejoso, ou não sois invejoso. O homem que deseja meditar, que deseja investigar em profundidade a questão da meditação, não tem tempo para adiar a inveja. A inveja tem de cessar completamente, totalmente. Também a ambição tem de cessar por inteiro, porque o homem ambicioso não tem amor. Aqueles que, impelidos pela ambição, buscam posição, prestígio, poder, não têm amor, ainda que falem de paz e de fraternidade. Poderão ter compaixão, piedade, capacidade organizadora para a ação social; mas, amor não têm.

A pessoa invejosa, que compara, que deseja, que busca poder, posição, autoridade, não tem amor. Pode-se ler a respeito do amor no *Gita*, nos *Upanishads* e noutros livros; mas o amor não vem por meio dos livros. Só vem o amor se deixastes de ser invejoso, ambicioso, se já não buscais o poder, se já não sois escravo da moralidade social. À moralidade social só uma coisa interessa: o sexo. Não interessa à sociedade a compreensão da avidez, da ambição, da inveja, nem a razão por que seguimos isto ou aquilo.

Para meditardes, precisais lançar a base correta, não nos dias vindouros, porém imediatamente. Isso é dificílimo — é em verdade o ponto crucial da questão, pois nós queremos ser ambiciosos, queremos ser invejosos; e também falamos a respeito de Deus, da Verdade, etc. Nenhum valor têm vossos deuses e vossas verdades, enquanto não houver a base correta. Quando já não estais preso na engrenagem da sociedade e de sua moralidade, quer dizer, quando

vossa mente está livre da ambição, da avidez, da inveja, do poder e de todas as coisas que o homem busca porque a isso a sociedade o estimulou desde a infância — então, há liberdade; não amanhã, não no fim de vossa vida, porém exatamente no começo — agora!

Esse é o início da meditação. Implica o conhecimento de si mesmo, e não o conhecimento do Ser Supremo. Não há Ser Supremo para a mente vulgar, a não ser aquilo que ela inventou e a que chama "Ser Supremo". Assim, quando a mente é livre — não amanhã, porém realmente, imediata e instantaneamente — da inveja, da avidez, da ambição da busca de fama e de poder, então, começa a meditação. Para essa mente cessou o buscar. Ao dizerdes que estais "buscando", que buscais? Estais buscando algo que já conheceis; do contrário, não "buscaríeis". Não podeis buscar algo que desconheceis; podeis buscar algo que se pode reconhecer — e o reconhecimento vem do passado. O reconhecimento é parte essencial do conhecimento — isto é, do conhecido. Assim, quando, mediante o autoconhecimento, negais de todo a ambição, a avidez, a inveja, a autoridade, vos tornastes a luz de vós mesmo; a mente, estando então livre, não "comprometida", já não busca, porque nada tem que buscar; ela está tranqüila.

Como pode uma mente limitada buscar a Imensidade? Só será capaz de traduzir a Imensidade nos termos de sua própria vulgaridade e superficialidade. A mente, por conseguinte, deve ficar livre de todas essas coisas. Quando inteiramente livre de todas elas, a mente se torna tranqüila; não tem então necessidade de buscar paz de espírito, pois isso seria absurdo, coisa semelhante a pregar contra a corrupção e ao mesmo tempo querer apoderar-se do dinheiro alheio. A pessoa precisa desligar-se completamente da sociedade. Isso não significa abandonar a sociedade, retirar-se para uma floresta, tornar-se eremita — o que é uma mera troca de roupas, mudança de habitação. Vós tendes de desligar-vos da sociedade, para ficardes *só*; vossa mente já não estará, então, influenciada pela sociedade.

Quando a mente deixa de sofrer a influência social, ela se torna capaz de ficar *só*. Começa, então, a meditação. Notareis, assim, que o cérebro — que é resultado do tempo; o resultado de todos os instintos animais, biológicos; o resultado do conhecimento acumulado pela sociedade, pela nação, pela raça, pela família — notareis então que o cérebro se torna sobremodo quieto, porque já não está buscando. O cérebro já não está assustado; já não está a perseguir uma idéia; já não está a ansiar por conforto, segurança, permanência. Por isso, ele se torna extraordinariamente quieto; e ele precisa estar

quieto, porque todo movimento do cérebro, que é impulsionado pelo passado, tende a "projetar-se" e criar ilusões. Por conseguinte, o cérebro deve estar completamente sereno.

A serenidade do cérebro não é adquirível. Não se pode adquirir quietude; não se pode praticar a tranqüilidade, porque o cérebro que a pratica é um cérebro morto. Como é possível forçar o cérebro, em extremo ativo e, necessariamente, sensível — a ficar quieto? Podeis destruí-lo — e de fato o destruís — renunciando ao mundo e fugindo para uma espécie de "outro mundo", destruindo a beleza e pensando que Deus é diferente dela. A mente sensível não pode ser destruída; ela tem de permanecer sensível. Se compreenderdes o inteiro significado da disciplina, vereis que há uma extraordinária disciplina, resultante da liberdade, livre de controle. Ao praticardes uma disciplina, a praticais por medo ao castigo ou por desejo de recompensa, ou para ganhardes algo que cobiçais. Essa espécie de disciplina torna o cérebo embotado, insensível.

A vida não pertence ao eremita, nem ao *sannyasi*, nem ao político, ainda que virtuoso. A vida é algo extraordinariamente vasto, imensurável. A mente medíocre não tem possibilidade de compreendê-la. Ela é essencialmente uma mente ambiciosa, ávida, aquisitiva. E no momento em que deixais de ser ambicioso, sob qualquer aspecto — mesmo que se trate da ambição de descobrir Deus — ao abandonardes a ambição, vosso cérebro se torna singularmente quieto. Está então sem nenhum movimento de desejo, porque o desejo foi compreendido. Se um homem compreendeu as visões da imaginação, se compreendeu o significado do pertencer a isto ou àquilo, e tudo isso foi posto de parte, esquecido, esse homem já não é, então, prisioneiro do conhecido. Em geral nos movemos do conhecido para o conhecido; esta é nossa atividade diária. Toda a vossa vida se consome num escritório ou num trabalho técnico, num constante movimento do conhecido para o conhecido. Vossa mente pensa em termos do "conhecido" e, por conseguinte, nunca está livre do conhecido.

A mente meditativa é livre do conhecido — isto é, livre da palavra, do símbolo, da idéia, da crença, do dogma, das projeções do passado. Quando o cérebro está livre do passado, ou, antes, quando o cérebro está quieto, a consciência se torna completamente tranqüila — a totalidade da consciência, e não apenas uma parte dela — porque está, então, de todo *só*, livre de influências. Já não pertence a nenhuma sociedade, nenhum grupo, nenhuma casta, nenhuma religião, nenhum dogma; para ela tudo isso se acaba. Portanto,

há tranqüilidade completa na mente; e nessa quietude não existe observador nem coisa observada — porque o observador, conforme já expliquei, resulta da reação do pensamento; o observador, o pensador, é reação do pensamento. Podeis pensar nisso de maneira completa, mais tarde, se vos interessa.

Não há, pois, "estado de experimentar"; é muito importante compreender isso. A experiência — rápida e concisamente definida — é aquele estado em que há reação a um desafio. Toda reação a desafio produz uma experiência, e essa experiência promana de vosso condicionamento. Se sois hinduísta, com esse fundo é que reagis aos desafios, por insignificantes que eles sejam. Mesmo a um "desafio" insignificante, "reagis" com o *fundo* de vosso hinduísmo, de vosso condicionamento, e essa reação é experiência. Assim, a mente que está experimentando está reagindo e, por conseguinte, não é uma mente livre.

A mente tranqüila nunca está em busca de experiência, de qualquer espécie que seja. E, se não está buscando e, por conseguinte, está perfeitamente serena, sem nenhum movimento do passado e, portanto, do conhecido, podereis ver, então, que há um movimento do Desconhecido, o qual não é reconhecível, nem traduzível, nem exprimível por palavras; podereis ver, então, que há um movimento que é o movimento da Imensidade. Esse movimento é o movimento do Atemporal, porque, nele, o tempo não existe, nada existe para experimentar, nada para ganhar, alcançar. A mente conhece, então, a criação — não a criação do pintor, do poeta, do discursador, porém aquela criação que não tem "motivo", que não tem expressão. Essa criação é amor e morte.

Tudo isso, do começo ao fim, é o caminho que a meditação percorre. O homem que deseja meditar deve compreender a si próprio. Se não conheceis a vós mesmo, não podeis ir longe. Por mais que tenteis ir longe, nunca ultrapassareis vossa própria "projeção"; e vossa própria "projeção" está muito perto, e a parte alguma vos leva. Meditação é aquele processo de lançar imediatamente *a base* e de fazer nascer — naturalmente, sem esforço algum — aquele estado de tranqüilidade. Só então existe uma mente fora do tempo, fora da experiência e fora do conhecimento.

7 de fevereiro de 1962.

MORRER PARA O PASSADO

(NOVA DELI — VII)

FALAREI nesta tarde sobre a morte, mas, antes de entrarmos nesta imensa questão, penso que devemos compreender a capacidade de investigar, a capacidade de inquirir, de descobrir, porquanto isso muito importa para se compreender a questão relativa à morte. Se formos capazes de inquirir, investigar, indagar, descobrir, estaremos então livres do medo. Se não estamos livres do medo, em todas as suas formas — quer exteriores, quer interiores — se não temos a compreensão tanto dos temores externos como dos temores psicológicos, nunca seremos capazes de compreender a imensa questão da morte.

Que é essa capacidade de investigar? Como nasce ela? Quais são os "requisitos" necessários, se posso empregar essa palavra, para se ter essa capacidade diretora, compreensiva, que abrirá a porta para o descobrimento? Em primeiro lugar, parece-me, não deve haver "motivo" algum no investigar. Não deve a busca ser "motivada" por idiossincrasias pessoais, ou por propósitos utilitários, nem colorida por nenhum desejo de segurança. Isso é absolutamente essencial a toda investigação, seja uma investigação científica, seja uma investigação psicológica.

Nesta tarde, nós vamos investigar, no campo psicológico, a questão da morte; e, para poder fazê-lo, a mente deve estar livre de "motivo". Uma das coisas mais difíceis, psicologicamente, é estar-se livre de "motivo", de um propósito, de uma finalidade a que se visa consciente ou inconscientemente. Se um homem deseja libertar-se da agonia que o medo causa a respeito da morte, ele deve, por certo, estar livre de "motivo" — entendendo-se por "motivo" não só a causa, mas também a busca de um fim. Para vencer o medo,

cumpre descobrir-lhe a causa e bem assim o desejo de estar livre dele, que impede a investigação.

Espero que escuteis, investigando vossa própria mente, vosso próprio coração, e *não* aceitando ou negando, verbalmente, ou refutando com argumentos — pois isso de nada serve: vereis, no fim, que não chegastes a parte alguma, e o medo continuará existente. É possível estarmos de todo livres do medo, psicologicamente, interiormente, e aptos a investigar esta questão, não de maneira intelectual ou verbal, porém realmente? Seria maravilhoso sairmos deste pavilhão, sem temor; estaríamos, então, livres da sociedade e da agonia das relações que constituem a sociedade; não nos veríamos atormentados pelos inumeráveis conflitos, problemas, ansiedades, pesares, existentes na mente e no coração de todo ente humano.

E, para investigar esta questão, a mente deve, como disse, estar inteiramente livre de "motivo". Pode a mente ser livre, e leva tempo isso? Se se percebe a necessidade de estar completamente livre do medo, então esse próprio percebimento elimina o "motivo" — pois vossa intenção, vosso impulso, vosso empenho é de vos livrardes do temor; e percebeis que a investigação da questão do medo é impedida quando existe algum "motivo". Por conseguinte, ao compreenderdes a necessidade de estar livre do medo, desaparece o "motivo". Isto é um fato psicológico: quando há uma coisa mais importante, a menos importante desaparece — como tudo o mais na vida.

Assim, ao investigarmos a questão do medo, devemos compreender em primeiro lugar o que isso significa e o que é que está implicado no processo da investigação, não do medo, porém da mente capaz de investigar o medo. Estamos, por ora, interessados apenas na capacidade de *investigar* — não a capacidade de investigar a morte, o amor, a beleza, a ambição ou o que quer que seja, em particular. A capacidade de investigar é negada se a mente está procurando libertar-se do problema. Geralmente temos interesse em nos livrarmos do medo e, por conseguinte, o evitamos; e, no momento em que a mente recorre à fuga, cessou a investigação. Portando, na investigação não deve haver fuga. E é dificílimo não fugir. Precisamos estar cônscios do que está implicado no "motivo" e também na fuga, porque, se desejamos fugir, evitar, cessa então completamente o processo de investigação. E cessa, também, a investigação se nela introduzis vossa opinião pessoal, ou vossa própria idiossincrasia, ou as coisas que tendes aprendido. Como dizia, cessa a investigação de qualquer problema, principalmente um problema psicológico, quando nela introduzis vossa opinião pessoal ou o conheci-

mento adquirido de outrem, ou quando nela "projetais" vossas próprias experiências, baseadas em vosso condicionamento.

Vede, pois, por favor, todas as implicações e dificuldades inerentes à investigação. Como estamos falando sobre questões muito sérias e sobre coisas muito urgentes, vós deveis prestar atenção. Na atenção não há distração, porque ela faz parte do processo de investigação — e a opinião, o julgamento, a avaliação constituem uma distração que impede a investigação. Nós vamos investigar, em sua totalidade, a questão do medo. Vossa mente, portanto, deve estar preparada para investigar; a mera aceitação ou rejeição do que se está dizendo nenhum valor tem.

O que vos interessa é o viver — o viver de cada dia, com todos os sofrimentos, ansiedades, aflições, dores e alegrias passageiras. Quando tudo isso vos interessa, a mera aceitação de explicações verbais, ou a mera asserção de conhecimentos obtidos em algum livro, não resolverá vossos problemas. Os problemas só podem ser resolvidos pela investigação, pela perfeita compreensão deles. O problema do medo é um problema urgentíssimo. Há o medo à morte. Não importa se se trata de gente velha ou de gente nova, porque a morte está à frente de cada um de nós, velhos e moços. E para compreender, penetrar verdadeiramente este problema relativo ao morrer, requer-se uma mente apta a investigar.

A investigação, como já assinalei, é impedida, negada, quando há "motivo". Quando tendes um fim em vista, quando "projetais" em vossa investigação uma opinião pessoal ou os conhecimentos que adquiristes, cessa de todo a investigação. Assim, se estais investigando, deveis estar bem cônscio desses fatos — os "motivos", a ânsia de atingir um fim, a ânsia de fugir, e as sutis formas de opiniões e avaliações e juízos.

Se isto está bem claro para todos os ouvintes, podemos entrar na investigação do medo. Que é o medo? *Que é* que sente medo, e como surge ele? O medo prejudica a percepção, a clareza. A mente temerosa vive sempre na ilusão, seja a ilusão de Deus, seja a ilusão de ajustar-se à sociedade, seja a ilusão de buscar o próprio aperfeiçoamento. Enquanto houver qualquer forma de medo psicológico em qualquer nível, existirá a desfiguração do pensamento, a desfiguração do percebimento. Por conseqüência, muito importa para o viver são, sensível, não só que a mente compreenda todo o "processo" do medo, mas também que descubra se podemos viver sem medo.

A essência do temor é a "não-existência", pois todos desejamos viver, continuar existentes, de qualquer maneira, ainda que vossa

vida seja lastimável, vulgar, estreita, estúpida, sem riqueza, sem plenitude. Por mais superficial que a vida seja, nós queremos viver, queremos expressar-nos, queremos estar em relação com alguma coisa. E esse desejo de estar em relação com outrem, com a natureza, com idéias, é a própria essência do desejo de viver, de amar e ser amado, de expressão e preenchimento, com tôdas as respectivas ansiedades e frustrações. O medo, por certo, só existe em relação com alguma coisa; o medo não existe abstratamente, por si só. Ele existe no desejo de continuar e de buscar, descobrir, e estabelecer um estado de permanência.

Vede, por favor, que, como disse, vós não estais escutando a mim, nem minhas palavras, nem certas idéias; escutais, observais vossa própria mente e vosso próprio coração. Estais observando os vossos próprios "processos" em vossa própria vida. As palavras são apenas um espelho, mas o espelho não é a vida. O espelho mostra o que há em vosso coração, em vossa mente; mas, se vos limitais a escutar palavras, a aceitar ou rejeitar essas palavras, não estais então observando vossa mente e coração. Estas palestras não têm a finalidade de oferecer-vos mais idéias e combinações de idéias, porém, sim, de mostrar-vos o funcionamento de vossa própria mente e coração. Assim sendo, observai vossa própria mente.

Também, como já tenho dito freqüentemente, o escutar é uma arte. Se sabeis escutar corretamente, há imediata percepção e compreensão — escutar qualquer coisa totalmente, com todo o vosso ser; quer dizer, com todos os vossos sentidos, com vosso coração, vossa mente, vosso corpo — totalmente! Vereis, então, que nesse próprio ato de escutar, a coisa que temeis, a coisa que vos faz medo, desaparece completamente. Mas, vós não escutais; nunca escutais porque estais cansado, porque tendes vossos próprios problemas; e, quando ouvis algo, vós o comparais com aquilo que já sabeis.

Vossa mente, por conseguinte, nunca está tranqüila para escutar; está sempre agitada, quando escuta. E a mente agitada não pode compreender nem escutar. E o problema é de compreender imediatamente. A compreensão não nasce do tempo, da comparação. Ela vem quando a mente está clara, quando é penetrante e racional. Então, compreendeis imediatamente, e esse "imediatamente" da compreensão é essencial. Como sabeis, o mundo e vós mesmos estais agoniados, entregues à ansiedade e ao sofrimento. Ansiedade e sofrimento não são meras palavras, meros símbolos. Vós tendes de compreendê-las; tendes de penetrá-las até às raízes, e extirpá-las, para poderdes *descobrir*. Assim, se sabeis escutar, e se escutais com aten-

ção, de maneira completa, vereis que, enquanto escutais, a própria coisa de que tínheis medo, consciente ou inconscientemente, vos está sendo revelada; e, assim, a eliminareis completamente, totalmente, para sempre.

A mente com temor é uma mente corrompida. Pode ela ocupar uma alta posição, freqüentar a igreja ou o templo e recitar interminavelmente certas palavras sagradas — nada disso tem significação, porque a mente e o coração estão corrompidos pelo medo. A compreensão do medo é um problema verdadeiramente difícil. Mas, muito importa compreendê-lo. Existe o medo — não só de pequenas coisas, mas também de grandes coisas. Temeis vossa mulher ou marido, temeis perder o emprego, temeis a opinião pública, temeis nada terdes de permanente em vossa vida. Todos os que têm medo buscam alguma forma de permanência. Não há permanência neste mundo; não há permanência nas relações entre vossa esposa e vós, entre vosso marido e vós, entre vós e a sociedade, entre vós e vosso patrão e vosso emprego. Nada há de permanente neste mundo; por isso, a mente busca algo que seja muito mais permanente, a que chama "Deus" — uma idéia. E, depois de adotar essa idéia, a mente a conserva apertada ao coração.

Existe, psicologicamente, alguma coisa permanente? Sabeis que, exteriormente, nada existe permanente. Interiormente, desejamos a permanência; mas não há nada permanente — nem vossa esposa, ou marido, filhos, idéias, crenças, dogmas. Nada é permanente. Mas vós vos recusais — vossa mente se recusa — a perceber isso, porque toda a nossa sociedade, todas as nossas virtudes, todos os nossos princípios se baseiam na idéia da permanência. Nasce o medo ao ser contestada essa permanência. Nela nós alicerçamos o nosso ser. Identificamo-nos com uma idéia, que dizemos permanente, tal como a idéia do Deus Supremo e todos os demais termos da fraseologia ideológica. E quando se põe em dúvida essa permanência, ergue-se, então, toda a estrutura do medo.

Há o medo ao imediato, e medo ao futuro. O futuro, isto é, amanhã, é a "projeção" do tempo, que é pensamento. Estou falando de maneira simples sobre um problema complicado. Só ao considerarmos com simplicidade um problema complicado, podemos começar a vê-lo com clareza. O pensamento é a "reação" do tempo. O pensamento é reação da memória, que é o passado. O pensamento que é o presente, e que foi o passado, cria o futuro. Nós temos de compreender o processo do pensar, para podermos compreender o medo; e para compreendermos o medo, precisamos compreender o tempo.

Investiguemos, pois, primeiramente, a questão do pensamento. Que é o pensar? Estou fazendo uma pergunta: Que é o pensar? E vossa pronta reação, se dela estais cônscio, é o ativamento da memória, que se põe a procurar a resposta. Peço-vos prestar atenção a isto. É muito simples. Deixai-me expressá-lo diferentemente. Pergunto-vos: "Onde morais?" Vossa resposta é imediata, porque estais bem familiarizado com isso. Não há intervalo entre a pergunta e a resposta; vós a sabeis imediatamente, porque é uma coisa com que estais familiarizado. Faço-vos uma pergunta um pouco mais complexa; há então um intervalo de silêncio, um intervalo de tempo; e durante esse intervalo vossa memória está ativa, e, depois, respondeis. Assim, entre a pergunta e a resposta, o intervalo de tempo representa o processo em que a memória se põe em função e o pensamento sai expresso em palavras. O pensamento, pois, é reação da memória. E a memória é a multiplicação de um milhar de dias passados, com todas as suas experiências e conhecimentos. O meio cultural em que a pessoa foi criada, a educação que — consciente ou inconscientemente, recebeu — esse é o fundo de conhecimento e memória de onde procede a "resposta" a cada desafio; e o "responder" é uma ação que precede o pensamento. O pensamento vem e atua. Esse é o inteiro mecanismo da memória. Assim, se não tiverdes compreendido esse mecanismo da memória, do pensamento, não podereis compreender o que é o tempo.

Há o tempo cronológico, medido pelo relógio, o tempo representado por vinte e quatro horas, o tempo representado pelo ontem, hoje e amanhã. Ao falarmos do tempo, não nos estamos referindo a esse tempo; referimo-nos ao tempo psicológico. O tempo que constitui o amanhã, o tempo que o pensamento dá à esperança, o tempo representado pelo futuro, em que vos tornareis algo importante, o tempo como realização de alguma coisa, como chegada à meta, como ganho — tudo isso é tempo psicológico; não é tempo cronológico. Assim, a mente que deseja conhecer e compreender o problema do medo tem de compreender o processo do pensar, em si própria — não em algum livro —, o processo de seu próprio pensamento e de como este "fabrica" o tempo.

Se não há pensamento, não há tempo. Se não há tempo, não há medo. Se vos dizem que ides morrer neste instante, agora mesmo, não há medo, porque já estais morto. Só se apresenta o medo quando há um intervalo entre o fato e aquilo que esperais não aconteça. O pensamento, pois, é medo, o pensamento é tempo; e o findar do pensamento é o findar do medo. Escutai isso, apenas. Não pergunteis como pôr fim ao pensamento. Se fordes capaz de escutar isso, com-

preendereis. Assim, no investigar do medo impende compreender o pensamento. O pensamento é reação da memória; e memória é o passado, não só o passado constituído por milhares de dias pretéritos, mas também o passado que foi ontem, o passado de vossa educação ao aprenderdes inglês, aprenderdes técnicas.

A reação total do passado constitui o tempo, que é pensamento. E o medo surge quando o pensamento se torna cônscio de sua própria contradição. Se não há contradição, se não há conflito, se não há ânsia de preenchimento, não existe então a consciência da esfera do tempo. Pensar é reação da memória; e essa memória é o centro de onde partem todas as ações — o eu, minha família, minha pátria, meu emprego, minha virtude —; é o centro de onde procedem todos os pensamentos, que são reações. Enquanto existir esse centro, tem de haver medo. Esse centro não é nada de extraordinário, nada de espiritual. É simplesmente o mecanismo da memória. É um feixe de memórias. Há medo ao se pôr em dúvida esse centro, quando o fazemos sentir-se inseguro, ao sentir-se ele incapaz de alcançar alguma coisa, ao sentir-se frustrado, ao sentir-se totalmente só.

Vamos examinar esta questão da solidão, porque esta é a verdadeira essência do temor. Não sei se já alguma vez percebestes como é grande a vossa solidão. Não me refiro ao "estar desacompanhado", ao "estar só": refiro-me ao sentimento de solidão. Sentis essa solidão quando morre alguém que amais, ou quando alguém que amais se volta contra vós. Se a pessoa que amais vos abandona, sentis ciúme; e esse ciúme é a reação da solidão ameaçadora daquele próprio centro que exige a permanência. Não sei se já conhecestes esse estado de solidão, a dor da solidão, o completo isolamento, em que não se está em relação com coisa alguma. Já o deveis ter sentido. Todo aquele que é sensível, que reflete, que observa, o sente, sem dúvida; e, então, ao sentir essa solidão de onde surge o medo, o homem trata de fugir dela: começa a beber, a procurar mulheres, Deus, a praticar ritos, qualquer coisa — pois seu desejo é fugir desse sentimento de solidão para algo mais satisfatório. Para quantos se dizem "religiosos", Deus se torna uma fuga maravilhosa; para os mundanos, a racionalização intelectual constitui a fuga; e, para os que têm dinheiro, a fuga é a bebida ou o sexo. Há mil e uma coisas em que nos podemos refugiar da solidão. E essas fugas se tornam sumamente importantes, porque nos transmitem um sentimento de permanência. Quando ameaçada essa permanência, vemo-nos de volta ao problema da solidão e do medo; e procurais preencher essa solidão com conhecimentos, instrução, sexo, virtude. Mas nada pode preenchê-la. Se tiverdes penetrado em vós mesmo e

observado todo esse processo, sabereis que nada pode preenchê-la. O que se pode fazer a respeito da solidão é olhá-la de frente. Olhá-lo de frente é, por igual, o que podemos fazer com o medo. Isso é, a palavra não é a coisa.

Prestai atenção a isto, por favor. A palavra não é a coisa. A palavra "medo" não é o medo. Mas para a maioria de nós a palavra se tornou importante, não só em relação ao medo, mas também em relação a Deus, ao sexo, ao comunismo, à política. Em relação a tudo as palavras ou símbolos se tornaram relevantes, e não o fato — e isso significa que a mente é escrava das palavras. Vós sois escravos de palavras tais como "Comunismo", ou "Parlamento", ou "Hinduísta", ou "Budista", ou "Muçulmano". Assim, se desejais compreender o medo, vossa mente deve estar livre da palavra. A palavra encerra condenação, e, por conseguinte, não podeis examinar o fato se vossa mente está escravizada à palavra. Vou dizê-lo de maneira muito simples. Consideremos a palavra "ciúme"; nesta palavra, em si, há um sentido condenatório. Do mesmo modo, a palavra "cólera"; seu significado sugere que não deveis ter cólera. E se desejais investigar a palavra e compreender o sentimento que o ciúme implica, deveis estar livre da palavra. Ora, sem dúvida, isto é bem simples.

Assim, quando estais investigando o medo, deveis estar livre da palavra — não só da palavra medo, mas também de todo o sistema de palavra e símbolos a que a mente se escravizou. Atentai para isto, porque, se não o compreenderdes, perdereis completamente o sentido do que explicarei adiante. A palavra "Deus" não é Deus. Mas, para podermos ficar livres dessa palavra, muito importa descobrir o que é Deus ou se há Deus. Identicamente, o medo é uma palavra, uma opinião, uma fuga ao fato. Se vos vedes diretamente em presença do fato, não há medo. Tendes de olhá-lo. Assim o pensamento. Não há pensar sem verbalização. Mas a palavra implica o tempo, que é pensamento; e, havendo pensamento, há um intervalo entre o fato e o processo do pensar; por isso, nunca vedes o fato.

Há a morte — um fato inegável. Vós a vedes todos os dias. Em toda casa ela entra. Todo ser humano a conhece. Ela é um fim — absoluto, definitivo, irrevogável. Podeis tecer uma porção de teorias em torno dela — dizer que há continuidade, que há o "além", que há uma vida futura, etc. etc. Mas o fato é um fato. Se compreendeis o fato, descobrireis o que há além. Mas, se não compreendeis o fato, se não enfrentais o fato, não podeis passar além. O fato é que há a morte; e contra esse fato não há argumentos. Não podeis argumentar com a morte. Não podeis dizer-lhe "vem amanhã". Que é, pois, morrer? Há, decerto, um morrer fisiológico, em que o

corpo se acaba. A morte virá, inevitavelmente, para o corpo, porque o corpo é uma máquina, um organismo que se gasta pelo mau uso que dele se faz pelo conflito, por pressões, lutas, pela alimentação inadequada, etc.; assim, todo esse processo chega a seu fim. Podemo-lo admitir muito fácil e prontamente. Mas isso é tudo?

Em vivi, lutei, adquiri experiência, tornei-me muito poderoso — para que? Se eu morrer, tudo isso desaparecerá ou terá continuidade? Como descobri-lo? Compreendeis, senhores? Não me estais escutando, para receberdes novas idéias. Não vos estou fornecendo argumentos, não estou refutando o que credes e oferecendo, como substituto, minha crença particular. Nesta matéria, não tenho crença alguma; só tenho fatos. Desejo saber o que é a morte, e não poderei sabê-lo se não sei morrer. Fisicamente, vosso corpo tem continuidade — como sabeis — até chegardes ao fim, até a máquina morrer.

Ora, é possível morrer psicologicamente? Sabeis o que significa morrer, findar? Entendeis minha pergunta? Faço-a com clareza? Vede, senhores, há a morte, algo que não conheceis. E aquilo que desconheceis, temeis. Pelo menos pensais que temeis aquilo que desconheceis. Não é verdade? Como podeis ter medo de uma coisa que desconheceis? Tendes medo é de perder algo que já conheceis. Esta a causa real do medo; o medo não é ao desconhecido. Temeis perder algo que acumulastes. Temeis perder o conhecido, e não o desconhecido.

Ora, pode-se morrer para o desconhecido? Podeis morrer para a lembrança de ontem, para todas as vossas realizações, para todas as coisas que tendes acumulado? Podeis morrer livre e facilmente, e ditosamente, para as coisas que vos são caras? Podeis amar vossa família — mas eu tenho minhas dúvidas a esse respeito; se amásseis verdadeiramente vossa família, a atual sociedade não seria tão corrupta. Podeis morrer para vosso prazer, para vossas vaidades, ambições, para vossa avidez — imediatamente? Pois é isso que irá acontecer ao morrerdes. Morrer para ontem, morrer para cada minuto, morrer para todas as coisas acumuladas — isso é morte. Quer dizer, podeis viver sempre num estado de "não saber" e, por conseguinte, sempre jovem, novo, "inocente"? A morte é uma coisa extraordinária. A morte é o desconhecido. Não podeis chegar-vos a ela com o conhecido; não podeis chegar-vos a ela com todas as vossas cargas. A morte vos despojará de tudo — de vossa família, vossos filhos, vosso caráter, vossas ambições. Porque, então, vós mesmo não vos despojais de tudo isso agora? Quando o fizerdes, sabereis o que significa a morte. E eu vos garanto que, quando o souberdes, conhecereis uma grande beleza. Sabereis então o que é o amor, porque a morte,

o amor e a beleza, andam sempre juntos. Essa coisa que chamamos amor não é o amor; é mera memória. O que amais é o vosso interesse pessoal. Vossa família é a continuidade de vós mesmo; vossa família é vossa pertença. E, bem o sabeis, quando morreis, acabou-se a família; nada mais existe.

Assim, é possível morrer para tudo o que conheceis? Isto não significa aniquilamento; não significa negação; não significa "nada ser". Há uma imensidade, uma vastidão, algo que ultrapassa todas as palavras, quando sabeis negar todas as bases, negar tudo o que tendes conhecido. Morrer asssim, para tudo o que conheceis, a cada momento, significa nunca recolher, nunca acumular e, por conseguinte, jamais ter o conflito da separação.

A morte é o estado em que a mente perdeu o reconhecimento de si própria e das fronteiras do tempo. Onde há continuidade de pensamento — que é o que em geral desejamos, que é tudo o que sabemos — nasce sofrimento, ansiedade, sentimento de culpa e todas as agitações da vida; o pensamento tem sua peculiar continuidade, mas o pensamento está limitado pelo tempo. Quando o pensamento morre para si próprio, quando o mecanismo da memória, como pensamento, termina — falo do pensamento psicológico e não do pensamento mecânico do conhecimento — vereis então que a coisa que temeis não existe. Cessa inteiramente o medo. Estais então vivendo completamente, integralmente, totalmente, momento por momento; e isso é criação.

Para nós, a beleza é uma coisa construída pela mente. Para nós, beleza é a mulher ou o homem, é assistência social, é um edifício, um quadro, uma peça de cerâmica, ou uma idéia. Mas há uma beleza que transcende o pensamento e o sentimento, que não é construída pela mente. E essa beleza é o amor. Sem esse amor, a vida se torna inteiramente vazia — como o é a vida da maioria das pessoas; embora tenham famílias, embora tenham virtudes, embora tenham empregos, sua vida é vulgar, superficial, vazia.

Mas, quando tiverdes morrido para tudo, psicologicamente, quando tiverdes alcançado esse ponto, vereis que do morrer surge um viver — um viver que não tem significação, comparado com o presente viver. Esse viver é o estado de criação, e essa criação não conhece o tempo. É o imenso, o imensurável, o incognoscível. E só a mente que morreu para si própria e para todas as coisas conhecidas conhecerá o Incognoscível.

11 de fevereiro de 1962.

LIBERDADE E AMOR

(NOVA DELI — VIII)

ESTA é nossa última palestra. Desejo, nesta tarde, falar a respeito da liberdade e da qualidade de energia necessária para se descobrir uma nova maneira de viver. Estivemos falando sobre muitos assuntos concernentes à vida de cada dia. Não estivemos tratando de abstrações, idéias; tampouco nos estivemos entretendo com concepções e "formulações" escolásticas ou teológicas. Estivemos tratando de fatos. E seria mil vezes lamentável se aqueles que nos escutaram fossem agora traduzir tudo o que dissemos em meras idéias, conclusões, formular certos preceitos, para segui-los como um método, a fim de alcançarem o que pensam ser a realidade final.

Não estivemos traçando nenhum caminho, porque não há senda, não há caminho, não há sistema. O que nos interessa é o todo, a totalidade da vida, e não um segmento, uma parte, uma idéia ou série de idéias. Interessa-nos o viver, a totalidade da vida. E — como se observa em nossas atividades diárias, em nossas tribulações e pesares — nossa vida se está tornando cada vez mais complexa. Torna-se cada vez maior a divisão e a contradição existentes em nós mesmos e na sociedade, em nós como indivíduos, e na sociedade como coletividade humana.

Mais e mais se está negando a liberdade em nome da religião, em nome do espiritualismo e da crença organizados, ou da ação política partidária. Se observardes — e isso não requer invulgar inteligência — vereis que a política se tornou extraordinariamente importante e os líderes políticos parecem estar-se apoderando do mundo inteiro, com seu pensamento, suas atividades, com o que dizem ou deixam de dizer. Eles nos estão condicionando. Outrora,

os sacerdotes das religiões nos moldavam a mente; hoje, os políticos e os jornais nos moldam o pensamento — tomam o lugar dos sacerdotes. E isso mostra como estamos vivendo superficialmente. Falamos de liberdade, num nível superficial. Falamos sobre ser livre *de* alguma coisa. Estar livre de alguma coisa é a verdadeira liberdade, ou será mera reação e, por conseguinte, não é liberdade nenhuma?

Precisamos de liberdade; mas não se trata da mera liberdade política, do simples libertar-se das religiões organizadas. Penso que a maioria das pessoas que estão bem cônscias da situação mundial já se desligaram dessas maneiras convencionais de viver; embora elas possam ter tido algum efeito superficial em nossa vida, não foram profundamente eficazes. Se queremos saber o que é liberdade, devemos contestar tudo, contestar todas as instituições — família, religião, matrimônio, tradição, todos os valores que a sociedade nos impôs, toda estrutura da organização social e moral. Mas nós, quando contestamos, não o fazemos para descobrir o que é verdadeiro, porém, antes, para acharmos uma "saída"; e, por conseguinte, nunca estamos psicologicamente livres. Mais nos interessa a resistência do que a liberdade. Acho importante compreender isso.

Toda a nossa vida está assentada na resistência, na defesa. A mente que se refugia atrás de defesas nunca pode ser livre; e nós precisamos de liberdade — liberdade completa, absoluta. Mas, para compreendermos a qualidade e a profundeza da liberdade, devemos primeiramente saber de que maneira e em que profundidade construímos, psicologicamente, defesas e resistências, e o grau em que dependemos dessas defesas e resistências. Detrás dessas muralhas olhamos a vida; detrás dessas defesas olhamos e interpretamos a vida. Assim, antes de podermos investigar e descobrir o que é a liberdade, devemos compreender as resistências que temos construído e, também, nunca mais tornar a construir qualquer espécie de resistência. Essas duas coisas precisam ser compreendidas, a fim de poder haver liberdade. Nós levantamos resistências, ideológica, verbal, tradicionalmente, porque, psicologicamente, nos protegemos com elas. Se vos observardes, vereis ser isso um fato. Nós não estamos discutindo; não estamos fazendo um mero intercâmbio de palavras: interessamo-nos pela compreensão de nós mesmos. Não podeis ir muito longe se não vos conheceis como sois — não como Supremo Ser, divino ser, e todas as demais idéias e disparates teológicos: o que realmente sois, momento por momento: não as idéias que tendes a respeito de vós mesmo, não o que desejais ser, porém o que *de fato* sois — e isso que de fato sois varia constantemente, nunca se detém. Isso é neces-

sário compreender. Isto é, há necessidade de autoconhecimento, do conhecimento de vós mesmo. Se não vos conheceis, é de todo impossível viverdes sem ilusão.

Não estamos, pois, investigando idéias, nem novas fórmulas, nem novas teorias especulativas: estamos, em verdade, olhando a nós mesmos, como que a um espelho, e, com essa observação, descobrindo individualmente o que é ser livre. Se temos a capacidade de olhar-nos sem desfiguração, de ver o que realmente somos, então toda forma de resistência, toda forma de dependência deixa de existir. E é isso que vamos fazer. Como dizia, nós construímos resistências por nos acharmos sempre em conflito. Não há jamais um momento em que estejamos livres de luta, de agitação, de aflição, de conflito, de uma dada forma de confusão. E, para fugirmos a essa confusão, essa aflição, essa insuficiência, essa pobreza interior, construímos muralhas, atrás das quais buscamos a segurança. E essas muralhas são idéias; elas são completamente sem valor; são meras idéias, meras estruturas verbais. Vós vos denominais hinduísta, ou maometano, ou cristão, ou o que quer que seja — e tudo isso são puras idéias, palavras sem nenhuma realidade; são, apenas, símbolos. O símbolo nenhuma realidade tem, é mera sombra. Mas, para se descobrir o que há além da sombra, cumpre olhar através das defesas, dos refúgios, das resistências. No decurso de vossa vida tendes construído muralhas de resistência — resistência como idéia, como ideal. Quanto mais "espiritual" sois, tanto mais ideais tendes. E ideais são resistência, não são fatos. O fato de serdes violento é real; mas o ideal da "não-violência" é pura teoria, nenhum valor tem. Esse ideal é forma de resistência que vos impede de ver o fato de que sois violento.

É necessário a liberdade — falarei mais adiante sobre isso e vereis o seu verdadeiro significado. A mente que está investigando a liberdade deve estar totalmente livre de idéias românticas, porque elas são irreais. Os ideais que as igrejas estabeleceram, que as religiões estabeleceram, que os santos estabeleceram são, todos eles, formas de resistência e nenhuma validade têm. O que tem validade é o fato — isto é, que sois violento, que sois ambicioso, ávido, invejoso, criador de inimizade. E a mente que — como em geral acontece — está impregnada de ideais recebidos dos livros, recebidos dos *gurus,* recebidos da sociedade, nunca será livre, porque nós estamos lidando com a realidade, com fatos, e não com ideais, não com teorias, não com especulações. Como disse antes, a mente religiosa está interessada em fatos; assim como a mente científica se interessa por fatos observáveis ao microscópio, nós nos interessamos pelos fatos

psicológicos. E quando estamos examinando esses fatos psicológicos, só se estivermos livres de resistências será possível a mutação.

Mudança implica resistência ao presente, "continuidade modificada" do presente: continuidade do *que é,* apenas modificado. Isso não é mutação. Quando nos interessa a liberdade, devemos investigar a questão da mudança. A mente que se empenha em mudar gradualmente, através do tempo, durante um longo período, através de um "processo", essa mente está apenas passando por uma modificação, mas sempre pelo mesmo e velho modelo. A mutação não é mudança gradual. A idéia de que podeis mudar gradualmente é uma outra forma de resistência. Ou mudais imediatamente, ou não mudais em nada. Vós não mudais, porque o próprio processo de mudança supõe revolução, e tendes medo do que poderia acontecer.

Assim, mediante o temor, resistis a qualquer mudança. E a mente que resiste nunca compreenderá o significado da mutação. Sentis cólera e dizeis: "Eu me livrarei disso; tornar-me-ei "sem cólera". Dessa maneira criastes outro problema, que é o ideal e, por conseguinte, há conflito entre o que sois e o que deveríeis ser. A idéia se torna então o instrumento da mudança gradual. Por esta razão, não mudais realmente. Só há mutação quando *vedes* a cólera diretamente e não levantais a defesa com uma idéia. Tende a bondade de observar isso, de nele meditar, de olhá-lo. Como tenho explicado, deveis olhar a vós mesmo. Não aceiteis o que estamos dizendo. Não há no mundo nenhuma autoridade em questões espirituais; se aceitais alguma autoridade, estais morto. Assim, ao introduzirdes o fator tempo, ao dizerdes "Mudarei gradualmente", não mudais de modo nenhum. O processo gradual é uma forma de resistência, porque introduzistes uma idéia sem realidade alguma. O que tem realidade é o serdes irascível, violento, ambicioso, invejoso, ávido de aquisição. Tudo isso são fatos. Ora, o olhá-los e deles ficar livre imediatamente é da máxima importância. E podeis alterá-los imediatamente, se não tendes idéias, se não tendes ideais, se sois capaz de *olhá-los.*

A liberdade, pois, é a capacidade de olhar um fato psicológico sem desfigurá-lo; e essa liberdade se encontra no começo e não no fim. Deveis compreender que o tempo é um processo de fuga, e não um fato — excetuado o tempo cronológico, que é real. Mas o tempo psicológico, que nós introduzimos — aquele em que gradualmente produzis uma mudança em vós mesmo — nenhuma validade tem. Porque, quando sois irascível, quando sois ambicioso, quando sois invejoso, encontrais prazer nisso, desejais isso; e a idéia de que gra-

dualmente mudareis, nenhuma profundidade tem. Assim, observar o fato e não permitir que a mente se prenda a conclusões irreais, abstratas, teóricas, é eliminar todas as resistências psicológicas. Quando estais em presença de um fato, não há possibilidade de resistência; o fato lá está.

Deste modo, liberdade é olhar um fato sem nenhuma idéia, olhar um fato sem pensamento. Examinarei isso mais adiante; vereis o que quero dizer. Vós olhais para o fato com palavras, que são pensamentos, ou conclusões, que também são pensamentos e palavras, ou com o conhecimento previamente adquirido, o qual é também palavras, baseadas na experiência — o resultado da memória, condicionando toda forma de experiência. Assim, deveis olhar uma coisa sem pensamento — o que não significa olhá-la com a mente "em branco", vazia, porém, sim, com a compreensão do verdadeiro significado do pensamento.

Senhores, posso sugerir uma coisa? Vejo vários dos presentes a tomarem notas. Deixai-me sugerir-vos que não tomeis notas. Isto não é uma conferência para levardes "para casa" a fim de refletirdes. Estais refletindo agora. Estais escutando agora — não amanhã, não depois de terminar esta reunião. Não é possível escutar e ao mesmo tempo tomar notas. O escutar requer atenção, e não podeis estar atentos fazendo outras coisas e prestando atenção só no nível verbal. Atenção completa exige escutar completo — não, concentração — significa escutar com todo o nosso ser, com o nosso coração e nossa mente; trata-se de nossa vida. Parecemos pensar que as coisas nos devem ser como que "servidas numa bandeja de prata", sem termos de fazer esforço algum. Mas, nós temos de trabalhar arduamente, para nos salvarmos da aflitiva confusão deste mundo político, deste mundo religioso, da sociedade; do contrário, estamos caminhando para a destruição. Isto não é uma asserção retórica, porém um fato real.

Assim, se tendes sério interesse — e deveis ter algum interesse, para virdes e permanecerdes aqui uma hora inteira — prestai atenção. Não escrevais, não estejais inquietos; aplicai toda a vossa mente. Trata-se de vossa própria vida.

Se estais em presença de um fato, qualquer pensamento é uma forma de resistência a esse fato. Porque precisais do pensamento? Não podeis olhar uma coisa sem pensamento? Podeis olhar uma flor, uma árvore, um homem, uma mulher, uma criança, um animal, sem pensamento? Isto é, podeis olhar para uma flor "não-botanicamente" — ainda que tenhais conhecimentos acerca da flor — de

sua espécie, qualidade, etc.? A cor, o perfume, a beleza, tudo isso constitui uma interferência, quando olhais para a flor; isto é, o "processo" de pensamento vos impede o olhá-la. Procurai compreender isto. Não digais "Como alcançarei este grau?" ou "Como posso olhar sem pensamento?" Não há sistema algum; não há "poder". Mas, se compreenderdes que nada se pode *ver* clara, precisa, sãmente, quando o pensamento interfere, o pensamento cessará, então, *olhais*.

Liberdade, pois, é aquele estado da mente que se manifesta quando estou interessado apenas num fato, e não numa opinião. E, se olhardes a vós mesmo nesse "espelho de liberdade", como quer que sejais, sem o efeito deformador produzido pelo pensamento, há, então, mutação imediata, instantânea. Se puderdes olhar-vos quando sentis cólera, se puderdes conhecer o fato de que sois irascível, invejoso, ávido, e que a inveja, a avidez, a ambição, etc., constituem a estrutura sobre a qual está edificada a sociedade; se puderdes *olhar* a moralidade da sociedade, que é "vós mesmo" em relação com outro; então, ao vos verdes como realmente sois, sem nenhuma interferência do pensamento, verifica-se uma mutação absoluta; deixais de ser invejoso.

Se vos dá prazer, se vos proporciona benefícios o ser invejoso, ambicioso — como acontece com a maioria dos políticos — então não desejareis escutar o que se está dizendo. Mas o homem que está investigando o inteiro processo da liberdade chegará necessariamente a este ponto em que a mutação ocorre fora do tempo. E isso só pode acontecer quando o pensamento não está interferindo no fato; não há então resistência alguma. Deveis saber que a maioria de nós se acha em conflito, vivendo uma vida de contradição, não só externa mas também internamente. Contradição implica esforço. Tende a bondade de observar-vos. Eu estou explicando; mas estou explicando "vós mesmo". Se há esforço, há desperdício — desperdício de energia. Se há contradição, há conflito. Se há conflito, há esforço para vencer o conflito — e isso constitui mais uma forma de resistência. E, também, quando resistis, gera-se uma certa espécie de energia; sabeis disso, sabeis que quando resistis a uma coisa, essa própria resistência gera energia. Eu resisto ao que estais dizendo; meu resistir ao que estais dizendo é uma forma de energia; e essa energia impede de me livrar da contradição. Pois bem; pela resistência pode-se criar energia; pela contradição pode-se criar energia; assim faz a maioria das pessoas. Como sabeis, há pessoas cujo "eu" é contraditório, dividido em partes opostas; querem fazer *isto* e não querem fazer *aquilo*. Quando os dois elementos — o bom e o mau — entram em atrito, fazem-nos atuar.

Toda ação se baseia nesse atrito entre o "devo" e o "não devo". E essa forma de resistência, essa forma de conflito gera energia; mas, essa energia, se a observardes bem, é muito destrutiva, não é criadora. Com a palavra "criação" quero referir-me a uma coisa completamente diferente, que havereis de compreender quando eu a examinar. A maioria das pessoas se acha em contradição. E, se têm algum dom, talento para escrever ou para pintar, para fazer isto ou aquilo, a tensão que esse pendor lhes confere dá-lhes energia para expressar, para criar, para escrever, para *ser*. Quanto maior a tensão, maior o conflito, maior a produtividade; e é isso que chamamos "criação". Mas, não é absolutamente criação. É um resultado de conflito. O olhar diretamente o fato de que estais em conflito, de que estais em contradição, gerará aquela qualidade de energia que não é produto da resistência.

Por favor, compreendei isto; vede, a maioria de vós provavelmente vos dirigis a vossos empregos todas as manhãs; vindes fazendo isso há dez, ou vinte, ou trinta anos. Isso deve constituir um esforço horrivelmente entediante e torturante, a menos que estejais de tal maneira mecanizados, que vos movimentais qual uma máquina. Ora bem, observai o fato de que estais sendo destruído por essa máquina; observai-o simplesmente, olhai-o; não digais "Devo" ou "Não devo" ou "Que devo fazer? Como deixarei de entediar-me?" — observai, simplesmente, o fato. Então, com essa observação do fato, vereis como vossa mente se tornou mecânica, e como o escritório, o emprego tomou o lugar da vida, do viver — o que não significa que se deva abandonar o emprego, porém, sim, compreender o inteiro significado da ação.

Deixai-me expressá-lo de maneira diferente. Para a maioria de nós, a ação se baseia numa idéia. Eu devo ser bom; a Índia é uma nação; por conseguinte, devo resistir, devo trabalhar e produzir — uma idéia, em seguida, ação. Por conseguinte, se observardes, vereis que há, aí, contradição; e, para vos livrardes dessa contradição, criais mais idéias. Mudais vossas idéias, mas a ação está sempre baseada numa idéia. Pois bem; se observardes que vossa ação se baseia numa idéia, vereis que a idéia é uma forma de resistência à ação completa. Vede, senhores, enquanto fordes ávidos, invejosos, ambiciosos, sequiosos de poder, de posição, de prestígio, a sociedade aprovará tudo isso; e nisso baseais vossa ação. Essa ação é considerada respeitável, moral. Mas, absolutamente, não é moral. O poder, em qualquer forma que seja, é coisa má — o poder do marido sobre a mulher ou da mulher sobre o marido, o poder dos políticos. Quanto mais tirânico, quanto mais fanático, quanto mais religioso o poder, tanto maior o mal. Isto

é um fato, um fato demonstrável, observável; mas a sociedade o aprova. Todos vós endeusais o homem investido de poder, e baseais a vossa ação nesse poder. Assim, se observardes que vossa ação se baseia na ânsia de adquirir poder, no desejo de êxito, no desejo de ser pessoa importante neste mundo corrupto, então, essa observação direta do fato produzirá uma ação totalmente diferente, e esta é a ação verdadeira — e não a ação que a sociedade impôs ao indivíduo. A moralidade social, pois, não é moralidade nenhuma; é imoral; é uma outra maneira de nos defendermos; e, por conseguinte, gradualmente, estamos sendo destruídos pela sociedade. O homem que deseja compreender a liberdade deve, sem remorsos, livrar-se da sociedade — psicologicamente, *não* fisicamente. Não podeis estar livre da sociedade fisicamente, porque, para tudo, dependeis da sociedade — para a roupa que vestis, o dinheiro de que necessitais, etc. Exteriormente, não, psicologicamente, dependeis da sociedade. Mas o estar livre da sociedade implica liberdade psicológica — isto é, estar totalmente livre da ambição, da inveja, da avidez, da vontade de poder, de posição, de prestígio. Mas, infelizmente, temos interpretado da maneira mais absurda o estar livre da sociedade. Pensamos que o libertar-se significa "trocar de roupas" — pondes as vestes do *sannyasi,* e pensais que ficastes livre do mundo; ou vos tornais monge e pensais que, de certo modo, destruístes o mundo e a sociedade. Muito ao contrário; podeis vestir uma tanga, mas, interiormente, estais psicologicamente ligado à sociedade, porque continuais a ser ambicioso, invejoso, desejoso de poder. Assim, a mente que está investigando o que é a liberdade deve estar de todo livre da sociedade, psicologicamente, e livre, também, da dependência da família.

A família é a forma mais conveniente de resistência, porque essa resistência é considerada altamente respeitável pela sociedade; e, se observardes, podereis ver quanto a mente se vinculou à família. A família se tornou o meio de vosso preenchimento; a família se tornou o meio de vossa imortalidade, pelo nome, pela idéia, pela tradição. Não estou dizendo que se destrua a família; toda revolução tem tentado fazê-lo; a família é indestrutível. Mas, o indivíduo precisa ficar psicologicamente livre da família, não depender da família, interiormente. Por que depende uma pessoa?

Já alguma vez examinastes a questão da dependência psicológica? Se a tiverdes examinado a fundo, deveis saber que a maioria de nós está terrivelmente só. Em regra temos a mente tão superficial, tão vazia! De ordinário, não sabemos o que significa o amor. E, assim, por causa dessa solidão, dessa insuficiência, dessa privação de *vida,* estamos ligados a alguma coisa, estamos apegados à família; dela de-

pendemos. E quando o marido ou a esposa vos volta as costas, tornamo-nos ciumentos. Ciúme não é amor; mas o amor que a sociedade reconhece, na família, é considerado respeitável. Essa é uma outra forma de defesa, uma outra forma de fuga a nós mesmos. Como vemos, toda forma de resistência cria dependência. A mente dependente nunca pode ser livre.

Vós necessitais de liberdade, porque a mente livre tem a essência da humildade. Essa mente que é livre e, por conseguinte, tem humildade, pode aprender — mas não pode aprender a mente que resiste. Aprender é uma coisa extraordinária; aprender, e não acumular conhecimento. Acumular conhecimento é algo bem diferente. O que chamamos "conhecimento" é coisa relativamente fácil, pois é um movimento do conhecido para o conhecido. Mas aprender é um movimento *do conhecido para o desconhecido* — só assim se aprende, não achais? Deveis observar-vos. Se já sabeis algo e dizeis "Vou aprender" — o que ides fazer é aumentar o conhecimento que já possuís. Por isso, nunca estais aprendendo, estais apenas adquirindo, acrescentando; trata-se de um processo aditivo. Mas, *aprender* significa liberdade. Só se pode aprender em liberdade, e não com o adquirir. A mente livre está aprendendo e, por conseguinte, dispõe daquela energia extraordinária e incorruptível.

A mente recebe energia da resistência, do conflito, da contradição. Todos nós conhecemos essa forma de energia. Mas há uma energia que se manifesta quando não há conflito de espécie alguma e que, por conseguinte, é incorruptível. Vou explicar isso. Por "mente", entendo a totalidade da consciência, e ainda mais. O cérebro é uma coisa, e a mente outra coisa. O cérebro, que é resultado do tempo, que é sensação, que tem conhecimento acumulado através de séculos de experiência — esse cérebro é condicionado, assim como também é condicionada a consciência total. Estas palavras, "consciência" e "condicionamento" são muito simples. É o que sois; a mente educada, a mente inconsciente, a mente acumulada, a consciência acumulada do tempo — tudo isso sois vós. O que pensais, o que sentis, quando vos denominais hinduísta, quando vos denominais muçulmano, cristão, isto ou aquilo — toda essa vossa "história pessoal" constitui a consciência total. Se pensais ser o Supremo-Ser, o *Atman* por excelência, ou o que mais seja — isso está ainda dentro da esfera da consciência, dentro da esfera do pensamento. E o pensamento é condicionado.

Agora, nesse estado de condicionamento, de resistência à vida, vós gerais energia. Quanto maior a resistência maior o conflito e maior a energia que tendes; e essa energia é de natureza a mais des-

trutiva. É isso o que está realmente sucedendo no mundo. Essa energia se dissipa. Ela é sempre corruptora. Requer estímulo constante, necessita sempre de uma certa forma de apego, de onde lhe venha poder, força, expansão. Prestai atenção a tudo isso, por favor. Ao reconhecerdes esse fato, ao verdes esse fato — isto é, que nossa energia nasce da resistência — e quando tiverdes compreendido toda a "história" de vossa contradição interior, então, desse percebimento do fato nasce uma energia de espécie diferente.

A energia a que me refiro não é a energia pregada pela religião; não é a energia do *bramachari*, do celibatário que rejeita o sexo porque aspira à "suprema experiência". Porque todo esse processo de viver — a vida do *sannyasi*, a vida do monge — é uma forma de resistência; e isso, de fato, vos dá energia — uma energia bem limitada, estreita, destrutiva; é o que nos oferece a maioria das religiões. Mas nós nos estamos referindo a uma energia de qualidade totalmente diversa. Essa energia nasce da liberdade, e não da resistência, não da renúncia, não de atividades e discussões no nível das idéias.

Se compreendestes tudo o que estive dizendo, e enfrentardes esses fatos, daí virá, por certo, uma energia incorruptível — porque essa energia é paixão. Não a paixão do sexo, de vossa identificação com a pátria, com uma idéia, pois tal paixão é destrutiva; ela também vos dá uma certa espécie de energia. Já não notastes que as pessoas, que se identificaram com sua nação, seu país, seu emprego, têm uma peculiar energia? Assim também a maioria dos políticos, dos chamados "missionários", de todos os que se identificaram com uma idéia, uma crença, um dogma, como os comunistas — são dotados de uma peculiar energia, que é altamente destrutiva? Mas a energia criadora no mais alto grau, essa não tem identificação; ela vem com a liberdade; essa energia é criação.

O homem, através das idades, tem buscado Deus, tem-no negado ou aceitado. Tem-no negado, como o fazem aqueles que são educados como ateístas ou comunistas; e tem-no aceito, como vós hinduístas o fazeis, por terdes sido educados na crença. Mas não sois mais religiosos do que o homem educado na descrença. Sois todos mais ou menos iguais. A vós convém crer em Deus, a eles não convém. É tudo questão de educação, de influência do ambiente ou cultural. Mas o homem tem estado empenhado nesta busca através de séculos. Há algo imenso, não mensurável pelo homem, não compreensível pela mente que está toda entregue à resistência, à ambição, à inveja, à avidez. Essa mente não pode compreender aquela energia criadora.

Existe essa energia que é incorruptível. Ela pode viver e atuar neste mundo. Pode operar diariamente em vossos escritórios, em vossas famílias — porque essa energia é amor; não o amor de vossa mulher e de vossos filhos, que, em absoluto, não é amor. Aquela criação, aquela energia é destrutiva. Vede o que fizestes para descobrir essa energia! Tudo destruístes em torno de vós, psicologicamente; interiormente, deitastes abaixo tudo o que a sociedade, a religião, os políticos edificaram.

Essa energia, pois, é morte. A morte é totalmente destrutiva. Essa energia é amor, e o amor, por conseqüência, é destrutivo, e não aquela coisa mansa de que é constituída a família, não aquela coisa mansa que as religiões têm nutrido. Assim, aquela energia é criação — não o poema que escreveis, não a estátua que esculpis no mármore; isso é apenas uma capacidade e um talento para expressar algo que se sente. Mas a coisa a que nos referimos transcende o sentimento, transcende o pensamento. A mente que, no sentido psicológico, não se liberta de todo da sociedade — sendo a sociedade: ambição, inveja, avidez, aquisição, poder — essa mente, o que quer que faça, nunca a achará. E nós temos de achá-la, porque ela é a única salvação do homem, porque só nela há ação real; e ela própria, quando atua, é ação.

14 de fevereiro de 1962.

O VER COMPLETO

(BOMBAIM — I)

DEVE SER bastante óbvia, para a maioria das pessoas, a necessidade de realizar-se, no mundo inteiro, uma tremenda revolução — revolução não de palavras, nem de idéias; não simples troca de crenças ou dogmas, porém uma transformação, uma mutação total no pensamento. Porque, neste mundo que é nosso, neste mundo em que vivemos, que vós e eu habitamos, as companhias, as relações, o trabalho, as idéias, e as crenças e dogmas que sustentamos têm-no tornado monstruoso, um mundo de conflito, aflição e perpétuo sofrimento. Não há negar isso. Embora todos estejamos bem cônscios desse terrível estado de coisas que se observa no mundo, aceitamo-lo como uma condição normal, com ele nos conformamos, dia por dia, nunca investigando a necessidade, a urgência de uma revolução não-econômica nem política, porém de natureza fundamental. E é disso que vamos tratar, é isso que vamos apreciar juntos, explorar juntos, no decurso destas três semanas.

Mas, para investigar, necessita-se de liberdade. Para uma investigação real, profunda, durável, tendes de abandonar vossos livros, vossas idéias, vossas tradições; porque, sem liberdade, não há exploração possível. Nenhuma possibilidade há de investigação quando a mente está acorrentada a qualquer espécie de dogma, a uma tradição, uma crença, etc. O obstáculo que se apresenta à maioria de nós não é incapacidade de investigação, porém, antes, nossa aparente impossibilidade de largarmos as coisas, pô-las à margem e, assim, com a mente fresca, com a mente nova, com a mente "inocente", olharmos o mundo e os fatos terríveis que nele estão sucedendo.

Para investigarmos todas as questões concernentes à nossa vida — morte, nascimento, casamento, sexo, relações, se há ou não algo

que transcende a mente, o que é a virtude — necessitamos de liberdade para demolir, porque só quando somos capazes de destruir completamente tudo quanto temos tido por sagrado, justo ou virtuoso, só então poderemos descobrir o que é a verdade. Nós vamos investigar tudo, contestar tudo, deitar abaixo o edifício que o homem construiu através de séculos, a fim de descobrirmos o que é a verdade. E isso requer liberdade, uma mente capaz de indagar, uma mente *séria*. Por "seriedade" entendo capacidade para seguir cada pensamento até o fim, para indagar sem temer conseqüências. De outro modo, não há possibilidade de investigação. Ficamos apenas na superfície, entretendo-nos com palavras, idéias. E, quem tenha observado suficientemente as coisas que estão ocorrendo — não apenas na esfera mecânica e técnica, mas também nas relações entre pessoas — quem tenha observado que, em todo o mundo, o progresso está cerceando a liberdade; quem tenha observado a força da sociedade, na qual o indivíduo deixou de existir completamente; quem tenha observado como as nacionalidades estão dividindo cada vez mais a humanidade — não deixará de reconhecer a urgência de uma profunda revolta.

Parece-me que a primeira coisa que cumpre investigar é a *sociedade* — qual a estrutura e qual a natureza da sociedade — porquanto nós somos entes sociais. Não podeis viver sozinho; ainda que vos retireis para o Himalaia, ou vos torneis eremita ou *sannyasi*, não podeis viver sozinho; continuais em relação com alguém, e as relações com outrem criam a estrutura que chamamos "sociedade". Essa estrutura controla as relações; isto é, vós e eu estamos em relação, em comunhão um com o outro; nessa comunhão, nessa relação, criamos a estrutura chamada "sociedade". Essa sociedade controla-nos a mente, molda-nos a mente, modela as nossas ações — não importa se vivemos numa sociedade comunista, numa sociedade hinduísta, ou num mundo cristão. A sociedade, com sua estrutura, molda a mente de cada ser humano, consciente ou inconscientemente. O meio cultural em que vivemos, as tradições, as religiões, a política, a educação — tudo isso, tanto passado como presente, nos molda o pensamento. E para podermos promover uma revolução completa — e *tem de haver* uma revolução, uma crise na consciência — temos de contestar a estrutura da sociedade.

Eu acrescentaria, aqui, que as palavras perdem seu significado se delas nos servimos apenas como símbolos, sem as ultrapassarmos. A maioria de nós somos escravos das palavras; quer nos denominemos hinduístas, quer nos chamemos parses ou muçulmanos, somos escravos das palavras. E enquanto as palavras continuarem importantes, não poderemos ultrapassá-las. Quando falamos sobre a sociedade, sua

cultura, sua estrutura, tudo isso são meras palavras; e, para ultrapassarmos essas palavras, devemos ver-nos em relação com a estrutura, em relação com o que está sucedendo no mundo, e em relação com o que está ocorrendo em nossa própria vida. Palavras são apenas um meio de comunicação; mas, se nos detemos nas palavras, cessa toda comunicação, exceto a verbal.

Nós não estamos considerando idéias, não estamos considerando crenças ou dogmas. Estamos interessados em produzir uma ação diferente, uma mente diferente, uma entidade humana diversa; e para podermos penetrar real e profundamente nesta matéria, devemos deixar de ser escravos das palavras. Muito importa compreender isso logo de começo, porquanto a palavra nunca é a coisa. A palavra "pássaro" não é o pássaro. São duas coisas diferentes. Mas à maioria de nós a palavra satisfaz, mas não nos satisfaz o vermos além da palavra. Satisfaz-nos denominarmo-nos indivíduos e falar sobre a sociedade e sua estrutura; mas, existe realmente um *indivíduo*? Porque nós somos o resultado de influências ambientes, somos a sociedade, somos o resultado dessa estrutura que chamamos "a sociedade". Só quando vos livrais completa e totalmente da sociedade, podeis ser um indivíduo; mas atualmente, não sois absolutamente *um indivíduo*, pois sois o resultado das influências de vosso ambiente. Estais sendo educados como hinduístas, como budistas, ou o que mais seja; sois o resultado da influência de uma determinada sociedade. Assim, devemos estar muito atentos para a influência das palavras, a fim de descobrirmos por nós mesmos em que grau, em que profundidade estamos escravizados às palavras.

Estas reuniões não constituem nenhum entretenimento; não são propaganda, não são trocas de idéias. Mas o que essencial e profundamente nos interessa é promover uma revolução radical, religiosa. E isso exige tremenda investigação de si mesmo; exige que se ponha em dúvida tudo o que o homem construiu, todas as atitudes, todos os valores, todas as tradições, todas as relações; e nós vamos fazer isso, não vamos deixar uma só pedra por virar. Não há nada divino, nada sagrado. Por conseguinte, para investigar, necessitais de uma mente penetrante, clara, objetiva — e não uma mente enevoada de idéias, de palavras, de sentimentos. E para se poder pensar com clareza, necessita-se de liberdade; do contrário, não é possível pensar livremente. Se sois hinduísta, ou parse, ou o que quer que seja, se tal é a base de vosso pensamento — ou se esse é vosso ponto de partida para pensar — é absolutamente impossível pensar, porque não sois livre. Assim, o primeiro requisito essencial da investigação é a liberdade; porque se pode então começar a interrogar.

Há duas maneiras de interrogar. A primeira é interrogar com um motivo e, portanto, tentar achar uma resposta à interrogação. A segunda é interrogar sem motivo, e, por conseguinte, não buscar resposta alguma. É realmente importante, se desejais seguir o que se está dizendo, que compreendais a diferença entre essas duas maneiras de interrogar.

Em geral interrogamos, e nosso interrogar é uma reação. Não gosto de uma certa coisa, e a contesto ou rejeito ou modifico; meu interrogar obedece ao estímulo ou à exigência daquilo que desejo. Essa espécie de interrogação, portanto, tem um motivo a impeli-la; e esse interrogar é uma reação. Sabeis o que é uma reação: não gosto de uma coisa e contra ela me revolto. Essa revolta é, meramente, uma reação, uma "resposta" a algo de que não gosto. Mas há um interrogar diferente, que não tem motivo, que não é reação, e consistente em observar, "interrogar" a coisa que representa um fato.

Não gosto de dar exemplos, porque os exemplos não nos levam muito longe. As analogias são coisas perigosas; mas poderiam ajudar-nos um pouco a explicar a diferença entre as duas espécies de interrogação — o interrogar que quer resposta, e o interrogar que não busca resposta e é, apenas, interrogar. Considerai o que está acontecendo neste país, onde prevalecem o nacionalismo e os preconceitos de casta. Isto é um fato. A veneração da bandeira é uma abominação, porque separa os entes humanos, porque causa a guerra. Essa veneração da bandeira, com espírito nacionalista, é um fato que se observa atualmente neste país. Ora, podeis "interrogar" isso, a fim de descobrirdes porque assim acontece; descobrir a verdade respectiva, sem nenhum motivo e, por conseguinte, nenhuma defesa, sem atacá-lo, porém, simplesmente, "interrogá-lo" penetrantemente com o fim de descobrir. Ou, ainda, podeis "interrogá-lo" aceitando o nacionalismo — o que significa aceitar a separação das pessoas em castas, classes, grupos; e, quando interrogais dessa maneira, há um motivo atrás dessa interrogação, de modo que ela não revela a verdade relativa à questão.

Há duas maneiras de "interrogar" o processo do viver. Uma delas é: o "interrogar" com motivo, buscando um resultado, ou seja, uma resposta, que é reação. Com esse interrogar, portanto, não encontrareis a verdade. A outra maneira é: interrogar sem motivo, sem buscar nenhuma resposta. É o que vamos fazer. No momento em que buscais uma resposta, esta será invariavelmente uma conclusão verbal, separada dos fatos.

Nós vamos "interrogar" toda a estrutura da sociedade. Vamos "interrogar" as relações do homem com o homem, do homem com as

idéias, com sua existência conceptual, suas abstrações, sua conduta cotidiana. E com esse interrogar iremos descobrir, por nós mesmos, o que realmente somos. Porque, se não vos conhecerdes não podeis ir muito longe; se não sabeis o que sois, consciente ou inconscientemente, o que pensais, o que sentis, cada movimento de idéias, cada sentimento; se não descobrirdes e compreenderdes os "processos", os motivos, os impulsos, as compulsões, as frustrações, as falhas, o irremediável isolamento, os desesperos, ansiedades, o sentimento de culpa — não podereis ir muito longe. Esta é a base, e ela requer liberdade.

A liberdade não se encontra no fim, porém no começo, porque só com ela sereis capazes de ver a vós mesmos exatamente como sois, de ver o que sois em vossas relações; e essas relações constituem a estrutura da sociedade. Impõe-se uma completa mutação em nossas relações, porque toda relação é ação. Relação é ação, e vossas relações estão, pela maior parte, baseadas numa idéia. Vossa relação com vossa esposa não é uma idéia; mas vossa relação com vosso semelhante, vossa pátria, vossos deuses, é uma idéia. Vossa relação com vossa mulher, com vossos filhos, pode estar baseada numa idéia: o que desejais que vossa esposa e vossos filhos sejam; mas o fato real é que estais relacionado com a pessoa por meio de vossos sentimentos, vossas exigências sexuais, vossos impulsos protetórios.

Estamos vendo, pois, que a sociedade é relações. E essa estrutura social, tal como existe atualmente, baseia-se na ambição, na avidez, na inveja, na ânsia de poder, de posição, de prestígio e de todas as coisas que o homem considera de extraordinária significação na vida. Este é o fato real — não os vossos deuses, nem o *Gita*, nem vosso *guru*, nem vossos santos e salvadores; o fato real é vossa vida de cada dia, ou seja, vossa ambição, vossa avidez, vossa inveja, vossa busca do poder, da riqueza, da posição que ambicionais. E se não houver uma radical alteração de tudo isso, se não se demolir todo o sistema, não será possível nenhuma revolução religiosa. Uma revolução religiosa é a única revolução significativa, porquanto todas as outras revoluções falharam. A Revolução Francesa e a revolução comunista falharam, ambas completa e totalmente, porque essas revoluções foram revoluções reacionárias; constituíram uma reação ao que *é*. A revolução comunista foi reação ao capitalismo — a verdadeira reação. E toda reação produz o mesmo padrão, sob forma diferente. Uma revolução religiosa não visa à reação de espécie alguma. Visa a compreender um fato e destruir esse fato; isto é, perceber que nossas relações, que nossa estrutura social, baseiam-se em nosso estranho senso dos valores, na ambição, na avidez, na inveja; e destruir tudo isso, completamente, em nós mesmos, desarraigá-lo total e comple-

tamente. Tal é o começo de uma revolução religiosa — e não o cultivo de uma idéia, a que chamais Deus.

Se não lançardes a base adequada, como podereis ir longe, como podereis descobrir se algo existe além das palavras, além das divisões, além do condicionamento humano? Sem dúvida, senhores, essa coisa que denominamos "moralidade da sociedade" — a qual permite que sejais ambicioso, invejoso, ávido, poderoso e tudo o mais — essa coisa cultivais; e como podereis, com essa moralidade, com essa virtude, descobrir algo existente além de todas as virtudes, existente além do tempo?

Existe algo além do tempo, algo imensurável, atemporal; mas, para o encontrardes, para o descobrirdes, deveis lançar a base adequada; e para lançardes essa base, cumpre despedaçar a sociedade. Por "sociedade" não entendo a estrutura externa; não se trata de dinamitar edifícios, de tirar as roupas e vestir um manto de *sannyasi*, de tornar-se eremita; isso não fará ruir a sociedade. Quando falo de sociedade, refiro-me à estrutura psicológica, à estrutura interna de nossa mente, de nosso cérebro, aos processos psicológicos de nosso pensar; estes têm de ser completamente destruídos, para que se possa descobrir, criar uma mente nova. Vós necessitais de uma mente nova, porque, se observardes o que se está passando no mundo, vereis cada vez mais claramente que a liberdade está sendo negada pelos políticos, pelo progresso, pelas religiões organizadas, pelos processos mecânicos, técnicos. Mais e mais os computadores estão substituindo o homem, e está certo que assim seja. A virtude está sendo "produzida" com preparados químicos: tomando determinado preparado químico, podeis ficar livre da cólera, da irritabilidade, da vaidade; podeis quietar vossa mente, tomando um calmante, e podeis tornar-vos muito pacífico. Como vedes, vossa virtude está sendo regulada quimicamente; já não precisais submeter-vos à tirania da disciplina para vos tornardes virtuoso. Tudo isso está ocorrendo no mundo. E, assim, temos de criar um novo mundo, não no sentido químico, nem industrial ou político, porém espiritualmente — se posso usar esta palavra já tão gasta, tão desvalorizada pelos políticos, pelos religiosos. Não podeis ser espiritual se pertenceis a alguma religião, a alguma nacionalidade. Se vos denominais hinduísta, parse, muçulmano ou cristão, nunca sereis espiritual. Só sereis espiritual ao destruirdes a estrutura social de vosso ser — isto é, o mundo em que viveis, mundo de ambição, de avidez, de inveja, de sede de poder. Para a maioria de nós, esse mundo é a realidade, e nada mais o é; é a ele que todos nós aspiramos; do mais alto político à mais insignificante pessoa do povo, do maior dos santos ao devoto vulgar — é a ele que todos aspiram.

Se não o quebrardes, não importa o que façais, nunca tereis amor, nunca atingireis a felicidade, e estareis sempre em conflito e aflição.

Assim, como disse, vamos investigar a estrutura da sociedade. Essa estrutura é produzida pelo pensamento; a estrutura da sociedade nasceu no cérebro que atualmente possuímos — o cérebro de que agora nos servimos para adquirir, competir, tornar-nos poderosos, ganhar dinheiro honesta ou desonestamente. O cérebro é o resultado da sociedade em que vivemos, do meio cultural em que crescemos, dos preconceitos, dogmas, crenças, tradições da religião; tudo isso é o cérebro — resultado do passado. Examinai a vós mesmos, por favor, não vos limiteis a ouvir o que se está dizendo.

Há duas maneiras de escutar. Uma delas é: ouvir meramente as palavras e seguir o seu significado — e isso é escutar, ouvir comparativamente, quer dizer, comparar, condenar, traduzir, interpretar o que se está dizendo. É o que faz a maioria das pessoas; é assim que escutamos. Quando se diz uma coisa, vosso cérebro imediatamente a traduz — por efeito de reação — em vossa própria terminologia, vossas próprias experiências; e, ou aceitais o que agrada, ou rejeitais o que desagrada. Estais apenas "reagindo", não estais escutando. E há a outra maneira de escutar. Esta requer imensa atenção, porque nesse escutar não há tradução, não há interpretação, nem condenação, nem comparação; estais escutando, simplesmente, com todo o vosso ser. A mente capaz de escutar tão atentamente compreende de imediato; está livre do tempo e do cérebro, que é o resultado da estrutura social em que fomos criados. Enquanto esse cérebro não se tiver tornado de todo quieto — mas ao mesmo tempo intensamente atento, ativo —, enquanto isso não ocorrer, cada pensamento, cada experiência será por ele traduzida de acordo com seu condicionamento e, por conseguinte, cada pensamento, cada sentimento se tornará um obstáculo à investigação total.

Vede, senhores, a maioria das pessoas aqui presentes é parse, hinduísta ou cristã. Desde a infância vos dizem que sois hinduísta; essa lembrança se conserva por associação nas células cerebrais; e cada experiência, cada pensamento é traduzido segundo esse condicionamento; e esse condicionamento impede a vossa compreensão total da vida. A vida não é a vida de um hinduísta, ou de um cristão; a vida é algo muito mais vasto, muito mais significativo, que a mente condicionada de modo nenhum pode compreender. A vida é ir para o emprego; a vida é sofrimento; a vida é prazer; a vida é extraordinário senso da beleza; a vida é amor; a vida é pesar, ansiedade, sentimento de culpa — tudo isso. E se não a compreendeis, nada descobrireis. Não há "saída" do sofrimento. E, para compreender a totalidade da vida, o cérebro deve estar completamente quieto —

o cérebro que está condicionado pelo meio cultural em que fostes criado, por cada pensamento, que é reação de vossa memória, por cada experiência, que é "resposta" a desafio, "resposta" do passado, nele concentrado. Se não compreendermos todo esse processo, o cérebro nunca ficará quieto. E para que possa nascer uma mente nova, é absolutamente necessário que o cérebro compreenda a si próprio, esteja cônscio de suas próprias reações, seu próprio embotamento, estupidez, condicionamento. O cérebro deve estar cônscio de si próprio e, por conseguinte, deve "interrogar" a si próprio, sem buscar resposta, porque toda resposta será projetada do seu próprio passado. Por conseguinte, quando "interrogais" interessado numa resposta, a resposta estará ainda dentro dos limites da mente condicionada, do cérebro condicionado. Assim, ao "interrogardes" — o que significa que estais cônscio de vós mesmo, de vossas atividades, de vossas maneiras de pensar, de sentir, de vossa maneira de falar, de andar, etc. — não busqueis resposta, porém apenas, olhai, observai. E vereis que, como resultado dessa observação, o cérebro começará a perder o seu estado condicionado. E quando isso acontecer, estareis fora da sociedade.

Assim, o mais importante de tudo é vos investigardes — e não o que o Sankara, Buda ou vosso *guru* vos disse; investigar a vós mesmo, investigar os movimentos de vossa mente, de vosso cérebro, os movimentos de vosso pensamento.

E mutação difere de mudança. Por favor, escutai, prestai atenção! Mudança implica tempo, gradualidade, mudança implica continuidade do que *foi*; mas, mutação implica uma *quebra* completa e a verificação de algo novo. Mudança implica tempo, esforço, continuidade, modificação que requer tempo. Na mutação, não existe o tempo; ela é imediata. O que nos interessa é a mutação, e não a mudança. O que nos interessa é a completa e imediata cessação da ambição, e essa *quebra* imediata da ambição é mutação — que ocorre imediatamente, que não admite o tempo.

Continuaremos a examinar esta questão. Mas, por ora, procurai aprender o significado disto: até agora vivemos através de séculos de tempo, mudando gradualmente, gradualmente moldando nossa mente, nosso coração, nossos pensamentos, nossos sentimentos; nesse processo temos vivido, em constante sofrimento, constante conflito; nunca houve uma dia, nunca houve um momento de completa libertação do sofrimento; o sofrimento sempre existiu, escondido, reprimido. E a coisa sobre que agora estamos falando é uma terminação completa e, portanto, uma total mutação; e essa mutação é a revolução religiosa. Explicaremos isso, um pouco, nesta tarde.

O importante é compreender a capacidade de ver, a capacidade de escutar. Há duas maneiras de ver — só duas. Ou vedes com o conhecimento, com o pensamento; ou vedes diretamente, sem conhecimento, sem pensamento. Quando vedes com o conhecimento, com o pensamento, o que realmente sucede é que não estais vendo, porém interpretando, dando opiniões, impedindo a vós mesmo de ver. Mas, quando vedes sem pensamento, sem conhecimento — o que não significa que, quando vedes, vossa mente está "em branco"; ao contrário, vedes *completamente* — esse ver é o fim do tempo e, por isso, há mutação imediata. Por exemplo, se sois ambicioso, dizeis que gradualmente mudareis — esse é o hábito que a sociedade sempre aprovou; a sociedade inventou todos os meios e modos possíveis, de vos livrardes a pouco e pouco de vossa ambição; no entanto, no fim de vossa vida sois ainda ambicioso, estais ainda em conflito — e isso é completamente infantil, sem madureza. Madureza é enfrentar o fato e dar-lhe fim imediato. E podeis pôr fim ao fato prontamente quando o observais sem pensamento, sem conhecimento.

O conhecimento é a acumulação do passado, da qual brota o pensamento. Por conseguinte, o pensamento não constitui o meio de promover a mutação; ele impede a mutação. Por favor, tendes de examinar isto muito atentamente, e não apenas aceitá-lo ou rejeitá-lo. Considerarei isso durante estas palestras; mas procurai desde já apreender o seu significado, o seu perfume. Porque, para mim, só há mutação, e não mudança. Ou *sois* ou *não sois*; não se trata de, quando sois ambicioso, cuidardes de tornar-vos menos ambiciosos; isso é proceder como os políticos que falam da extinção da política e do poder, e continuam na política. São falas insinceras. O que nos interessa é a terminação imediata, para que possa nascer uma mente nova.

E vós necessitais de uma mente nova, porque um novo mundo precisa ser criado — não pelos políticos, não pelos indivíduos religiosos, não pelos técnicos, porém por vós e por mim, que somos simples pessoas comuns; porque somos nós que temos de mudar completamente, somos nós que temos de operar uma mutação em nossa mente e nosso coração. Isso pode ser feito imediatamente, desde que possais *ver* o fato e "permanecer com o fato" — sem procurar pretextos, dogmas, ideais, fugas; "permanecer com o fato" totalmente, completamente. Percebereis, então, que o *ver* completo põe fim ao conflito. O conflito tem de terminar. É só quando a mente está por inteiro quieta, e não num estado de conflito, é só então que ela pode penetrar fundo nas esferas que estão além do tempo, do pensamento, do sentimento.

21 de fevereiro de 1962.

NÃO CONFIAR EM NADA

(Bombaim — II)

Em nossa última reunião estivemos falando sobre quanto importa que, desta sociedade caótica, surja o indivíduo. Só o indivíduo pode encontrar a realidade; e ele deve encontrá-la, descobri-la por si próprio. E para podermos encontrar, descobrir a realidade, temos de compreender a estrutura social e ficar livres da sociedade; porque a essência da individualidade é a liberdade. Liberdade não significa fazer cada um o que lhe apraz. Significa, sim, não ser obrigado a submeter-se, ajustar-se, obedecer. Mas impende compreender a estrutura da sociedade; e, no próprio processo de compreender a inteira estrutura da sociedade, surgirá, em virtude dessa compreensão, o indivíduo. Pois, se isso não acontecer, nossas vidas continuarão superficiais, vazias, monótonas — como o é a vida da maioria das pessoas. Podeis ter fortuna, podeis pertencer a qualquer tipo absurdo de grupo político; podeis pertencer a qualquer espécie de religião organizada, praticar ritos todos os dias, seguir o vosso *guru*. Mas, a menos que compreendais a estrutura psicológica da sociedade e dela vos livreis, não há esperanças para vós, para o homem, porquanto o homem está negando a individualidade; o mundo, com seu sistema educativo, com sua propaganda, seu governo, suas religiões organizadas, com a família, está negando a individualidade. E para que possa tornar-se existente uma mente nova, uma nova maneira de vida, uma nova geração, deve surgir o indivíduo; e ele só poderá surgir num estado de total libertação da estrutura psicológica da sociedade. Foi sobre isso que estivemos falando na última vez que nos reunimos aqui.

Se me permitis, desejo falar, nesta tarde, acerca da necessidade de demolir, psicologicamente, a estrutura da sociedade, que não só nos tem moldado a conduta e o pensamento, mas também imposto à

nossa mente uma série de *deveres* e *proibições*, uma série de dogmas, conclusões, idéias. E o indivíduo que deverá surgir deve estar totalmente incerto. Não há certeza em coisa alguma — nem em vossos sentidos, nem em vossas idéias, nem em vossa família, nem na nação, nem nos livros. Há, apenas, uma continuidade de idéias, no pensamento — pensamento verbal; e as idéias criam uma continuidade que é tempo, continuidade que se estabeleceu através de séculos, mediante processos psicológicos. E o indivíduo que deverá surgir terá de ser livre e, por conseguinte, não deverá aceitar nenhuma forma psicológica de sociedade.

Notai, por favor, que não estamos considerando idéias, teorias: estamos expondo fatos; e, a respeito de fatos, não há concordar nem discordar, mas o que se tem de fazer é, apenas, olhá-los. E vós podeis não desejar olhá-los, e com razão; mas, negar o fato, "tapar" o fato, forçar-vos a ver ou a não ver, impede o percebimento claro. O que nos interessa é a clareza, a compreensão; só é possível compreender quando se percebe o fato, e não mediante o ato de concordar ou discordar.

Assim, importa pensarmos juntos no problema, sem pensarmos que o problema é de outra pessoa que no-lo quer inculcar. Nós não estamos fazendo propaganda, não estamos procurando convencer-vos de nada, porque a mente que se convence, que chega a uma conclusão, está morta. Mas a realidade é que em nada podeis confiar, e essa é uma realidade terrível, quer nos agrade, quer não. Psicologicamente, nada existe no mundo em que possais depositar vossa fé, vossa confiança ou crença. Nem vossos deuses, nem vossa ciência podem salvar-vos, dar-vos certeza psicológica; e vós tendes de admitir que em nada, absolutamente, se pode confiar. Isto é um fato científico, e também um fato psicológico. Porque vossos líderes — religiosos e políticos — e vossos livros, sagrados e profanos — todos falharam e continuais na mesma confusão, aflição, no mesmo conflito. Portanto, trata-se de um fato inegável.

Nós vamos examinar um dos principais aspectos psicológicos dessa estrutura que é a autoridade; e, se houver tempo, iremos averiguar, por nós mesmos, o que é amar.

O espírito de posse, em qualquer forma que seja, gera a autoridade — autoridade da família, autoridade dos livros, autoridade da crença, autoridade da lei. Assim, devemos capacitar-nos para discernir por nós mesmos a autoridade psicológica. A autoridade da lei é bastante óbvia — o policial, os impostos, o governo. Não se pode desobedecer à autoridade da lei. Podeis desejar desobedecer a ela, desejar

não pagar impostos; e, provavelmente, muita gente rica — os corruptos, em geral, são ricos — deverá sonegar impostos. Nós temos de discernir, inteligente e livremente, esta questão da obediência à lei e à autoridade psicológica. A obediência à lei é necessária; mas, psicologicamente, a obediência ao que quer que seja — à família, ao pai, à mãe, aos avós, à sociedade, é coisa má, uma vez que todo poder é mau, seja o poder do político, do ditador, seja o poder do *guru*.

Assim, a obediência à família, a aceitação psicológica da autoridade, é coisa má. Já explico por que. Não sois obrigados a aceitar a minha palavra. Peço-vos, apenas, que *escuteis*. Podeis ser extremamente apegado a vossa família; mas apego não é amor. Podeis desejar ardentemente que vosso filho ou filha recebam uma boa educação, façam um bom casamento. Mas esse apego ao filho e à filha representa um mal, porquanto gera a autoridade, é sinal de posse. Porque, como disse na palestra anterior, para descobrirmos o que é verdadeiro iremos deitar abaixo toda a estrutura que a mente humana edificou através de séculos. Vamos "interrogar" sem motivo algum; porque, motivo sempre leva à reação, e não à ação. Vamos "interrogar", sem motivo, toda essa estrutura de autoridade e obediência. Podeis não desejar escutar; mas, já que estais aqui para escutar e vos destes ao trabalho de vir, tende a bondade de escutar.

Por "escutar" não entendo aceitar ou rejeitar, porém escutar com o fim de descobrir, de explorar, de desvendar, de investigar. Há séculos que temos a autoridade; todo santo, todo *guru*, todo ditador, o pai, a mãe — vós moldaram a mente de modo psicológico. E nós vamos "interrogar", demolir, a fim de descobrir o que é a verdade, pois, descobrindo por vós mesmo o que é a verdade, desse descobrimento nascerá a liberdade. E dessa liberdade, nessa liberdade, surge o indivíduo. Nessa liberdade há uma disciplina não sujeita a controle. Só o indivíduo pode descobrir o Eterno — se o Eterno existe. Não digo que não exista o Eterno — pois ele pode existir. Para mim, ele existe, mas não para vós. Vós tendes de descobrir, tendes de investigar vossa mente e vosso coração, tendes de deitar abaixo todas as muralhas que construístes; todas as pedras devem ser "viradas", psicologicamente, para que, daí, possais surgir com uma mente pura, sã, destemerosa, e não com uma mente obediente.

Para escutardes o que se está dizendo, necessitais de atenção; e a atenção não é possível quando há distração. Não entendo por "distração" o grasnar dos corvos, ou o agitar da palmeira ao vento, ou o homem ao vosso lado que está a coçar o braço ou a cabeça; nada disso é "distração"; tudo faz parte desse extraordinário percebimento

total. Por "distração" entendo aquilo que vos impede de escutar. Se tendes opiniões, conclusões, comparações, elas vos impedem o escutar. Quando tendes uma idéia, quando julgais o que se está dizendo, quando opondes uma opinião ao que ouvis dizer — tudo isso são distrações. Ao comparardes o que ouvis com o que já sabeis, com o que lestes, isso é distração. Assim, para ouvirdes atentamente, é necessário que terminem todas as distrações. Vós deveis escutar totalmente. E se escutardes assim, atentamente, vereis acontecer algo verdadeiramente miraculoso: vereis que, nesse ato de escutar, há liberdade, porque a Verdade liberta, sem necessidade de nenhum esforço. Mas, infelizmente, nós não somos capazes de ver, não somos capazes de estar atentos, porque toda a nossa vida é uma distração. Ser capaz de *ver*, de *escutar*, de *observar*, é ter uma mente em que não há distração, mas que apenas observa o fato com objetividade.

Como disse, onde existe a posse, aí existe também o desejo de estar em segurança psicológica, e, assim, torna-se existente a autoridade. O rico recorre à autoridade do policial, porque deseja estar em segurança com seu dinheiro; mantém o *status quo* de uma certa sociedade; não deseja revolução nenhuma; não deseja mudança; deseja continuar no estado psicológico tradicional que a sociedade lhe facultou — a autoridade do pai, a autoridade da família, a autoridade da posse, na família — posse do filho, da filha — e educa o filho para obedecer, ajustar-se, imitar. E nesse ajustamento ao padrão encontra-se segurança; mas, para a mente que busca a segurança, há sempre aflição. Só a mente livre não conhece aflição. E a mente isenta de aflição tem de compreender de todo a imensa estrutura da autoridade. Quando buscamos segurança em qualquer forma que seja, fisiológica ou psicológica, interior ou exterior, existe necessariamente o medo, gerador da autoridade, da obediência. Em geral desejamos segurança, e encontramos essa segurança no *possuir* — possuir conhecimentos técnicos, família, dinheiro, poder, posição, prestígio. Esse prestígio, esse poder, essa família, poderão durar alguns anos; nisso buscamos nossa segurança. E nosso sistema matrimonial está inteiramente baseado nessa segurança, consistente em possuir a esposa, o marido; e a essa posse se chama "amor". Escutai, senhores, por favor. Eu não estou atacando vosso sistema. A própria vida o está demolindo. Só o homem inteligente será capaz de olhá-lo, de compreendê-lo, de educar o filho ou a filha de maneira diferente e criar, assim, um novo Estado, um novo mundo, um novo ente humano, uma mente nova.

Qualquer forma de posse, de apego, indica impulso de domínio. Tais são as condições da família: domínio sobre a esposa ou sobre o

marido (a que se chama "amor"); domínio sobre os filhos, interesse em casá-los ricamente; só isso vos interessa, isto é, encontrar segurança para vós mesmo e para vossos filhos. A isso chamais "amor".

Assim, o "processo" e a estrutura da autoridade começam com a família, e a família constitui a base desse desejo de segurança. Não há nada "seguro" no mundo — nem vossas idéias, nem vossos livros, nem vossos deuses, nem vosso ritual; nada em que se possa confiar — nem mesmo em vossa família, nem no dinheiro depositado no banco; pois pode vir o comunismo, pode vir o socialismo, pode sobrevir uma revolução, um terremoto, qualquer coisa pode acontecer. E alguma coisa há de acontecer. Para que um homem esteja cônscio de tudo isso e perceba que a realidade não é só para o rico ou para o pobre, deverá compreender a estrutura da autoridade, baseada na segurança, a qual tem suas raízes na família. E o homem que busca a realidade deverá destruir, *psicologicamente,* a família. Refleti! Esta é a razão por que os *sannyasis* e os monges abandonam a família; entretanto, não abandonam a estrutura psicológica; abandonam uma família, um nome, mas adotam novo nome e, psicologicamente, continuam condicionados; continuam a obedecer, a seguir um certo padrão de pensamento, resultante da sociedade, do meio cultural em que viveram e cresceram. Os monges cristãos e os *sannyasis* hinduístas não são entes humanos livres; abandonaram o chamado "mundo exterior" e trocaram de roupas — só isso. Nenhuma troca de roupas dá liberdade a ninguém; tão pouco a dá o tomar uma só refeição ao dia ou usar uma tanga. O que traz a liberdade é a compreensão da autoridade.

Há também a liberdade consistente em ser livre do conhecimento. A maioria de nós encontra segurança no conhecimento. Hoje em dia o conhecimento, a ciência, se tornou nossa segurança — não mais os deuses, nem os livros, nem mesmo a família, talvez; o conhecimento, a técnica. Que é o conhecimento e por que lhe atribui a mente, por que lhe atribuímos nós, tão desmedida importância? Considerais os vossos livros — os chamados livros sagrados, o *Gita,* os *Upanishads,* a Bíblia, etc. — sumamente importantes, porque estão refertos de sabedoria. Palavras não fazem sabedoria, os livros não contêm a sabedoria. A mente, para ser sábia, precisa estar livre. A essência da sabedoria é a negação da experiência, e a negação da experiência é a negação do conhecimento, porquanto a experiência se tornou nossa autoridade. Do ponto de vista tecnológico, o conhecimento tem razão de ser; quanto mais conhecimento uma pessoa possui, sobre como operar um motor, gerir um escritório, dirigir um foguete, manejar um computador, tanto mais competente é. Desse conhecimento tendes necessida-

de; mas a experiência psicológica acumuladora de conhecimentos — essa é que impugnamos.

Procurai, por favor, compreender isso, pelo menos um pouco. Poderá ser um tanto difícil, porque nós vamos contestar a experiência. A mente que está buscando experiência — mecânica, tecnológica — é ainda imatura; poderá acrescentar ou subtrair; mas, como ela, não pode haver um ente humano amadurecido, pleno, interiormente rico; o conhecimento tecnológico não dá nada disso, e tampouco o dá a experiência. Em que se baseia a experiência? Experiência é "resposta" a um "desafio", quer insignificante, quer importante. Ao verdes aqueles corvos a voar, isso é uma experiência. Quando o mundo se acha em crise, e vós "respondeis" a essa crise, essa "resposta" (reação) é experiência. Tudo é experiência, e nós estamos ponto em dúvida toda experiência. Eu digo que a mente que se limita a *experimentar e acumular* é sem madureza; e a mente que se acha além e acima da experiência, essa é a mente livre, a mente nova, a mente jovem.

A experiência, pois, é a tradução de cada "desafio e resposta", e essa tradução se baseia em vosso condicionamento, em vosso conhecimento prévio, no passado, na tradição. Não experimentais nada novo; não o podeis. Estais sempre traduzindo o que é novo nos termos do "velho", nos termos de vossa tradição, nos termos do que já sabeis, do que recolhestes, do que acumulastes, do que armazenastes do passado. O passado dita, molda as "respostas" (reações). Eu vos insulto ou vos lisonjeio; guardais isso na lembrança; e, na próxima vez que vos encontrais comigo, "reagis" de acordo com aquele insulto ou aquela lisonja. Tal é uma experiência baseada no conhecimento; e esse conhecimento, esse passado, se converte em autoridade; e em conformidade com essa experiência, consoante esse conhecimento, moldais a vossa vida, o vosso pensamento, a vossa conduta. E, quando pondes em dúvida essa experiência, essa autoridade baseada na experiência, nada mais vos resta. Ao duvidardes de todas as experiências de um homem religioso — seja um santo cristão, seja um monge hinduísta — qualquer homem religioso — vereis que o que ele diz, suas visões, suas idéias, resultam de sua "cultura", de seu passado; que são sem valor e significação; que são mera projeção do passado, daquilo que ele aprendeu; e vereis, também, como sua mente foi moldada pela sociedade.

O conhecimento, pois — exceto o conhecimento técnico — o saber ler e escrever, etc. — é um empecilho à liberdade. Há conhecimento psicológico; e qualquer forma de conhecimento psicológico impede a liberdade e, por conseguinte, não há individualidade; há

uma "continuidade do que *foi*", continuidade que poderá modificar-se, mas continuará na estrutura do que *foi* — da sociedade. Notai: Psicologicamente, não podeis confiar no que vedes, no que experimentais, no que conheceis. A obediência, pois, perde seu significado, a autoridade nada significa, exceto a autoridade da lei — a qual é negada pelos políticos quando lhes convém; eles fazem a guerra, se lhes convém; ora são pacifistas, ora "traficantes de guerras". Conseqüentemente, não podeis amparar-vos na autoridade, nela não podeis confiar.

E no próprio processo de investigar a autoridade — como ora estamos fazendo — não vos revoltais contra a autoridade do pai, da mãe, da estrutura psicológica. No próprio processo de investigar, de inquirir, vossa mente começa a ser disciplinada, porque, para investigar, para inquirir, necessitais de mente muito penetrante, mente destemerosa. Quando a mente já não tem medo, nem ansiedade, nem busca a segurança, daí provém uma disciplina extraordinária, que não é a disciplina imposta pela autoridade; que não é a disciplina imposta pela sociedade, por vosso *guru*, por vossos instrutores; que não é a disciplina que a vós mesmo impusestes, pensando serdes livre, a qual, realmente, é a "continuidade" da compulsão psicológica da sociedade.

Peço-vos toda a atenção a isso. Quando dizeis — "Eu me disciplinarei, não de acordo com um padrão estabelecido por outro, porém segundo minha própria experiência" — vede, por favor, que "vossa própria experiência" é o resultado de vosso passado, de vosso condicionamento. Não podeis confiar em vossa disciplina, porque essa disciplina estreita a mente, destrói a mente, torna a mente, o cérebro, inadequada, embotada, insensível. Assim, pelo duvidar, pelo investigar, aparece uma disciplina extraordinária, sem compulsão, sem imitação, sem ajustamento, porque não há padrão a que ajustar-se, porque não há segurança nenhuma.

Ao verdes isso, ao compreenderdes isso, então, com essa compreensão, surgirá o amor — pois a autoridade e o amor nunca poderão coexistir, e tampouco podem coexistir o apego e o amor. Mas, vós sois apegados — não sois? — a vossas famílias, vossas idéias, vossos *gurus*, vossas visões, vossos rituais, vosso dinheiro. E ainda falais de amor! Para vós, amor é segurança. E como pode a mente que impõe a obediência, que está ensinando todo mundo a ajustar-se, que só se mostra empenhada na aquisição de conhecimentos mundanos, técnicos — como pode essa mente amar? O que desejais é só segurança, para vós mesmos e para vossos filhos. Só nisso estais interessados, e em levá-los a ajustar-se. Ora, amor não é apego. O amor nenhum *motivo*

tem; e o amor é árduo, exige trabalho ingente, trabalho psicológico — e não que fiqueis sentado à sombra de uma árvore, ou que pratiqueis ritos ou disciplinas. Isso não é trabalho, é falta de madureza, pura infantilidade.

Mas, para vos investigardes profundamente, tereis de levar vossa invetigação até o fim. E, então, dessa liberdade, surgirá o amor. Mas, vede, a maioria de nós se satisfaz com amar superficialmente; em geral nos satisfazemos com ganhar nosso sustento, se conseguimos um modesto emprego, onde nos deixamos estiolar. Em geral, estamos satisfeitos com nossa conta bancária, se somos ricos; e gostamos de tagarelar a respeito de Deus, rituais, etc. etc.

Mas nossos corações estão vazios, tornaram-se vazios sob a influência de uma mente embotada, estúpida, que só pensa em termos de autoridade e obediência. Assim, a destruição da estrutura da sociedade, que é vosso cérebro, que sois *vós,* é uma absoluta necessidade para o homem verdadeiramente interessado em descobrir o imensurável, em descobrir se existe essa coisa chamada "O Imensurável".

Dessarte, a autoridade, que engendra o poder, é coisa má. O homem poderoso, o homem de posição, de prestígio, é tão terrível e tão venenoso como uma serpente; a mente religiosa nada tem que ver com tais pessoas. Nenhum homem rico chegará a saber o que é o amor, enquanto o dinheiro for o seu Deus. Neste país, infelizmente, os poderosos, os ricos, estão moldando as mentes dos demais. Ninguém trata de libertar-se dessa estrutura. Tornaram-se todos "conformistas", todos dizem "sim", ninguém diz "não". E o dizer "não" não é revolta, porém compreensão psicológica de toda a estrutura da atual sociedade.

O homem, pois, que deseja ser livre, que deseja compreender o Real, tem de libertar-se da estrutura psicológica da sociedade; esta é a primeira coisa que tem de fazer — e, não, praticar ritos, freqüentar igrejas, etc. — coisas que perderam todo o valor e nas quais não se pode confiar.

Deveis estar completamente *só.* Há beleza neste *estar só,* que é amor.

Só nessa solitude se encontra a possibilidade de descobrir o indenominável, o imensurável.

25 de fevereiro de 1962.

DA MENTE NÃO INFLUENCIADA

(Bombaim — III)

Estivemos falando sobre a necessidade da "emersão" do indivíduo. A sociedade, com suas complexas influências e seu condicionamento, molda o pensamento; e para que possa "emergir" o indivíduo — pois só o indivíduo tem a possibilidade de descobrir o Imenso — afigura-se-nos necessário compreender essa influência social, sua moralidade, seus perniciosos sistemas de idéias. Pode a mente, que de tal maneira foi condicionada — cada pensamento formado, moldado por influências de toda ordem — emergir, integral, pura, imaculada, completamente livre? Porque só a mente incorrupta — a mente não moldada pelas circunstâncias, pelas influências — pode ir muito longe na pesquisa da verdade, só ela pode descobrir se existe uma realidade transcendente às medidas mentais. E, como assinalamos em nossa reunião anterior, o poder e a posição, em qualquer forma, geram a autoridade.

Nesta tarde, acho que poderíamos examinar a questão do desejo, da ambição e do preenchimento, e indagar se a mente pode emergir completamente ilesa de tudo isso.

Como estivemos salientando em todas estas palestras, importa compreender o que é *escutar* — escutar, apenas, completa e naturalmente, sem esforço algum. Porque é o esforço, a luta, o que impede a clareza. É o esforço que perverte e desfigura. E é possível *escutar* alguma coisa sem luta, sem desfiguração? Ver uma flor, deixando de lado os conhecimentos de botânica e horticultura, vê-la realmente — que significa isso? É muito difícil verdes um amigo, verdes vossa esposa, vossos filhos, sem desfiguração, sem nenhuma opinião, sem o acompanhamento de numerosas idéias — observá-los, simplesmente. Dessa observação e desse *escutar* provém uma ação que traz consigo uma clareza que nenhum esforço exige.

E, parece-me, se cada um de nós fosse capaz de escutar assim, de ver simplesmente e sem esforço, então, todo o processo do viver se transfiguraria sem luta alguma. E isso é possível, pois o homem tudo pode com sua mente, com seu cérebro. Ela já foi ou está para ir à Lua, construiu computadores e tem realizado coisas extraordinárias, exteriormente; entretanto, ainda não penetrou profundamente em si mesmo. A viagem à Lua é muito curta, em comparação com a viagem interior; e pouquíssimos têm vontade de empreender essa viagem interior, porquanto ela exige atenção, só atenção. Exige atenção total, para escutar, para ver exatamente, em cada minuto, sem desfiguração, cada pensamento, cada sentimento. Peço-vos encarecidamente que escuteis dessa maneira.

Em regra, somos ambiciosos, domina-nos o desejo de êxito, de fama, de notoriedade: é uma luta, um esforço, intermináveis. Aparentemente, cada um aceita o esforço como uma necessidade — esforço para aprender, para educar-se, para exercer um emprego, galgar os degraus do êxito, compreender o que é a Verdade; tudo se torna questão de luta, de esforço. Pensar, amar, ser bondoso, humilde — tudo se reduziu a uma fórmula de luta e esforço, controle e disciplina. Para mim, uma vida de disciplina, de controle, luta, subjugação, ajustamento, causa a destruição do indivíduo que deverá "emergir"; pois só o indivíduo poderá descobrir o Eterno, descobrir se o Eterno existe.

Cumpre-nos, pois, compreender a luta. Estou empregando a palavra "compreender", não no sentido de considerar intelectualmente ou verbalmente, porém no sentido de observar realmente o fato *do que sois*, o fato de que lutais da manhã à noite, desde o momento de nascerdes até o momento de morrerdes — lutando, disputando, empenhados num esforço incessante, interminável. Ora, por certo, deve haver um diferente "caminho", uma diferente maneira de viver. Mas nós aceitamos o caminho da luta; o colegial o aceita, nossos maiores o aceitaram; e todos os santos, todos os filósofos, todos os instrutores têm pregado que se deve lutar, que se deve forcejar. Eu estou assinalando, para quem quiser escutar, que há uma maneira de viver sem esforço — mas isso não significa tornar-se indolente, inerte, estacionário, senão ao contrário. Esse esforço, essa luta, é desperdício de energia; e quando a luta, o esforço cessa de todo, há uma maneira de viver *completamente,* com aquela energia. E, para se descobrir essa maneira de viver, cumpre investigar diligente, sensata e inteligentemente o problema da luta.

Nós estamos investigando; não se trata de aceitar ou de rejeitar o que se está dizendo. Não estamos fazendo propaganda; deixemos

isso para os políticos e outros. Fazer propaganda é dar continuidade ao que não é *fato*; e quem deseja compreender um fato deve vê-lo sem desfiguração, ver claramente todos os problemas relativos à ambição, ao desejo, à luta. E nós vamos investigar juntos. Por conseguinte, ides penetrar em vós mesmos e não simplesmente aceitar o que se está dizendo.

Por que lutamos? Qual é a essência da luta, qual a essência da ambição? Sem dúvida, é o conflito a essência da ambição. Por que somos tão perseverantemente ambiciosos em todos os níveis de nossa existência? O chamado "homem espiritual", o monge hindu, "o homem de longas barbas", os políticos, o negociante, o homem que está acumulando conhecimentos — todos são ambiciosos. Por quê? Por que esse conflito e essa luta? O conflito existe por causa da contradição. Se não houvesse contradição, não haveria luta.

Por favor, segui o que se está dizendo — não as palavras, porém observando-vos como que num espelho. Se não houvesse contradição, não haveria necessidade de nenhum esforço. Mas, nós somos uma verdadeira massa de contradições. Por que nos arrasta o desejo em diferentes direções? Vendo-nos arrastados em diversas direções, dizemos para nós mesmos: "Não devo ter desejo". Psicologicamente, é impossível controlar o desejo; necessário é compreendê-lo, decifrá-lo, percorrê-lo em toda a extensão, e não na sua expressão, no seu preenchimento — compreender o inteiro significado do desejo, causador da contradição. Porque gera contradição, nós resistimos ao desejo, procuramos reprimi-lo, dizemos para nós mesmos: "Devemos ser isentos de desejo" — e isso é destruir a imensidade da vida. Porque o desejo faz parte da vida; e se tratamos meramente de reprimi-lo, de negá-lo, de controlá-lo, fechamo-nos à imensidade da vida.

Deste modo, existe luta porque há contradição, exterior e interiormente. Exteriormente, há a atração do poder, da posição, do prestígio, para o homem que busca uma situação na vida. Há um viver que é função. Temos de funcionar como seres humanos, exercer um emprego, aprender, fazer diferentes coisas — tudo isso *função*. Mas, com a função vem o desejo de ser mais do que "funcionário"; pois nos servimos da função como meio de adquirirmos poder, posição, prestígio; e, por isso, há contradição. A função produz contradição sempre que há o desejo de nos servirmos da função para alcançar nossos alvos, alcançar êxito, poder. Observai, por favor. Isso é um fato. Ser cozinheiro é considerado, não como função, porém como posição, uma situação, e, portanto, como condição desprezível; há, assim, contradição.

O ministro, o homem poderoso, o homem de posição, o homem rico — a qualquer desses tratais com respeito, com enorme consideração, porque pode dar-vos ou oferecer-vos favores. Ele, portanto, serve-se de sua função para ter posição — que é o que também desejais — e por isso há contradição. Assim, sempre que a função serve para dar posição, tem de haver contradição. E nisto se baseia a sociedade: a função não é importante, porém a posição é relevante — e posição significa poder. Eis a contradição mantida pela sociedade. Quer se trate da função de Ministro, quer da "função" de santo, a ela está associado o prestígio. E o que vós desejais não é a função, porém a posição; por isso, há contradição.

O homem que se serve da função para ter posição nunca será eficiente. E nós temos de ser eficientes, neste mundo, porque a função é de enorme importância. O foguete que vai à Lua tem um milhão de peças — sem exagero: um milhão de peças — e se uma só dessas peças não funcionar adequadamente, o foguete também não funcionará satisfatoriamente. E o homem que planeja e desenha o foguete não pode fazê-lo com o fim de adquirir posição; deve amar o que está fazendo; do contrário, não fará trabalho perfeito. Só o homem que ama o que está fazendo — sem aspirar, com isso, a uma situação, uma posição psicológica — só esse pode ser eficiente e isento de crueldade. O homem que se serve da função como meio de alcançar posição, esse é que se torna cruel.

Ora, não há necessidade de luta para se aprender uma técnica. Mas o meio social em que cresceis vos força, pela educação, a não amar o que fazeis; força-vos a fazer o indispensável para atender a uma dada necessidade social. A sociedade necessita atualmente de engenheiros e cientistas, e todos estão-se tornando engenheiros ou cientistas, porque é mais lucrativo. Mas, mui poucos são verdadeiros cientistas, verdadeiros engenheiros, porque a maioria se está servindo da ciência e da engenharia como meios de adquirir dinheiro, posição, prestígio. Assim se gera a contradição. E, exteriormente, temos todas as "expressões" da sociedade — sua riqueza, seus confortos, seu progresso. Todos desejamos a riqueza, todos estamos dominados pela mania de alcançar sucesso, fama.

Por que esse intenso desejo, por parte de cada um — por parte de quase todos — de adquirir fama? Por que existe esse desejo? Não sei se tendes considerado bem esta questão. Examinemo-la. Tratemos de descobrir porque desejais preencher-vos, porque desejais êxito na vida, porque essa incessante batalha com vós mesmos. Sem dúvida, para a maioria de nós existe algum momento em que, consciente ou

inconscientemente, nos tornamos cônscios de um grande vazio, uma grande solidão interior. Sabeis o que significa esta frase: "Sentir-se *só*"? Significa: Encontrar-se num estado de não relação com coisa alguma, um estado de isolamento, de solidão; significa sentir-se, de súbido, no íntimo, completamente só. E a todas as horas estamos lutando, psicologicamente, para preencher essa solidão, dela fugir. Não sei se estais cônscio de vossa própria solidão, se alguma vez já vos encontrastes com ela. E porque tememos tanto essa solidão, evitamo-la; por isso, há contradição. Procuramos fugir-lhe por meio do conhecimento, do bom êxito, do dinheiro, do sexo, da religião — por todos os meios. Mas o fato é que estais na solidão, e não quereis enfrentá-la; o fato é que estais fugindo dela; por isso, há contradição, geradora de conflito.

O que nos interessa aqui é o conflito. O homem livre do conflito não é ambicioso. E o homem ambicioso é incapaz de amar; não sabe o que significa *amar*, porque só está interessado em si próprio, suas idéias, seus ganhos. O homem que busca a fama — como pode esse homem amar, ser bondoso, generoso? E esse espírito de ganho só se manifesta quando há fuga ao fato — à solidão. Não importa o que fizerdes, enquanto não compreenderdes essa extraordinária solidão, vossos deuses, vosso saber, vosso poder ou posição, nenhum valor terão; nem o terá a virtude.

Ora, como nasce essa solidão? Compreendeis o que entendo pela palavra "solidão"? Provavelmente, muitos de vós jamais a sentistes, porque nunca ficastes *sós*, sempre cercados que estais de vossos amigos, de vossas famílias; estais sempre fazendo alguma coisa: indo ao cinema, a um templo, praticando ritos — sempre em atividade e, portanto, jamais cônscios de vós mesmos ou do que se está passando dentro de vós. Deste modo, são pouquíssimos os que conhecem esse sentimento de completa solidão. Já vos deveis ter encontrado com ele; talvez, em dada ocasião, viajando sozinho num ônibus, em conversa com vossa esposa ou marido, em companhia de vossos amigos — vos tornais subitamente cônscio de estar completamente só, isolado. Esse é um encontro bem assustador; e, sentindo medo e não tendo possibilidade de fazer coisa alguma contra a solidão, tratais de fugir dela, criando, assim, contradição. E onde há contradição, aí há conflito.

Por conseguinte, nossa vida, aonde quer que vamos, o que quer que toquemos, é toda de conflito. Há alguma maneira de viver sem conflito? *Há* uma maneira de viver sem conflito, sem luta — mas que não é tornar-se indolente, deixar a mente estagnar-se,

embotar-se. Essa maneira de viver sem esforço só se tornará existente ao compreendermos por inteiro o processo do conflito. Existe contradição sempre que há algum ideal. O ideal da nobreza, o ideal da bondade, o ideal da "não-violência" — deveis ser "assim", não deveis ser "assim" — todos geram contradição.

Escutai; porque, se fordes capazes de escutar, podereis sair daqui livres de conflito para o resto da vida. A ambição, a luta e a brutalidade da ambição — tudo desaparecerá. Tereis uma mente simples, clara, imaculada. Só a mente imaculada pode funcionar com clareza, sem desígnios errôneos, sem buscar posição; portanto, só ela é capaz de amar o que faz. Só o amor não é contraditório; e, para compreenderdes esse estado extraordinário, deveis compreender a contradição existente em vós.

Existe, pois, contradição quando há a preocupação de evitar o fato — o fato de que estais *sós*, o fato de sentirdes cólera, o fato de serdes violento. Sois violento, sentis cólera, sois ambicioso — tal é o fato. "Não deveis sentir cólera", "Não deveis ser violento", ou "Não deveis ser ambicioso" — são apenas *idéias*, não são fatos. Os ideais, pois, que são *sem realidade*, sem substância, geram a contradição. O homem que enfrenta o fato de cada dia, de cada minuto, sem desfigurá-lo — esse homem é livre de conflito. Mas, o viver sem conflito exige tremenda energia. Isso não significa que o homem sem conflito seja sem energia: ele está "esbanjando" energia. Não significa que o homem ambicioso seja sem energia: ele tem a energia gerada pela resistência e que é uma energia destrutiva. Mas, *há* a energia que nasce quando não há conflito, quando estais em presença do fato, a cada minuto. Com a palavra "fato", estou-me referindo ao *fato psicológico — o que sois interiormente.*

Ora, para poderdes compreender o fato psicológico, deveis compreender o movimento externo também — o movimento externo de expressão, desenho, cor, estrutura, função. Os dois movimentos estão mutuamente relacionados. Não podeis compreender o mundo interior se não compreenderdes o mundo exterior — isto é, se não compreenderdes a sociedade, que é *relações*. As relações entre duas pessoas constituem a sociedade. E esse estado de relação constituiu a estrutura social — que é de ambição, avidez, inveja, impiedade, crueldade, guerra, corrupção. É o que se vê, atualmente, na Índia, como bem sabeis. Se não compreenderdes todo esse movimento externo da vida, não podereis compreender o movimento interno. Os dois estão relacionados; são como a maré que "sai" e "entra". Não podeis dividir a maré em "exterior" e "interior": é um movimento único. E só a mente não corrompida pode "navegar" nesse movimento.

Eis, pois, o fato, e é necessário compreendê-lo. Nós não o compreendemos porque nossa consciência resulta de influências. Não podemos *ver* o fato por causa da influência que nos molda o pensamento, a influência que está moldando tanto a mente consciente como a inconsciente. Compreendeis? Os jornais, os discursos, os livros, o cinema, a alimentação, as roupas, o ambiente, os edifícios, o ar — tudo vos influencia, influencia vossa mente, consciente ou inconscientemente. Toda forma de propaganda, política ou religiosa, os chamados deuses tradicionais — tudo influencia e molda o pensamento. Estais escutando o que se diz sem vos deixardes influenciar. Não sois influenciados, porque não estais sendo dirigidos, compelidos, "pressionados". O orador apenas vos diz: *Olhai, observai, escutai, sede vigilantes!* Por conseguinte, o que ele diz não vos influencia de modo nenhum, nem consciente, nem inconscientemente. Mas, vós tendes de compreender a influência social.

É possível a mente livrar-se de toda influência? Compreendeis, senhor, o que é influência? — a palavra, a família, vossa esposa, vosso marido, os livros que ledes, as coisas que, inconscientemente, vos assaltam a mente. Podeis estar cônscio de cada influência, cônscio sem escolha — simplesmente cônscio de cada influência que vos cerca? É possível isso? Porque, se fordes livre, se puderdes observar a influência, isso vos aguçará a mente, tornando-a capaz de libertar-se dela. Esta é uma matéria complexa, que exige atenção, que exige toda a vossa capacidade de pensar e descobrir, porque sois o resultado de influências. Ao crerdes ser o "Eu Superior", etc., ao dizerdes que em vós habita Deus, a Divindade, o *Atman* — tudo isso representa influência. Quando o comunista diz não crer em Deus, está também influenciado.

Portanto, a vida de todos está sujeita a influências. E é possível libertarmo-nos totalmente delas? Do contrário, não importa o que penseis, o que negueis, o que façais — tudo resultará do passado, do vosso condicionamento; por conseguinte, em tais condições, não pode a mente, de modo nenhum, descobrir se existe a Realidade. Assim sendo, é possível ficar-se livre da influência? O que, com efeito, significa: É possível ficar-se livre da experiência? Chegaremos a este ponto mais adiante. Por certo, não é possível ficarmos livres de todas as influências. Só podeis ficar livre daquelas de que estais cônscio. Mas só podeis estar cônscio de um pequeno número de influências — pois o inconsciente está de contínuo a ser influenciado.

Tende a bondade de escutar. É possível estar-se livre de todas as influências? De outro modo, não se pode passar a investigar a

questão da liberdade, e ser livre. Como disse, nunca poderemos estar livres de influências; mas poderemos manter-nos sempre vigilantes para observar cada influência que vem ao nosso encontro. Isso significa estarmos atentos, a cada minuto, ao que estamos fazendo, ao que estamos pensando, ao que estamos sentindo — não permitindo, com essa vigilância, nenhuma desfiguração, nenhuma opinião sobre nós mesmos, nem avaliações — resultado, tudo isso, de influências. Qualquer influência é má, assim como o é toda autoridade. Não há distinção de "influência boa" e "influência má", porquanto todas as influências moldam a mente, corrompem a mente.

Assim, se compreendermos o fato de que qualquer forma de influência — não importa se "boa" ou "má" — perverte, mutila, corrompe a mente; se pudermos compreender esse fato, *vê-lo,* tornar-nos-emos totalmente cônscios de cada influência que nos assalta a mente. Isto é: no negar, na negação, surge o fato, a verdade. Quando negais, quando dizeis "não", vós o fazeis ou com motivo ou sem motivo. Provavelmente, nunca dissestes "não". Porque em geral costumamos dizer "sim"; habituamo-nos a aceitar; nunca dizemos "não" a coisa alguma, sem termos algum motivo; e isto significa que, quando dizemos "não" sem motivo, estamos libertados da influência.

Por favor, procurai compreender isso. É uma coisa muito simples, uma vez compreendida. Ao dizerdes "não", em relação ao poder, à fama, à ambição, à autoridade, vós o dizeis porque acontece que não tendes autoridade, que não tendes poder, posição — mas gostaríeis de tê-los. Evidentemente não tendes possibilidade de alcançá-los, e, por conseguinte, dizeis "não"; não posso obtê-los". Assim procede a maioria das pessoas; mas que se lhes dê posição, ofereça-se-lhes autoridade, e as aceitarão. Dessarte, há negação com motivo, dizer "não" com motivo. E há também a negação, o dizer "não" sem motivo — que significa: perceber o fato de que a ambição, em qualquer forma, espiritual ou não, mundana ou interior — destrói, corrompe. Se perceberdes isso como verdadeiro, estareis então cônscio de todas as formas de influência, tanto positivas como negativas. Então, só o *fato* vos interessará.

Assim, a negação — e não a mente positiva — é o fim da influência. Por "mente positiva" entendo a mente que se ajusta, a mente que imita, a mente que obedece, a mente que se tornou respeitável aos olhos da sociedade — ou seja, aquela que aceitou e está observando um certo padrão de viver ditado pela sociedade, pelo ambiente, pelo meio cultural. Essa mente se chama "mente positiva";

mas de modo nenhum é positiva: é uma mente morta. Por "mente negativa" entendo a que nega sem ter nenhum motivo. Ao negardes a atitude do político que se julga capaz de alterar a ordem das coisas, de alterar o homem; ao negardes essa atitude, estais totalmente livre desse tipo de influência. O político está interessado no "imediato", projetado no futuro — que ele considera como o "prazo longo", a "perspectiva longa"; mas essa "longa perspectiva" é, em verdade, uma "perspectiva curta". Isto é, o político, como todo técnico, não está interessado no homem integral; só lhe interessa o exterior. E, se negais o exterior — a perspectiva curta — sem terdes nenhum motivo, estais então completamente fora dessa esfera; o que então vos interessa é o *ser total* do homem.

Importa, pois, compreender a mente que encara os fatos negativamente, e permanece "só com o fato".

Espero não estar tornando isso muito difícil. O que estamos dizendo não é difícil. Se, por exemplo, sinto cólera, o fato é este: sinto cólera. Então, o negar que sinto cólera, o substituir, o alterar, o condenar esse estado, o buscar o ideal — tudo isso são negações do fato, distrações que me afastam do fato. E, quando nego totalmente todas as formas de fuga, todas as distrações, então, só então, minha mente está vazia de todas as influências e, portanto, apta a *olhar o fato*; então, eu olho o fato.

Por favor, procurai fazer isso enquanto me estais escutando. Em regra, sois ambiciosos; viveis, em maioria, uma vida contraditória e conheceis as agonias da contradição. Estais procurando preenchimento, seja por meio da família, do nome, do escrever um livro, dos filhos, seja tentando tornar-vos "homem importante" — estais sempre em busca de preenchimento. E, quando há essa ânsia de preenchimento, há também a frustração com suas agonias. Tentais preencher-vos porque vos vedes sós, interiormente vazios. Isso é um fato. Pois bem, olhai o fato de que sois ambicioso, sem procurar desculpas e sem dizer: "Que irei fazer para viver nesta sociedade corrompida, alicerçada que está na aquisição, no poder e na ambição?" Negando esta sociedade, estais fora dela; por conseguinte, podeis viver uma vida diferente e, entretanto, estar em sociedade. Assim, deveis olhar o fato de que sois ambicioso, de que sois invejoso, ávido, e tornar-vos cônscio das influências que vos impedem de olhá-lo — ou seja, os ideais, etc. Quando negais as influências, podeis mover-vos de fato para fato. Assim, da negação nasce a energia necessária para olhar o fato; e necessitais de extraordinária energia e de completa ausência de atrito.

Havendo conflito, há sempre dissipação de energia. Se há preenchimento, autopreenchimento, em qualquer sentido — em Deus, num livro, numa mulher, em vossos filhos — há dissipação de energia, porque o conflito gera frustração, contradição. O *negar* o preenchimento significa enfrentar o fato de serdes ambicioso. E esse fato vos revela por que ambicionais. Nada precisais fazer; observai, apenas, o fato, e ele se vos revelará. O que tendes de fazer é apenas observar sem comparação, sem julgamento, sem avaliação; podereis então ver quanto estais vazio. Tendes emprego, tendes esposa, tendes marido, tendes dinheiro, tendes saber, exteriormente. Mas, interiormente, é imensa a pobreza, há um vazio, uma solidão que nada pode preencher; e a fuga a esse estado é a essência da contradição. Ora, vós tendes de *olhar* essa solidão. Vou considerá-la por alguns momentos mais, considerar de que maneira podemos olhá-la.

Em primeiro lugar, o fato é que estais *só*; o fato é que vossa mente está de todo deformada por influência da sociedade; o fato é que estais procurando fugir à realidade, *ao que sois* — que nada é, absolutamente. Nada sois; mas isso não implica desespero, desgosto: é um fato. Ora, observar o fato significa negação, como estive explicando, sem comparação, julgamento, avaliação. Mas, também, o olhar o fato exige compreensão da palavra. Entendeis?

A palavra "cólera", a palavra "Deus", a palavra "comunista", a palavra "Congresso", a palavra "Índia" — de todas estas palavras somos escravos. E a mente escravizada a uma palavra não pode ver o fato. Quando pensamos na Índia, tornamo-nos emocionalmente agitados — trata-se de nossa venerável nação, etc. — e isso nos impede *o olhar*. Negar todo o passado, para ver o fato — disso somos incapazes, por causa da palavra, da importância que a palavra "Índia" nos confere — palavra com que estamos identificados, esquecendo a realidade. Qual a realidade, independente da palavra? Do mesmo modo, como é que olhamos a palavra "cólera"? A palavra "cólera" é, em si mesma, condenatória; e como poderemos livrar-nos dela, para olharmos aquilo que se chama "cólera"?

Dessa maneira, podeis começar a descobrir, por vós mesmo, o quanto o pensamento está escravizado à palavra. E vereis, se penetrardes fundo, que não há pensamento desacompanhado de palavra. Vereis também, se vos aprofundardes mais ainda, que onde há pensador e pensamento há contradição, e que toda forma de experiência só serve para dividir e fortalecer o pensador e o pensamento como processos separados. Assim só quando todo esse processo — que estive explicando desde o começo até agora — tiver sido com-

preendido, examinado, observado, poderá a mente "emergir" da estrutura social, ambiente e verbal, como uma mente incorrupta, clara, sã. Então ela já não está sujeita a nenhuma influência; está completamente vazia. Só essa mente pode transcender o Tempo e o Espaço. Só então desponta o Imensurável, o Incognoscível.

28 de fevereiro de 1962.

A ORIGEM DO MEDO

(Bombaim — IV)

Esta tarde desejo falar sobre o medo. E pretendo falar de maneira tal que todos nós, ao sairmos daqui, estejamos livres do medo — não, temporariamente, porém total e definitivamente. Isso é possível.

Mas, antes de entrar nesta matéria, desejaria chamar vossa atenção para a qualidade que se chama humildade — pois há tão pouca humildade. Sem humildade, não podemos aprender; e aprender não é acumular; o aprender que acumula torna-se mero conhecimento. Há enorme diferença entre as informações que acumulamos como conhecimento, e o aprender em que não há "centro de acumulação". E importa compreender isso, porque, depois, quando falarmos sobre o medo — o fato do medo — aprenderemos. Se não há humildade, nunca vos libertareis dessa coisa extraordinária denominada "medo".

Temos, pois, de compreender o que é "aprender". O aprender exige uma mente lúcida, pronta, compassiva. A não ser assim não há humildade, isto é, não há uma mente capaz de pensar com clareza, de modo racional e são, não-pervertido; e um coração que "responde" com presteza. Essas duas coisas devem existir onde está a humildade; e humildade implica aprender. A humildade não é uma qualidade cultivável. No cultivá-la, já não há humildade. Humildade não é virtude. Virtude é apenas ordem. É necessária a ordem. Ordem em nosso quarto, ordem em nossa mente, ordem em nossa vida, ordem em nosso falar e vestir, etc., ordem em nosso comportamento — tudo isso supõe virtude. Mas a humildade não é virtude. Ela existe momento por momento. Existe quando a mente está vigilante, aprendendo, investigando, absorvendo. E a humildade é, essencialmente,

uma qualidade da mesma natureza que a afeição; porque, se não tendes afeição, se não tendes um profundo sentimento de amor, não podeis aprender.

Assim, muito importa o aprender — o aprender que não é processo de acumulação. Podeis aprender de vossa esposa, de vosso marido, de vossos filhos, de vosso emprego. Podeis aprender de vosso comportamento — da maneira como vos comportais, o que dizeis, o que fazeis. Podeis aprender quão profundamente vãos e frustrados sois. E esse processo de aprender se verifica em clarões, momento por momento. Por favor, compreendei isto: o aprender não pode ser contínuo; ao ter continuidade, torna-se "acumulativo" e, portanto, já não é aprender. Só se pode aprender quando a mente é nova, ardorosa, "inocente", quando não há acumulação, "ajuntamento", armazenamento num centro, *de onde* se aprende. Se há um centro de onde se aprende, esse aprender não passa de mero processo "aditivo" e, portanto, deixa de ser aprender.

Vamos aprender sobre o problema do medo. Mas a compreensão do medo requer capacidade para investigar e aprender dessa investigação — mas não com a idéia de ficar permanentemente livre do medo. Nós vamos aprender; mas, se dizeis: "Preciso ficar permanentemente livre do medo", já consolidastes o conhecimento da continuidade e, por essa razão, nunca ficareis livre do temor. Vamos, pois, aprender. E, para aprender, é necessário clareza de espírito e pronta compaixão. Sem essas duas coisas, não é possível aprender e a humildade não existe.

Herdamos da sociedade muitos problemas. Nascemos com problemas e com eles morremos. Temo-los aos milhares; tudo o que tocamos, tudo a cujo respeito pensamos se torna um problema; e nunca, por um dia, por uma hora, sequer, estamos livres de problemas. Mesmo dormindo, somos atormentados por problemas. A continuidade de um problema embota a mente, corrompe-a. O problema que "transportastes" de ontem para hoje já vos turvou a mente, a clareza do pensamento. Mas nós passamos de um dia para o outro, de ano para ano, com problemas não resolvidos, não compreendidos; e esses problemas se tornam uma carga que perverte, que corrompe, que embota a mente.

Há, não só os problemas conscientes, mas também os problemas inconscientes, que se manifestam por meio dos sonhos — sonhos que requerem interpretação. E, assim, quer acordados, quer dormindo, temos problemas e mais problemas. Problema é tudo aquilo que não foi resolvido, que não foi compreendido; e da sociedade herdamos

numerosos problemas, aos quais se acrescentaram os de nossa existência individual. A primeira coisa — parece-me — que impende compreender é que um problema deve ser liquidado imediatamente, e *não* "transportado" para o futuro — qualquer que seja esse problema. Porque, se não o liquidamos prontamente, acostumamo-nos com o problema, ele se torna hábito; e a mente que funciona na rotina do hábito não pode pensar com lucidez, não tem compaixão.

Necessita-se, pois, de pronta reflexão, para se pôr fim a um problema incontinenti, tão logo desponte, e qualquer que ele seja — físico ou psicológico. Se estais doente, não deixeis a doença criar raízes na mente, porque então ela se torna psicossomática — isto é, torna-se um problema psicológico que perverte o pensamento e, por conseguinte, atinge o corpo físico. Nessas condições, é essencial solucionar de imediato cada problema, assim que surge, para não se enraizar na mente.

É possível viver completamente sem problemas; mas isso, naturalmente, não significa evitar a sociedade ou retrair-se e desaparecer entre as montanhas... ou num hospício. A cada minuto existe um problema. Eu vos estou propondo agora um problema ao dizer que é possível viver sem problema algum, extinguindo cada problema imediatamente. Isso se torna para vós um problema, porque logo perguntais: "Como?" Já tendes uma infinidade de problemas, aos quais acrescentais mais este problema. Não há "como?" Mas deveis compreender a importância de dar fim a um problema imediatamente, logo que surge; deveis ver que quando a mente tem um problema e está "vivendo com ele" (não importa qual seja a problema: problema do marido, problema da mulher, do sexo, de Deus, da bebida, do ganhar o sustento — qualquer problema, enfim), se não tratarmos de lhe dar pronta solução, ele embotará, corromperá a mente; e a mente será incapaz de aprender. Se tendes problemas, não podeis ser afetuoso; sois egocêntrico, vos tornais cruel, mordaz. Assim sendo, é preciso enfrentar o problema (que é um conflito, um "caso" não resolvido) logo que surge, aprender, logo que ele surge, tudo quanto lhe diz respeito.

E não podeis aprender, se vos abeirais do problema com conhecimento trazido do passado. Eis por que releva compreender o que é aprender. Para a maioria de nós, aprender é um processo aditivo. Direis: Aprenderei, experimentarei, acrescentarei; e, daí por diante, serei capaz de levar uma vida melhor, poderei compreender melhor". A compreensão é resultado de um processo acumulativo, como o conhecimento? Ou a compreensão é ação imediata? Isto é, quando

nenhum problema tem, a mente é capaz de *olhar,* de *observar,* de estar *atenta,* de *escutar,* instantaneamente. E isso só é possível se cada um compreende a enorme importância de resolver cada problema logo que surge, sem deixá-lo lançar raízes no solo da mente.

Nas quatro ou cinco palestras seguintes — não sei quantas ainda haverá — pretendo falar acerca de muitos outros assuntos, tais como a morte, a religião, a meditação. Por isso, importa compreender o que é aprender "a respeito de um problema". Mas não podeis aprender rapidamente "a respeito de um problema", se ficais afeito a ele; muito importa, pois, não vos acostumardes com o problema. Entretanto, é justamente isso o que acontece com a maioria de nós: brigamos com nossa mulher, com nossos filhos, com nossos vizinhos; percorremos ruas imundas, sentamo-nos em ônibus sujos — mas nunca notamos nada disso, porque com tudo nos habituamos. Nunca notareis uma árvore bela, a palmeira que se ergue perto de vossa casa, porque vos acostumastes com elas. Já se vos tornou hábito a maneira como falais aos vossos serviçais; e o enorme respeito que demonstrais para com o homem de quem esperais obter alguma coisa — com isso também vos acostumais. Assim, desde que nos habituamos com uma coisa, com um problema qualquer, começa a corrupção, começa o embotamento.

Estou citando todos estes fatos porque (já que vamos investigar a questão do medo e aprender o que ele significa — e não fazer dele um problema) temos de compreender profundamente o significado do aprender. Porque, vede bem, o amor requer uma mente livre, uma mente imaculada. Mas nossa mente não é imaculada. Nós não somos livres, não sabemos o que significa o amor. Sabemos o que significa concupiscência, sabemos o que significa o apego "possessivo" à família; mas isso não é amor. E quando a mente está cheia de problemas, dilacerada por tantos "casos" não resolvidos — nunca poderá amar. Nossos sentimentos estão mortos. E foram os problemas que mataram toda a nossa beleza, que esmagaram nossas reações instintivas, naturais, espontâneas, a "presteza" de nosso coração.

Se nesta tarde escutardes (não intelectualmente, nem verbalmente, não com a idéia de que, escutando, ireis resolver os vossos problemas), escutardes, simplesmente, então vós e eu poderemos comungar naquele nível onde existe a compaixão que responde com precisão, a compaixão que traz clareza à mente. Só quando, emocionalmente — não sentimentalmente, romanticamente, porém *emocionalmente* — estais em contato com um problema, pode este ser

resolvido. Mas nunca estamos em contato dessa maneira; estamos em contato com o problema intelectual ou verbalmente, mas nunca emocionalmente; porque nos acostumamos com a vida, nos acostumamos com a nossa maneira de viver; acostumamo-nos com nossas mulheres e filhos, com nossos empregos, com a cidade suja, com as religiões organizadas. Nunca vedes o mar agitado, nem a beleza do ocaso, porque tendes problemas. E a mente que tem um problema nunca é uma mente audaz, uma mente juvenil; mas, para aprender, deveis ter uma mente nova, uma mente sem compromissos, não comprometida com nenhuma crença, nenhuma igreja, nenhuma organização política ou religiosa, nem com a família. Só então podereis *aprender*. Há beleza em aprender, não em adquirir conhecimentos, que se tornam entediantes; onde há aquisição, amontoar de conhecimentos, aí existe vaidade; e a vaidade, que é a essência do preenchimento, se torna acrimoniosa, mordaz.

Vamos, pois, aprender o que é o temor. Não vamos resolver o problema do medo; mas, aprendendo o que ele é, iremos dissolvê-lo completamente e, assim, extingui-lo. Mas, se começais com uma intenção, consciente ou inconsciente, dizendo como seria maravilhoso estar livre do medo, nesse caso nunca vos libertareis dele, e jamais *aprendereis*. E nós vamos aprender. O medo nunca é constante; ele existe por causa do pensamento, que projeta essa ansiedade para o futuro, ou porque, em virtude de seu conhecimento do passado, sabe o que é "ter medo" e, por conseguinte, deseja evitá-lo. Tende a bondade de acompanhar isso, não verbalmente, porém realmente, em vós mesmos. Sabeis que temeis muitas coisas não é verdade? Medo de vossa mulher, de vosso marido, medo de vosso vizinho, medo a respeito de vosso emprego, medo de não alcançar o céu, medo da morte, da opinião pública, de mil e uma coisas. Tomai um desses temores que vos afligem, um com que estejais bem familiarizado, e examinai-o enquanto falo sobre o medo; examinai-o, investigai-o, observai-o, prestai-lhe atenção. Não tenteis livrar-vos dele, dizendo: "Vou observá-lo, *a fim de ficar livre dele*". Dessa maneira nunca ficareis livre dele. Tendes de aprender tudo o que a ele se refere; mas só o fareis se perceberdes que *não podeis* livrar-vos dele. Tendes de aprender tudo a seu respeito e, por conseguinte, compreendê-lo; se assim procederdes, ficareis completamente livre dele.

O pensamento é a origem do medo. Se não houvesse pensamento, não haveria medo. Se nenhum pensamento tivéssemos a respeito da morte (como, por exemplo, "que aconteceria se eu morresse?") e a morte ocorresse neste mesmo instante, não teríeis medo nenhum. É o pensamento a respeito da morte que vos infunde temor

— temor proveniente da experiência do passado e "projetado" no futuro. Notai, por favor, que o que estou dizendo é muito simples. Observai-o vós mesmo. O pensamento resulta do tempo; o tempo é memória. Mas não estou falando acerca do tempo; estou falando sobre o pensamento como tempo. Estamos falando a respeito do pensamento e não a respeito do tempo. O pensamento formou, por meio da experiência, reações autoprotetórias, tanto fisiológicas, como psicológicas. Quando encontrais uma cobra, há uma reação instintiva de autoproteção. Esta espécie de medo, que é autoprotetória, é necessária; porque, do contrário, seríeis destruído; de outro modo, não prestaríeis atenção a um ônibus e correríeis de encontro a ele, ou cairíeis num fosso. Há, pois, esse instinto autoprotetório, o instinto fisiológico de autoproteção, que se formou com o tempo, com a experiência, como memória. Esse instinto reage ao vos deparardes com uma cobra ou um animal feroz, ou ao verdes um ônibus em disparada. Essa reação deve existir, para a mente equilibrada, sã. Mas nenhuma outra forma de medo é saudável, porque foi criada pelo pensamento, pela reação da memória, que se acumulou através de séculos de experiência, e é "projetada" pelo pensamento.

Assim, é necessário compreender o processo do pensar, se desejais compreender o medo — e isso significa que deveis compreender o pensador e o pensamento.

Notai, por favor, que o que estou dizendo é bem simples; estou dizendo o que verdadeiramente penso: isto é realmente simples. Mas, se vos abeirais do que estou dizendo com o vosso condicionamento — isso é que o torna difícil. Não vos aplicais à questão, não escutais o que estou dizendo, com uma mente nova. Vindes para aqui com o que já sabeis, com aquilo que Sankara, Buda ou outro qualquer disse a respeito do pensador e do pensamento; por conseguinte, vos abeirais do que estou dizendo com uma conclusão, com a memória, com conhecimentos prévios; e é isso que torna a questão difícil. Vede-o, por favor. Bem, se desejais aprender algo a respeito do que digo, tendes de pôr de lado tudo aquilo; e só o podeis pôr de lado quando estais em contato emocional com o que se está dizendo.

Como sabeis, segurar a mão de alguém não é um fato intelectual; quando estais em relação emocional com a pessoa, há harmonia, comunhão, há um sentimento entre as duas pessoas. Da mesma maneira, para comungarmos uns com os outros, devemos dar-nos as mãos, emocionalmente, não intelectualmente. Esse mesmo contato emocional, compassivo, afetuoso, deveis ter com o fato do medo, com o fato do pensamento, que vamos examinar. A menos que estejais emocio-

nalmente em contato com o fato, vitalmente, diretamente em contato com ele, não passareis além das primeiras poucas palavras. Enquanto houver divisão entre pensador e pensamento, será inevitável o medo. Vede porque isso acontece: porque há contradição entre o pensador e o pensamento. O pensador está procurando guiar, controlar, moldar, disciplinar o pensamento; mas, por causa dessa divisão, há conflito, há contradição; e onde há contradição, há o impulso para dominá-la, transcendê-la — e aí está a própria essência do medo. Assim, vós tendes de compreender o processo pelo qual surge essa separação entre o pensador e o pensamento, e *não* aceitar o que outro qualquer disse — não importa quem seja: o mais antigo, mais iluminado dos instrutores, ou o mais moderno. Não aceiteis nada de ninguém, mas investigai sempre. Não sigais ninguém; quando seguis, sois incapaz de aprender. E só podeis aprender se estais investigando sem ter um motivo. Se estais investigando com um motivo, estais apenas adicionando, procurando resolver algo que não pode ser resolvido. Por conseguinte, não sigais o que aqui se está dizendo, nem o aceiteis como verdade evangélica — porque não o é. O que outro diz não é a verdade evangélica; vós tendes de descobrir por vós mesmo, sem nenhuma restrição. E isso só é possível quando sois livre, quando vossa mente é imaculada e compassiva.

Há o pensador e há o pensamento. Sabemos disso. É o que fazemos todos os dias: essa divisão. O pensador é o censor, o pensador é o juiz, o pensador é o centro acumulador de conhecimento, de experiência psicológica, etc. É o pensador que reage a todo "desafio"; e sua comunhão, seu contato com uma coisa se efetua por meio do pensamento — se não pensásseis, não haveria pensador. Essa divisão, esse conflito, gera o medo. O centro, o observador, o experimentador, o pensador, está estabilizado; e o pensamento é errante, move-se, modifica-se. O centro nunca muda; ajusta-se, disfarça-se, cobre-se com novas roupagens, novo verniz, novas características; mas ele lá está, sempre. E esse centro gera o medo, porque "reage" sempre de um ponto fixo, embora possa ser flexível.

O pensamento, pois, institui o pensador; não é o pensador que institui o pensamento; porque, se não há pensamento, não há pensador. É possível não pensar absolutamente, não ter um só pensamento que seja, e esse extraordinário estado mental é que é vazio e, portanto, contém todo o espaço. Só é realizável esse estado pela meditação. Mas não digais: "Aguardarei o dia em que falareis sobre a meditação; então investigarei". Não podereis fazê-lo então. Precisais lançar as bases; e para lançardes as bases, deveis estar em contato;

e não podeis estar em contato se apenas vos pondes em relação intelectual ou sentimental. Deveis estar em contato totalmente, com todo o vosso ser — vosso corpo, vossos sentidos, vosso coração, tudo o que tendes.

Portanto, deveis compreender o processo do pensamento. Pensar é reação a um "desafio", pequeno ou grande. Essa reação promana da memória que tendes acumulado. Ao perguntar-vos se sois hinduísta, direis "sim". Esta "resposta", ou reação, é imediata, porque fostes criado nessa sociedade, nessa cultura denominada hinduísta, parse, etc. Todo pensar é reação da memória. E memória é associação. A memória resulta de inumeráveis experiências, conscientes e inconscientes. Vede que o que estou dizendo não é nada novo. Qualquer psicólogo, qualquer pessoa que tenha refletido um pouco a esse respeito, vos poderá dizer a mesma coisa; mas, para compreenderdes o processo do pensar e eliminardes totalmente o centro representado pelo pensador, e que gera o medo — para isso necessitais de clareza, precisais de um escalpelo intelectual, para "abrirdes" tudo o que não compreendeis completamente.

Por conseguinte, o necessário não é ter uma autoridade — a autoridade da própria memória, ou a autoridade de vossa experiência, que foi condicionada através de séculos e que criou o "eu", o "ego". Enquanto existir esse centro — e esse centro cria a divisão entre si próprio e o pensamento — tem de haver medo. A questão, pois, é de como ultrapassarmos, como nos livrarmos desse centro. Não o traduzais como "ego", e não junteis idéias de toda espécie a respeito dele; atende-vos ao fato de que existe um centro de onde julgais, avaliais, censurais. Esse centro de experiências acumuladas cria uma divisão entre si próprio e o pensamento. E quando procuramos superar essa divisão e não o conseguimos, gera-se o medo. Se puderdes juntar as duas coisas, não haverá medo; mas não podeis juntá-las, porque só existe um fato que é o pensamento, e não o pensador.

Ao dizerdes "o pensador" — isto não corresponde a nenhuma realidade. O "eu" é um feixe de lembranças, nada permanente; não é mais permanente do que o pensamento. Mas a mente, o pensamento, deseja a segurança; o pensamento deseja permanência; por conseguinte, o pensamento se estabelece como "centro", e esse centro fala de "Eu Superior Permanente", "Eu Cósmico", "Deus", etc.; mas, tudo é ainda processo de pensamento. Assim, a menos que tenhais compreendido inteiramente o mecanismo do pensar, o medo existirá sempre. Como sabeis, há atualmente certos preparados quí-

micos, drogas, que podem livrar-vos de vosso medo; podeis tomar um comprimido e tornar-vos completamente tranqüilo, sereno, plácido. A ansiedade, o sentimento de culpa, a inveja, e todas as coisas com que o homem vem batalhando há séculos podem ser afastadas com um comprimido. Mas, vede que, tomando uma pílula, não ficais livres de vossa mente medíocre, estreita, limitada, estulta. Ela continua existente; vós apenas a narcotizastes, suspendestes o seu funcionamento. O que nos interessa não é oferecer nem tomar pílulas, mas eliminar a mediocridade da mente, quer dizer, a mediocriadade do pensamento; o pensamento é medíocre, porque o pensamento nunca é livre, porque pensamento é reação do que antes *foi*, em relação com o que *virá a ser*.

A questão, pois, é esta: é possível, com a compreensão do medo, terminar o pensamento — isto é, não deixar o pensamento projetar-se no futuro, e fazer que a mente veja o fato que surge a cada minuto, sem nenhuma "projeção"? Compreendeis? O fato é: tememos a morte. Não estamos falando acerca da morte; isso ficará para outra ocasião; estamos agora falando sobre o temor.

Ora, o pensamento se projeta no futuro. Ele não deseja morrer; não sabe o que ele próprio virá a ser; sabe o que é no presente, com toda a agitação, dor, ansiedade, sofrimento, angústia em que vive; por isso, projeta-se no futuro e sente medo. Porque está confuso, incerto, sem clareza, ele "projeta" uma idéia de permanência, e, por conseguinte, teme não alcançar essa permanência. Tem medo à opinião pública, porque deseja ser respeitável; porque a respeitabilidade é uma coisa muito vantajosa; a sociedade a aprova, considera-a "nobre". Por isso, ele atemoriza-se com que a sociedade possa dizer, e, assim, busca proteger-se. Tem medo de todos os incidentes conscientes e inconscientes. Mas tudo é ainda processo de pensar. Assim, pois, devemos enfrentar cada fato ao surgir, sem pensamento; observar simplesmente cada fato que surge, como num clarão.

Agora, senhores, vou explicar isso um pouco mais, pois vejo que não sereis capazes de seguir com rapidez. Existe o fato de que tenho medo de minha mulher. O pensamento criou esse fato, minhas ações o criaram, e sinto medo. Estou tomando isso para exemplo; na verdade não tenho medo nenhum, pois não sou casado. Vós podeis pensar noutra coisa que temeis. Eu temo minha mulher. Fiz algo de que me envergonho ou que não desejo que ela saiba. Ou, ela gosta de me contrariar, e eu não quero tal coisa; portanto, acho melhor acostumar-me com ela. E acostumei-me — quer dizer, minha mente aceitou o fato, e essa aceitação se tornou um hábito; não dou mais

atenção ao que ela diz. Minha mente, pois, formou um hábito. Essa aceitação (isso é, o ouvir o que ela diz sem lhe ligar importância) corrompeu-me a mente; tornou-a embotada para o fato; isso se tornou um hábito, e eu não ouso quebrá-lo, porque o quebrar o hábito supõe mudança, e eu não desejo mudar. Assim sendo, tenho medo. E esse *é o fato.*

Mas, como é possível compreender o fato do temor sem interferência do pensamento? Pois o pensamento ou deseja "projetar" o fato, ou aceitá-lo, mudá-lo, modificá-lo, conforme sua conveniência. Entendeis? Como enfrentar o fato de que tenho medo, sem aquele *fundo* de temor, de pensamento? Porque o pensamento quererá traduzi-lo, interpretá-lo, moldá-lo, negá-lo, livrar-se dele, superá-lo. O pensamento não o compreenderá, porque o pensamento resulta da memória; só é capaz de "reagir" ao que já conhece, sendo, portanto, incapaz de enfrentar o medo. O medo sempre "vem e vai", não é constante. Embora possa existir permanentemente no inconsciente, o medo não se manifesta continuamente, porém como que em relâmpagos. Como enfrentar esses "relâmpagos" de medo, *sem* pensamento?

Os que temem permanentemente se tornam neuróticos; têm outros problemas. Mas os que são mais ou menos racionais não têm nenhum medo no inconsciente; enfrentam o medo, ocasionalmente ou freqüentemente, na presença de suas esposas. Assim, ao enfrentardes o medo, deveis enfrentá-lo sem pensamento, enfrentá-lo completamente; e isso significa ter compreendido todo o processo do pensar, intelectualmente, verbalmente, e com compaixão, a qual faculta a exatidão que possibilita o contato imediato com o fato. Enfrentar o fato totalmente significa não apenas enfrentá-lo intelectualmente, mas também emocionalmente. Esse processo de "aprender do fato" não é possível quando vos abeirais do fato com o pensamento que já conheceu, pois o pensamento promana do "conhecido".

Podeis enfrentar o temor sem o conhecido? Se puderdes fazê-lo, vereis que já não existe temor, porquanto é a projeção do conhecido que o torna existente. A projeção do pensamento, que é resultado ou "reação" do "conhecido", cria o medo. O pensamento, como tempo, produz medo. E quando compreendeis todo o processo do pensamento e sois capaz de olhar o fato, de ver o fato, de estar em contato com ele emocionalmente, totalmente, então, já não vos abeirais dele com o pensamento, produto do "conhecido"; por conseqüência, vos abeirais do fato de maneira nova. Uma mente nova não teme, uma mente nova investiga.

Dessarte, como disse no começo desta palestra, há necessidade de humildade. A humildade nunca aceita nem rejeita. É arrogância aceitar ou rejeitar. Humildade é aquela extraordinária capacidade de aprender, de descobrir, de investigar. Mas, se já tendes uma acumulação de resultados de vossas investigações, então já não estais aprendendo; por conseguinte, deixais de ser humilde. Muito importa termos humildade, porque é essa qualidade essencial que tem afeição. Sem humildade, não há amor, e o amor não é uma coisa que tem raízes na mente, raízes no pensamento. Assim, só desse extraordinário sentimento de humildade resulta o sentimento de exatidão compassiva, e a clareza da mente. É só então que o medo deixa de existir. E quando o medo deixa de existir, quando o medo finda, não há mais sofrimento.

2 de março de 1962.

INDOLÊNCIA E AUTOCOMPAIXÃO

(BOMBAIM — V)

NESTA TARDE pretendo falar sobre a indolência, o sofrimento, a ação e, se houver tempo, sobre a beleza.

As idéias ou teorias não transformam de fato a mente e o coração. Não há persuasão, não há castigo ou recompensa que possa impedir a astúcia da mente e a crueldade do coração. Não há crença ou dogma capaz de dissuadir a mente, fazê-la abandonar o curso que está seguindo, para alcançar aquilo que deseja. E seria lamentável se cada um de nós saísse destas reuniões levando uma taça cheia de cinzas — de meras idéias e palavras, que nenhuma transformação produzem. E a transformação só é possível quando percebemos ou vemos o fato real.

Muito temos discutido, analisado, citado, argumentado pró ou contra; entretanto, continuamos exatamente como éramos: embotados, insuficientes, insensíveis, completamente absorvidos em nossos próprios compromissos e problemas. E não há quantidade de reflexão, de ansiedade ou de temor que possa dissolver nossos problemas. Vou falar a respeito desses problemas, como já falei a respeito do medo, do poder, da posição, e da autoridade. Não nos interessam idéias; propaganda não revela o fato, e vós tendes de compreender o fato. Nem o templo, nem o livro, nem o *guru* pode ensinar-vos a olhar; mas, vós tendes de olhar-vos, tendes de ser vossa própria luz; e para serdes vossa própria luz, não deveis seguir ninguém. Nenhuma autoridade há quando sois vossa própria luz — não tendes *guru,* não sois um seguidor. Ao serdes vossa própria luz, sois uma entidade criadora. Mas não há possibilidade de criação se existe qualquer forma de indolência.

A indolência é a essência da autocompaixão. Nós somos preguiçosos, indolentes, dados a pensar de maneira negligente, sem

exatidão. Nossa mente está tão confusa como nosso coração e igualmente embotada. E, para compreender a indolência — não "como" livrar-se da indolência — cumpre aprender o que ela é.

Como assinalamos em nossa última reunião, é muito mais importante aprender do que simplesmente resolver um problema. Se puderdes aprender a respeito de um problema, tê-lo-eis resolvido. Vamos aprender acerca da indolência, dessa extraordinária indolência de nossa mente; não vamos acumular conhecimentos sobre a indolência, conhecimentos que se tornam puramente verbais. O aprender implica investigação. Mas, para investigar, a mente deve estar livre para descobrir; e não há liberdade, se vos limitais a aquiescer, a concordar ou negar, ou a defender-vos atrás de uma barreira de palavras e conclusões. Essas coisas são distrações que impedem a clareza necessária ao aprender. Notai, pois, que vamos aprender juntos a respeito da indolência. Isso concerne principalmente aos que vivem neste clima, que têm estado sujeitos a várias formas de tirania e autoridade, e que facilmente deslizam para a letargia mental, a indolência, facilmente aceitam atitudes e valores. Assim, impende perceber que, para aprender, necessita-se de liberdade para investigar.

Nós vamos aprender acerca dessa qualidade, dessa coisa chamada "indolência". Como disse, a essência da indolência é a autocompaixão. Vou estender-me em considerações sobre esta asserção, porquanto, se não compreendermos este problema, esta questão da autocompaixão, não compreenderemos o problema seguinte, ou seja, o sofrimento. É justo ser indolente, é bom ser indolente — no sentido de não estarmos incessantemente ativos, como formigas, ou sempre a fazer alguma coisa, como um macaco. A mente da maioria de nós está perpetuamente ocupada com alguma coisa: palavras, problemas, idéias, resultados; sempre a tagarelar entre si, nunca inativa, nunca quieta — sempre sob tensão. E a mente que não é indolente, que não é preguiçosa, mas tem aquela placidez e sua essencial suavidade, percebe num clarão o que é verdadeiro. Essa inatividade, essa "indolência", essa consciência de um lazer infinito, não deve ser confundida com o conforto. A mente que tem lazer é uma mente excepcional, porquanto não está envolvida na rede da ação, não está perenemente a tagarelar entre si ou a respeito de alguma coisa.

Há, pois, uma qualidade de lazer, de quietude, um "senso" de indiferença, que é necessário. Mas esse estado de quietude, esse "senso" de ilimitado vazio, em que pode ocorrer um lampejo do real — só é possível quando se compreende não só a indolência

do corpo, mas também a indolência com que aceitamos idéias, pensamentos, asserções e conclusões, que se tornam as rotinas que ficamos seguindo, tal como um carro elétrico sobre trilhos. E não sabemos, nem sequer estamos cônscios dessas rotinas. Isso é indolência: não saberdes, não estardes côncio de que vosso pensamento, vosso sentimento e vossas atividades "correm" perpetuamente pelas mesmas "linhas", pelas mesmas rotinas. O mesmo que, aos vinte e cinco ou trinta anos, pensáveis a respeito de uma coisa, pensais ainda hoje. Não há alteração, não há rompimento: nada novo, nada fresco.

E, quanto à preguiça do corpo, à indolência que a maioria das pessoas tem — essa, todos se sentem capazes de ativar, pelo disciplinamento corporal, pelo forçar, impelir, compelir o corpo. Mas, toda forma de compulsão gera conflito; e a mente em conflito com o corpo não dá energia ao corpo, ao organismo: só cria conflito; e esse conflito não é a "qualidade" geradora da energia necessária para ativar o corpo.

Nessas condições, a disciplina, o controle, o forçar o organismo a submeter-se, a erguer-se do leito, a executar várias coisas para "positivar" sua atividade — tudo isso só cria resistência. E onde há resistência, aí há contradição; e é essa contradição que, incompreendida, gera a indolência. Quem estudou e observou o próprio corpo deve saber quando ele necessita e quando não necessita de repouso. Deve saber que não há necessidade de compelir, forçar, impelir o corpo a fazer determinada coisa; o corpo a fará, natural, espontânea, facilmente. Mas é preciso compreender todo o processo da indolência mental. Se um homem se excede no comer, e é indulgente consigo mesmo a vários respeitos, isso denota um estado de extraordinária lassidão, porque sua mente está adormecida; ele se deixa, simplesmente, levar por tal ou qual apetite, e isso se torna hábito, e esse hábito não é mais do que a "continuidade", sem nenhuma reflexão, do que *foi*.

Assim, importa compreender o processo da mente que se tornou indolente. Há indolência quando há ajustamento, estabilização num "cantinho" que talhastes para vós mesmo e vossa família e onde vos sentis seguro, emocional e mentalmente — cônscio de terdes alcançado um certo resultado e felicitando-vos por esse êxito. Isso indica que alcançastes um ponto em que vos sentis bem seguro, livre de toda perturbação. É então que começa a indolência. E tal indolência é a essência da autocompaixão.

Sabeis o que entendo por "autocompaixão"? Autocompaixão significa o íntimo sentimento de não poder contar com ninguém;

ter intimamente o sentimento de estar abandonado, desprezado; de não ser amado, embora ame; de ter fracassado completamente; de que é necessário ter algum êxito; de ser *isto* ou de não ser *aquilo* — a perene "asserção" do próprio "eu"! Em vossas lágrimas, em vossas alegrias, em vossa frustração, em vossas agonias, está o fio, o fio inquebrável, da autocompaixão, atravessando toda a vossa vida; e isso é indolência. Foi aí que começastes a submeter-vos, a estabilizar-vos, a "engordar" mentalmente. E todos buscam, nessa indolência, a segurança. E, uma vez firmado esse sentimento de segurança psicológica, ele se torna o sentimento "de onde" agis, "de onde" existis, "de onde" se nutre a vossa vida.

Como disse, não vos limiteis a escutar palavras, mas tratai de observar vossa própria mente, vosso próprio estado de consciência; procurai ver em que grau de exatidão as palavras representam vosso próprio estado; observai vossa própria mente em funcionamento. Então o que estou dizendo terá significação; mas, se vos estais amparando unicamente nas palavras, neste caso estais vazios; e vossas taças jamais se encherão, ainda que fiqueis a buscar por toda a eternidade. Assim, *escutar* é, com efeito, a observação de vossa própria mente; *ver* é, com efeito, observar o movimento de vosso próprio pensamento. Porque é o pensamento, a palavra, que vos impede o *escutar*, o *ver*. E se desejais compreender, em sua inteireza, o problema do sofrimento, o problema da ação, deveis compreender a autocompaixão.

O sofrimento é, ao mesmo tempo, a ação própria e a ação recíproca da autocompaixão e da memória. Vós sofreis por terdes perdido alguém; sofreis porque alguém não vos ama; sofreis porque não conseguis um emprego melhor; sofreis porque alguém é mais belo, mais inteligente, mais ativo, mais sensível do que vós. Sois ciumento, invejoso, ávido. Tudo isso são sinais de conflito e de sofrimento. O sofrimento não é uma "crise tremenda" causada por algo incontrolável ou incompreensível. Vós podeis transformar vossa mente de maneira completa, podeis ficar de todo livre do sofrimento e nunca mais serdes por ele atingido.

Se nesta tarde ficardes escutando — *escutando* realmente, sem esforço algum, *sem* o desejo de vos livrardes do sofrimento — se puderdes escutar como que num "encantamento", com naturalidade, com prazer, assim como contemplais o entardecer, o esvoaçar de uma ave ou de uma folha — como se o que escutais não se relacionasse convosco — vereis que a carga do sofrimento será retirada de vossos ombros, não momentaneamente, não por um dia: estareis livre do sofrimento.

Se puderdes compreender o sofrimento — o *fato,* e não as idéias que formais e nutris a respeito do sofrimento — tereis descoberto o meio de fazê-lo cessar. Existe a idéia do sofrimento e existe o *fato real,* o *sofrimento*; são duas coisas diferentes. Em geral, temos a idéia do sofrimento. Se meu filho morre, se perco minha mulher, se alguém não me ama, se não são tão inteligente como vós, a idéia importa mais do que o fato. Não sabemos enfrentar o *fato* de que há sofrimento (*não* a idéia de sofrimento).

Por favor, procurai compreender a diferença entre as duas coises. Porque olhamos o sofrimento através da *idéia* e, formando idéias a seu respeito, não o olhamos verdadeiramente. O nutrir idéias sobre o penar é autocompaixão, é reação da memória e, por conseguinte, *não é* o sofrimento. A idéia de alimento não é o alimento. Mas a maioria de nós vive de idéias, herdadas ou adquiridas; essa é nossa nutrição mental, com que nos satisfazemos. Por isso, nossa mente se torna embotada, insensível, desatenta, vazia.

Perceber o fato do sofrimento é "estar fora" da autocompaixão, livre dela. Autocompaixão é uma idéia que temos acerca de nós mesmos. "Porque isso acontece a mim, e não a vós; porque não sou tão poderoso, tão famoso, tão importante, tão popular como sois; porque me foi arrebatado meu filho, minha mulher; porque fui por ela abandonado; porque não sou amado? — Tudo isso são idéias, nascidas da autocompaixão, reações da memória. E com essa autocompaixão, com essa reação da memória, olhamos aquilo que consideramos "sofrimento". O que olhamos, por conseguinte, não é o sofrimento, porém, sim, o movimento da autocompaixão. Isso poderá ferir-vos os ouvidos, mas é o fato — *o fato psicológico.* Se disserdes a uma pessoa que perdeu o pai, a mulher, o irmão, quem quer que seja: "Olhai o fato, não vos deixeis dominar por vossa autocompaixão" — essa pessoa vos considerará muito cruel, sem coração, sem compaixão, sem amor.

O fato é que ninguém está livre do sofrimento. Se observardes a vós mesmo em sofrimento, vereis que, só compreendendo-lhe o processo integral, podeis deixar de sofrer. Ao observardes vosso próprio sofrimento, vereis quão estreitamente ele está relacionado com a autocompaixão e com todas as lembranças de coisas passadas. São as coisas que passaram e a lembrança que delas guardamos, que geram a autocompaixão e o sentimento de solidão. E, assim, o penar continua, dia após dia, mês após mês, até morrerdes. Levantastes em torno de vós mesmo uma muralha de autocompaixão, uma muralha de lembranças frustradas. Estais vivendo num túmulo e vossa vida

perdeu toda a significação. *Daí,* investigais o sofrimento, daí ledes livros, *daí* procurais descobrir como dele escapar.

Por isso, tendes vossos deuses, vossos livros, vossos cinemas, vossas diversões. Todas essas coisas estão no mesmo nível. Se recorreis a uma bbida ou se preferis ir ao emplo — é a mesma coisa. Tudo são vias de fuga, nascidas de uma mente que é a própria essência da autocompaixão. Não podeis livrar-vos da autocompaixão; não digais: "Como me livrarei da autocompaixão?" Isso é outra forma de preocupação com vós mesmo e, portanto, autocompaixão. O mais que podeis fazer é procurar conhecer o que vos impede de olhar o fato — o sofrimento; o *fato* — a angústia, a confusão, a desdita que vos envolvem.

Como olhais o fato do sofrimento? Quando o olhais *sem* autocomcompaixão, sem a recordação das coisas que passaram, há então sofrimento? Se não houvesse a lembrança de meu filho, de como era belo, feliz, o que poderia tornar-se; se não me estou imolando à lembrança dele; se, por meio dele, não "imortalizar" a mim próprio; se nele não depositei tudo — minha própria pessoa, minhas idéias, minhas esperanças, meus temores, minhas frustrações — tudo lembranças de coisas pretéritas — e se a autocompaixão e a lembrança das coisas que passaram não existem, há então sofrimento? Não posso, então, olhar o fato com uma mente de todo diferente? Essa mente não é indolente; está livre das coisas que produzem a indolência, a preguiça, a inércia Isto é, a autocompaixão e a lembrança são as causas que tornam a mente embotada; são elas que impedem o completo e instantâneo percebimento do fato. Assim, quem deseja compreender o sofrimento deve compreender todo esse processo de ação egocêntrica e "expansível", e o mecanismo do hábito, da memória. Vós *sois o que sois* — um campo de batalha de vossas lembranças, e nada mais. Retirem-se as lembranças da infância, da juventude, de todas as coisas que tendes adquirido, de quantas tendes experimentado e sofrido, das coisas que pensais que sois — e que restará de vós? É o sentimento de solidão, de vazio, de insuficiência, que causa a autocompaixão; e esse pensamento gera infinito penar e agitação. Estais-me escutando a fim de vos compreenderdes. E, compreendendo o que estou dizendo, podereis eliminar instantaneamente esse processo da autocompaixão.

Não necessitais do tempo. O tempo *não é* a via da transformação; o tempo nunca produz transformação; o tempo traz a aceitação, o hábito: vós vos acostumais, vos enfastiais, vos tornais embotado, estulto. Mas, para poderdes livrar-vos da "continuidade" da

autocompaixão, geradora de sofrimento, deveis *vê-la* incontinenti. E *podeis* vê-la num instante. Podeis acrescentar-lhe mais particularidades; mas, particularidades não importam, razões nada significam, e não valem as conclusões. A verdade é que sois incapaz de enfrentar o fato — o fato de terdes perdido vosso filho, de não serdes tão inteligente, tão cheio de vitalidade como eu; quando enfrentais esse fato *sem* autocompaixão, estais então livre de mim, já não vos achais num "estado de comparação".

A mente, pois, se preocupa consigo própria, como o faz a maioria das pessoas. Deveis preocupar-vos com vós mesmos, num certo nível — pois precisais ganhar a vida. Mas a preocupação pessoal num nível mais profundo, no profundo nível psicológico, provoca a inércia, que é indolência. Psicologicamente, interiormente, se vos observardes e ao mundo que vos circunda, podeis ver que vossa ação é simplesmente uma reação, que todas as vossas atividades são reações, "respostas" correspondentes a vossos gostos ou aversões.

Acompanhai-me por mais alguns instantes, pois desejo mostrar que existe uma atividade não resultante de idéia. Vereis que há uma ação procedente da total negação da reação, ação que, por conseguinte, é criadora. Para compreender isso, para penetrar esta questão — que, em verdade, não é complexa, porém requer um estado mental fora do comum — impende compreenderdes as vossas reações, das quais se origina a vossa ação diária. Nós reagimos, nos revoltamos, defendemos, resistimos, adquirimos, submetemo-nos, e tudo isso são reações.

Digo-vos alguma coisa que vos desagrada e, portanto, tratais de fazer algo em reação a isso de que não gostais e que não quereis aceitar. Nesse nível estamos atuando a todas as horas. Fostes educado, condicionado para seguir um certo padrão de vida; esse padrão fica sendo vossa própria vida, vossa norma de vida, interior e exteriormente. E, quando alguém o contesta, vos revoltais, reagis de acordo com vosso condicionamento, consoante os vossos hábitos; dessa reação origina-se outra ação. Vivemos, assim, a mover-nos de reação para reação e, por conseguinte, nunca estamos livres. Esta é uma das origens do sofrimento. Por favor, procurai compreender isso.

Não pode deixar de haver reação. Ao verdes uma coisa feia, vossa mente tem de reagir; ao verdes algo belo, ela tem de reagir; ao verdes uma serpente venenosa, ela tem de reagir; se assim não fosse, estaríeis morto, insensibilizado, desvitalizado, embotado. Mas essa reação difere da reação que a sociedade e vós mesmos desenvolvestes, mediante vossas experiências e que se tornou vosso condi-

cionamento. Se, ao verdes uma árvore, o pôr-do-sol, não reagis, estais entorpecido. Mas, quando "reagis" em conformidade com vossa autocompaixão, com vossas conclusões, vossos hábitos, vossos fracassos, êxitos, esperanças, desesperos — tal reação leva à ação incompleta e, conseqüentemente, à continuação do conflito e do sofrimento.

Espero estejais percebendo a diferença entre as duas qualidades de reação. A reação que vê e não traduz o que vê segundo seu próprio condicionamento — essa é uma qualidade de reação; é a *ação real*. E a outra qualidade de reação é aquela que vê e diz: "Isto é belo, quero possuí-lo". Essa reação procede do condicionamento, da memória, da autocompaixão, do desejo, etc. A reação nascida da idéia é uma coisa, e outra coisa é a reação sem idéia. A reação nascida da "ideação", de conclusões, de hábitos, de tradições, conduz ao cativeiro, à amargura. E a reação sem idéia, consistente puramente em observar, essa conduz à liberdade — ou, melhor, ela *é* liberdade — não "conduz"; a liberdade não vos conduz a parte alguma.

Só a mente livre se acha no estado de negação — negação das reações positivas de uma mente condicionada. E só a mente mantida na negação, no estado de negação, pode perceber, num clarão, o que é verdadeiro. Vede, por favor, que não estou dizendo nada de complexo; isto não é complexo, é muito simples. Mas, justamente por causa de sua simplicidade, perdeis seu significado. Porque vossa mente é tão complicada, quereis achar muitas coisas no que estou dizendo — que, afinal de contas, é bem simples. Vossas reações são produto de vosso condicionamento de hinduísta, de homem rico, de homem pobre, de mulher, de homem — do que quer que sejais — com todas as vossas experiências, vossas esperanças, vossos deuses, vossas ânsias, vossos apegos; o condicionamento existe, e vossas reações partem dele. E quanto mais reagis, tanto mais essas reações se aprofundam em vós mesmo. Continuais, assim, no cativeiro de vossas próprias reações, de vossas próprias limitações. Isto é bastante simples. Não requer minuciosa investigação psicológica. Mas, o que verdadeiramente exige energia, atenção, é a negação total das reações positivas da mente condicionada. Ao negardes, observais sem "ideação", sem nenhum pensamento; estais olhando.

Ora, senhores, quando desejais compreender vossos desditosos filhos — desditosos, porque não sabeis educá-los — tratais de mandá-los para escola... e está tudo acabado: as crianças se tornam máquinas.

Não estou fazendo uma preleção sobre educação. Se tendes um filho, deveis observá-lo, prestar-lhe atenção. Se desejais conhecê-lo,

não digais que ele *deve* ser *isto* ou *aquilo*, não o obrigueis a fazer *isto* ou *aquilo*; *observai, aprendei*, porque é vosso coração que deve "responder", e não vossa pequena e feia mentalidade possessiva.

Assim, deveis aprender a conhecer o vosso filho. E não podeis aprender se "respondeis", se "reagis" como pai, com vossa autoridade, vosso exagerado senso de importância — como se de fato tivésseis criado um mundo maravilhoso! Assim, se desejais compreender uma criança, deveis olhá-la sem pensamento nenhum, descobrir o que ela sente, o que pensa. Ora, se a olhais dessa maneira, vossa mente estará nesse momento vazia, porque estareis interessado na criança. Não a estareis "vestindo" com vossas idéias, vossas esperanças e temores; desejais ver o que ela *é*.

Pois bem; se sou capaz de olhar o sofrimento — o incidente, a morte de meu filho; se sou capaz de olhar isso, olhar o *fato*, nesse caso, olho sem nenhuma reação; minha autocompaixão e minhas lembranças foram postas de parte. Mas, em geral, nos comprazemos na autocompaixão. Não temos outra coisa de que nos nutrirmos e, por conseguinte, a autocompaixão se tornou nossa nutrição. Quanto mais velhos ficamos, mais importantes se tornam as lembranças, as coisas pretéritas.

Deste modo, a ação, nascida de reação gera sofrimento. Nossos pensamentos resultam, quase todos, do passado, do tempo. A mente não alicerçada no passado, que bem compreendeu esse "processo" de reação, pode atuar, a cada minuto, de maneira total, completa.

Tende a bondade de escutar, pois o que agora vou dizer será talvez um pouco difícil. Escutai-o, pois, com toda a atenção, como se estivésseis distanciados de mim. Vou falar sobre uma coisa que ireis encontrar, se tiverdes feito com agrado, com prazer, tudo o que indiquei. Depois de terdes examinado todo o processo da ação nascida da reação, e negado essa ação, com enlevo, com alegria — e não com pesar — vereis que, natural e facilmente, alcançareis um estado mental que é a vera essência da beleza.

Importa compreender a beleza. A mente que não é bela, que não se encanta com uma árvore, uma flor, um belo rosto, um sorriso; que não se detém à beira do mar a contemplar as vagas inquietas; que não tem nenhum senso de beleza — essa mente nunca descobrirá o amor, a verdade. Essa beleza vos foi negada porque ela exige paixão, exige toda a vossa energia, requer atenção completa, não dividida; e essa atenção completa, não dividida, é negação, um estado de negação.

Só do nada pode sair a criação; desse vazio surge aquela criação que é a totalização da energia. Mas vós não podeis alcançá-la. Deveis deixar bem longe a vós mesmo, perder-vos por longe, esquecer-vos; para alcançá-la, deveis estar imaculado, sem lembrança, sem pensamento, sem memória. Porque, *aí*, nada podeis experimentar, *não há* experimentar; se buscais experiência, estais ainda preso ao "conhecido", às coisas de ontem.

Estou falando a respeito da mente não indolente, que não tem autocompaixão, que não tem memória, salvo a memória mecânica, necessária ao viver — o lugar onde se reside, o emprego que se exerce, os atos normais da vida. Essa mente não tem "memória psicológica" e, por conseguinte, nada precisa experimentar; por conseguinte, não há "desafio". Só essa mente é, ela própria, a realidade, a criação, a beleza.

A beleza não está no rosto, por mais delicados que sejam os seus traços. Não é produto da atividade humana. Nem resulta do pensamento, do sentimento. Beleza é aquela comunhão com todas as coisas, sem reação alguma, comunhão com o feio e com o chamado "belo". Essa comunhão sai do nada; nesse estado há aquela beleza que é Amor.

4 de março de 1962.

QUANDO SURGE O AMOR

(Bombaim — VI)

Hoje vou apreciar a questão da morte. Apreciá-la-ei em conexão com a velhice e a madureza mental, o tempo e a *negação*, que é amor. Mas, antes de começar, devemos perceber claramente e compreender a fundo, que o medo, em qualquer de suas formas, perverte e cria a ilusão, e que o sofrimento embota a mente. A mente embotada, a que se acha enredada em qualquer espécie de ilusão, nenhuma possibilidade tem de entender a extraordinária questão da morte. Nós buscamos abrigo na ilusão, na fantasia, no mito, em ficções de todo o gênero. E a mente que de tal maneira se deixou embotar não pode de modo nenhum compreender essa coisa que se chama "a morte"; tampouco pode alcançá-la a mente embotada pelo sofrimento — conforme explicamos em palestra anterior.

A questão do medo e do sofrimento não admite filosofar, nem fugir. Ela nos acompanha como nossa sombra, e temos de compreendê-la direta e imediatamente. Não podemos "transportá-la" de dia para dia, por mais profundo que nos pareça ser o penar ou o temor; quer consciente, quer inconsciente, o medo tem de ser prontamente compreendido. A compreensão é imediata; não vem no decorrer do tempo. Não deriva do contínuo investigar, buscar, indagar, exigir. Ou vedes tudo, completamente, "num clarão", ou nada vedes. Já tratei disto suficientemente nas duas palestras precedentes, em que estivemos considerando o medo e o sofrimento.

Nesta tarde desejo examinar essa coisa chamada "morte" — tão familiar a todos nós. Temo-la observado, temo-la visto, mas nunca a experimentamos; nunca tivemos oportunidade de transpor os umbrais da morte. Ela deve ser um estado extraordinário. Desejo examiná-la, não sentimentalmente ou romanticamente, não com um

conjunto de crenças organizadas, porém em sua realidade, como um fato: tomar conhecimento dela assim como tomo conhecimento do grasnar daquele corvo que está pousado na mangueira — da mesma maneira concreta. Mas, para perceberdes uma coisa concretamente, deveis ouvir com a mesma atenção com que ouvis aquela ave; não fazeis esforço algum, mas estais ouvindo. Não dizeis "Que corvo importuno! Preciso escutar o que alguém está dizendo"; mas ouvis a ave e também o que se está dizendo. Mas, quando quereis ouvir apenas o orador e resistir à ave e ao barulho que faz, não ficais ouvindo nem a ave nem o orador. E é de supor que seja isso o que acontece com a maioria de vós quando desejais escutar alguém falar sobre um complexo e profundo problema.

Em maioria, nunca aplicamos nossa mente de maneira total, completa. Nunca "viajastes" com um pensamento até o seu final. Jamais vos entretivestes com uma idéia, para verdes todo o seu conteúdo e ultrapassá-la. Por isso, será muito difícil, para vós, o que vou dizer, se não prestardes atenção, isto é, se não escutardes sem esforço, com prazer, graciosamente, despreocupadamente. É coisa dificílima para a maioria de nós: escutar. Porque estamos sempre traduzindo, sem escutar verdadeiramente o que se diz.

Desejo considerar a morte como um fato — não vossa morte, nem minha morte, nem a morte de alguém, alguém de quem gostais ou de quem não gostais: a morte como problema. Como sabeis, somos governados pelas imagens, pelos símbolos; os símbolos têm para nós desmedida importância, tornaram-se mais "reais" do que a própria realidade. Se começo a falar sobre a morte, pensais logo em alguém que perdestes, e isso vos impede de *olhar* o fato. Vou apreciar esta questão de diferentes pontos de acesso — não simplesmente o que é a morte e o que há após a morte; estas são perguntas de todo infantis. Quando se compreende que a morte implica algo verdadeiramente extraordinário, não se faz a pergunta "Que há depois da morte?" Assim, é necessário considerar o que é a *madureza*. Uma mente amadurecida nunca perguntará: "que há após a morte, há uma vida futura, uma continuidade?"

Tratemos, pois, de compreender o que é o pensar amadurecido, o que é madureza e o que é velhice.

A maioria de nós sabe o que é a velhice, pois, quer nos agrade, quer não, todos envelhecemos. Velhice não significa madureza. A madureza mental nenhuma relação tem com o saber. A velhice poderá conter o saber, e não conter a madureza. E poderá continuar cultivando seus conhecimentos e tradições. A idade é um processo

mecânico do organismo que envelhece pelo uso constante. Todo corpo que se gasta constantemente, em lutas, agitações, sofrimentos, medo — depressa envelhece, tal qual uma máquina. Mas o organismo envelhecido não constitui a mente amadurecida. Temos, pois, de compreender a diferença entre velhice e madureza.

Em geral, nascemos jovens; mas a geração que envelheceu não tarda a tornar velhos os jovens. A geração precedente, envelhecida no saber, na dissipação, na discórdia, no sofrimento, no temor, exerce sua influência nos moços e, depois, como já é velha na idade, desaparece. Tal é a sina de cada geração que fica tolhida pela estrutura social da geração anterior. A sociedade não cria uma pessoa nova, uma nova entidade: quer que ela seja respeitável e, por conseguinte, molda-a, dá-lhe a forma desejada, destruindo, assim, o frescor, a inocência da mocidade. É isso o que estamos fazendo com todos os jovens, aqui e no mundo inteiro. E esses jovens, ao alcançarem a virilidade, já estão velhos; nunca amadurecerão.

A madureza requer a destruição da sociedade, isto é, da estrutura psicológica social. A menos que sejais duros com vós mesmo, a menos que estejais completamente libertado da sociedade, nunca amadurecereis. A estrutura social — essa estrutura psicológica de avidez, inveja, poder, posição, obediência — se dela não vos libertardes de todo, psicologicamente, nunca sereis um ente amadurecido. E vós necessitais de uma mente madura. A mente que em sua madureza está só, a mente que não está sendo mutilada, maculada, e que nenhuma carga leva — só essa é a mente madura.

E deveis compreender isto: a madureza não depende do tempo. Se claramente perceberdes, sem nenhuma desfiguração, a estrutura psicológica da sociedade em que nascestes, em que estais sendo criado, educado, então, no mesmo instante dessa percepção, estareis livre dela. A madureza vem instantaneamente, e não no decorrer do tempo. Não podeis amadurecer como o fruto na árvore. O fruto necessita de tempo, de sombra, luz, de ar puro, de chuva; e, nesse "processo", ele amadurece, prepara-se para cair. Mas a madureza não "amadurece": é instantânea; ou estais maduro ou não estais. Eis porque tanto releva, psicologicamente, perceber como vossa mente está tolhida na estrutura psicológica da sociedade em que fostes educado, da sociedade que vos fez respeitável, que vos obrigou a ajustar-vos, que vos impôs o padrão de suas atividades.

Acho que é possível ver, total e imediatamente, a natureza venenosa da sociedade, assim como se vê uma garrafa com a etiqueta "veneno". Quando a virdes assim, não tocareis nela, porque sabeis

ser perigosa. Mas, vós não sabeis que a sociedade é um perigo, que ela é, para o homem amadurecido, um veneno mortal. Porque madureza é aquele estado em que a mente está *só*, não influenciada, ao passo que a estrutura psicológica social nunca deixa um homem permanecer só, pois está sempre a moldá-lo, consciente e inconscientemente. A mente madura é a mente de todo só, desimpedida; porque compreendeu, ela é livre. E essa liberdade é instantânea. Não podeis trabalhar para conquistá-la, não podeis procurá-la, não podeis disciplinar-vos, a fim de a obterdes; e essa é a beleza da liberdade. A liberdade não resulta do pensamento; o pensamento nunca é livre, não pode ser livre.

Assim, se está compreendida a índole da *madureza*, podemos agora considerar o tempo e a continuidade. Para a maioria de nós, o tempo é uma realidade concreta. O tempo medido pelo relógio é uma realidade concreta — nós temos de encerrar esta reunião às 7 horas ou 7,15; leva tempo para chegardes a vossa casa; precisa-se de tempo para adquirir conhecimentos; é também necessário para se aprender uma técnica. Mas, afora esse, existe outro tempo? Existe tempo psicológico? Nós construímos o tempo psicológico, o tempo representado pela distância, o espaço existente entre mim e aquilo que desejo ser, entre o passado, que fui "eu", o presente que sou "eu", e o futuro, que ainda serei "eu". É assim que o pensamento constrói o tempo psicológico. Mas, existe esse tempo? Para descobrirdes isso por vós mesmo, deveis considerar a continuidade.

Que se entende pela palavra "continuidade"? Qual o sentido profundo desta palavra, tão comum em nossos lábios? Se pensardes continuamente numa certa coisa, como, por exemplo, num prazer que experimentastes, se nele pensais constantemente, todos os dias, todos os minutos, esse pensar confere continuidade àquele prazer fruído. Se pensais em algo doloroso, tanto no passado como no futuro, esse pensamento lhe dá continuidade. Isto é simples. Se gosto de uma certa coisa, e nela penso, esse pensar estabelece uma relação entre o que *foi* e meu desejo de tê-la de novo. Vereis a simplicidade disto se lhe aplicardes a vossa mente; não é uma coisa complexa. Se não compreendeis o que é a continuidade, não compreendereis o que vou dizer sobre a morte. Deveis compreender o que estive expressando, não como uma teoria ou crença, porém como uma realidade que podeis perceber por vós mesmo.

Se pensais a todas as horas em vossa mulher, em vossa casa, em vosso filho, em vosso emprego, estabelecestes uma "continuidade", não é exato? Se tendes um ressentimento, um temor, um sentimento

de culpa, e nisso pensais freqüentemente, recordando-o, lembrando-o, tirando-o do passado, estabelecestes uma "continuidade". Nossa mente funciona nessa continuidade, todo o nosso pensar é constituído dessa continuidade. Psicologicamente, vós sois violento; e pensais em "não ser violento" — no ideal; e, assim, com vosso pensar em "não ser violento" estabelecestes a continuidade do "ser violento". Vede, por favor, a necessidade de compreender isto, que é bem simples, uma vez percebido que o pensamento, que o pensar numa certa coisa dá continuidade a essa coisa, quer seja ela agradável, quer desagradável, quer proporcione alegria ou sofrimento, quer pertença ao passado ou seja algo que irá verificar-se amanhã ou na próxima semana.

Assim, é o pensamento que firma a continuidade da ação — por exemplo, a ação de ir para o escritório, dia após dia, mês após mês, durante trinta anos até a mente se tornar uma mente morta. Do mesmo modo estabeleceis uma "continuidade" com a família. Dizeis: "É minha família"; nela pensais; procurais protegê-la; buscais construir uma proteção psicológica, nela e ao redor dela. Dessarte, a família se torna sumamente importante, e vós estais destruído. A família destrói; é mortífera, porque faz parte da estrutura social que prende o indivíduo. Assim, uma vez estabelecida a continuidade, psicológica e fisicamente, o tempo se torna muito importante — não o tempo marcado no relógio, porém o tempo como meio de "chegar", o tempo como meio de alcançar, de ganhar, de ter êxito, psicologicamente. Não podeis ter êxito, não podeis ganhar, a menos que penseis nisso, até vossa mente ficar toda entregue a esse pensamento. Assim, psicologicamente, o desejo de continuidade segue o "caminho" do tempo, e o tempo gera o medo; e o pensamento, como tempo, tem pavor à morte.

Deste modo, se não fosse o "tempo interior", a morte ocorreria a cada instante, e não seria temível. Isto é, se a cada minuto do dia, o pensamento não der continuidade ao prazer ou à dor, ao preenchimento ou à falta de preenchimento, ao insulto, à lisonja, a tudo aquilo a que o pensamento dá atenção, a morte ocorre então a cada minuto. Devemos morrer a cada minuto — não teoricamente. Eis porque importa compreender o mecanismo do pensamento. O pensamento é meramente uma "resposta", um reflexo do passado; ele não tem a validade da árvore que vedes concretamente.

Assim, para compreenderdes o extraordinário significado da morte — pois a morte tem significação, e sobre isso falarei mais adiante — deveis compreender esta questão da continuidade, perce-

ber a verdade respectiva, perceber o mecanismo do pensamento, criador da continuidade.

Gosto de vosso rosto, e nele penso; estabeleci, assim, convosco uma relação de "continuidade". Não gosto de vós, e penso nisso; estabeleci assim a continuidade desse sentimento. Agora, se não pensardes naquilo que vos causa prazer ou dor, se não pensardes no amanhã ou no que esperais ganhar, se ides ter êxito, se ides ter fama, notoriedade, etc.; se não pensardes, absolutamente, em vossa virtude, vossa respeitabilidade, no que os outros dizem ou deixam de dizer; se vos mantiverdes total e completamente indiferente — não haverá então "continuidade".

Não sei se sois, de alguma maneira, indiferentes a alguma coisa. Não me refiro ao acostumar-se com ela; vós vos acostumastes com a feira de Bombaim, a imundície das ruas, à maneira como viveis. Acostumastes-vos; isso não significa que sois indiferente. Ficar acostumado com uma coisa, *habituar-se* a ela, embota, insensibiliza a mente. Mas, ser indiferente é coisa muito diversa. Nasce a indiferença ao rejeitardes, ao negardes um hábito. Quando vedes o feio, e dele estais cônscio; quando vedes a beleza do céu, numa certa tarde, e estais consciente dela; quando vedes sem desejar nem recusar, sem aceitar nem repelir, sem "fechar a porta" a coisa alguma — sois então totalmente, interiormente, sensível a tudo o que vos cerca. Daí resulta uma indiferença de extraordinária força. E tudo o que é forte é "vulnerável" (sensível), porque sem resistência. Mas a mente que só resiste está aprisionada no hábito e, por conseguinte, embotada, insensibilizada.

A mente indiferente está cônscia de quanto é artificial nossa civilização, nosso pensamento, de como são feias as nossas relações; percebe a beleza de uma árvore, de um rosto, de um sorriso; e ela nada rejeita, nem aceita, porém, simplesmente, observa — não intelectualmente, não friamente, porém com fervente e amorosa *indiferença*. Essa observação não significa desapego, pois nada há a que se apegar. Só quando a mente *tem apego* — à casa, à família, ao emprego — é que se pode falar em desapego. Mas, há na "indiferença" uma doçura, um perfume, uma qualidade de extraordinária e vital energia (talvez não seja esta a definição lexicográfica da palavra "indiferença"). Devemos ser *indiferentes* — em relação à saúde; à solidão, ao que dizem ou ao que não dizem; ao êxito e ao não êxito; indiferentes à autoridade.

Agora, se prestais atenção, podeis ouvir uma pessoa atirando, fazendo muito barulho com uma espingarda. Podeis muito facilmente

acostumar-vos com isso; provavelmente já estais acostumados e fazeis ouvidos moucos — mas isso não é *indiferença*. *Indiferença* é escutar sem resistência, "acompanhar" o barulho, nele "viajar", indefinidamente. O barulho, então, não vos perturba, não vos perverte, não vos *faz* indiferente. *Escutais* então todo e qualquer barulho — o barulho de vossos filhos, de vossa mulher, dos pássaros, o barulho do falatório dos políticos; escutais tudo com indiferença e, portanto, com compreensão.

A mente, para compreender o tempo e a continuidade, tem de ser indiferente ao tempo, não procurar encher esse espaço a que chama "tempo" com divertimentos, com devoções, com barulho, com leituras, com assistir a um filme — de todas as maneiras possíveis — como agora estais fazendo. E, enchendo-o com o pensamento, com a ação, com divertimentos, com sensações, com bebidas, com uma mulher, com um homem, com Deus, com vosso saber — lhe destes continuidade; por esta razão nunca sabereis o que é morrer.

Ora, a morte é destruição. A morte é peremptória. Não podeis argumentar com ela, dizer-lhe: "Ainda não! Esperai mais uns dias". Não há discutir, não há implorar. A morte é inexorável, absoluta. Nunca fazemos frente ao que é inexorável, absoluto; sempre procuramos contorná-lo. Por isso, tememos tanto a morte. Podemos inventar idéias, esperanças, temores; e ter crenças, como a de que "seremos ressuscitados", de que "renasceremos" — tudo sutilezas da mente, em sua esperança de uma continuidade que é do tempo, que não é *um fato*, que é mera criação do pensamento. Falando sobre a morte, não me refiro a vossa morte ou minha morte; falo acerca da morte, esse fenômeno extraordinário.

Para vós, um rio significa aquele rio com que estais familiarizado, o Ganges ou o rio de vossa aldeia. Ao ouvirdes a palavra "rio", imediatamente vos acode ao espírito a imagem de determinado rio. mas jamais conhecereis a natureza real de *todos os rios*, o "rio *real*", se à vossa mente só se apresenta o símbolo de determinado rio. O rio são as águas rutilantes, as margens pitorescas, as árvores que o orlam; não um certo rio, mas a "qualidade-de-rio" de todos os rios, a beleza de todos os rios, a graciosa curva de todo curso d'água, toda corrente. O homem que só vê *um certo rio* tem mente medíocre, superficial. Mas a mente que vê o rio como um movimento, como água, não o relacionamento com certo país, certa ocasião, certa aldeia; que vê sua beleza, essa mente se libertou do "particular".

Se — como hinduísta, criado com vossos livros sagrados, etc. — pensais numa montanha, à vossa mente se apresenta provavelmente

a visão do Himalaia, que é o que para vós significa "uma montanha". Essa a imagem que prontamente se vos apresenta. Mas a montanha não é o Himalaia. A montanha é aquela altura lá no céu azul, de nenhum país, coberta de brancura, modelada pelos ventos e os terremotos.

A mente que pensa nas montanhas de maneira ampla, em rios que não são de nenhum país, não é medíocre, não é uma mente inibida pela pequenez. Se pensais na palavra "família", ocorre-vos imediatamente vossa própria família; por isso, a família se torna uma coisa mortal. Nunca sereis capaz de apreciar o problema da família em geral, porque estais sempre a relacioná-lo — pela continuidade do pensamento — com aquela "particular" família a que pertenceis.

Assim, falando sobre a morte, não estamos falando de vossa morte ou de minha morte. De fato, não importa muito se vós morreis ou se eu morro. Todos morreremos, felizes ou desgraçados. Felizes, se tivermos vivido plenamente, completamente, com todos os nossos sentidos, com todo o nosso ser, cheios de vitalidade e de saúde. Ou morreremos como criaturas lastimáveis, debilitados pela idade, frustrados, torturados, sem nunca termos conhecido um dia feliz, *rico,* uma momentânea visão do Sublime. Estou, pois, falando sobre a Morte, e não a morte de determinada pessoa.

A morte significa o fim. E o que nos assusta, o que nos apavora é *o fim* — cessar de trabalhar, abandonar tudo, partir — perder a família — perder alguém que pensamos amar — o acabar de uma "continuidade" em que tanto pensamos no decorrer dos anos. O que tememos é o *findar*. Não sei se alguma vez tentastes, deliberada, consciente e resolutamente, *pôr fim* a alguma coisa — ao hábito de fumar, de beber, de freqüentar o templo, ao desejo de poder — extingui-la radicalmente, assim como o escalpelo do cirurgião extirpa um câncer. Já tentastes alguma vez "extirpar" a coisa que mais prazer vos dá? É fácil remover uma coisa que nos causa dor; mas não é fácil "extirpar", deliberadamente, com a precisão de um cirurgião, com sensível precisão, algo que é agradável, sem saber o que amanhã acontecerá, sem saber o que acontecerá um momento após. Se, ao "extirpá-lo", já sabeis o que acontecerá depois, nesse caso, não estais "operando" verdadeiramente. Se já fizestes isso, deveis saber o que significa morrer.

Se já eliminastes tudo o que em vós existia, todas as raízes psicológicas — esperança, desespero, sentimento de culpa, ansiedade, êxito, apego — então, dessa "operação", dessa negação da inteira estrutura social (não sabendo o que vos sucederá, se "operardes"

radicalmente), dessa negação total provirá a energia com que podereis enfrentar isso que chamamos a Morte. Justamente esse "morrer" para tudo o que tendes conhecido, essa deliberada extirpação de tudo o que conheceis — é *morrer*. Tentai-o uma vez — não como um consciente e deliberado ato de virtude, visante a descobrir algo; tentai-o, como que a brincar — pois aprende-se mais "brincando" do que com o esforço consciente e deliberado. Quando negais dessa maneira, destruís tudo; e tendes de destruir tudo; porque, sem dúvida, da destruição surgirá a pureza — a mente imaculada.

Psicologicamente, nada do que a geração passada construiu merece ser conservado. Olhai a sociedade, o mundo que a geração passada criou. Se alguém tentasse tornar o mundo mais confuso, mais desgraçado ainda, não o conseguiria. Tendes de eliminar tudo isso instantaneamente, varrê-lo para a sarjeta. E para "extirpá-lo", varrê-lo, destruí-lo, necessitais de compreensão e também de algo bem mais importante do que a compreensão, ou seja, a "compaixão", a sensibilidade.

Vede, nós não amamos. Só vem o amor quando nada mais resta, depois de *negardes* completamente o mundo — não essa coisa enorme chamada "o mundo": o pequeno mundo em que viveis — a família, o apego, as disputas, o domínio, vossos êxitos, vossas esperanças, vossos "pecados", vossas obediências, vossos deuses e vossos mitos. Quando negais esse mundo inteiramente, quando nada mais resta de vossos deuses, esperanças, desesperos; quando nada mais buscais — então, desse grande vazio, surge o Amor, que é uma singular realidade, um fato extraordinário não provocado pela mente que tem "continuidade" mediante a família, o sexo, o desejo.

E, se vos falta o amor — que, na realidade, é o "desconhecido" — não importa o que façais, o mundo permanecerá no caos. Só com a total negação do "conhecido" — o que sabeis, vossas experiências, vosso conhecimento (não vosso conhecimento técnico, porém o conhecimento de vossas ambições, de vossas experiências, de vossa família), só quando tiverdes negado totalmente o "conhecido", o tiverdes apagado de todo, "morrido" para ele, vereis que restará um vazio extraordinário, um extraordinário *espaço* em vossa mente. Apenas nesse espaço sabemos o que é amar. Nele apenas é possível a criação — não a criação consistente em gerar filhos ou em espalhar tintas sobre uma tela: aquela Criação que é a energia total, o Incognoscível. Mas, para a alcançardes, deveis morrer para tudo o que conheceis. Nesse morrer há grande beleza, inesgotável e vitar energia.

7 de março de 1962.

LIBERTAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

(BOMBAIM — VII)

VOU FALAR nesta tarde sobre diferentes tópicos, porém o ponto central desta palestra será a meditação. Mas, para compreender plenamente, penetrar o significado, não só da palavra, mas também da atividade da mente que medita, necessita-se de uma certa intensidade de pensamento, clareza de percepção. Esta é matéria muito complexa, e o que vou dizer, o que vou investigar, não é tradicional, sob nenhum aspecto. Assim, se desejais acompanhar-me nesta "viagem", neste exame da questão da meditação e da mente que medita, deveis estar atentos — atentos, não no sentido de fazer um tremendo esforço de concentração para aprender umas poucas frases ou adquirir algumas idéias, porém *atentos* no amplo sentido da palavra, atentos não só ao que vos rodeia, enquanto estais aí sentados — as árvores, a luz que brilha na árvore, o chilrear dos pássaros, a brisa — mas também ao funcionamento de vossa mente. Tudo isso requer uma certa clareza de atenção, sem concentração e sem esforço algum.

Mas, para a mente que se aplica, enérgica, ardorosa e intensamente a investigar, pesquisar, penetrar a questão da meditação, deve haver também a *arte de escutar*. Com esta expressão entendo "escutar, sem rejeição ou aceitação; escutar sem comparar, com o fim de *descobrir*". Se comparais, se ouvis meramente uma série de palavras e idéias, nesse caso, não estais *escutando*. O escutar é um fato extraordinário. E nós raramente escutamos de tal maneira — com liberdade e enlevo, com um sorriso nos lábios, a fim de descobrir.

Falarei de algo que requer uma mente capaz de penetrar bem fundo. Devemos começar com o que está muito perto de nós, pois não poderemos ir muito longe se não começamos com o que está

mais perto, se não sabemos dar o primeiro passo. O florescer da meditação é a bondade, e a generosidade do coração é o começo da meditação. Estivemos falando sobre muitas coisas concernentes à vida, à autoridade, à ambição, ao medo, à avidez, à inveja, à morte, ao tempo; sobre muitos assuntos estivemos falando. Se tiverdes penetrado bem o que se disse, escutado corretamente, deveis saber que isso constitui a base da mente que é capaz de meditar. Se sois ambicioso, não podeis meditar; só podeis entreter-vos com a idéia de meditação. Se vossa mente está inteiramente submissa à autoridade, aprisionada na tradição, aceitando e seguindo, jamais conhecereis a extraordinária beleza do meditar. E como já examinamos bem tudo isso, desejo apreciar nesta tarde a questão da bondade e da generosidade.

O orgulho, em qualquer forma, impede a generosidade da mente e do coração — orgulho de ter realizado algo importante, orgulho do saber, do alvo visado, orgulho da raça. Todos somos orgulhosos, consciente ou inconscientemente. E a mente orgulhosa jamais poderá ser generosa, nunca terá a excelência do coração, nunca terá humildade — como estivemos dizendo há dias — a qual é o começo do aprender, que é sabedoria. O florescimento da generosidade não pode ocorrer no árido solo da mente. A mente não pode ser generosa; só o podem ser o coração e a mão. A mente poderá imaginar quais são as qualidades da generosidade e procurar cultivar a generosidade; mas "cultivar generosidade" não é "ser generoso".

É a própria busca de preenchimento, através do tempo, que impede a generosidade. E vós necessitais de uma mente generosa; não só de uma mente ampla, de uma mente "espaçosa", mas também de um coração que *dá,* sem nenhum pensamento, nenhum *motivo* e que não visa, em troca, a nenhuma recompensa. *Dar* — o pouco ou o muito que temos — a espontaneidade no despender, sem restrições, sem reservas, é uma qualidade necessária. Não pode haver meditação se não há generosidade, se não há bondade — e isso significa ser livre, nunca tentar galgar os degraus do êxito, nunca saber o que é ser famoso — vale dizer, morrer, a cada minuto do dia, para tudo o que temos realizado. Só nesse terreno fértil pode medrar e florescer a bondade. A meditação é o florescer da bondade. Peço-vos que escuteis — mas *não com o fim de* alcançar a bondade, pois não podeis *alcançá-la.* Não se pode "praticar bondade". A bondade é uma flor que desabrocha durante a noite; nasce sem a desejardes, sem a buscardes, sem a cultivardes. Só vem pelo *escutar.* Manifesta-se subitamente, em pleno florir. A bondade não é repeti-

ção do que *foi;* não podeis ser bom se relembrais o passado — o prazer ou a dor, o insulto ou a lisonja. Nesse terreno ela jamais medrará. Jamais nascerá no solo do tempo, pois vem à existência sem a esperardes. Não pode existir bondade quando há orgulho, e a bondade é a própria essência do "nunca acumular" e, por conseguinte, "nunca perder"; só há *perder* quando houve acumulação. Mas na mente que se acha em movimento constante, em contínuo fluir, sem repousar em parte alguma, sem retornar ao passado — a suas lembranças, seu conhecimento, a todas as coisas que experimentou — só nessa mente pode florir a bondade e existir a generosidade.

Vós tendes de descobrir o que é meditação. Importa saber o que é meditação; *não* "como" meditar, não o sistema, a prática, porém *a essência* da meditação. O estado de espírito adequado, a disposição para meditar, requer uma mente bem generosa, uma mente sem limites, uma mente não aprisionada no processo do tempo. A mente que não está ligada a coisa alguma — a nenhuma atividade, nenhum pensamento, nenhum dogma, nenhuma família, nenhum nome — só essa mente pode ser generosa; só essa mente pode começar a compreender a profundeza, a beleza, a extraordinária doçura da meditação.

Vou, pois, considerar a meditação nesta tarde, não apenas verbalmente (que é a única maneira pela qual vós e eu podemos comunicar-nos), mas também de forma não verbal. E para compreender o processo não verbal da meditação, deve a mente estar livre da palavra. A palavra é o símbolo, e o símbolo jamais é a verdade. Assim, o homem que se prendeu à palavra nunca poderá exercitar aquela forma de meditação que está além e acima da palavra, além do símbolo, além da visão. Mas, para podermos fazer este exame, temos de começar com o que está muito perto, muito próximo, e prosseguir passo a passo. A meditação faz parte da vida, assim como o irdes para o emprego, o tomardes vossas refeições, vosso falar, vosso atuar, fazem parte da vida. E, sendo a meditação uma parte da vida, não deveis descuidar-vos dela, assim como não descurais de escovar os dentes, de banhar-vos, de ir para o emprego. Porém, em geral nos descuidamos dessa parte da vida, porque é sobremodo árdua, exigindo muito mais intensidade, muito mais persistência.

A meditação é o começo do autoconhecimento. *Conhecer a si mesmo* — nada mais do que isso — é meditação. Saberdes o que estais pensando, o que estais sentindo, quais são os vossos *motivos,* estar cônscio deles, sem escolha, encará-los como *fatos,* sem dar opinião nem formar juízo a respeito desses fatos — eis, exatamente, o início

da meditação. Se nunca fizestes tal coisa em vossa vida, tendo sempre praticado a meditação tradicional, consistente em ficar sentado num canto sossegado, tentando focar a atenção em dada coisa — nesse caso, podeis continuar sentados durante dez mil anos, repetindo palavras e *mantras,* hipnotizando-vos com a repetição de palavras apropriadas para quietar a mente. Mas essa quietude a parte nenhuma conduz senão à morte, à decomposição, ao definhar.

Peço-vos que presteis atenção a isto. Não estamos condenando ninguém e, portanto, não há necessidade de resistirdes. Estamos apenas *apontando* algo; podeis levá-lo, ou deixá-lo aqui. O começo da meditação é auto-investigação, autopercebimento crítico; é, simplesmente, saberdes o que *sois*. Dessa simplicidade surge uma imensidão que transcende as palavras, o tempo, o pensamento. Mas deveis começar com aquele primeiro passo muito simples, imediato.

Em regra, não desejamos saber o que somos. Inventamos o "Eu Superior", o "Eu Supremo", o *Atman,* inumeráveis idéias, a fim de fugirmos da realidade do que somos — a realidade concreta, diária, daquilo que somos. E não sabemos o que somos, dia por dia; a isso sobrepomos algo que o pensamento criou com o nome de *Atman,* algo que a tradição nos transmitiu e denominou *Eu Superior.* Com isso nos cobrimos, e procuramos alcançar essa coisa inventada pela mente; e depois, se a alcançamos, vemos que ela é vazia, que é só cinzas, que nada significa.

Assim, para meditar, deveis destruir tudo, totalmente, rejeitar completamente todas as coisas que vos estão sendo impostas; rejeitar o *Gita,* a Bíblia, o Corão — tudo. E isso é dificílimo, porquanto necessitamos dessas coisas para nossa segurança, para nosso arrimo nas horas de tribulação, de dor, de sofrimento. Mas, todas elas são simples vias de fuga — vosso Krishna, vossos Salvadores, etc. O que tem importância e significação é vossa existência de cada dia — o que pensais e o que sentis. E não podeis compreender o que pensais e o que sentis se estais tolhido pelo peso do conhecimento do passado, de tudo o que os livros disseram.

Assim, o começo da meditação é o conhecimento de vós mesmo — *não* o que pensais que *deveríeis ser,* não o que Sankara pensa que deveríeis ser: o conhecimento de vós mesmo tal como sois, assim como vos vedes num espelho. Deste modo, se seguirdes o caminho do autoconhecimento começareis a investigar o que sois, vossas atividades diárias, a maneira como falais a vosso serviçal, a maneira como tratais vossa mulher, vosso marido, a maneira como vos comportais perante as pessoas importantes, o sempre vivo desejo de serdes *alguém.*

Se não conhecerdes toda a esfera consciente e inconsciente de vossa existência, por mais que vos esforceis nunca sabereis o que é meditação.

Como disse, o início da meditação é a rejeição de toda espécie de autoridade, porque *vós* tendes de ser vossa própria luz. E o homem que é sua própria luz não depende de autoridade em tempo algum, nem no começo, nem no fim. "Ser a luz de si mesmo" significa não ter medo; já tratei disso. "Ser a luz de si mesmo" significa não ter apego de espécie alguma, nem à mulher, nem ao marido, nem ao conhecimento, nem à experiência; porque todas essas coisas projetam sombras e vos impedem a iluminação. E, mais ainda, para serdes vossa própria luz deveis investigar a *experiência.*

A experiência é a essência do tempo, a experiência constrói o tempo como conhecimento, a experiência condiciona a mente. Se sois hinduísta, cristão ou budista, estais sendo educado numa certa cultura (civilização), consistente na religião, na educação, na família, na tradição dessa cultura ou civilização; vossa mente é formada, moldada consoante essa cultura, essa tradição. Ou credes em Krishna, ou credes em Cristo, ou credes no que quer que seja — e tal é vosso condicionamento; conforme esse condicionamento, tereis *vossas experiências.* A mente que experimenta de acordo com tal condicionamento não tem nenhuma possibilidade de conhecer o imenso significado da meditação.

Estamos investigando a meditação. Espero que estejais *escutando* — não meramente seguindo a exposição verbal, porém *vivendo* o que se está explicando, a fim de poderdes sair daqui conhecendo a imensidade, a beleza, o êxtase da meditação (que não implica trabalho, esforço para alcançar um certo estado, uma certa visão). Porque a visão que desejais, que ansiais, é puro resultado de vosso condicionamento. Ao verdes Krishna, ou Rama, ou outro qualquer, foi o vosso condicionamento que o projetou. Esse condicionamento se formou através de séculos de tempo, sob a influência do medo, da aflição, do sofrimento; e, qualquer visão nascida desse condicionamento é totalmente vazia, sem significação; a mente nele aprisionada jamais conhecerá a liberdade que há na meditação.

Deveis compreender o significado da palavra "experiência". Todos desejamos mais experiência — *mais* e sempre *mais*: mais riquezas, mais posses, mais amor, mais êxito, mais fama, mais beleza; e desejamos, também, mais experiência, conhecimento. Prestai atenção, por favor. A mente que está sempre *experimentando* é dependente da experiência; e a experiência, em última análise, é a "resposta" a um "desafio". Espero estejais entendendo, pois isto não é muito com-

plexo. A mente sempre sequiosa de *mais,* que deseja mais experiência, mais conhecimento, mais sensações, mais êxtases, é uma mente dependente. E quando a mente depende, quando necessita de alguma coisa para ampará-la — isso significa, apenas, que está dormindo. Por conseguinte, cada "desafio" significa para ela uma experiência que a desperta por um momento e a faz adormecer de novo. Assim, todo "desafio e resposta" constitui um indício de que a mente se acha a dormir.

Há inúmeros desafios no decurso de nossa vida; há influências a todas as horas, impregnando-nos a mente e o coração, e delas podemos estar ou não estar conscientes. O grasnar do corvo já passou para o vosso inconsciente, lá está guardado; a cor daquele sari, quer a tenhais notado, quer não, já gravou sua impressão; o poente, a nuvem que vistes numa certa tarde banhada de luz, deixaram sua marca. Assim, a mente consciente e inconsciente está cheia dessas impressões; e delas, dessas impressões, nascem todas as experiências. Tudo isso são *fatos psicológicos,* que não admitem discussão, concordância ou discordância. E a mente que depende da experiência como meio de progresso, desenvolvimento, amadurecimento, evolução... é bem óbvio que essa mente, dependendo do tempo, da experiência, nunca será capaz de penetrar naquilo que se acha além do tempo e da experiência. Por conseqüência, tendes de compreender profundamente o significado da experiência.

A experiência embota a mente. A experiência não ilumina a mente, porque é sempre o resultado de "resposta" a um "desafio", resposta oriunda de vosso *fundo* de conhecimento. Assim, cada experiência só pode tornar mais forte o que conheceis e, por conseguinte, não podeis libertar-vos do "conhecido".

A meditação é o verdadeiro começo do libertar-se do "conhecido". Vós deveis meditar, não porque uma certa pessoa vos diz que o façais, porque um certo homem vos fala e vos extasia a respeito da meditação. Deveis meditar porque esta é a ação mais natural deste mundo. A meditação vos confere uma admirável sensibilidade, sensibilidade que, embora muito forte, é também vulnerável. Isso poderá parecer-vos contraditório, mas não é. A mente que se formou pela ação do tempo, da experiência, do conhecimento, do conflito, da arrogância, da agressividade, da ambição — não é uma mente forte; só tem capacidade de resistência. Eu me refiro a uma força de qualidade completamente diferente, uma força que é "vulnerável", sem resistência; essa, por conseguinte, é a mente capaz de ultrapassar a experiência.

Deveis compreender a significação, a profundeza e qualidade da experiência que todos desejais. Ver Rama, Krishna, Cristo, etc. — a isso chamais meditação. Mas não é meditação, porém tão só uma projeção do passado, uma projeção da crença em que fostes educado. Um cristão vê o Cristo e se extasia com essa visão. Mas o homem que não foi criado para adorar Cristo, como Salvador ou o que quer que seja, nunca verá Cristo, como vós tampouco o vereis, educados que fostes para crer em Krishna. Nunca vereis outros deuses senão vossos próprios deuses; e, quando estais presos a vossos deuses, estais presos à vossa própria ilusão. A mente que se prendeu a uma experiência, o que quer que faça nunca penetrará as profundezas, o completo silêncio do espaço vazio; e isso faz parte da meditação.

Assim, pela compreensão do inteiro processo da experiência, vos tornareis capazes de negar completamente o "conhecido". Há uma variedade de drogas que tornam a mente sensível. Tais drogas existem atualmente na América e na Europa, e provàvelmente chegarão até cá. Proporcionam elas uma grande capacidade para perceber, de modo intenso e vivo, a cor, a forma, a luz; e quem as toma pode ter experiências extraordinárias. Mas o que se vê a poder de drogas — as visões, experiências, sensações, a clareza, a beleza de um tronco de árvore ou de uma toalha de mesa — tudo está contido na esfera do "conhecido". Essas drogas nunca libertarão a mente do "conhecido" e, por conseguinte, não há possibilidade de se tornar existente o "desconhecido".

Estais, pois, começando a ver por vós mesmos — se estais *escutando* — que toda espécie de pensamento, prática, disciplina, de caráter "repetitivo", toda espécie de experiência só pode criar o desejo, a ânsia de mais experiência; nunca vos satisfazeis com uma só experiência, quereis sempre mais, e mais, e mais. — Estais, pois, começando a ver que *não há* método algum. Método é o costume, a tradição de executar uma certa coisa *repetidamente,* de seguir uma certa idéia, uma certa norma de ação — e isso só serve para embotar a mente. Por conseguinte, *não há* método, *não há* caminho.

Tende a bondade de prestar atenção. Não há caminho para a iluminação. Começais a perceber que toda forma de experiência deve ser negada pela compreensão, já que toda experiência embota a mente, já que qualquer experiência é uma tradução do "conhecido", do passado. A mente aprisionada no tempo nunca ultrapassará o tempo. Assim, ao negardes a autoridade, ao negardes a disciplina como "coisa conhecida", praticada segundo um método, tendes então compreendido e rejeitado completamente a experiência.

Em geral, somos educados na concentração. Em criança, mandam concentrar-vos em vosso livro; se quereis olhar pela janela para ver os pássaros a voar, uma folha levada pelo vento, um carro de bois que passa — o mestre vos diz: "Concentrai-vos, prestai atenção a vossa tarefa". Sabeis o efeito que isso produz em vós? Cria um novo conflito, uma contradição. A criança absorvida num brinquedo está concentrada. Deveis ter observado vossos filhos; quando têm um brinquedo, deixam-se absorver totalmente nesse brinquedo; o brinquedo *se apodera* deles. E chamais isso "concentração". Vós vos concentrais numa idéia; a mente se põe a divagar em todos os sentidos e tratais de fixá-la nessa idéia; mas a mente torna a fugir; de novo a fazeis voltar, e novamente ela foge. E aí está o conflito. A isso chamais "meditação", mas é coisa tão "imatura", tão infantil!

Mas, vós tendes de seguir *cada pensamento,* compreender *cada pensamento* que surge, e não dizer que todo pensamento não "concentrado" é distração. Se não o dizeis, e tratais de examinar cada pensamento, de segui-lo até o fim, não há então distração. E porque não há concentração, estais compreendendo cada movimento de pensamento, cada movimento da mente. Quando seguis cada movimento da mente, nesse seguir não há distração. Não há distração ao escutardes o corvo grasnar. Distração não existe quando escutais o barulho do tráfego. Mas há distração se dizeis: "Quero concentrar-me *nesta* coisa e rejeitar tudo o mais". Então, "tudo o mais" se torna uma distração.

Assim, a mente que aprendeu a concentrar-se torna-se uma mente estreita e embotada. Não estou rejeitando a concentração, que vou examinar agora. Quando compreendeis o verdadeiro significado da concentração, consistente em resistir e excluir, em focar a mente numa dada coisa, podeis ver que esse focar estreita a mente, embota-a. Esse focar é uma espécie de resistência e, portanto, gerador de conflito. E a mente em conflito nunca será capaz de alcançar a profundeza, o êxtase da meditação.

Compreendendo-se o inteiro significado da concentração, há então atenção, lucidez (*awareness*); a atenção não se *foca,* porém *inclui tudo*: podeis escutar os pássaros, escutar o barulho do tráfego, escutar o orador, observar os movimentos da folha levada pelo vento, ver o pôr-do-sol, a luz refletida no edifício. Nessa lucidez não há limites; ela tudo abraça, tudo inclui. E a mente atenta, que tudo recebe, é capaz de concentrar-se; mas essa concentração não é resistência, essa concentração é livre de conflito. Olhai o que realmente está ocorrendo agora — se estais observando. O orador está falando, expondo,

e ao mesmo tempo escutando os pássaros, o tráfego, vendo a luz, a imobilidade da folha, as estrelas — tudo recebendo e, por conseguinte, nada rejeitando.

A mente que experimentou e compreendeu a concentração, a experiência, percebeu, de maneira clara, que não há método, nem sistema, nem prática. Essa mente se acha em estado de atenção. Compreende o que é a tranqüilidade. O cérebro, o cérebro material, está constantemente ativo. Ele promana do tempo; o cérebro é resultado dos instintos animais, das necessidades animais, dos impulsos animais. A compreensão de todo esse "processo" do cérebro é, com efeito, autocompreensão, porque é o cérebro que tem os impulsos de ambição, de avidez, de inveja. O cérebro funciona por associação, funciona com base no mesmo princípio que o cérebro eletrônico.

É necessário, pois, compreender o "processo" do cérebro, formado por influência social, sendo, assim, resultado da sociedade. Os instintos, os impulsos, os temores, as ambições, a avidez, a inveja — tudo isso está contido no cérebro. O cérebro pode ficar completamente, extraordinariamente quieto — não à força, não sob compulsão, não por meio de disciplina, mas pelo compreender e ficar livre da ambição, da avidez, da inveja, do desejo de êxito, do medo — que inclui o medo à opinião pública, à "virtuosa imoralidade" social — pelo abandono completo de tudo isso. A mente que busca a paz — como o faz a maioria de nós — só está buscando a escuridão. Mas, ao compreenderdes o inteiro processo da estrutura psicológica da sociedade, que imprimiu no cérebro todas as lembranças, associações, resultados — dessa compreensão provém a quietude do cérebro. Se não o houverdes compreendido, se vosso cérebro não estiver completamente quieto — *quieto,* mas *não* narcotizado por drogas, *não* hipnotizado — não haverá espaço nenhum na mente.

Vós necessitais de *espaço* na mente. Mas não pode existir espaço quando não há quietude completa. Esse espaço não é imaginário, não é romântico, não é criado por insensatas idéias de esforço e realização; ele se torna existente quando o cérebro compreendeu e se tornou completamente quieto. Há, então, espaço no interior da mente.

Deve haver espaço na mente, e esse espaço é "inocência". Nenhuma sociedade, nenhum pensamento, nenhum sentimento, nenhuma experiência, pode entrar nesse espaço, que é o "desconhecido". Ele não é o espaço que os foguetes descobrem, o espaço que se estende acima de nós. É um espaço que não pode ser descoberto; não podeis buscá-lo; não há caminho a ele conducente. Mas esse espaço existirá quando tiverdes compreendido toda a estrutura psicológica,

consciente e inconsciente, de vosso ser. Podeis compreendê-la instantaneamente, num momento, sem necessidade das complicações da análise, da investigação; podeis chegar a ele imediatamente; e quando chegais, lá está ele. Esse espaço é completamente vazio; nele nenhum pensamento, nenhum sentimento pode entrar. Pensamento e sentimento são reações do "conhecido"; e o cérebro contém associações que se formaram e constituíram o "eu", sob as influências sociais. Por conseguinte, "libertação do conhecido" significa quietação do cérebro.

O que agora vou dizer acerca desse espaço não terá significação para vós, será pura teoria. Não terá valor para vós, a não ser para efeito de repetição; mas o que se repete nenhuma significação tem. Entretanto, falo-vos a esse respeito para verdes que tal espaço existe; para o verdes indiferentemente — e não para o "pegardes" e guardardes; é tão impossível "guardá-lo", como aprisionar o vento na mão fechada. Mas deveis conhecer a poesia de algo belo. Para se ver aquele espaço, necessita-se de extraordinária sensibilidade. Ora, nesse espaço nada existe, porque a mente está vazia — não há, nela, nenhum pensamento, nenhum sentimento. E porque está vazio, esse espaço contém energia — não a energia criada pela resistência. Porque há vazio, *espaço*, existe aquela energia que é criação.

A criação é também destruição. Toda coisa criada é o "conhecido". Mas aquela criação, que é "inocência", é destrutiva de tudo quanto é conhecido; o "conhecido" não pode entrar. E, porque é criação e ao mesmo tempo destruição, há, nela, Amor — não o amor da memória, o amor de vosso marido ou esposa, o amor de vossos filhos; tais sentimentos são apenas a reação de vários desejos, impulsos, ambições, e preenchimentos. Naquele amor não há divisão: é Amor. E a mente tanto pode amar um só como muitos, pois não há divisão nesse Amor.

A meditação, pois, é o florescimento inicial da bondade. Quando a bondade floresce profundamente em nós, sem que na mente subsista nenhuma raiz do "eu", de autocompaixão, de memória, desse simples começo surge a imensidade que não é do tempo, que não tem começo nem fim. E isto é o Eterno, o Imensurável.

11 de março de 1962.

A QUESTÃO DA SIMPLICIDADE

(Bombaim — VIII)

Esta é a última palestra. Nesta tarde, vou falar sobre a mente religiosa e a mente nova. E, para examinarmos este assunto — e desejo fazê-lo com certa profundeza — acho necessário compreendermos o significado das palavras.

Usamos as palavras para comunicação; mas, as palavras se tornam barreiras à comunicação quando aceitamos a acepção comum de uma palavra, e esta se torna o padrão de nosso pensar. Vou empregar a palavra "religioso" num sentido todo diferente. A mente tem capacidade para agir totalmente, não em fragmentos, não em partes. A mente que é capaz de ver, no "imediato", no presente, o todo e não apenas a parte; a mente capaz de compreender, no agora "imediato", a totalidade da existência — essa mente encerra, em essência, a beleza e a lucidez do amor, o único que pode unir a ação ao Todo. E é necessário compreender essa qualidade da mente religiosa, cuja ação não é dividida, fracionada, fragmentada, porém *total*. Em si, essa mente é livre da "ideação" como memória, como efeito do "eu". É o "eu" que fraciona a ação; é o "eu" que impele à aquisição. Esse impulso de apego jamais compreenderá a ação total, própria da mente religiosa.

Assim, estou empregando a expressão "mente religiosa" para designar um estado de ação que une todas as diferentes ações da vida. Essa mente não se acha dividida em "mundo" e "não mundo", "exterior" e "interior". Não há "mundo exterior" e "mundo interior". Há só um movimento, ora externo, ora interno, qual o da maré, que "sai" e torna a "entrar". A mente religiosa tem a faculdade de compreender o exterior e, com essa compreensão do exterior, passar, natural e facilmente, ao interior, sem dividir o mundo em "exterior" e "interior".

Mas, para se compreender a totalidade da mente religiosa, é preciso começar a investigar os vários e complexos problemas do viver. Nosso viver diário é extremamente confuso; é um viver de conflito, da aflições inúmeras, de contradições, luta perene; assim é nossa vida. E é só essa a vida que conhecemos. Nenhuma ação conhecemos que não seja reação. Essa reação é que gera sofrimento; e, em virtude desse sofrimento, mais se acentua a divisão em "exterior" e "interior", "ilusão" e "realidade". Só há um mundo, e não "mundo exterior" e "mundo interior". E, se não compreendeis a ação total da mente religiosa, por mais que vos esforceis, por mais revoluções que façais — econômicas, sociais, de qualquer espécie — por mais que planejeis, a prosperidade daí resultante se tornará apenas um meio de destruir a liberdade; e, embora nos seja necessária, a prosperidade se torna então um meio de segurança psicológica. E a mente que, no sentido psicológico, se acha em segurança, não é uma mente religiosa.

Assim, para podermos investigar a natureza da mente religiosa — aquele estado em que a mente é livre do conflito do "eu" — devemos examinar a questão da simplicidade, descobrir o que é "ser simples"; *não* a idéia da simplicidade, o ideal da simplicidade, não o símbolo da simplicidade, porém o verdadeiro estado da mente na realidade simples. Com a palavra "simples" quero significar: enfrentar cada fato da vida de cada dia e de cada minuto sem nenhuma complexidade; olhar os fatos sem o complexo processo do pensamento; olhar os fatos sem "ideação", sem ideal. Essa simplicidade não está meramente no modo de trajar, no andar de tanga, no tomar uma só refeição diária; no usar longas barbas ou a cara toda rapada. Refiro-me à simplicidade que tem precisão no pensar, que nenhum conflito tem, nenhuma ilusão, nenhum futuro, que encara o fato, só o fato, nada mais senão o fato.

Essa mentalidade, essa atitude, perante a vida, traz consigo um sentimento de inefável deleite. Poucos de nós somos felizes, natural, fácil e espontaneamente felizes; tão complexos somos, tão numerosos são os nossos problemas! Tudo o que tocamos com a mão, ou com a mente, se torna feio. E quando qualquer coisa se torna seca, vulgar, não há mais sensibilidade; por conseguinte, não há apreciação das coisas como sã. Só no apreciar as coisas como são, no enfrentá-las em sua realidade, só daí, dessa compreensão, pode vir a verdadeira revolução.

Essa revolução não se opera consoante o padrão estabelecido por outrem — pelo economista, pelo reformador, pelo político. A revolução a que me refiro só nasce quando sois capaz de ver o fato

e de agir de momento a momento em conformidade com esse fato. Assim, vereis que, dessa simplicidade, não só vem um extraordinário sentimento de desafogo, de alívio, mas também profundo deleite. E, sem essa alegria, sem essa centelha, sem essa canção no coração, a vida se torna extremamente vazia. Podeis ser muito talentoso, possuir muitas casas, ocupar posições importantes, influenciar milhares de pessoas por meio da imprensa; mas, atrás dessa fachada de palavras, posição, prestígio, tudo é vazio, oco.

E é relevante, para o indivíduo, para cada um de nós, possuir esse sentimento de infinita alegria. Ele vem, não por terdes um bom emprego, por terdes feito um casamento feliz ou infeliz; vem *sem nenhuma razão.*

E essa alegria existe; mas só podeis encontrá-la "no escuro", sem o saberdes, ao compreenderdes a simplicidade da virtude. A virtude não é uma coisa para se alcançar mediante esforço — porque, então, deixa de ser virtude. Quando um homem vaidoso "pratica" a humildade, essa humildade é a própria essência da vaidade. Mas, a virtude é ordem: ordem na mente. E não podeis ter ordem se essa ordem é apenas um padrão sancionado pela sociedade, se é uma mera prática, um hábito; a mente se torna, então, embotada. E uma mente embotada não é virtuosa; poderá ter hábitos excelentes, nunca irritar-se, mostrar-se "virtuosa" e observar os preceitos da sociedade; mas, essa mente não é sensível e, por conseguinte, não é uma mente virtuosa.

Tende a bondade de prestar atenção; mas isso não significa que, fazendo-o, vos *tornareis* repentinamente virtuosos. *Sereis virtuosos,* de repente, no mesmo instante, se não estais seguindo o padrão de uma sociedade feia e corrupta; desse modo, tereis ordem e espaço mental. Essa ordem traz eficiência. A mente eficaz no pensar, isenta de conflito, essa é que é a mente virtuosa, a mente que vive com virtuosidade. Quando a virtude é resultado de conflito, resultado de constante luta, ou seja da batalha dos "opostos", a mente não só se torna insensível, mas é também incapaz de vôo célere. Só a mente eficiente tem presteza para ver as coisas *num clarão.* Porque a verdade só pode ser percebida num clarão; a verdade não tem continuidade. O que tem continuidade pertence ao tempo; e o que é do tempo não tem *espaço.* Pois só a mente que tem *espaço* pode ver, num clarão, o que é verdadeiro. Só a mente virtuosa tem *espaço;* por conseguinte, somente ela pode, num clarão, ver a Imensidade, o Eterno. A virtude não é produto da memória. Se a virtude é produto da memória é, então, uma reação à memória; "reação"

é reflexo da memória. A virtude reconhecida pela sociedade, pelas ordens religiosas, por grupos, gera conflito; sendo assim, a mente não é simples.

Como sabeis, o mundo se está tornando cada vez mais complexo. Vossas atuais relações se estão tornando cada vez mais complexas, e não mais simples. A complexidade da vida só pode ser compreendida quando a considerais de maneira simples, bem simples. A vida não é apenas vossa existência diária — ir para o emprego, discutir com a esposa ou o marido, os aborrecimentos, as angústias, o conflito da existência de cada dia. A vida inclui não só o passado, que se projeta no futuro, mas também morte, felicidade, e algo que se acha além do tempo, além do pensamento, do sentimento. E é preciso compreender essa imensa totalidade da vida — não só o "cantinho" de vossa existência, a pequena porção de terra que chamais vossa pátria, o pequeno templo construído pela mão, e sem nenhum significado. A vida é uma coisa extraordinária, uma coisa total, na qual tudo está contido. E, se não compreenderdes a imensidade da vida, que tudo abarca — cada grito, cada lágrima, cada canção de ave, as angústias e sofrimentos e agitações da existência — se não compreenderdes essa totalidade, nunca tereis um clarão daquela imensidade.

Para compreenderdes esta coisa extraordinária que se chama a vida — com suas necessidades sexuais, suas ambições, impulsos, frustrações, velhice, declínio, deterioração — deveis considerá-la de maneira bem simples. E aí é que está a nossa dificuldade; porque somos entes humanos tão complexos e tantas idéias temos. Somos muito talentosos, mas somos entes "de segunda mão"; não há nada original em nós; e é a originalidade que leva à simplicidade, e não a excentricidade, a capacidade de inventar. Mas, essa simplicidade é a simplicidade da mente que compreendeu todas as facetas da vida — não a vida técnica, a vida de conhecimentos acumulados, porque o saber e o conhecimento técnico podem expandir-se indefinidamente. Sabereis mais e cada vez mais a respeito das coisas, a respeito de Vênus, a respeito da Lua; mas sabereis cada vez menos sobre vós, sobre o que *sois*. O que sois é a totalidade da vida. Porque sois entes lastimáveis, infelizes, por causa das angústias, do "sentimento de culpa", e das agonias que sofreis, em silêncio ou abertamente, porque sois assim, para compreenderdes a vida, deveis primeiramente compreender a vós mesmos.

Podeis compreender a vós mesmo, que sois uma entidade complexa, observando-vos com toda a simplicidade. E, com essa percep-

ção, esse ver, esse escutar, compreendereis. Deveis escutar a vós mesmo, não a vosso "Eu Superior" — não há nenhum "eu superior", nenhum *Atman*; isso é invenção da mente, resultado do pensamento, do pensamento que é reação da mente, das coisas que foram. Assim, quando vos olhais cada dia, em cada palavra que pronunciais, quando buscais o caminho para as profundezas de vosso coração, então, desse olhar, desse ver, desse escutar e ouvir, vem a simplicidade; e dessa simplicidade vem alegria; e isso é virtude.

A mente religiosa não tem realmente nenhuma experiência. Importa compreender isso, porquanto todos desejamos experiências e mais experiências. E toda experiência, como assinalei outro dia, é "resposta" a um "desafio", de acordo com vosso *fundo,* vosso condicionamento; por conseguinte, cada experiência fortalece aquele condicionamento, e não liberta a mente. Mas vós deveis compreender a natureza de vosso próprio pensamento, a maneira como agis, a maneira como olhais o rosto do motorista de ônibus. Alguma vez olhaste para o motorista do ônibus? Alguma vez olhastes para o seu rosto? Observai-o, uma vez ou outra, ao irdes para o escritório. Vede como é macilento, como parece cansado, esgotado! Percorrer o mesmo caminho, "para cima e para baixo", todo o santo dia, mês após mês — nisso não há alegria, não há nada senão hábito mecânico e, em tais condições, nunca pode um homem observar as coisas que o rodeiam. Isso indica, por certo, uma mente que se tornou calejada, embotada. Entretanto, essa pessoa fala a respeito de Deus, da Verdade, do desejo de compreender, mas não está cônscia das coisas existentes em redor de si, de sua maneira de se vestir, sua maneira de falar, sua maneira de olhar os indivíduos importantes e os não importantes. Se não conhecerdes tudo isso, se não lançardes a base para tudo isso, não podereis ir muito longe. E virtude é o percebimento do presente.

Vede, estamos sempre vivendo no passado e no futuro. Principalmente quando vos tornais mais velho, o passado assume extraordinária significação, e o futuro é o que chamais "morte". Por essa razão, volveis ao passado e evitais o futuro; pensais na pretérita felicidade, na ditosa juventude ou na lamentável existência que levastes. Vivemos, assim, entre o passado e o futuro. Se ainda sois jovem, tendes ainda o futuro para dele fazerdes alguma coisa, e o moldais conforme o passado. Estais, pois, aprisionado entre o passado e o futuro. Observai vossa própria mente, vossa própria vida. Não vos limiteis a ouvir o que estou dizendo, mas observai efetivamente a vossa existência. Vereis como está dividida entre o passado e o futuro; e, se não está, isso significa que viveis meramente no "imediato", no

dia a dia, e procurando tirar daí o melhor proveito possível. Porque pode vir uma guerra, pode vir uma revolução política, uma revolução econômica, uma comoção social; qualquer coisa pode acontecer amanhã; o amanhã é incerto. Por conseguinte, se não viveis entre o passado e o futuro, viveis apenas para hoje. Há muitos que vivem para hoje e que chamam a si próprios por diversos nomes. E quando, consciente ou inconscientemente, procurais tirar de hoje o melhor proveito possível, estais fadado ao desespero.

Escutai o que estou dizendo. Achais-vos em desespero se viveis no passado ou no futuro; estais também em desespero, se estais vivendo unicamente para hoje — como está fazendo a maioria das pessoas; esse é o mundo político. Este pobre país está sob o controle dos políticos; e os políticos só têm interesse no "imediato". Esse imediato pode ser prolongado por certo tempo, mas suas fontes estão ainda no "imediato". A maioria das pessoas deseja ser feliz imediatamente, deseja êxito imediato. Quando só nos interessa o "imediato", todas as manifestações de nossa existência são em termos do imediato. Forcejando pelo "imediato", encontrareis, inevitavelmente, infinito desespero; e, por causa desse desespero, inventais filosofias, e o transformais em virtude. E quanto mais intelectuais, quando mais instruídos e ilustrados fordes, tanto mais superficial se tornará o "imediato". Assim, quer vivais no passado, quer no futuro, quer vivais apenas *para hoje,* todos estais aprisionados numa vida de aflição, de agitação, numa vida extremamente superficial. Por "superficial" não estou entendendo "alimentação, roupa e morada", pois necessitamos dessas coisas; refiro-me à superficialidade psicológica da existência.

Porém, se compreendeis o tempo passado, o tempo presente e o tempo futuro — causadores de sofrimentos e desespero, de ansiedade e "culpa" — não a pouco e pouco, nem examinando ou analisando o passado, mas vendo a coisa como um todo, podeis, então, ver a totalidade do tempo, que estava dividido em passado, futuro e o *agora.* Se virdes isso, se o compreenderdes realmente, dessa maneira, como coisa total, vereis que com essa compreensão, a mente se torna livre do passado, do presente e do futuro. E a mente deve ser livre. É dessa liberdade que nasce o *indivíduo.*

É de imensa importância que sejais um *indivíduo,* porquanto os governos, a educação, a sociedade e a religião vos estão obrigando a ajustar-vos, estão fazendo de vós uma "máquina de crer" ou de "não crer". Sempre pensamos em revolução em termos de comoção econômica, social ou estrutural. Mas toda reviravolta é um reflexo do passado e, por conseguinte, institui um padrão semelhante

(ao do passado), porém com "outros homens", com outro sistema de idéias; mas, é sempre *o mesmo padrão*. Nós estamos falando de uma mente religiosa que compreendeu sua própria e total estrutura, seu próprio estado e, por conseguinte, é capaz de *negar*. Vós deveis negar; deveis ser indivíduos que dizem "não", nunca "sim". Sabeis quanto é difícil dizer "não" — não só a vossa esposa ou vosso marido, pois isso é relativamente fácil; mas dizer "não" à sociedade, dizer "não" a vossa ambição, dizer "não" a vossos temores, dizer "não" à autoridade. Quando dizeis "não", entendeis "não" — terminantemente "não"! Se disserdes "não", descobrireis como isso é extraordinariamente complexo.

Mas, dizendo "não", descobrireis tudo a respeito de vós mesmo, o de que sois feito, como funciona vosso pensamento, os profundos recessos, o profundo e nunca "freqüentado" espaço existente em vossa mente, o qual nunca examinastes. Só quando descobris a vós mesmo, podeis "emergir" da sociedade, tornar-vos um *indivíduo*. Ao dizerdes "não" vereis que daí nasce energia. Vós necessitais de energia. *Tendes* energia para ir ao escritório todos os dias; achais isso absurdo, mas ides. Quando exerceis vossas ocupações, quando falais, quando viajais de ônibus ou em vosso próprio carro — isso é uma forma de energia. A vida é energia. Cada pensamento, cada sentimento é uma forma de energia. Mas a energia que nós mesmos geramos e cultivamos nasce da resistência — do resistir, contraditar, aquiescer, imitar. Pela resistência, pela repressão, tendes energia; é só essa a energia que conhecemos; se vos empurro, empurrais também, resistindo. Mas essa energia é completamente diferente da energia de que estamos falando.

A energia a que nos referimos não promana de resistência. Resistência implica sempre *motivo*, ou seja, medo, solidão, sentimento de culpa ou alguma forma de apego, etc. Por favor, examinai vossa própria mente, e vosso coração, e *vereis*. Vós *tendes* energia gerada por algum *motivo*; por conseguinte, essa energia encontra resistência e começa, assim, a batalha em nossa vida. Essa é a única forma de energia que conhecemos. As pessoas chamadas religiosas, aquelas que estão perenemente em busca de Deus, sem nunca encontrarem Deus, cultivam a energia pela negação *com motivo*; pensam que nascerá energia se se tornarem celibatárias, se negarem a vida, o processo natural da vida, retirando-se para um mosteiro e praticando "boas obras", pelo controle de si mesmas. Isso, efetivamente, *dá* energia; mas essa energia nasce da resistência, nasce do conflito, nasce da repressão. A *repressão* gera extraordinária energia, tal como o vapor sob pressão; mas essa repressão se torna "religiosa", e fica associada

a Jesus, Krishna ou outro. Entretanto, interiormente, essa energia gera infinita aflição.

Se *escutardes* o que estou dizendo, vereis como é produzida a vossa energia. Quando descobris, desvendais os vossos *motivos* e deles vos livrais, e, então, dessa liberdade, provém uma energia de espécie diferente. Essa energia nasce *sem motivo,* porque ela é a vera essência de uma mente de todo vazia — mas não "em branco". A mente vazia não tem resistência; porque todo pensamento é resistência. É essa a energia que deveis ter, e não a energia produzida por *motivo,* conflito, contradição, tensão. Porque essa energia, como podeis ver, traz inaudita aflição, sofrimento. Assim é a vida, vossa existência diária. Vós tendes de compreender isso, mas sem tentar achar aquela energia *não motivada,* pois não podeis achá-la. Deveis ser livre de resistência. E só podeis ser livre de resistência ao serdes capaz de *olhar* a vida de maneira simples, olhar a vós mesmo sem nenhuma idéia, nenhum conceito, nenhuma fórmula, nenhuma comparação: *olhar,* simplesmente. Daí surgirá — como vereis, se alcançardes este ponto — a mente livre, que não é resultado de nenhuma busca.

Como sabeis, todos vivemos buscando — cada um de nós. Buscamos a verdade, a felicidade, a finalidade da vida. Que implica esse buscar? Só podeis procurar algo que perdestes ou algo que já conheceis; desejais *achá-lo.* Quando dizeis que estais em busca da Verdade, isso é puro contra-senso. Se dizeis tal coisa, já deveis ter provado o sabor da verdade, ter compreendido o que é a verdade. E, se estais a buscá-la, deveis então tê-la perdido; mas a verdade não é coisa que se possa perder, e não é possível encontrá-la por meio de busca. Toda busca deve cessar completamente. Esta é a beleza da verdade. No momento em que começais a *buscar,* vede-vos em conflito; no momento em que começais a *buscar,* pondes em ação a energia da fuga — fuga ao fato, fuga ao que *sois.*

Assim, a mente que *busca* nunca achará, porque aquela Imensidade não é reconhecível. O que podeis reconhecer é coisa já conhecida — reconheceis vossa mulher, vossos filhos, vossa cidade, porque já os conheceis. Mas o que *já sabeis* a respeito da verdade não é a verdade. A verdade está além do tempo. Toda busca supõe distância — *disto* até *aquilo.* Assim se gera o tempo. A mente que busca a verdade nunca a achará. Escutai, por favor! Procurai compreender isto de uma vez por todas! Se o fizerdes, nunca mais procurareis a verdade.

Quando vos pondes a buscar, a busca se torna um problema. Não deveis ter problemas na vida, não deveis ter um único pro-

blema, nem sequer o problema de Deus, ou o problema da verdade, ou o problema da felicidade. Não deveis ter problema nenhum, porque todo problema implica luta, conflito. E a mente em conflito nunca será capaz de compreender o que é a verdade. Tratai de resolver o problema pela compreensão daquilo que o problema implica, da raiz do problema. Não tenteis resolvê-lo, não tenteis analisá-lo, não tenteis dar-lhe solução. Mas estudai-o, penetrai-o, olhai-o, com todo o vosso ser. A mente que tem problemas nunca será capaz de compreensão e, por conseguinte, nunca será livre. Não vou mostrar-vos como evitar os problemas, porque *cada dia é um problema*. Mas, se estais atento, verdadeiramente atento, em cada minuto, nada se tornará um problema. Há uma constante observação, uma constante atenção, que é a "resposta", *não* da memória, mas de algo muito mais signficativo, muito mais amplo e profundo.

A mente religiosa, pois, não é uma mente que busca. A mente religiosa está livre de todos os problemas e, por conseguinte, pode enfrentar os problemas livremente, nunca oferecendo solo propício a um problema, para arraigar-se na mente. Tudo isso poderá parecer dificílimo. Mas vossa vida é difícil. É dificílima a vida que levais: o incessante ir e vir, o morrer, o viver dia por dia, sem nenhuma certeza, nenhuma segurança, em desespero. É dificílima a vida que levais.

Mas, há uma vida que não é difícil, em absoluto. É isto mesmo que quero dizer: essa vida não é difícil, absolutamente. O que tendes de fazer é só prestar atenção, prestar atenção ao que estais fazendo. A atenção é virtude, a atenção é ordem, a atenção dá eficiência. Podeis ser cozinheiro, ou burocrata, ou funcionário do governo, *isto* ou *aquilo*; quando prestais atenção, completamente, com todo o vosso ser, *há* virtude. Virtude não é essa coisa insípida que a sociedade vos estimula a cultivar.

Como disse, para a mente religiosa é o amor que integra toda ação. Porque vê cada verdade, momento por momento, a mente religiosa possui aquela qualidade de amor que integra a ação. Não sei se alguma vez já amastes alguém, se amastes com todo o vosso ser, com vosso coração, vossa mente, vosso corpo, vosso pensamento, vosso sentimento, com tudo o que tendes. Se já amastes tão completa e totalmente, sabereis, então, em virtude desse estado, que em cada ação — qualquer que ela seja, nenhum conflito há, nenhum problema. Cada ação é *integral,* não provém de idéia alguma, não se adapta a nenhum princípio vosso. Porque só a mente religiosa compreende a totalidade da existência, que tão terrivelmente temos

fracionado. Só a mente religiosa possui essa qualidade de amor e, por conseguinte, pode *viver* neste mundo.

E o amor é que é capaz de destruição. Vós *deveis* destruir — destruir a sociedade; mas isso não significa destruir edifícios, jogar bombas sobre governantes e políticos; estes têm seu próprio destino: deixai-os nas mãos dele. Mas a destruição, a destruição psicológica de tudo o que a sociedade fez de vós, essa é *necessária*. E só podeis destruir completamente quando existe a qualidade da compaixão. Só se torna existente a compaixão com a total compreensão da vida. Sem essa compreensão, podeis ser muito atenciosos, muito bondosos, muito delicados; mas, delicadeza, gentileza, bondade, não é amor; faz parte do amor, mas não é o amor. Não tem amor a mente que não é atenta, que não olha para si mesma e para o meio em que vive. O amor não é uma palavra, porém um estado *real*. Se não há amor, não podeis *destruir*; só podeis tornar-vos um reformador.

O amor e a destruição estão sempre unidos, e essa união é criação. Estas três coisas — criação, findar ou morrer, e amor — estão sempre unidas, são inseparáveis. Essa criação — que não significa pintar quadros ou gerar filhos — é energia *sem motivo*. Essa morte está fora do tempo. E com ela vem o amor. — Só então se pode ver o que existe além do tempo, além de todo o pensamento. Só então é a mente capaz de ver, "num relâmpago", aquilo a que se não pode dar nome. E há, então, o Eterno que não é invenção da mente, invenção do *Gita*, da Bíblia. Tendes de pôr de parte todos os livros, todas as idéias, todos os ideais, todas as tradições; ficar completamente nu, vazio, sozinho. Só então se pode ver aquela Realidade.

13 de março de 1962.